

UNIVERSIDADE DO PORTO
FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS
DA EDUCAÇÃO

MESTRADO EM PSICOLOGIA DO
COMPORTAMENTO DESVIANTE
(TOXICODEPENDÊNCIAS)

DISSERTAÇÃO DE CANDIDATURA AO GRAU DE MESTRE:
VIVÊNCIAS DE SI NA TOXICODEPENDÊNCIA

Análise qualitativa de relatos de heroinómanos recolhidos em meio institucional

Rui Pedro Tinoco Carreiro

MAIO 2000

UNIVERSIDADE DO PORTO

**FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS
DA EDUCAÇÃO**

**MESTRADO EM PSICOLOGIA DO
COMPORTAMENTO DESVIANTE
(TOXICODEPENDÊNCIAS)**

**DISSERTAÇÃO DE CANDIDATURA AO GRAU DE MESTRE:
VIVÊNCIAS DE SI NA TOXICODEPENDÊNCIA**

**Análise qualitativa de relatos de heroinómanos recolhidos em meio
institucional**

Sob orientação do Professor Doutor

Luís Fernandes

Rui Pedro Tinoco Carreiro

Mai 2000

Agradecimentos

Um projecto como este só é possível levar a cabo com a colaboração de inúmeras pessoas que me ajudaram na depuração da escrita e incentivaram o meu interesse nas várias matérias que tentei expor ao longo do texto.

Assim, um especial obrigado ao Professor Doutor Luís Fernandes que desde cedo despertou em mim o interesse pela epistemologia e que esteve sempre disponível para as dúvidas que foram aparecendo ao longo da investigação.

À Professora Doutora Celina Manita por me ter prestado ensinamentos indispensáveis na realização da análise de conteúdo, aqui fica uma palavra de agradecimento.

Queria deixar também uma palavra de apreço ao Dr. José González cuja abertura de espírito me permitiu a realização das entrevistas no C.A.T. onde trabalho, entre muitas outras coisas.

Ao Filipe Barbosa pela ajuda da transcrição das entrevistas gravadas para suporte informático.

Um agradecimento especial à Maria Gabriela Tinoco, minha avó.

À Maria José Tinoco pela revisão do texto.

A António Vasco Bobone pelo apoio "tipográfico".

E, por último, uma especial palavra de reconhecimento a todos os entrevistados que, desinteressadamente, se disponibilizaram à participação neste estudo.

À Paula, por tudo.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
PARTE A - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	3
Capítulo I- Considerações epistemológicas.....	7
1 - Sujeito das ciências sociais: mutações na racionalidade científica.....	7
1.1 - Racionalidade submetida a crítica.....	8
1.1.1 - Primeiro momento: perspectivização da racionalidade no provisório.....	10
1.1.2 - Segundo momento: racionalidade como instrumento multi-usos da ciência.....	12
1.1.3 - Terceiro momento: racionalidade como elemento do epistema.....	14
1.1.4 - Sujeito científico: primeiras considerações.....	15
1.2 - Racionalidade provisória, fragmentada e comunicante.....	17
1.2.1 - Anarquismo epistemológico.....	17
1.2.2 - Logoanálise.....	18
1.2.3 - Neo-pragmatismo.....	20
1.2.4 - Condição pós-moderna.....	21
1.2.5 - Sujeito científico: considerações finais.....	23
2 - Objecto das ciências sociais: indivíduo psico-social.....	24

Capítulo II - Investigação científica das toxicodependências.....	28
1 - Obstáculos epistemológicos.....	29
1.1 - Dificuldades conceptuais.....	30
1.2 - Dificuldades históricas.....	31
1.3 - Dificuldades jurídico-políticas.....	33
1.4 - Dificuldades sócio-culturais.....	34
1.5 - Dificuldades paradigmáticas.....	37
1.6 - Dificuldades metodológicas.....	38
2 - Investigações etnobiográficas.....	40
2.1 - Antecedentes históricos.....	41
2.2 - Wheeling and dealing.....	48
2.3 - Escola Catalã.....	50
2.4 - I.R.E.P.	53
2.5 - Nexo droga-crime.....	55
2.6 - Formas de vida.....	57
2.7 - Estilos de vida.....	58
3 - Que ciência?.....	61
Capítulo III - Vivências de si na toxicodependência: problematização....	64
1 - Problematização:	
a vivência das escolhas individuais.....	64
2 - Breve justificação sobre o título.....	66

PARTE B - MONTAGEM DO DISPOSITIVO DE INVESTIGAÇÃO.....	68
Capítulo I - Escolhas metodológicas.....	70
1 - Recolha de dados em contexto institucional.....	70
2 - Tipo de entrevista.....	71
3 - Construção do guião.....	73
Capítulo II - Tratamento dos dados.....	75
1 - Análise de conteúdo.....	75
2 - Dispositivo analítico de Foucault.....	78
2.1 - Pesquisa étimo-histórica.....	80
2.2 - Níveis analíticos.....	81
2.3 - Pertinência do uso do dispositivo na toxicod dependência.....	84
3 - Contextualização teórica.....	86
3.1 - Estudos fundadores de Agra.....	86
3.2 - Aplicações na prática investigativa.....	87

PARTE C - APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	89
Capítulo I - Dispositivos.....	92
1 - Dispositivos concretos.....	92
1.1 - Família.....	92
1.1.1 - Dimensões ontológicas.....	92
1.1.2 - Dimensões deontológicas.....	93
1.1.3 - Dimensões ascéticas.....	94
1.1.4 - Dimensões teleológicas.....	96
1.1.5 - Apreciação global.....	96
1.2 - Escola.....	97
1.2.1 - Dimensões ontológicas.....	97
1.2.2 - Dimensões deontológicas.....	97
1.2.3 - Dimensões ascéticas.....	98
1.2.4 - Dimensões teleológicas.....	99
1.2.5 - Apreciação global.....	100
1.3 - Trabalho.....	100
1.3.1 - Dimensões ontológicas.....	100
1.3.2 - Dimensões deontológicas.....	102
1.3.3 - Dimensões ascéticas.....	103
1.3.4 - Dimensões teleológicas.....	104
1.3.5 - Apreciação global.....	105
1.4 - Grupos informais.....	106
1.4.1- Dimensões ontológicas.....	106
1.4.2 - Dimensões deontológicas.....	106
1.4.3 - Dimensões ascéticas.....	108
1.4.4 - Dimensões teleológicas.....	109
1.4.5 - Apreciação global.....	110

1.5 - Discussão geral - Dispositivos concretos.....	111
2 - Dispositivos normativo-rationais.....	112
2.1 - Dispositivo Jurídico-penal.....	112
2.1.1 - Dimensões ontológicas.....	112
2.1.2 - Dimensões deontológicas.....	112
2.1.3 - Dimensões ascéticas.....	115
2.1.4 - Dimensões teleológicas.....	117
2.1.5 - Avaliação global.....	119
2.2 - Dispositivo Médico-sanitário.....	120
2.2.1 - Dimensões ontológicas.....	120
2.2.2 - Dimensões deontológicas.....	120
2.2.3 - Dimensões ascéticas.....	122
2.2.4 - Dimensões teleológicas.....	123
2.2.5 - Avaliação global.....	125
2.3 - Discussão geral - Dispositivos normativo-rationais.....	126
3 - Dispositivos: síntese.....	127
Capítulo II - Socialização desviante.....	128
1 - Relação com os outros.....	128
1.1 - Saber intersubjectivo.....	128
1.1.1 - Dimensões ontológicas.....	129
1.1.2 - Dimensões deontológicas.....	129
1.1.3 - Dimensões ascéticas.....	132
1.1.4 - Dimensões teleológicas.....	132
1.1.5 - Avaliação global.....	134

1.2 - Gestão da imagem de si.....	135
1.2.1 - Dimensões ontológicas.....	135
1.2.2 - Dimensões deontológicas.....	135
1.2.3 - Dimensões ascéticas.....	136
1.2.4 - Dimensões teleológicas.....	138
1.2.5 - Apreciação global.....	140
1.3 - Discussão geral - Relação com os outros.....	141
2 - Práticas e vivências.....	142
2.1 - Iniciação às drogas.....	142
2.1.1 - Dimensões ontológicas.....	142
2.1.2 - Dimensões deontológicas.....	147
2.1.3 - Dimensões ascéticas.....	152
2.1.4 - Dimensões teleológicas.....	155
2.1.5 - Apreciação global.....	156
2.2 - Gestão da carreira de consumidor.....	157
2.2.1 - Dimensões ontológicas.....	158
2.2.2 - Dimensões deontológicas.....	159
2.2.3 - Dimensões ascéticas.....	161
2.2.4 - Dimensões teleológicas.....	163
2.2.5 - Apreciação global.....	165
2.3 - Pontos de inflexão.....	166
2.3.1 - Dimensões ontológicas.....	166
2.3.2 - Dimensões deontológicas.....	167
2.3.3 - Dimensões ascéticas.....	168
2.3.4 - Dimensões teleológicas.....	170
2.3.5 - Apreciação global.....	171
2.4 - Discussão geral - Práticas e vivências.....	172

3 - Socialização desviante: síntese.....	173
PARTE D - SÍNTESE INTEGRATIVA.....	175
1 - Para uma história de vida de consumidor de heroína.....	176
2 - Auto-crítica.....	178
POSFÁCIO.....	180
NOTAS.....	184
BIBLIOGRAFIA.....	191
ANEXOS.....	206

"... cada método é uma linguagem e a realidade responde na língua em que é perguntada..."

B. Sousa Santos (1987, p. 48)

INTRODUÇÃO

O presente trabalho centra-se no estudo de histórias de vida de heroinómanos. Sempre nos interessou a problemática do desenvolvimento da carreira de consumidor. Uma perspectiva longitudinal permitirá pôr em evidência os processos de aprendizagens e interacções que os diversos consumidores entrevistados encetam com os meios desviantes.

Este tipo de preocupação parece-nos fecundo: a leitura processual permitir-nos-á fazer o levantamento das etapas cruciais nas histórias de vida dos nossos entrevistados e ainda determinar os factores externos e internos que decidem o resultado dessas etapas num ou noutro sentido. A fundamentação científica de tais interesses obrigar-nos-ia a um percurso mais longo.

O texto que agora apresentamos divide-se em quatro grandes secções, correspondentes a outros tantos momentos decisivos no decorrer de uma investigação desta natureza. Temos assim:

PARTE A - onde nos preocupamos em construir uma sólida fundamentação teórica do objecto que nos propomos estudar e do modo como pretendemos estudá-lo. Tal fundamentação compreende um momento epistemológico puro. Num momento seguinte, faz-se uma revisão bibliográfica de investigações na toxicodependência que de alguma forma concordem com as exigências do pensamento científico contemporâneo. Para terminar, procederemos a uma formulação teórica do problema a investigar.

PARTE B - nesta secção fazemos o desdobramento teórico-prático das formulações enunciadas anteriormente. Escolhemos aqui um modo específico da recolha dos dados - a entrevista. Ora para usarmos a entrevista devemos estudar o seu valor heurístico e de conceber uma postura de entrevistador que esteja em consonância com os nossos propósitos. De tudo isso daremos conta aqui. Por último, tentamos a fundamentação teórica de um dispositivo que nos permita a análise de conteúdo dos dados - no caso, uma proposta de Foucault (1986) que importamos para o estudo da toxicodependência.

PARTE C - na apresentação dos resultados aplicamos a proposta apresentada no final da secção anterior aos dados já agrupados em subcategorias. Trata-se de estudar as dimensões foucaultianas em função de áreas importantes na vida dos entrevistados. Grosso modo, considerámos duas grandes áreas: o contacto dos indivíduos com os dispositivos de vária ordem, quer sejam eles informais (dispositivos concretos) quer sejam eles institucionais (dispositivos normativo-rationais); a socialização desviante que, em maior ou menor grau, tiveram de viver os nossos entrevistados de modo a conseguirem ser consumidores dependentes da heroína. É claro que estas duas áreas se decompõem em vertentes mais específicas - é sobre elas que incidirá a nossa análise.

PARTE D - nesta secção, finalmente, do trabalho tentámos fazer um resumo geral das principais etapas do percurso de consumidor dos nossos entrevistados nas suas dimensões ontológicas, deontológicas, ascéticas e teleológicas. Nomeadamente, quisemos inquirir a importância relativa de cada uma dessas vertentes e o possível significado que estas possam assumir. Por fim, faremos uma auto-crítica, apontando imperfeições ou limites da nossa investigação, ao mesmo tempo que esboçamos possíveis vias de indagações futuras.

Temos aqui apresentados, muito sumariamente, os quatro pontos nodais da nossa investigação científica. A parte teórica, que surge bem vincada neste trabalho, parece-nos imprescindível no quadro da utilização de uma metodologia qualitativa. Lamentavelmente, na ciência nacional, este tipo de investigação carece de reconhecimento, pelo que a importância da fundamentação teórica e, acima dela, da fundamentação epistemológica, assumam especial realce.

Esperamos que os dados recolhidos e o modo de os interpretar possa enriquecer de algum modo a investigação da toxicod dependência e o debate de ideias que urge cultivar cada vez mais no nosso país.

PARTE A
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

PARTE A - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A frase que serve de epígrafe a este trabalho tem pressupostos epistemológicos de certa grandeza que importa considerar. Ao contrário de uma tradição positivista que transformaria a frase em: a língua que responde existe na realidade; a epígrafe sob a qual de algum modo nos colocamos, pressupõe uma atitude construtivista. A linguagem, como método, de certa maneira foi destronada do lugar axiomático de suporte das ciências humanas. A relativização operada sobre ela tem várias origens: Wittgenstein (cit. in Santos, 1989), com o conceito de jogos de linguagem; Baudrillard (1990), que questiona igualmente a relação simbólico- real:

"Para além deste ponto, não há mais do que acontecimentos sem consequências (e teorias sem consequências), porque eles absorvem, precisamente em si mesmos, o seu sentido, não refractam nada, não pressagiam nada." (Baudrillard, p. 16)

É precisamente no seu âmago, o suporte de sentido em que são expressas as teorias, que as ciências humanas são confrontadas. Note-se que as ciências exactas foram submetidas a processo semelhante, quando finalmente se reconheceu o conteúdo ideológico da matemática, a sua linguagem comum (Serres, 1969). Vêmo-nos, pois, forçados a não tomar a resposta como dado final, possuindo isomorfismos exactos com a realidade. A postura terá de ser obrigatoriamente mais complexa: à interrogação que se pergunta; à resposta que se obtém; acrescentar-se-ia um terceiro elemento, um elemento de reflexividade, sobre estes dois pólos da investigação científica.

Demoremo-nos um pouco mais sobre o que pretendemos desta reflexividade que, afinal, é todo o exercício que nos propomos por agora. Pergunta feita, resposta obtida: na ciência positivista os papéis estão bem definidos. O sujeito interroga, o objecto responde. Existe uma distância deliberadamente procurada entre estes dois pólos. O sujeito interroga com instrumentos que medem a realidade, o objecto expressa-se dessa forma, condicionado por ela, há uma distância e um cálculo bem definido (Santos, 1989). Porém:

"O que é característico da modernidade não é adopção do novo pelo novo, mas a presunção da reflexividade generalizada que inclui, evidentemente, a reflexão sobre a natureza da própria reflexão." (Giddens, 1996, p. 27).

Ora tais posições expressas por Giddens foram o produto de uma longa evolução epistemológica das ciências que cumpre aqui dar conta. Lyotard (1989) defende existir uma certa deslegitimação do saber, um esbatimento das fronteiras clássicas entre as ciências, resultante de uma certa perda de poder heurístico de cada uma de per si. A certeza das coisas, a segurança com que se fazia uma pergunta estarão inelutavelmente comprometidas. Mais: uma outra incerteza advém da insegurança da pergunta, a insegurança na resposta. O que é um objecto científico? Define-se a partir dele próprio? Define-se a partir da disciplina que sobre ele se debruça? Um outro exercício de reflexividade se impõe. ⁽¹⁾ Dedicaremos o primeiro capítulo a um exercício reflexivo sobre o binómio sujeito-objecto nas ciências sociais.

Propomo-nos realizar, este trabalho, uma inversão da interrogação clássica proposta pela clínica, a saber: como é que o toxicodependente sofre, como é que ele fica destruído pela substância. Interessa-nos, antes, perscrutar a forma como o sujeito vive os seus actos nessas circunstâncias. Chamamos ao nosso projecto 'vivências de si na toxicodependência' porque privilegiamos o que o sujeito diz do que vive na sua existência de toxicodependente, e também porque queremos avaliar os aspectos vistos como de auto-controle e descontrolo - e isto do ponto de vista exclusivo do sujeito toxicodependente.

Vamos, então, aprofundar a experiência da toxicodependência de uma forma processual, isto é, que leva em linha de conta o factor tempo, aproximando-nos, por isso, da noção de carreira desviante (tal como foi definida por Faupel, 1991; Becker, 1963) dando especial relevo aos pontos de escolha do indivíduo nessa carreira. Alguns exemplos podem ser facilmente listados: o roubo é ou não é admissível ao longo da carreira de consumos; o tráfico, os pequenos esquemas de angariar fundos no mundo das drogas, entre outros. Mas não se julgue que as dimensões da escolha ficam por aqui: há a dimensão do uso das drogas; a aproximação ou afastamento em relação a certas

subculturas; o cuidado que o indivíduo dedica ou não à sua imagem social; o desenvolvimento de mecanismos cognitivos que permitam a prossecução, ou pelo contrário, a interrupção de certas condutas.

Nesta primeira abordagem vemos logo que o problema a estudar é de natureza compósita: a vivência de si possui inúmeras esferas de análise; divide-se em diversas áreas comportamentais e cognitivas sobre as quais o sujeito produz a sua reflexão. Porém, o modo como nos debruçamos sobre essa problemática será abordado em secções posteriores.

Resumindo: a fundamentação teórica pretende o enquadramento epistemológico de índole geral - Cap. I - Considerações epistemológicas - desmontando qualquer ingenuidade na formulação de problemas científicos. Mais: permite-nos a escolha, entre infinitas investigações realizadas na toxicodependência, de uma tradição teórica em consonância com certos critérios epistemológicos, permite-nos, numa palavra, a realização da Paideia (ver nota 1) - Cap. II - Investigação científica das toxicodependências. Finalmente no Cap. III - Vivências de si na toxicodependência: problematização - enquadra a problematização teórica que pretendemos investigar empiricamente. Esta será consequente com o percurso até aqui traçado.

A fundamentação teórica cabe dentro de um exercício de reflexividade sobre a prática científica cada vez mais comum na ciência contemporânea (Santos, 1987, denomina tal de conhecimento do conhecimento; Giddens, 1996, como vimos, de reflexividade; Agra, 1986, de epistemologia interna).

CAPÍTULO I - Considerações epistemológicas

A fragmentação da epistemologia que acima afluímos deriva de uma certa fragmentação do sujeito - entendido aqui como o lugar de onde se interroga.

"O indivíduo não é outro poder, realidade exterior, que é por ele anulado; é um dos seus mais importantes efeitos" (Machado, 1992, p.xx).

Os trabalhos de Foucault (1986b, 1987) mas também de Castoriadis (cit. in Legrand, 1993) destronam o indivíduo do seu lugar à parte de condicionalismos sociais, culturais ou políticos; ele é visto como um produto de tudo isso. Numa área mais próxima, da epistemologia o indivíduo livre, produtor de axiomas válidos e universais, também é posto em dúvida - Kuhn (1983) analisa as evoluções científicas como produtos, pelo menos de modo parcial, de lutas entre comunidades de investigadores.

1. Sujeito das ciências sociais: mutações na racionalidade científica

Classicamente, a epistemologia servia de olhar exterior à própria ciência (Carrilho, 1989; Agra, 1986) procurando definir a fronteira que separaria o científico do não científico. Olçamos Santos:

"A verdade, porém, é que a reflexão filosófica que se seguiu a Descartes e a Locke - por ser feita por filósofos e por estes estarem obcecados pela ideia do conhecimento certo e objectivo, distinto da mera opinião - manteve total distância em relação às vissicitudes do labor científico, e foi, aliás, dessa distância que se alimentou a dogmatização da ciência." (Santos, 1989, p. 24).

Um movimento que se prolongou por séculos, tendente a separar as teorias e a crítica dessas mesmas teorias, relegou para segundo plano as possíveis condicionantes, extra ou intra científicas, que influenciavam esse devir científico. O positivismo de Comte, ao postular a existência de leis causais e previsíveis por toda a realidade - cabendo à ciência a sua descoberta - é um marco importante nesse processo de dogmatização que Santos referia. Na área das ciências humanas, a título de exemplo, a ramificação dessas teorias implicou a importação de esquemas matemáticos, de procedimentos quantitativos e a marginalização progressiva de todas as demarches que escapassem a esses requisitos (p. e. consulte-se Matza 1990; 1989).

Um outro factor importante exige ser realçado: o papel do círculo de Viena. Santos situa aí o momento máximo da chamada dogmatização da ciência. O princípio da verificabilidade afastava da ciência qualquer obstáculo que pusesse em causa os seus fundamentos. Não era científico tudo o que não pudesse ser verificado - qualquer proposição seria relegada para fora da ciência sempre que não pudesse ser provada verdadeira.

O argumento, hoje, parece-nos um pouco circular: a ciência tem de ser exacta e rigorosa, deve existir além da opinião pessoal, por isso aceita em si o que pode haver de exacto e rigoroso, recusando tudo aquilo que não o possa ser. Só integra o que confirmam os seus princípios filosóficos gerais, é selectiva. Está claro que tais posições derivam de um contexto social e político específico: as potências europeias dividiam entre si vastas áreas do planeta; a revolução industrial estava no seu auge, despoletando progressos económicos e tecnológicos assinaláveis (Carrilho, 1989). O homem julgava que podia desvendar completamente a natureza:

"A história das ciências emerge assim, estratégica e metodologicamente, regida pelas categorias de progresso e de continuidade que a marcarão duradoura e profundamente: a avaliação do progresso só é concebível no âmbito de uma perspectiva continuísta que, como se vê, pode ir até ao recurso à pura ficção." (Carrilho, 1989, p. 16)

Desta citação retiramos um complemento ao que se disse: o de que conceitos como progresso e continuidade marcaram desde o século passado a imagem que a ciência tem de si; e o de que essa imagem não corresponde de todo à verdade. A confiança e o progresso, além de impregnarem a formulação de teorias num dado momento, estenderam-se ao devir científico no seu conjunto. A solidez de tal devir global, apoiada na confiança na racionalidade, foi entretanto posta em causa.

1.1 Racionalidade submetida a crítica

Entendemos aqui por racionalidade o modo como a ciência, no seu todo, organiza as teorias construídas acerca da realidade que pretende conhecer. Por outras palavras: os meta-princípios que são comuns às várias ciências.

Ao longo do século XIX e início de XX podemos observar um forte movimento de dogmatização das ciências (Santos, 1989; Agra, 1986). A dogmatização provinha de uma época em que a sociedade ocidental atingia um auge de auto-confiança como acima se referiu. Para Santos, o momento máximo desse movimento observou-se nas conferências do círculo de Viena. Carnap (cit. in Agra, 1986) formulou dois princípios reguladores da actividade científica: o da verificabilidade (mais tarde substituído pelo da confirmabilidade); e o da tradutibilidade, que consistiam:

- o primeiro,
"verifiabilité: un énoncé n'a de signification scientifique qu'à la condition d'être vérifiable par l'expérience." (Agra 1986, p. 33)

- o segundo,
"Traductibilité: est scientifique un énoncé susceptible d'être traduit dans un langage empiriste (...) Bref, pour l'empirisme logique, la science est une traduction du monde à travers un langage qui puise sa vérité, par induction, dans la vérification de l'ensemble des énoncés que le constituent." (Agra, 1986, p. 34)

Na escola epistemológica francesa observou-se um momento de natureza dogmática com a proposta positivista de A. Comte. A evolução das capacidades de conhecimento da espécie humana tenderiam para o que se chamou estado positivo. Esse estado caracterizar-se-ia pelo investimento na compreensão dos factos, procurando enunciar as leis que subjazem ao seu aparecimento; conseguindo, desta forma, prever os acontecimentos de forma bem definida, assim como conseguir desencadeá-los.⁽²⁾

O positivismo, como o empirismo lógico, afastava rotulando de sem interesse ou problema não científico, todas as questões que não obedecessem a esses princípios. A linguagem científica seria capaz de dar conta do real, através de operações de natureza isomórfica. A ciência seria capaz de organizar a globalidade do real através de teorias. A racionalidade implícita em todas essas posições, arriscamos dizê-lo, é de natureza totalitária e manietadora do objecto de estudo - este só teria de se deixar observar, deixar ler, em si, a linguagem da natureza e do mundo de que é portador.

Até aqui a epistemologia preocupava-se, essencialmente, em definir um conjunto de regras que possibilitassem a produção de um saber que transcendesse o nível da opinião pessoal (Santos, 1989): fazia-se uma análise interior da racionalidade, tentando formular

leis que definissem as possibilidades do seu devir; contudo, novas possibilidades viriam a operar diversas deslocções no problema da racionalidade científica.

1.1.1 - Primeiro momento: perspectivção da racionalidade no provisório

Daremos conta aqui de uma primeira fragmentação desta racionalidade dogmática, maciça e sem brechas. Em diálogo com a tradição do círculo de Viena e com o positivismo, surgiriam as propostas de Popper e de Bachelard; este com a ideia da psicanálise do conhecimento, aquele com a proposta da falsificabilidade.

Carrilho (1989) considera que Popper define a epistemologia como a teoria do crescimento do conhecimento científico. O círculo de Viena acreditava poder descobrir proposições sintéticas (Carnap cit. in Agra, 1986) que, sendo fundadas na experiência empírica, possibilitassem a indução de novas teorias. A proposta da falsificabilidade mantém ligações com Viena: a teoria só poderá ser considerada científica se puder ser confrontada com a realidade; essa teoria será aceite de modo provisório até que contradita pelos factos empíricos entretanto descobertos.

Isso leva-nos a uma outra questão: a teoria científica deverá passar a ser formulada de modo a que permita ser falsificada, isto é, é necessário que se defina com clareza as condições da sua aplicabilidade e delimitar as situações em que possa haver uma insuficiência explicativa. Aliás, o provisório, em Popper, advém em grande parte do seu conceito do '3º mundo' - o mundo das ideias e dos símbolos que se rege por leis semelhantes às que regem o evolucionismo:

"Tal realidade - o mundo - que escapa à imperfeição das novas definições, é múltipla complexa e interactiva. A parte dela de que Popper se ocupa, composta pelas teorias científicas e pertencente ao 'mundo 3', não se pode confundir, nem com a matéria (o 'mundo 1') nem com o espírito (o 'mundo 2'), embora com eles interaja. Feitas pelo homem, as teorias sobrevivem aos seus autores e não se confundem com eles nem com o seu espírito. São, portanto, autónomas e susceptíveis, segundo Popper, de uma evolução e selecção natural idêntica à que Darwin postulava para os seres vivos do 'mundo 1'." (Abreu, 1995, p. 41)

As teorias são, portanto, respostas provisórias aos problemas, podendo em qualquer momento ser substituídas por outras teorias melhor adaptadas.⁽³⁾ O critério de falsificabilidade continua a demarcar as ciências das outras formas de saber.

"Il (Popper) propose une alternative. Celle-ci consiste à remplacer les procédures inductives par les procédures déductives, le critère de falsiabilité; elle consiste à remplacer l'*empirisme logique* par un *rationalisme critique*." (Agra, 1986, p. 35)

Com Bachelard (1991) mantém-se um diálogo com a tradição francesa do positivismo, embora exista igualmente uma necessária distanciação. A ideia do "novo espírito científico" mantém ligações arquetípicas ⁽⁴⁾ com o estado positivo de Comte, embora despojada de toda vertente dogmática. O novo espírito científico caracterizar-se-ia por pôr em questão dados considerados como adquiridos para sempre, tentando realizar uma síntese de contrários (Agra, 1986, p. 46), tentando colocar-se entre a teoria e a prática, entre a matemática e a experiência.

"Le nouvel esprit scientifique fonctionne sur la base d'une logique dialectique qui construit et fait progresser la science par la négation constante de l'acquis, par la rupture (rupture épistémologique) avec un passé d'erreurs qui fonctionnent comme des obstacles (obstacles épistémologiques) et qui sont issus du réalisme, du positivisme et du rationalisme. La psychanalyse est l'instrument de mise au jour de ces obstacles et la dialectique constitue la méthode qui permet de les dépasser." (Agra, 1986, p. 47)

A influência da escola francesa não se nota apenas na esfera arquetípica mas também na necessidade de entrar em ruptura com o adquirido positivista. Em Bachelard, o provisório do adquirido é expresso de um modo mais abstracto que em Popper. Há aqui uma constante oscilação, uma luta contra os obstáculos epistemológicos, coexistindo simultaneamente diversos graus de complexidade conceptual - daí a noção de perfil epistemológico, que daria conta, num dado cientista, da coexistência de diversos graus de conceptualização de um dado conceito. Ou seja:

"Deve-se-lhe a ele (Bachelard) uma concepção do saber entendida não como uma progressiva aquisição da verdade com total expulsão do erro, que seria um falso saber, ou da ignorância, que seria a sua privação, mas como um processo em que é preciso incorporar o erro e demonstrar a sua positividade no desenvolvimento racional do saber." (Carrilho, 1989, p. 33)

Temos aqui expressa uma espécie de natureza dual da racionalidade que passa a ser portadora do próprio erro. O referencial da verdade absoluta, como tradução exacta do real, deixa de ter primazia: conforme a situação, conforme a atitude assumida posso ter, a respeito de um mesmo conceito, uma miríade de teorizações de diferentes complexidades e consequências. É aqui que nos devemos pensar, ao fazer o perfil epistemológico, é a partir daqui que deveremos realizar um levantamento dos obstáculos que se opõem ao nosso conhecimento. A consciência do erro tem, assim, efeitos evolutivos assinaláveis. Passemos a palavra ao próprio Bachelard:

"Ora, as variações do pensamento são actualmente numerosas nas ciências geométricas e físicas; são todas solidárias de uma dialéctica dos princípios da razão, de uma actividade da filosofia do não. É preciso extrairmos daqui a lição. Mais uma vez, a razão deve obedecer à ciência. A geometria, a física, a aritmética são ciências; a doutrina tradicional de uma razão absoluta e imutável é apenas uma filosofia. É uma filosofia caduca." (Bachelard, 1991, p. 136)

A racionalidade terá, pois, de se inscrever na dinâmica que pressupõe uma relação "dialéctica dos princípios da razão". É nossa opinião que quer Popper quer Bachelard operaram um primeiro golpe na racionalidade dogmática de Viena e de Comte, perspectivando-a no necessário provisório, inerente ao devir científico.

1.1.2 - Segundo momento: racionalidade como instrumento multi-usos da ciência

A racionalidade em Kuhn (1983) parece desempenhar diversos papéis conforme o estado em que uma dada ciência se encontre. Este autor, ao propor a sua teoria das revoluções científicas, coloca a história da ciência sob o signo do aleatório e do ilógico (Agra, 1986, p. 37) e é também responsável pelo abandono de uma tradição histórica que defendia a ideia da acumulação e do progresso contínuo das teorias científicas. No cerne dessas revoluções, no meio desses factores de imponderabilidade, a racionalidade científica passa a desempenhar outras funções além das estritamente teóricas: há que considerar funções de auto-regulação da comunidade científica; de poder; e até de socialização do jovem investigador à comunidade a que pretende aceder, entre outras.⁽⁵⁾

Kuhn (1983) considera a história da ciência como uma sequência de paradigmas que se sucederam através de revoluções científicas, onde o acaso e o aleatório desempenhariam papéis relevantes. A história de uma ciência passaria por uma fase pré-paradigmática, em que quer o objecto de estudo, quer os métodos de investigação não estão claramente definidos; a uma fase de formação de um paradigma - conjunto de regras e princípios aceites, que regulam toda a actividade; a fase seguinte seria a da ciência normal: o paradigma aceite define um campo de investigação mas também os problemas de investigação legítimos, bem como as suas soluções mais previsíveis. Neste contexto, o cientista tem o papel de estabelecer a adequação dos princípios paradigmáticos gerais a problemas concretos; a crise e a revolução surgem quando há um conjunto de problemas anormais, não resolúveis pelos princípios paradigmáticos aceites e que, por algum motivo, muitas vezes de natureza imponderável, deixam de poder ser postos de parte. Da crise e revolução surgiria um novo paradigma.

Nesta leitura, a comunidade científica desempenha um papel importante: resiste às inovações; às soluções que contrariem princípios paradigmáticos tidos como inabaláveis; relega para o esquecimento problemas insolúveis; marginaliza cientistas que não respeitem os cânones gerais... A racionalidade é, pois, um instrumento de poder quer no interior de uma dada comunidade científica, quer entre várias comunidades científicas que estejam de alguma forma em competição. Pode ser um instrumento de ascensão ou, pelo contrário, de isolamento social do investigador. Por outro lado, ao definir um conjunto de axiomas inquestionáveis, o paradigma e a própria racionalidade são também um instrumento de controle social das comunidades no seu todo.

Soma-se, então, à compreensão do devir e à formulação de princípios teóricos que regulem esse devir, a função que a racionalidade, atrevemo-nos a dizer, paradigmática, desempenha no interior da própria comunidade científica. Como refere Santos (1989) a epistemologia, tanto tempo preocupada em definir as condições da possibilidade científica, começa a prestar atenção aos contextos em que a ciência se produz.

1.1.3 - Terceiro momento: racionalidade como elemento do epistema

Foucault opera uma ruptura decisiva na história da epistemologia (Agra, 1986). Não se trata já de conhecer as condições da cientificidade, o direito ou não à existência de uma determinada ciência, mas antes de centrar as interrogações em si mesmas, no facto bem palpável da sua existência. Sem nos querermos deter aqui nos conceitos chave do pensamento foucaultiano, como a arqueologia e a genealogia do saber, trataremos daquilo que é relevante para o que temos vindo a analisar: a visão da racionalidade científica em Foucault. Para isso será indispensável a definição do conceito de epistema, noção, aliás, que aqui adoptamos:

"Mais l'analyse de l'épistémè n'est pas la même chose que l'analyse épistémologique. Disons que l'analyse de l'épistémè est plus englobante, a comme objet tous les niveaux d'émergence l'analyse épistémologique a comme objet l'analyse exclusive du niveau de la scientificité: sa norme, c'est la science. L'épistémè est l'ensemble des rapports qui peuvent unir les pratiques discursives qui font émerger des figures épistémologiques et les sciences (...) L'épistémè, c'est ce qui rend possible l'existence des figures épistémologiques et des sciences." (Agra, 1986, p. 63)

O epistema é, pois, o lugar de onde emergem as ciências e as epistemologias; o lugar onde se estrutura o dizer. E esse lugar é de natureza discursiva e não discursiva. Pela primeira vez analisam-se ciências e práticas à luz do binómio caro a Foucault (1995) do Saber-Poder.

Por Poder, entenda-se a relação de forças sociais que uma sociedade apresenta num determinado momento (Foucault, 1995); Saber é um conjunto heteróclito de formações discursivas que poderão ter vários níveis de formulação - da positividade, primeiro momento de emergência de um "système spécifique de formation d'énoncés" (Agra, 1986, p. 62), ao da formalização, correspondente a enunciações científicas propriamente ditas.

A noção de epistema recobre, pois, o conjunto de tudo o que é visível num dado momento e é aqui que se coloca o problema da racionalidade científica. A produção do saber científico é, apenas, mais uma emergência do poder do todo social. A referência já não é a definição das condições de cientificidade, nem o papel do saber na comunidade científica: mas as ligações que uma forma discursiva estabelece com o poder.⁽⁶⁾ Nesse

sentido, a racionalidade científica estabelece relações e complicitades com áreas bem afastadas da ciência. É produto condicionado do poder; é expressão de um dado momento histórico.

Assim, o referencial verdade-falsidade é definitivamente abandonado (esse abandono foi ensaiado de uma outra forma por Kuhn, Carrilho, 1989). Em vez disso, Foucault (1986) utiliza o de jogos de verdade - a formulação do conceito dá logo conta que a verdade não é dada mas construída e dinâmica. As construções sociais mergulham-nos em evidências e fundamentações que nos surgem como eternas. Foucault realça a sua instantaneidade, a necessidade de pensar as contingências dessas verdades.

É esta vertente que pretendemos aqui realçar: a racionalidade científica passa a ser vista como uma configuração específica da ligação Saber-Poder num dado momento histórico. Mais: a ciência, em vez de produto da evolução interna das suas próprias teorias, é produto de factores bem mais longínquos sobre os quais, se desvendados, poderíamos descobrir os modos profundos de a nossa própria sociedade funcionar, bem como desvelam novas facetas sobre o modo como nós próprios pensamos.

Diz Foucault:

"Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a reflectir." (Foucault, 1986, p. 13)

A racionalidade científica perde, então, qualquer veleidade ou pretensão a uma essência, a uma existência à parte do social e do devir histórico em que todos estamos mergulhados. Em suma, de uma ciência supra-ideológica e dogmática passamo-nos a deparar com uma ciência profundamente mergulhada no sócio-cultural e histórico, no relativo.

1.1.4 - Sujeito científico: primeiras considerações

O exercício epistemológico a que metemos ombros e a que, de seguida, daremos continuação, tem já implicações na reflexão sobre o modo como o sujeito científico (7) poderá produzir ciência: a ingenuidade das formulações do século XIX deverá ser posta

de lado, o relativismo imposto à racionalidade científica por vários epistemólogos é incontornável. No entanto, a nossa questão permanece de pé: como se pergunta?

O sujeito científico, dissemos, define o lugar de onde se interroga, mas... com que racionalidade? Acharmos que os três momentos atrás definidos, podem levantar áreas de problematização que permanecem válidas. A saber:

- primeiro, o exercício de tentar definir regras do pensar científico permanece actual; as tentativas de Carnap e Comte, entre outros, foram complexificadas quer no que diz respeito às regras de formulação de teorias e problemas (Popper e Bachelard), quer no reconhecimento dos constrangimentos micro e macro-sociais em que ele existe (Kuhn e Foucault);

- segundo, ao mesmo tempo, as propostas anteriormente apresentadas definem níveis de análise; uma espécie de ecologia do saber. Temos, pois: o nível científico estritamente disciplinar; a reflexão sobre o papel das teorias na comunidade científica, algo de semelhante ao que Santos (1989) denomina de sociologia do conhecimento; e a análise arqueológica-genealógica de Foucault a um nível holista.

Terá de haver um diálogo entre os diferentes níveis analíticos (quer sejam os que aqui alinhavámos quer sejam outros intra-disciplinares):

"The present argument is that it is also helpful to distinguish a series of levels at which the nature of working scientific knowledge can be analysed. The knowledge held at each of these levels is shaped by the cognitive activity of that level. These levels are to be thought as quasi-autonomous, at least in the short term. They are affected, but not fully determined by, what goes on at other levels." (Dolby, 1996, p. 13)

A título ilustrativo, para a toxicodependência, teremos o estudo do fenómeno ao nível da investigação empírica como o primeiro nível; o nível seguinte debruçar-se-á sobre o papel que as teorias têm a partir do contexto de lutas entre comunidades científicas, interesses corporativos de certas classes, e por aí adiante (consulte-se S. Cohen, 1988) (8); por fim, temos o nível de análise tributário de Foucault, que procuraria definir as razões profundas da problematização da toxicodependência, tentando compreender a emergência do fenómeno no todo social e nas formas discursivas científicas e não científicas.

Está claro de ver que o nosso projecto se enquadra no primeiro nível: a análise empírica sobre o fenómeno da toxicodependência em si mesmo. Mas com que racionalidade forjar a pergunta? É o que tentaremos dar conta a seguir.

1.2 Racionalidade provisória, fragmentada e comunicante

Demos até agora conta de diversas operações de desconstrução ou erosão de uma racionalidade dogmática, sem lugar para a incerteza: chegou a altura de ilustrar o modo como se pode exercer a razão nessas novas circunstâncias. Os problemas e os circunstancialismos até agora apresentados não deixam de ser válidos, não deixam de originar incerteza, mesmo nas ciências ditas exactas (Prigogine, 1996) mas, como Santos (1989) refere, a incerteza e a insegurança não devem dar origem a handicaps ou limitações; o investigador deve passar a ser capaz de exercer essa insegurança, à imagem de Descartes que, não foi refém da dúvida mas foi capaz de a exercer.

Vamos passar em revista várias propostas ou reformulações da racionalidade científica que de algum modo são representativos da epistemologia actual, a saber: o anarquismo epistemológico de Feyerabend (1993); a logoanálise de Serres (cit. in Agra, 1986; Serres 1969); o neo-pragmatismo de Rorty (1989); e o pós-modernismo de Lyotard (1989). Findo tal percurso, faremos uma segunda reflexão sobre o lugar que denominámos, mais uma vez repetimos, de sujeito científico.

1.2.1 - Anarquismo epistemológico

O protesto de Feyerabend (1993) é de natureza radical e põe em questão a própria existência de uma racionalidade científica. Mais: é contrário a reconhecer a utilidade da existência de uma única racionalidade. O próprio título da sua obra mais representativa - "Contra o método" - é revelador de tais propósitos.

Num primeiro momento o autor põe em causa a própria existência de um procedimento em comum entre as várias investigações científicas. Tal observação alia-se ao facto, defendido pelo autor, das investigações bem sucedidas e decisivas na história

das ciências terem precisamente entrado em ruptura com essas regras. A única regra que então se poderia aplicar é a da inexistência de regras.

A ciência é vista como uma construção ideológica:

"As entidades postuladas pela ciência não são descobertas e não constituem um estádio 'objectivo' para todas as culturas ou ao longo de toda a história. São moldadas por grupos, culturas, civilizações particulares; e são moldadas a partir de um material que, segundo o modo como for tratado, é tão susceptível de nos fornecer deuses, espíritos, uma natureza que é mais companheira do homem do que um laboratório das suas experiências, como quarks, campo, moléculas, placas tectónicas." (Feyerabend, 1993, p. 328)

De igual modo se recusa a ideia de objectividade pura: o objecto não o é se não enquanto objecto construído - já filtrado por uma certa maneira cultural de encarar as coisas. Levando a proposta mais adiante nas suas consequências, o autor defende a protecção escolar contra o monopólio do pensar científico: deveríamos ser livres de escolher na escola entre várias formas de pensamento e de conhecimento. (9)

Feyerabend (1993) reduz a racionalidade científica a uma, entre outras, formas de conhecimento; ao mesmo tempo nega-lhe uma homogeneidade ou coerência interna bem definida.

1.2.2 - Logoanálise

Serres (1969) considera as diversas alterações observadas na ciência moderna como fundamentais e com implicações a diversos níveis. Agra (1986) nos comentários que faz a este autor acha que, na ciência moderna, o estrutural é adicionado ao comunicacional e informacional.

A proposta do modelo tabular que Serres defende é assaz curiosa:

"Da linearidade à 'tabularidade' aumentamos o número de mediações possíveis, tornando mais flexíveis estas últimas. Já não existe apenas um caminho, mas sim um dado número, ou uma distribuição provável. Por outro lado, independentemente da perfeição das diferenciações levadas às conexões entre duas ou mais teses (ou elementos de situação real), o modelo proposto dá-nos a possibilidade de diferenciar, não o número de conexões, mas a sua natureza e força." (Serres, 1969, p. 9)

Quer o sujeito, quer o objecto existem numa rede, em que cada nó que a constitui é uma tese que emite e recebe informações, determina e é determinada por diversos pontos.

A linearidade causal é apenas o caso particular da sobredeterminação absoluta.(10) O

exemplo vem do xadrez: no início do jogo, o movimento do peão é o exemplo da indeterminação; o xeque mate, o exemplo acabado da sobredeterminação.

A rede fornece, então, o suporte estrutural para os movimentos de circulação de conceitos entre as ciências. Na ciência moderna o método transforma-se em objecto: o formalismo assim conseguido com a *logoanálise* permite pensar além dos conteúdos para nos concentrarmos nas relações entre os elementos.

"E mais do que um método, existe a promessa de uma reconciliação espantosa que a história das ideias parece encontrar no momento em que não a procurava. Existe, em primeiro lugar, o unitarismo deste pensamento num mundo do pluralismo infinito e da complexidade regional. Mas isto não basta: existe, sobretudo, esta subtil reapropriação da razão abstracta, num conjunto onde está largamente (em extensão) ultrapassada de há um século para cá, a razão encontra na profundidade o que tinha perdido em extensão." (Serres, 1969, p. 27)

A razão possui, então, o novo unitarismo da estrutura (comunicacional e informacional acrescentamos nós com Agra, 1986) existente sob a complexidade das práticas regionais ou disciplinares. A própria ciência necessita deste exercício para se legitimar. A epistemologia, acompanhando esse movimento em direcção ao formalismo, encarregar-se-ia do estudo do modo como se produzem comunicações entre as diversas áreas do saber: "L'objet de l'épistémologie est devenu la communication des règles du savoir." (Agra, 1986, p 73)

A relação sujeito objecto complexifica-se ao situarmos esta dualidade numa rede: o sujeito é rede, o objecto é rede, determinados e determinantes de e para variados pontos.

"Quel est le sujet qui pense un tel monde informationnel? Sa nature ne diffère pas de celle de l'objet et de celle du savoir. Le cogito est décentré et coïncide avec un réseau de communication où est immergé le 'je'. Le 'je' est un noeud, un objet d'échange, de réception, d'inscription, de stockage d'information et d'émission. Comme le système du savoir et du monde lui-même, l'acte de connaître n'est pas centré ni référé. Il n'y a pas de site fixe pour le penseur, il est ubiquitaire. La capacité de penser est détenue par le réseau, espace transcendantal de bruit et de messages." (Agra, 1986, p. 77)

A razão, a racionalidade científica libertou-se do sujeito e do objecto para passar a habitar a rede de que fazemos parte. Somos nós receptores e emissores de informação. Somos, simultaneamente, objecto e sujeito do conhecimento. A razão possui o privilégio de aceder a um universal, que já não é o absoluto, mas uma estrutura subjacente às ciências. É precisamente o que a transdisciplinaridade dá conta, a ciência necessita de um

dispositivo que seja capaz de descodificar os conceitos que nela circulam e relacioná-los com outros conceitos de outras disciplinas, descobrindo discrepâncias, possíveis isomorfismos ou, ainda, complementaridades e contradições.

O exercício epistemológico a que lançámos mãos é o exercício, afinal, de uma ciência já no estágio do formalismo: o nosso método é também objecto, é necessário pensá-lo. (11)

1.2.3 - Neo-pragmatismo

Chamaremos a atenção, agora, apenas para a tese de Rorty (1994) sobre o problema do conhecimento e o que ele implica na relação que estabelece com a comunidade social, como um todo, e com a esfera ética. Partilhando as reservas que diversos investigadores levantam no que respeita à existência de um objecto puro, Rorty reformula o problema de modo interessante:

"En réinterprétant l'objectivité comme intersubjectivité ou comme solidarité, de la façon que je suggère ci-dessous, on se donne les moyens d'abandonner la question de savoir comment entrer en contact avec une 'réalité indépendante de l'esprit et du langage.' On remplace alors-ci par des questions comme: 'quelles sont les limites de notre communauté? Nos échanges sont-ils suffisamment libres et ouverts?'" (Rorty, 1994, p. 26)

Ou seja, o problema do conhecimento desloca-se da objectividade, pretensa propriedade do objecto, para a intersubjectividade dos sujeitos cognoscentes, com tudo o que isso implica de reflexividade. As interrogações sobre a comunidade de que fazemos parte; ou as trocas comunicacionais que efectuamos, não são mais do que a dobra do sujeito que produz ciência sobre si mesmo, no que diz respeito às obrigações que tem para com os outros seres humanos e às preocupações inerentes ao seu próprio devir individual.

Ao nível do objecto, as implicações também não deixam de se fazer sentir, nomeadamente a substituição da noção de objecto pela de objecto intencional. Rorty quer com isto realçar o abandono da ideia representacionista da ciência pela de intersubjectividade: a ciência deve ter como objectivo a promoção da coerência de 'desejos e crenças' (op cit, p 126). Não há objecto descontextualizado e puro, só há objecto do conhecimento enquanto coberto pela linguagem e pelo desejo do sujeito.

As implicações metodológicas são igualmente notórias:

"En tant que pragmatistes, il nous faut nous opposer à deux questions traditionnelles, on en propose une réinterprétation: 'Quel est le contexte qui convient à cet objet' et 'Quelle est la nature de ce que nous contextualisons?' Pour nous, il n'existe pas d'objet que ne soit déjà contextualisé." (Rorty, 1994, p. 112)

Estamos perante a justificação da uniformização epistemológica das diversas metodologias: não existe metodologia que apreenda sem o factor subjectivo. Toda a investigação se dirige a um objecto num contexto - a descontextualização quantitativista do objecto não consegue, ainda assim, apreender mais do que isso. É um tipo de método que constrói o seu objecto intencional como outro método qualquer. Se não, oiçamos um dos críticos deste pensador:

"... is what Rorty calls the spectator theory of truth. This theory sees the whole mental apparatus of beliefs and representations as reflections of reality. The pragmatist alternative is that beliefs are tools for dealing with reality." (Bem & Jong, 1998, p. 78)

As teorias são instrumentos para lidar com a realidade, conseguindo dela, apenas, reflexos parcelares. A sua utilidade é de ordem prática, permitindo-nos otimizar a nossa relação com a realidade - realidade que é também, como já vimos, nós próprios e as redes sociais a que pertencemos.

1.2.4 - Condição pós-moderna

Lyotard (1989) considera a ciência como estando em conflito com as narrativas - sendo estas auto-referentes, isto é, legitimam-se por si próprias sem recorrer a fontes de autoridade exteriores. Por isso a ciência forjou um discurso de legitimação de si mesma: a epistemologia. A âncora desse discurso legitimador situava-se nas denominadas metanarrativas, agora em franco movimento de retrocesso.

"Aqui a legitimação é o processo pelo qual um 'legislador', referindo-se ao discurso científico, está autorizado a prescrever as condições explícitas (em geral, condições de consistência interna e de verificação experimental) para que um enunciado faça parte desse discurso e possa ser tomado em consideração pela comunidade científica." (Lyotard, 1989, p. 25)

Esse legislador, apoiado nas metanarrativas, possuía uma acção legiferante que deixa agora de ser possível. Na pós-modernidade o saber científico é apenas um jogo de

linguagem (conceito importado de Wittgenstein) - que se refere a um conjunto de enunciados articulados segundo determinadas regras - entre muitos outros presentes na sociedade. Põe-se então um problema de 'legitimidade' bem visível na competição da ciência com esses outros saberes; mas também um problema de natureza epistemológica por já esta não se consegue legitimar a si própria: "...a questão da prova é problemática e que seria preciso provar a prova" (Lyotard, p. 91)

É esta a ilação importante a retirar sobre a ideia de racionalidade:

"A esta nova disposição corresponde evidentemente um deslocamento importante da ideia de razão. O princípio de uma metalinguagem universal é substituído pelo da pluralidade de sistemas formais e axiomáticos capazes de argumentar enunciados denotativos, sendo estes sistemas descritos numa metalinguagem universal, mas não consistente." (Lyotard, 1989, p. 90)

À perda de homogeneidade, subjacente a todo o processo referido, soma-se o critério da performatividade como a máxima reinante dentro das ciências. O que dá melhor rendimento é que serve. As teorias que têm melhores performances técnicas são as mais investidas, aumentando assim as suas capacidades de administrar provas. Uma peculiar relação se estabelece com a realidade: "A 'realidade' é o que é permitido pelas técnicas." (Lyotard, p. 96). (12)

Sob o signo da performance, o movimento entre as disciplinas, a concorrência inter-disciplinar fazem sentir, assim, as suas consequências:

"A hierarquia especulativa dos conhecimentos dá lugar a uma rede imanente e, por assim dizer, 'plana' de investigações cujas respectivas fronteiras não cessam de se deslocar." (Lyotard, 1989, p. 82)

A racionalidade científica passa a ser provisória, despojada dos referentes sólidos das metanarrativas. Passa a engrenagem de um jogo de linguagem em constante competição com outros que podem nem sequer dela se reclamarem.

1.2.5 - Sujeito científico: considerações finais

Os epistemólogos que até agora apresentámos fizeram um esforço de contextualização da racionalidade científica. Vimos também que essa contextualização se poderia estruturar ecologicamente: nível empírico; nível da comunidade científica e da sociologia do conhecimento; nível do devir social total. Com estes teóricos, a racionalidade foi posta em causa nos seus alicerces internos (no nível teórico estrito) sendo que, curiosamente, muitas dessas críticas relacionam-se com níveis mais elevados. Se não, vejamos:

- Feyerabend (1993) nega a existência de um procedimento teórico comum a todas as investigações científicas, defende que a ciência é apenas um saber entre outros e que a sua validade coexiste com a de outros saberes que deverão ser estudados e aceites;

- Serres (1969) situa a epistemologia como um lugar de legitimização das próprias ciências; ao mesmo tempo que estuda as condições das comunicações informacionais entre as disciplinas, a racionalidade teria um novo plano universal para se expandir: as estruturas;

- Rorty (1989) nega a existência de uma objectividade pura. O objecto da ciência é intencional devendo a fundamentação da investigação proceder de dimensões éticas individuais e comunitárias;

- Lyotard (1989) situa a racionalidade científica num jogo de linguagem existente entre outros que competem entre si, a performatividade afasta precisamente a ideia de uma racionalidade pura - a técnica desenha uma realidade própria e esta, por sua vez, reforça-a.

Escolhemos estes pensadores, poderíamos ter acrescentado outros (p. e. Morin, 1995). O certo é que o problema do conhecimento tornou-se uma área a ter em conta na realização de qualquer investigação científica como, de resto, pensamos ter demonstrado - Santos (1987, p. 30) denomina-a de "conhecimento do conhecimento das coisas" ou seja, o conhecimento de nós próprios no acto de conhecer.

A reflexividade de ordem epistemológica é, afinal, o único traço distintivo que separa de forma definitiva o sujeito científico do objecto de estudo. E isto é tanto mais premente quando se trata de ciências humanas e a relação sujeito-objecto é uma relação de paridade. É precisamente do objecto que iremos tratar de seguida, terminando este exercício que, afinal, pretende explicar o modo como nós podemos encarar o mundo e a realidade.

2. Objecto das ciências sociais: indivíduo psico-social

As implicações do que dissemos até aqui estendem-se, claro está, ao objecto da investigação. Ele deixa de ser definido em termos absolutos ou descontextualizados: a relação sujeito-objecto é a relação entre dois sistemas que se interpenetram e cuja fronteira é instável (Agra, 1986). O objecto deixa de ser impassível passa a intencional (Rorty, 1989). Mas acima de tudo, a comunicação entre as ciências, a sua constante mobilidade, a combinação disciplinar (Lyotard, 1989; Serres, 1969) implicam uma subjectivização do objecto e a sua transformação, ele próprio, em sistema (Agra, 1986).

O caso das ciências humanas, contudo, apresenta nuances específicas que importa sublinhar. As críticas de Matza (1981) quanto à utilidade da aplicação da relação sujeito objecto são paradigmáticas: nas ciências humanas o objecto não é um ser passivo, não pode definir-se socorrendo-nos apenas da grelha de leitura do sujeito (exemplo: o objecto intencional é um objecto ainda definido pelo sujeito). As coisas não surgem de forma tão simples:

"Isto significa, em termos pragmáticos, que a 'natureza', no primeiro caso (ciências da natureza) é o referente, mudo, mas tão constante como um dado lançado um grande número de vezes, acerca do qual os cientistas trocam enunciados denotativos que são os lances que vão fazendo respectivamente, enquanto, no segundo caso, sendo o homem o referente, é também um parceiro que, ao falar, desenvolve uma estratégia, inclusive mista, perante o sábio: o acaso em que este esbarra não se deve a um objecto ou à indiferença, mas ao comportamento ou à estratégia, ou seja, é agonístico." (Lyotard, 1989, p. 115)

Desde cedo, as críticas de pendor epistemológico tenderam, nas ciências sociais e humanas, a estabelecer uma paridade entre os dois pólos. Blumer (1982) deseja que a relação passe a ser de sujeito a sujeito, reconhecendo, enfim, ao objecto de investigação

das ciências humanas um estatuto epistemológico semelhante ao do investigador. Semelhante posição é adoptada por Agra (1986) ao defender que sujeito e objecto são ambos redes/ sistemas de comunicação e informação, estando submetidos a semelhantes processos de funcionamento:

"Objectivation informationnelle du sujet. En d'autres termes, le sujet-sujet devient objet, la relation sujet-objet devient objet-objet. Le monde existe comme ensemble d'objets (émetteurs, conservateurs et récepteurs d'information) et comme milieu général de transmission d'objets à objets de ce flux informationnel." (Agra, 1986, p. 78)

A equiparidade sujeito-objecto é aqui proposta de um modo um pouco mais radical: a substituição do sujeito pelo objecto é o reconhecimento da inexistência de um lugar especial para a ciência no meio desse inextricável fluxo informacional. As trocas de informação, instituídas em rede, impossibilitam o reconhecimento de uma única fonte produtora de novos inputs: cada módulo da rede é, à vez, produtor e receptáculo de dados.

Mas em que medida as ciências humanas encaram o seu objecto de estudo? Que propriedades lhe atribuem? Que combinações teóricas engendraram de modo a se adaptarem o melhor possível a esse objecto? É a estas interrogações que tentaremos dar resposta de seguida.

O exercício remete-nos para o conceito: o indivíduo psico-social. Faremos aqui uma pequena reflexão sobre o debate teórico existente em algumas áreas da sociologia, particularmente na área de investigação das histórias de vida (que rapidamente foi adoptado por outras disciplinas). (13)

Lipovetsky (1989) defende estar a observar-se uma "mutação sociológica global" (op cit, p. 8) com o advento da personalização: as regras disciplinares e rígidas contra as quais a modernidade sempre lutou, darão passo à coabitação dessas regras com outras mais flexíveis, coexistindo pacificamente através da formação de sistemas que fomentem a escolha de cada um. A própria sociedade passaria a incentivar a construção de projectos teleológicos da existência humana, tal como define Ferraroti (1983, p. 31-32):

"Le comportement humain au contraire, mû par des instincts mais aussi par un projet, est téléologique, ce qui signifie qu'il se donne un but, qu'il pose sur lui-même un regard critique accumulant ainsi des souvenirs."

A liberdade para a construção desse projecto passa a deixar de coagir ou restringir o indivíduo. Os projectos não são debatidos em termos de verdade e falsidade, em termos do colectivo - o indivíduo e a sua realização pessoal é que são os valores supremos:

"Sociedade pós-moderna, maneira de dizer a inflexão histórica dos objectivos e modalidades da socialização, colocados hoje sob a égide de dispositivos abertos e plurais; maneira de dizer que o individualismo hedonista e personalizado se tornou legítimo e já não depara com a oposição; maneira de dizer que a era da revolução, da esperança futurista, inseparável do modernismo terminou." (Lipovetsky, 1989, p.10)

A individualidade, tornada assim valor nuclear de uma nova forma de socialização, investe de maior significação áreas como o quotidiano, as rupturas dos códigos artísticos, etc... Com a erosão das instâncias de regulamentação heterónoma, a normalidade fragmenta-se na normatividade dos microgrupos (noção de Lipovetsky).

É neste contexto que a metodologia das histórias de vida principia por surgir: a partir dos anos 50, na Europa, cria-se o interesse pelo testemunho dos "povos do silêncio" (Poirier, Valladon & Raybant, 1995). Um interesse pelo conhecimento das vidas de povos minoritários no todo social - esse interesse funda-se no contexto das mudanças sociais até agora referidas.

Por questões de organização centrar-nos-emos aqui sobre a reflexão epistemológica que estas metodologias suscitaram - remeteremos para o próximo capítulo a sua aplicação na área das toxicodependências. Começemos a tarefa por uma citação:

"Na psicobiografia (uma variante das histórias de vida sublinhamos nós), a pessoa conta-se no interior de uma trama de acontecimentos. Neste caso, é a personalidade - é certo que imersa no social, mas interiorizando-o pela atribuição da sua significação pessoal - que é o objecto da narrativa que o investigador vai tentar esclarecer." Poirier, Valladon & Raybant, 1995, p. 29)

A complexidade do objecto de estudo estabelece-se, pois, na encruzilhada de duas áreas que se comunicam: o social e o psicológico. Também Pineau (1995) compartilha essa posição, passando a encarar a esfera psicológica como estando em comunicação com a esfera social, ao mesmo tempo que sofre influências dela. (14)

Sem cair no reducionismo sociológico, Ferraroti (1983) conseguiu definir o meio termo, comunicante e informacional, mais apropriado à complexidade epistemológica da ciência contemporânea, ao encarar as práticas, comportamentos e atitudes como sínteses individuais das condicionantes sociais em que o sujeito vive.

É formulada, assim, a complexidade do objecto de estudo em ciências sociais, e isto pela mão dos teóricos das histórias de vida, metodologia a que iremos beber mais alguns ensinamentos. (15)

Esse reconhecimento não é, porém, exclusivo destas áreas, estendendo-se a outros autores, de outras disciplinas, p. e.: o modelo da identidade social de Sarbin & Scheibe (1983) faz depender a identidade individual da "his or her validated social positions" (op cit, p. 7); a teoria da etiquetagem social proposta por Becker (1963), em que o momento do reconhecimento social da desviância de um indivíduo tem profundas implicações na maneira como ele se vê a si próprio; Faupel (1991) também sublinha a importância da carreira desviante, na sua dimensão social, na construção de significados individuais.

Fica, pois, aqui esboçada a complexidade psico-social que o objecto da investigação possui actualmente nas ciências sociais e humanas.

Capítulo II - Investigação científica das toxicodependências

O caminho percorrido até aqui serve-nos agora de alicerce à prospecção teórica que nos propomos fazer da investigação científica na área das toxicodependências. Visões estritamente determinísticas, da tradição positivista estão, pois, fora da nossa alçada. Veremos também que as investigações qualitativas ou que combinam as vertentes quantitativas e qualitativas da investigação têm a tendência genérica de privilegiar a proximidade da relação sujeito objecto do seu estudo (Blumer, 1982); bem como abandonam a pretensão de um conhecimento homogeneizador da realidade para reconhecer a diversidade dos factos, chamemos-lhe assim, psico-sociais (Tinoco, 1999; Legrand, 1993).

Uma outra característica de importante relevo é a da reflexividade: uma série de linhas investigativas partem da realização de uma reflexão crítica das propostas existentes, para depois lançarem as suas próprias abordagens (Agra & Fernandes, 1993, p. 80). A reflexão é, ela própria, de carácter multidisciplinar, apelando a diversas áreas do saber, e mesmo incluindo posições éticas dos investigadores (p. e. Escotado, 1992; González, Funes, González, Mayol, & Romaní, 1989). Estas constatações, em lugar de escandalizar, são a expressão de uma ciência renovada que passa a exprimir-se em moldes diferentes (Santos, 1989; 1987) em que a subjectividade, em vez de um obstáculo a irradiar, passa a ser uma mais valia.

A toxicodependência, como objecto de conhecimento, passa a ser vista como objecto heteróclito, que escapa às grelhas paradigmáticas das disciplinas tradicionais que sobre ela pretendem estender o seu dizer: a economia, a sociologia, a psicologia, a psiquiatria, entre outros. Matos & Agra (1996) consideram a Escola de Chicago, que desde os anos 20 do presente século se dedicou aos fenómenos desviantes, entre os quais a toxicodependência, como uma corrente que é psico-social. (16)

O conceito de carreira desviante é desenvolvido por Becker (1963) e mais tarde por Faupel (1991) que define, como vimos, esses duplos níveis de ocorrência: a carreira, que é definida socialmente, é recriada e actualizada, dentro de determinados limites, pelo indivíduo que a vive em si.

Neste capítulo pretendemos, então, em primeiro lugar, dar conta de alguma reflexão teórica feita a partir do objecto de estudo que é a toxicodependência; dos problemas que se levantam especificamente nesta área. Denominaremos esta secção de - 1. Obstáculos epistemológicos - utilizando o conhecido conceito de Bachelard (1991). Num segundo momento em - 2. Investigações etnobiográficas - faremos uma resenha de algumas das principais investigações que se fizeram sob esta égide - etnobiografia - que pedimos emprestada a Poirier et al (1995), recobrando deste modo uma série de investigações de "concept mal definido" (Agra & Fernandes, 1993, p. 73). (17)

Após tais explicações poderemos compreender como se "pensa", como se formulam problemas científicos numa área que, à semelhança das mutações epistemológicas que anteriormente demos conta, possui uma riqueza assinalável: as histórias de vida. Terminaremos, pois, este percurso com um pequeno capítulo intitulado - 3. Que ciência? - onde, para além das conclusões que pudermos retirar desta caminhada, tentaremos problematizar o estatuto epistemológico destas demarches. Estará, só então, aberto caminho ao estudo concreto que pretendemos levar a bom porto.

1. Obstáculos epistemológicos

Bachelard (1991) definiu obstáculos epistemológicos como sendo tudo aquilo que perturbe ou seja passível de perturbar o acto de conhecer. É claro que os obstáculos se espalhem em diversas áreas. Para começar, encontramos obstáculos epistemológicos na própria maneira de pensar e conceptualizar o real (o levantamento das racionalidades científicas que até aqui se realizou é exemplo disso); também poderão existir propriedades do objecto de estudo que perturbem o acto científico tal como o concebemos a priori. A toxicodependência, como a seguir veremos, é particularmente prolixa em levantar este tipo de questões. (18)

Na área da toxicodependência, os obstáculos multiplicam-se nos mais diversos campos, dificultando a cada passo a investigação que se quer científica. Faremos, pois,

um breve sumário dessas contrariedades tendo como objectivo o lançamento de pontes com o capítulo que se segue e em que faremos uma resenha das investigações que de algum modo tentaram superar esses obstáculos ou que, pelo menos, se puseram em diálogo com eles.

Aliás, a preocupação epistemológica que iremos observar no ponto seguinte está em consonância com os movimentos de epistemologia interna que considerámos pilares da ciência actual. Não é só por aqui que os paralelismos se estabelecem: os princípios da comunicação interdisciplinar e até tentativas de fusão transdisciplinar serão também aqui constatados.

1.1 - Dificuldades conceptuais

A dificuldade em definir o conceito de droga não é, de todo, descartável: o diálogo entre a farmacologia, a psicologia e a sociologia está longe de estar acabado. Assim, Escohotado (1996, 1992) interroga-se do porquê de haver disparidade nas composições químicas e semelhança nos efeitos:

"Cuerpos químicos distintos producen efectos muy parejos, y cuerpos afines en alto grado - los llamados isómeros, por ejemplo, que son la misma substancia con una simetría invertida - producen efectos muy distintos." (Escohotado, 1990. p. 30)

No outro extremo, Willis (1983) parece quase negar a vertente farmacológica da droga, ao defini-la como placebo cultural - o efeito das substâncias dependeria das expectativas - cai no radicalismo de pólo oposto. Neste aspecto, Escohotado (1990) talvez alcance uma síntese:

"Pero droga no es solo cierto compuesto con propiedades farmacológicas determinadas, sino algo que puede recibir cualidades de otro tipo." (op cit, p. 19)

Laurie (sem data) realça a definição ao defender que a dependência se cria não apenas a partir da substância mas também das experiências que elas proporcionam quer a nível do efeito propriamente dito, quer nos acontecimentos biográficos que podem desencadear. Mesmo assim a problematização não deixa de existir:

"Es así como en la mayoría de las culturas, las cosmovisiones dominantes han tendido a asimilarse a la 'forma natural' de entender el mundo, han identificado su orden

significativo con el orden natural del mundo (sociedad incluida)." (González et al, 1989, p. 15)

A reflexão deixa-nos entrever duas dificuldades a ter em conta: uma primeira tem que ver com a cosmovisão do investigador, enquanto obstáculo à compreensão das cosmovisões dos toxicodependentes; uma segunda relaciona-se com a perspectiva histórica, a nossa cultura presente é apenas um instante no devir do tempo, a toxicodependência contemporânea é um fenómeno inscrito num determinado quadro cultural que é preciso ter em conta. Quanto à primeira dificuldade daremos conta dela nas 1.5 - Dificuldade paradigmáticas; para a segunda faremos já a seguir uma breve nota.

A visão histórica chama-nos a atenção para a variabilidade que o consumo de drogas foi apresentando ao longo do tempo e em diversas civilizações. Escohotado (1996) na sua *Historia elemental de las drogas* (no que é reforçado também por Arnal, 1997) chama a atenção para o uso festivo e religioso de várias substâncias. Droga para os romanos, seguindo o mesmo autor, na Lex Cornelia era uma palavra indiferente onde cabia "tanto lo que sirve para matar como lo que sirve para curar, y los filtros de amor, pero esta ley sólo reprueba lo usado para martar alguién" (op cit, p. 26) - o que se assemelha ao conceito de Pharmakon helenístico. Observa-se, igualmente, que esta civilização, após um momento áureo de aceitação e convivência com todas as substâncias, começou a delinear substâncias gratas e não gratas.⁽¹⁹⁾

Fiquemos com uma definição que condensa em si todas estas ambiguidades:

"Es decir que los usos de drogas (esa gran variedad de productos y efectos que nosotros hemos etiquetado bajo este concepto) es un fenómeno universal, estructural. En este sentido, pues, podemos proponer una definición de drogas como aquellas sustancias químicas que se incorporan al organismo, cuyos efectos y consecuencias dependen basicamente de las definiciones sociales, económicas o culturales de los grupos que las utilizan." (Romaní, 1995, p. 34)

1.2 - Dificuldades históricas

O advento do cristianismo elegeu o álcool como o sangue de Cristo, varrendo todas as outras substâncias como sendo pagãs e ímpias. O islamismo proibiu o álcool, a partir de determinado momento da sua história, convivendo pacificamente com o haxixe (Escohotado, 1996). No início do século XIX, inclusive, considerava-se que o uso de

certas drogas aumentava o rendimento laboral (Ormazábal, 1999). É, porém, nos anos 70 deste século, com o uso da morfina na guerra franco-prussiana e nos finais desse mesmo século com o surgimento da heroína, que as raízes da problematização das drogas, tal como hoje a conhecemos, são lançadas.⁽²⁰⁾

"O século XIX terá servido de ponto inaugural da problematização do consumo de drogas, na medida em que se permitiu que se tomassem como seguros os seus efeitos nocivos, acabando por conduzir, em termos internacionais, ao proibicionismo vigente desde o princípio da presente centúria." (Poiares, 1999, p. 4)

A proibição, originária dos E. U. A. teve motivos sócio-políticos evidentes: a proibição do heroína surge como uma reacção social à comunidade imigrante chinesa; a proibição do álcool à comunidade irlandesa; a proibição da marijuana à comunidade mexicana (Arnal, 1997). Aliás, Becker (1963) na sua análise sobre a proibição da marijuana sublinha a importância que tiveram os grupos têxteis, constituídos em lobby, ao pressionar o governo federal e obter, assim, alterações favoráveis aos seus interesses em detrimento dos consumidores, sem organização activa que defendesse os seus interesses.

Os interesses políticos também foram visíveis no nosso país. Agra (1993) chama a atenção para o facto das primeiras campanhas de prevenção do consumo de liamba terem estado imbuídas de intenção de controle social.

- 1ª campanha - antes do 25 Abril 74, associava a droga à alienação utilizando o slogan "Droga Loucura Morte" num contexto político de crepúsculo da chamada primavera marcelista. Não existiam nenhuma estimativas ou nenhuns dados que fundamentassem cientificamente a campanha.

- 2ª campanha - já em 76 e acabado o processo da descolonização, colocava-se sob o signo de "O flagelo da liamba". Estimava-se a existência de cem mil drogados em Portugal - mais um vez sem se recorrer a algum dado epidemiológico. Mas é certo que o movimento dos retornados fez subir os consumos daquela substância.

"Em suma, foram os poderes públicos quem iniciou e estimulou o discurso sobre o fenómeno da droga e em dois principais momentos da vida política dos portugueses: fim do regime ditatorial - incubação do período revolucionário (1ª campanha); fim do período revolucionário - início das orientações social-democratas (2ª campanha). A primeira campanha, sem qualquer pretexto factual e a propósito de não importa qual droga ilícita; a

segunda, a propósito "das drogas leves" (nomeadamente a liamba) e com eventual fundamento no "retorno" das ex-colónias." (Agra, 1986, p. 32)

Recapitulando: o século XIX oferece-nos a emergência do problema da droga, ao mesmo tempo que cliva as substâncias psicoactivas em legais e ilegais. Estas, além da sua acção propriamente dita, abrem campo à desviância secundária tal como Lemert a definiu (cit in Matza, 1981):

"... la persona comienza a emplear la conducta desviada o el rol que se basa en ella como um medio de defensa ataque o ajuste a... los problemas creados por la reacción social hacia esta conducta." (Matza, 1981, p. 103)

1.3 - Dificuldades jurídico-políticas

O conceito de delito sem vítima foi pela primeira vez referenciado em 1965 por Schur (cit in Espinoza, 1989) englobando todos os actos que são objecto de criminalização sem que, contudo, haja uma vítima evidente ou bem definida. O consumo de drogas é um dos vários delitos sem vítima, a par da prostituição, da homossexualidade ou da prática do aborto. Nestes casos estaríamos perante "transações voluntárias entre dois indivíduos" (op cit, p. 14-15). Na toxicodependência o consumidor seria vítima do traficante? ou seria vítima de si mesmo? ... mas nesse caso, se ele já é vítima, para quê puni-lo?

A ambiguidade do sistema jurídico português é bem visível: o consumidor de drogas comete simultaneamente um crime e passa a ser portador de uma doença. Como estamos longe da lição que o século passado nos legou através de Stuart Mill (1977): o que é da esfera do puramente individual não deve ser objecto de repressão por parte do estado...

Mas a ambiguidade não termina na esfera jurídica: transvasa para a própria política que se aplica na área das drogas ilegais. O paradoxo principia logo pelos efeitos contraproducentes da política repressiva. Bertrand (1986) observa que a repressão passa a ser arbitrária porque só é efectiva para uma ínfima parte dos consumidores; a importância que se dá à repressão de drogas incentivou a polícia a cometer ilegalidades

(detenção sem mandato), e fez nascer uma grande variedade de penas para o mesmo tipo de crime. Também Brochu & Chayer (1997) constatam que actividade policial não interfere significativamente com o comércio de drogas ilegais.

Mas então como explicar a persistência das políticas proibicionistas? Deixaremos aqui, apenas, breves pistas:

"Le système de la drogue constitue un exemple significatif d'un système social fermé. Le fait que les acteurs sociaux se renforcent mutuellement dans une attitude favorable face à l'actuelle politique forme, en réalité, une des ses caractéristiques principales. Un seul group d'acteurs, celui des toxicodépendants, échappe à ce conditionnement positif réciproque." (Baratta, 1990, p. 160)

A estigmatização social exercida sobre os consumidores de drogas cria situações de indigência e degradação biopsicossocial. Cria-se um mecanismo de retro-alimentação bem conhecido da sociologia: a figura estigmatizada confirma a razão da repressão que, por sua vez, a sustém. Explica-se, assim, a noção de Baratta do sistema social fechado. Já Young (1971) chamou a esta retro-alimentação, este feedback positivo, de amplificação da desviância (conceito forjado por Thomas & Znaniecki em 1918-1920 cit in Hannerz, 1986): uma maior repressão gera maior desviância, justificadora de maior repressão.⁽²¹⁾

O certo é que este tipo de fenómenos pode gerar uma decalage entre o que é a realidade dos consumos e a produção científica que sobre eles se faz. Se não, escutemos uma tentativa de definição esboçada por Kaminsky (1990, p. 179):

"Une tentative: faire valoir que la toxicomanie n'est qu'un discours indissociable de la criminalisation des consommateurs de drogues. Une définition: les consommateurs de drogues sont les gens qui consomment des drogues. Les toxicomanes en son une réinterprétation dans un champ purement répressif."

Este é, pois, um outro obstáculo epistemológico a ter em conta.

1.4 - Dificuldades sócio-culturais

Na continuidade da vertente que denominámos jurídico-política, e imiscuindo-se nesta, surge a esfera sócio-cultural. Abrimos a reflexão com a afirmação de Laurie (sem data, p. 16):

"Si el alcohol, en vez de ser un benéfico regalado por los dioses en el remoto pasado, fuera inventado hoy por un químico, no hay duda de que inmediatamente su uso sería controlado con todo el rigor por la ley."

Esta suposição abre caminho para a seguinte linha de problematização: cada sociedade tem as suas drogas que estão integradas socialmente e tem as que escapam a essa integração. Fatela (1991) chama a atenção para o facto dessa "integração ritual" (p. 49) depender de equilíbrios culturais que tendem a reforçá-la.

Castel & Coppel (1991) defendem ter existido um momento de ruptura no século XIX: as regras de enquadramento social não contemplam o consumo dos novos produtos que entretanto surgiram. O consumo passa progressivamente a representar um perigo, porque foge à regulamentação, aos rituais colectivos; ao mesmo tempo, exerce um irreprimível fascínio, pois, vai-se estruturando como um modo de vida alternativo.

"La toxicodépendance peut être interprétée anthropologiquement comme une tentative de résolution des tensions et des paradoxes liés à l'exercice de la liberté moderne, en tant que source à la fois de création et d'alienation pour l'individu." (Fatela, 1991, p. 52)

A escola de Birmingham já tinha formulado a questão de modo semelhante: a subcultura juvenil tenta resolver de modo mágico os problemas e os conflitos que transitaram da geração paterna e o uso de drogas, nesse contexto, seria mais um sinal expressivo do que um elemento alienante (se bem que este pólo não fosse totalmente ausente, Willis, 1983) como, aliás, P. Cohen (cit in Murdoch e McCron, 1983, p. 23) sublinha: "... the latent function of subculture is (...) to express and resolve albeit 'magically' the contradictions which remain hidden or unresolved in the parent culture."

A dimensão sócio-cultural dá, pois, conta de divisões entre as drogas integradas e não integradas culturalmente; levanta questões sobre o significado antropológico do consumo de drogas. A reflexão não acaba aqui: existe uma contradição estrutural entre o controle que se pretende fazer sobre o uso das drogas e o refluxo que esse controle desencadeia nas instituições que pretendem exercê-lo.

Vamo-nos socorrer de Romaní & Comelles (1991). Defendem estes autores que, a partir da 2ª Guerra Mundial, os medicamentos substituem progressivamente todas as outras práticas de cuidados, ao mesmo tempo que surgem proibições, agora efectivas, ao

consumo de determinadas substâncias. A clivagem entre drogas proibidas e não proibidas, controladas ou não medicamente, não deixou de se fazer sentir desde então.

Evita-se assim um acesso fácil a certos medicamentos: o modelo clássico dos cuidados, que contemplava a automedicação e uma relativa liberdade de decisão por parte do doente, é substituído pelo modelo hospitalar. Neste, a classe médica impõe-se em relação a outras classes, as populações perdem o acesso directo aos produtos:

"Or, dans ce modèle, l'usager qui veut maintenir équipée sa pharmacie domestique se voit obligé de recourir au médecin et de négocier avec lui l'obtention gratuite des médicaments. Les médecins, eux, se plaignent des débordements de sa demande sans comprendre qu'elle est la conséquence de leur monopolisation du secteur." (Romaní & Comelles, 1991, p. 45)

A clivagem reflecte-se no tipo de consumidores de drogas legais e ilegais. Observa-se o uso generalizado de benzodiazepinas por um crescente número de cidadãos 'honestos' dos países desenvolvidos (Romaní & Comelles, 1991) enquanto que conforme Fernandes (1998) assinala, se regista um movimento progressivo de exclusão, observando-se maior consumo de drogas ilegais nas classes mais desfavorecidas. O primeiro momento de exclusão caracterizar-se-ia por um afastamento e apropriação: a medicina combate a automedicação. Um segundo momento seria o do extermínio, a política da repressão do uso de substâncias fora do controle médico. Esta luta seria responsável pela construção da estigmatização em torno de certos indivíduos e grupos que usavam determinadas substâncias. Finalmente, o terceiro momento compreende a exclusão social propriamente dita. Preble & Casey (1969), na vertente histórica dos consumos de heroína em Nova Iorque, dão bem conta da degradação da imagem social que esta substância foi adquirindo, com consequências evidentes para o indivíduo que a consome, como Fernandes faz notar:

"A sua simples presença (carregar o estigma da toxicod dependência) abre caminho, como já demonstrou Goffman (1970), a propósito de outras figuras, a um jogo social produtor de exclusão." (Fernandes, 1998, p. 70)

A exclusão social exerce-se ao nível individual mas também ao nível dos grupos sociais e mesmo ao nível territorial (p. e. a noção de territórios psicotrópicos de

Fernandes, 1997). O estudo das toxicodependências também não pode deixar de ter em conta esta contextualização sócio-cultural.

1.5 - Dificuldades paradigmáticas

Paradigma, conceito emprestado de Kuhn (1983), como já vimos, designa um conjunto de consensos básicos comuns a uma comunidade alargada de cientistas e que acabam por enformar a prática investigativa dessa mesma comunidade. Sem defender a existência de um paradigma na área de investigação das toxicodependências reflectiremos agora sobre posturas meta-teóricas que foram bem sintetizadas por Matza (1981) sob o título de "ponto de vista apreciativo" e "ponto de vista correctivo".

O ponto de vista correctivo parte de uma postura mais dogmática, quando procura comparar os dados que vão sendo obtidos a uma suposta norma, da qual eles se desviaram. A racionalidade positivista pode ser, grosso modo, identificada com esta postura meta-teórica: a investigação é determinada, de modo apriorístico por concepções básicas sobre o que é ser normal e desviante (Matza, 1990). Também para Hammersley (1989), o positivismo caracterizar-se-ia precisamente pela preocupação em descobrir leis universais, em reduzir os conhecimentos à experiência empírica, na crença que a ciência é a forma válida de conhecimento.

Na vertente apreciativa, pelo contrário, esses a priori deixariam de ter razão de ser. A investigação teria uma postura fenomenológica, no sentido que partiria do que o objecto (ou o sujeito, objecto de estudo) da investigação diria sobre si.

Blumer (1982) é um autor fundamental na elaboração teórica desta tradição. A investigação em ciências sociais deveria cumprir os três pontos basilares citados no capítulo anterior, formalizando assim a tomada em linha de consideração do ponto de vista do sujeito. O estudo dos fenómenos humanos e sociais deverá respeitar esses postulados do interaccionismo simbólico. Agra & Fernandes (1993), ao defenderem a passagem da "Droga enigma" para "Droga novo paradigma" aconselham, ao fim ao cabo, a passagem do ponto de vista correctivo ao apreciativo.

Quais as consequências teóricas da adopção da postura apreciativa? Faremos aqui um sucinta listagem das consequências que julgamos mais importantes. Clinard & Meier (1979) consideram que a sociologia contemporânea se divide em duas grandes correntes: a estrutural e a processual. A estrutural, para a desviância, considera os comportamentos deste tipo como estando relacionados com uma certa estrutura - parte de um ponto de vista apreciativo do material produzido pelo indivíduo conectando-o p. e. com a esfera eco-espacial. Para a processual, interessa o estudo das trajectórias da desviância, numa vertente sócio-psicológica, que perspectiva o sujeito desviante no devir do tempo.

Adiantaremos um pouco mais sobre a vertente processual até porque será esta a dimensão privilegiada da nossa investigação. Não nos antecipemos, porém. O modo como entendemos a linha processual, o estudo do devir do sujeito desviante, não se coaduna com posturas positivistas, medidas de diferenças. Sykes & Matza (1996) sintetizam bastante bem o que queremos dizer, se bem que a propósito de uma outra figura do comportamento desviante:

"In attempting to uncover the roots of juvenile delinquency, the social scientist has long since ceased to search for devils in the mind or stigma in the body. It is now largely agreed that delinquent behavior, like most social behavior, is learned and that it is learned in the process of social interaction." (Sykes & Matza, 1996, p. 206)

Apesar de primeiramente publicada em 1955, a linha de actuação definida nesta obra não deixa de fazer sentido ainda nos dias de hoje: não é pertinente procurar diferenças na psique ou no próprio corpo (posição correctiva a partir de uma norma definida a priori) mas, pelo contrário, será necessário privilegiar o modo como o comportamento toxicodpendente é aprendido e desenvolvido num processo de interacção social (ponto de vista apreciativo). (22)

1.6 - Dificuldades metodológicas

Trataremos aqui e unicamente das principais consequências metodológicas que o ponto de vista apreciativo implica na tarefa de investigação, até porque será esta a óptica que iremos adoptar no nosso trabalho. Ingold & Toussirt (1998b) consideram que a necessidade de compreender, de prevenir e de avaliar o programa de distribuição de

seringas, a propósito da prevenção do HIV, levantou diversas questões metodológicas na área da investigação das toxicodependências. Por se tratarem de populações escondidas, as "hidden populations" de Agar (cit in Ingold, Toussirt, Petit & Cobesque, 1991) são refractárias ao acesso via questionário; nos casos em que se conseguia utilizar esse método, a validade dos resultados era posta em causa. Os métodos de observação directa e mesmo de observação participante foram, assim, relançados (Manita, 1996): primeiro a propósito da investigação da propagação do vírus HIV e alargando-se depois à toxicodependência em geral.

Ora estes métodos são maioritariamente de natureza qualitativa, utilizando saberes e técnicas de áreas disciplinares díspares, não procurando o estabelecimento de leis universais. Romaní (1991), aliás, aconselha que a análise de conteúdo do material, recolhido em contexto etnográfico, reflecta a diversidade dos dados e, mesmo a sua contradição, quando esta ocorre, em vez de os tentar reduzir a uma improvável uniformidade. Mais do que as práticas, estuda-se o devir dessas práticas, os percursos assistenciais e desviantes dos sujeitos, na sua diversidade e contradição.⁽²³⁾

A metodologia quantitativa clássica está, pois, posta profundamente em causa. Mas note-se que não nos opomos ao seu uso: opomo-nos, isso sim, por considerarmos obsoleto, ao uso de métodos quantitativos clássicos com objectivos correctivos, normativos ou positivistas.

2. Investigações etnobiográficas

Daremos aqui conta de certas investigações que pela sua importância - histórica, teórica e metodológica - assumiram um papel de especial realce. Essas investigações procuram de uma maneira implícita ou mesmo explícita, contornar as dificuldades epistemológicas que anteriormente apontámos. Elas são, de modo genérico, abertas a contribuições dos mais variados campos disciplinares, ao ponto de os interligar conceptualmente: a metodologia das histórias de vida estaria sensível à dimensão social e psicológica das trajectórias individuais, por exemplo.

Antes, porém, de expormos o que pretendemos, detenhamo-nos um pouco sobre o conceito de etnobiografia. A palavra é compósita, subdivide-se na partícula etno, referente a povos, e a biografia. A vertente processual organiza a investigação temporalmente - as investigações biográficas interessam-se pelo estudo das trajectórias individuais, reflectindo sobre as consequências epistemológicas dessa preocupação. Esse interesse é originário da tradição de Chicago que combinava essa procura biográfica com a investigação em contextos naturais, em suma: fazendo etnografia.

É esta coexistência que o termo etnobiografia ilustra, referenciando, assim, uma diversidade de abordagens: as histórias de vida (Pineau & Le Grand, 1993 ; Legrand, 1993); as trajectórias assistenciais (Romaní, 1991; Pallarès 1995); as carreiras desviantes (Adler, 1993; Faupel, 1991; Becker, 1963); ou os estilos de vida (Grapendaal et al 1995).

"Na etnobiografia, o investigador tentara encontrar o ele, o campo exterior da personalidade, a envolvente do narrador num momento dado, quer dizer, aquele a quem atribuiu um valor pessoal (dando-lhe assim uma existência em si e fora de si)." (Poirier et al, 1995, p. 36)

Apesar deste historial a corrente biográfica ou, para ser mais abrangente a processual, tem vindo a explorar as possibilidades de outros settings. Por exemplo, para o setting das instituições assistenciais, temos os trabalhos de Macquet (1992) e para o alcoolismo, Legrand & Loicq (1991). As combinações de métodos quantitativos, utilizando questionários, com trabalho de terreno surgem com Grapendaal et al (1995); Romaní (1991) e também Ingold et al (1991) - este último estudo combina dados recolhidos em contexto naturalista com dados recolhidos em contexto prisional.

Após esta breve, nota vamos referir os antecedentes históricos destas abordagens etnobiográficas, para depois nos determos com mais vagar nas propostas dos autores que acabámos de citar.

2.1 - Antecedentes históricos

As abordagens propriamente biográficas, de carácter multidisciplinar, só recentemente se desenvolveram a partir dos trabalhos de Bertaux (Pineau & Le Grand, 1993). No entanto, a vertente longitudinal da visão etnográfica é muito anterior.

"C'est dans ce contexte allemand que se forment, entre autres, Albion Small (1854-1926), William Thomas (1863-1947), Robert Park (1864-1944), ceux qui sont parmi les pionniers non seulement de la sociologie américaine mais également de ce qui fut appelé l' 'Ecole de Chicago' et de l'usage des histoires de vie pour le second."
(Pineau & Le Grand, 1993, p. 40)

Sublinhemos dois pontos desta citação: primeiro, o papel que a intelectualidade alemã teve na formação destes pioneiros (preponderância que também é assinalada por Hammersley, 1989); segundo, a importância do uso das histórias de vida na investigação social. Thomas & Znaniecki, no famoso estudo sobre a emigração do campesinato polaco para os E. U. A., publicaram uma autobiografia de um emigrante polaco (Hannerz, 1986). Além de privilegiar o uso de diários, cartas e outro material pessoal, Thomas, o principal mentor deste estudo, interessava-se ainda pela "definição da situação" (op cit, p. 32) que o sujeito, sob estudo, realizava.

Park foi outros dos grandes vultos da Escola de Chicago. Oriundo da área do jornalismo - onde foi pioneiro da chamada reportagem de investigação - quando ingressou no departamento de sociologia da escola, advogou a importação de métodos de outras disciplinas para o estudo da cidade e dos fenómenos urbanos. Ingold & Toussirt (1998b) observaram que Park, ao aplicar métodos antropológicos às sociedades modernas, torna acessíveis à investigação grupos sociais bastante refractários ao uso de outros métodos.

Na esteira deste autor clássico, nomes como Anderson, com a obra *The Hobo* de 1923; Thrasher, com *The Gang* em 1927; e Shaw, com *The Jack Roller* de 1930, interessam-se por conhecer as regras de conduta e normas desviantes de determinados

meios e grupos sociais, nomeadamente, para estes dois últimos casos, a formação e desenvolvimento das dinâmicas dos gangs. A diferença dos dois estudos é ser o primeiro mais abrangente contemplando diversos subgrupos e as rivalidades entre eles; Shaw, pelo contrário, privilegiou o estudo de caso (biografia de caso único) de um membro de um determinado gang.

Também Cressey estudou a vida de dançarinas de aluguer que têm de "bailar para comer" (Hannerz, 1986, p. 63). O autor descreve com particular atenção o seu percurso muitas vezes descendente até serem consideradas 'raparigas fáceis', ninguém dançar com elas e acabarem em actividades de prostituição declarada. Esta 'queda em desgraça', uma estigmatização subcultural, por assim dizer, também se observará na toxicod dependência com o junkie (ver ponto 2.5 - Nexo droga-crime).

É de notar que, com o ressurgimento da etnografia em Chicago, nos finais da década de 60 início da de 70 - o que vulgarmente se denomina a 2ª Escola de Chicago - uma outra série de monografias viria a surgir pondo já completamente de parte o conceito de desorganização social que dominou a 1ª Escola. Procuram-se, abertamente, as regras dos mundo sociais em estudo: White, com *Street corner society* (1943), é o ponto fulcral dessa mudança, ao enfatizar as regras particulares dos gangs e da sociedade de zonas menos nobres de Chicago. Zourbaugh, pelo contrário, no seu estudo *The gold coast and the slum*, ainda atribuía à desorganização social a mobilidade social observada nessas zonas (Hannerz, 1986).

Foi ainda nesta altura que autores com preocupações mais teóricas, na área do que se chamou sociologia do trabalho publicaram as suas obras. Nomes como Goffman, Becker e A. Strauss irão permanecer como referências de vulto - são, aliás, diversas vezes citados ao longo deste trabalho. De um modo geral, as preocupações processuais mantiveram-se sempre presentes desde a origem desta tradição, constituindo-se como modelos clássicos a todo o estudo qualitativo que pretenda estudar a evolução de um determinado grupo social ou mesmo a realização de um estudo de caso.

No que diz respeito propriamente à toxicod dependência, Ingold & Toussirt (1998b) destacam nomes como Lindesmith que em 1947, realiza o primeiro estudo etnográfico com consumidores de heroína, procurando privilegiar a esfera epidemiológica; E. Preble que, em 60 e 70, estuda gangs de Nova Iorque, particularmente no Bronx e no Harlem, constituindo o seu trabalho uma primeira oposição aos modelos "psicologizantes"; finalmente, P. Hughes que, ao longo dos anos 60, procura articular programas de investigação epidemiológica, foi pioneiro da micro-epidemiologia, propondo a noção de modo de vida para a compreensão de certas atitudes e comportamentos por parte dos heroinómanos.

Também em França, ou no mundo francófono, se quisermos, Pineau & Le Grand (1993) notam um progressivo interesse na metodologia das histórias de vida a partir dos anos 70, com Bertaux. Aos motivos por eles apontados (descoberta do magnetofone; razões económicas; sócio-culturais, entre outras...) soma-se, por certo, a publicação de certos trabalhos fundamentais de que vamos aqui dar notícia: Preble & Casey (1969); Willis (1983) e Becker (1963). O primeiro autor tem uma visão mais geral do fenómeno (macro-social); o segundo privilegia a subcultura (micro-social); de Becker, apesar de ter estudado níveis mais abrangentes realçaremos aqui somente a noção de carreira desviante (que é micro-social mas também individual se a encararmos pelo prisma que Faupel, 1991, forjou) que serviu de ponto basilar a uma série de estudos que, de seguida, passaremos em revista.⁽²⁴⁾

Preble & Casey (1969) dedicaram-se ao estudo dos padrões de consumo e carreiras desviantes dos heroinómanos do slum nova-iorquino. Começam, no seu trabalho, por fazer uma perspectivacão histórica do uso da heroína naquela cidade americana. Sublinhemos que, nessa história, a heroína tem tendência a perder o seu prestígio social até se tornar um estigma; que as subculturas de consumidores tendem a perder a sua coesão social; que se estrutura um mercado de tráfico bem organizado que mantém os

consumidores sob pressão monetária (os autores constroem inclusive um organigrama com os vários níveis de tráfico).

É já neste contexto que os autores chegam a determinadas conclusões e constatações:

- o consumidor de heroína procura uma vida significativa em vez de utilizar a substância como um tubo de escape da realidade;
- a heroína é tão cara que o consumidor se vê forçado a participar numa carreira económica que absorve grande parte da sua existência (ou seja, cometem crimes de forma regular);
- existe uma especialização criminal baseada em competências e propensões individuais.

"Heroin use today by lower class, primarily minority group, persons does not provide for them an euphoric escape from psychological and social problems wich derive from ghetto life. On the contrary it provides a motivation and a rationale for the porsuit of a meaningfull life, albeit a social deviant one. The activities these individuals engage in and the relationships they have is the course of their quest for heroin are far more than the minimal analgesic and euphoric effects of the small amount of heroin available to them. If they can be said to be addicted, it is not much to heroin as to the entire career of heroin user." (Preble & Casey, 1969, p. 33)

A abordagem de natureza etnográfica com observação de campo e recolha de material em contexto naturalístico desenha aqui a multiplicidade eco-social de uma comunidade de consumidores. Apesar da perspectiva temporal ser aqui contemplada, quer ao nível histórico da cidade propriamente dita, quer no funcionamento da dinâmica das trocas no interior desse comunidade de consumidores, o nível individual fica por explorar (se bem que certas dimensões da motivação, por exemplo, estivessem patentes).

Também a Willis (1983) se poderá assacar crítica de semelhante teor. Ao contrário de Preble & Casey, Willis era britânico. Willis interessou-se pelas subculturas juvenis (25) dos hippies e dos "motorbikes boys". As drogas serviriam de mediadores de muitas experiências, entre as quais a relação com a música (op cit, p. 106). Nestes meios fala-se muito sobre drogas, nos vários tipos de drogas, numa subcultura que se forma, entre outras coisas, em oposição ao status quo social. Neste contexto:

"... the importance of drugs did not lie in their direct physical effects, but in the way they facilitated passing through a great symbolic barrier erected over against 'straight' society." (op cit, p. 107)

É a famosa tese do efeito placebo das drogas. Seguindo o mesmo autor, as drogas só transformam alguma coisa no corpo: a droga, no seu simbolismo, é que fornece a chave para a experiência. O sujeito pode passar a ver-se, em determinados casos, como uma variável determinada, diminuindo assim a responsabilidade dos seus actos e o sentimento de culpa.

O estar-se high, sob o efeito da droga, é visto como um estado de consciência superior ao normal da sociedade convencional. Gerando sentimentos de estar além das regras e circunstancialismos do mundo, vivendo-se o aqui e agora, suprime-se o tempo. A subcultura hippie apropriou-se da farmacologia: o haxixe forneceria o segredo da pedra, a chave de entrada para novas experiências; as anfetaminas e os barbitúricos ficavam de fora do mainstream, limitando-se a funções instrumentais p. e. manter-se acordado para terminar uma certa tarefa; os ácidos serviam para demonstrar que um determinado indivíduo era um verdadeiro head, pertencia realmente à subcultura, mas implicava um exercício de contenção para que o seu utilizador não passasse a ser considerado um acid freak; por fim, a heroína era um bilhete sem regresso para o estado head, o mundo das convenções ficava imediatamente para trás.

Willis (1983), apesar de cair num reducionismo forte, no sentido que lhe dá Atlan (1991), pois considera que o sócio-cultural determina o próprio efeito da droga, sem que se lhe reconheça explicitamente uma acção farmacológica específica não explora ainda a dimensão individual (se bem que forneça algumas pistas p. e. a contenção do uso dos ácidos). É, porém de extrema utilidade para ilustrar o modo como uma determinada subcultura poderá apropriar-se simbolicamente das substâncias para lhe reinventar sentidos e significados.

Becker (1963) é o autor que formula a teoria do labeling ou da etiquetagem social, pondo em causa perspectivas psicologizantes e as estritamente farmacológicas. A noção de carreira desviante implica a perspectivização longitudinal das motivações e vivências do

sujeito. Nem todas as 'causas' operam simultaneamente, os factores fazem depender as suas consequências do ponto da carreira desviante em que um determinado sujeito se encontra.

1ª etapa: um acto desviante, qualquer que seja, muitas vezes é cometido por uma pessoa que não tem especial intenção de o fazer. Frequentemente a ignorância da existência de uma regra faz com que o acto seja cometido sem intenção verdadeiramente desviante:

"Instead of asking why deviants want to do things that are disapproved of, we might ask why conventional people do not follow through on deviant impulses they have..." (op cit, p. 26)

O desenvolvimento normal "of people in our society can be seen as a series of progressively increasing commitments to conventional norms and intitutions" (op cit, p. 27). A carreira desviante não escaparia às mesmas regras se não houvesse o peso da etiqueta.

2ª etapa: o indivíduo desviante aprende na subcultura o seu calão e um número mínimo de competências sociais que lhe permitem manter o comportamento. No plano individual adquire-se um conjunto de técnicas de neutralização (Sykes & Matza, 1996) o que lhe permite lidar com a condenação moral que é imposta a esse comportamento. Observa-se aqui uma etapa crucial na estabilização da carreira: a da descoberta pública do comportamento desviante ou, se quisermos usar os conceitos de Becker, a etiquetagem social. A partir de então há uma mudança drástica na actividade pública do sujeito, ao mesmo tempo que este se vê excluído de certas esferas de socialização normativa por um processo de estigmatização (Goffman, 1988).

Em suma: "... the behavior is a consequence of the public reaction to the deviance rather than a consequence of the inherent qualities of the deviant act." (Becker, 1963, p. 37).

3ª e última etapa da carreira desviante: "the deviant behavior in time produces deviant motivation" (op cit, p. 42). O processo de identificação ao comportamento desviante muitas vezes desencadeia-se por ter havido uma perda de emprego que força a pessoa a exercer actividades ilegítimas e criminais - p. e. o homossexual perde o emprego

e passa a prostituir-se; o toxicodependente sem meios para manter o seu consumo que passa a traficante. O último passo da carreira constitui-se, precisamente, no ingresso do sujeito num grupo desviante organizado. Quando o sujeito se apercebe desse passo em si mesmo e o aceita está, finalmente, consumada a sua identificação a determinado papel desviante, com a reorganização conceptual de si mesmo que tal identificação implica.

Becker fará a aplicação deste modelo abstracto ao caso dos consumidores de marijuana. À boa maneira da Escola de Chicago, o autor possui afinidades pessoais com o mundo que estuda. O meio dos músicos de jazz, onde recolhe o seu material, é-lhe familiar, uma vez que também foi músico. As etapas propostas são decalcadas do modelo: principiante; consumidor ocasional e, por fim, o consumidor regular que alcança o famoso estado da marijuana.

Também aqui o consumidor necessita da aprendizagem de competências básicas - aprendizagem de técnicas de consumo, calão subcultural - e desenvolve técnicas de neutralização da moral dominante; até ser desviante por inteiro, estando constantemente sob a acção da droga.

Após esta sucinta resenha das raízes históricas das etnobiografias vamos passar em revista estudos mais actuais que, para o nosso projecto, têm a vantagem adicional de se centrarem sobre a heroína e se aproximarem mais do indivíduo propriamente dito. Note-se que Becker, pela sua própria formação científica, interessa-se mais pelos constrangimentos e dinâmica social do que pela esfera individual. Aliás, o porquê que leva um sujeito a aproximar-se de um comportamento desviante permanece por explicar na sua teoria.

Mesmo abordagens etnográficas mais recentes como a de Bourgois (1995) sobre o crack em Nova Iorque ou a de Pearson (1987) sobre o desemprego e padrões de consumo de heroína, esforçam-se por estudar os circunstancialismos sociais existentes em determinados grupos sociais que tornam, por assim dizer, certas opções biográficas de natureza desviante mais atractivas que outras. A escolha e a esfera individual propriamente ditas ficam, em nosso entender, por explorar (26).

2.2 -Wheeling and dealing

O trabalho de Adler (1993) é de natureza etnográfica, socorrendo-se da noção de carreira desviante já clássica na sociologia das desviâncias desde Becker. O principal foco de interesse deste trabalho prende-se com o facto de explorar outras subculturas da droga bem diferentes das tradicionais neste tipo de estudos: os dealers de nível superior.

Adler fez observação naturalista, com um informante privilegiado que a introduziu em determinados meios. Levantam-se e estudam-se as práticas habituais de tráfico, bem como formas de lazer e rotinas quotidianas dos indivíduos. As regras que regem as relações entre as pessoas destes meios também são objecto de atenção.

Assim, muito sumariamente, as actividades de tráfico dividem-se em duas grandes áreas: o "smuggling" e o "dealing" sendo que esta última se subdivide ainda em "straigh dealing" e "middling". A primeira grande área refere-se a actividades de contrabando que acontecem em operações bem montadas, envolvendo importantes meios logísticos e operacionais; deste modo grandes quantidades de droga são importadas para os E. U. A.. Por ser uma actividade de alto risco os "smugglers" vendem logo o seu material abrindo caminho à actividade do dealing propriamente dito. O "straigh dealing" refere-se à compra-venda de droga em que se faz o corte (a adulteração) do material, tornando a operação altamente lucrativa. No "midling" apenas há um transporte de material do fornecedor para o cliente, sem que haja adulteração do produto, sendo por isso reduzida a margem de lucro - as pessoas que se dedicam a este tipo de actividade não se comprometem excessivamente com o meio, discutindo inclusivé a sua margem de lucro com o comprador.⁽²⁷⁾

É o "straigh dealing" que estrutura a subcultura do tráfico, por ser altamente lucrativa, gerando ciclos de negócio mais ou menos previsíveis:

"The more successful dealers usually had the entire amount sold and paid for within a day or two. They then turned around and 'copped' (made a purchase) again immediately, repeating this cycle as often as three or four times a week." (op cit, p. 51)

Os dealers repetidamente fazem a compra, adulteram o produto e vendem-no num curto intervalo de tempo. As mais valias assim obtidas servem para a manutenção de

consumos elevados de heroína e cocaína, ajudam a manter um nível de vida elevado e, simultaneamente, a lidar com os riscos inerentes à actividade.

Muitas vezes esse ritmo de vida elevado inclui grandes viagens de férias ao sul do país, às vezes em curtos intervalos de tempo onde a actividade dos consumos é acompanhada pelo jogo. Se se ganha muito também se gasta muito e de forma bastante rápida. O equilíbrio é, pois, precário: o dealer pede material à consignação ("à consigna" no calão portuense) que depois tem que vender para ter forma de pagar aos fornecedores. Qualquer descuido nos gastos, o que sucede facilmente, pode deixá-lo a descoberto perante um fornecedor. O dealer pode cair rapidamente em descrédito. Os movimentos de retirada da actividade podem ser, assim, precipitados por uma má gestão individual dos recursos disponíveis.

No que diz respeito ao dealing, existe uma estruturação do mercado em níveis, ocupando os "smugglers" o mais elevado, já referido, ao dedicarem-se ao contrabando de drogas duras para o interior do país; temos depois os "wholesale dealers", que têm um grande sentido de interajuda e lealdade com os "smugglers", encarregando-se de realizar a primeira distribuição do produto; os "multikilo dealers" que frequentemente transportam as drogas de um local para outro, de modo a aumentarem os lucros, trabalham normalmente sozinhos e com várias substâncias simultaneamente. Ao longo da cadeia (de que só referimos os níveis superiores) os traficantes lidam com quantidades menores do produto, adulterando-o sempre que se desce um degrau na hierarquia.

O estilo de vida é o "fast life" adquirido após um período de aproximação e adaptação à subcultura, que se caracteriza pela abundância de dinheiro gerador de novas necessidades dispendiosas: vai-se aprendendo a gastar. Os consumos de droga especialmente a cocaína associada ao álcool ou marijuana - também aumentam de forma assinalável. A vida sexual também se rege pelo princípio do prazer imediato, observando-se a tendência para a dissolução dos laços conjugais. Ao nível da retirada da carreira, ela pode dar-se por impossibilidade física, perda de capacidade de controlar os consumos ou captura. Muitas vezes se observa que a retirada da actividade é feita ciclicamente com novas reentradas no mercado.

A particularidade deste estudo é o levantamento das dinâmicas subjacentes a carreiras do mundo das drogas não estudadas até então. Isto abre os horizontes das etnobiografias para além do tradicional contexto da subcultura junkie.

2.3 - Escola Catalã

Referimos com este termo, que poderá não ser muito rigoroso, uma série de estudos produzidos por autores da Catalunha, na linha das etnografias. Existe, nesses autores, a preocupação de estudar os percursos existenciais dos consumidores de droga. A recolha do material para análise recorre a metodologias etnográficas em que, através da ajuda de um informante privilegiado, temos acesso a outros informantes (28); socorre-se ainda de dados recolhidos em contextos mais clássicos como as instituições assistenciais.

Artiaga & Romaní (1985) tentam estudar o percurso de recuperação de vários toxicodependentes que conseguiram deixar a heroína. A duplicidade deste estudo biográfico é logo explicitada:

"El interés y la gracia de una narración biográfica es que explica una práctica humana que, por ser tal, es expresión y síntesis del sistema social tanto en su dimensión estructural como en la dinámica." (Artiaga & Romaní, 1985, p. 6)

A constituição da amostra está nos antípodas dos métodos quantitativos: utiliza-se as redes sociais para contactar indivíduos ou o contacto com os serviços de saúde através de uma pessoa com alguma ligação privilegiada. O objectivo é o de entrevistar os próprios actores dos comportamentos desviantes, interrogando-os em relação a diversos temas. Observamos, mais uma vez, que não existe uma hipótese claramente definida mas apenas o propósito de estudar o processo de recuperação com o intuito de "permanecer absolutamente abiertos, con él máximo de curiosidad científica, para ver qué encontraríamos en las vidas de los que habían dejado la heroína" (op cit, p. 23).

A tipologia achada neste estudo (dizemos achada porque se baseia nos dados recolhidos) é de natureza essencialmente social e depende da época histórica em que se insere o início dos consumos. Antes dos anos 70, temos o heroinómano de ideologia nuclear e o traficante pária. No primeiro observa-se a justificação e organização dos consumos no contexto de uma contracultura que por vezes inclui uma dimensão

filosófica; no segundo, as justificações estão ausentes, a droga é um elemento mais numa história de inadaptação social. Depois dos anos 70 temos o heroinómano adolescente conflituoso e o heroinómano filho do papá. No primeiro caso, estamos perante indivíduos infrassocializados em que se observou o fracasso das diversas instâncias socializadoras; no segundo, os indivíduos tiveram uma adolescência sem carências sociais nem frustrações quotidianas, observando-se uma busca de melhores experiências que servem de substrato a uma incipiente organização ideológica.

Nota-se uma mudança dos actores do mundo das drogas que decorre, simultaneamente, a modificações estruturais desse mesmo mundo: o tráfico condensa-se em certos locais; a polícia persegue os traficantes que vão conseguindo mais finas formas de organização. A emergência da figura do heroinómano infrassocializado - o junkie - nesse contexto é outro elemento a ter em conta.

Noutro trabalho, Romaní (1991) tentou estudar o papel que diversos recursos não institucionais, de várias origens, pode ter durante o processo de normalização e recuperação do consumidor. Simultaneamente, procurou fazer-se o levantamento das trajectórias dos toxicodependentes que passaram por distintas fases de um programa de recuperação. Romaní socorreu-se da técnica dos informantes privilegiados: as entrevistas eram semi-abertas, realizadas por entrevistadores especializados, os sujeitos eram escolhidos por contacto pessoal. O objectivo final seria o de confeccionar uma história de vida. Não existe hipótese formulada a priori, os dados são analisados em relação a uma série de categorias temáticas sobre as quais os sujeitos foram tecendo as suas posições pessoais. Essa análise tentará desvendar regularidades mas também não ocultando a diversidade inerente aos dados - as contradições deverão ser igualmente ilustradas (Romaní, 1991).

Pallarès (1995), com base na mesma amostra e no mesmo material que este último trabalho de Romaní utilizou, procurou estudar o percurso do junkie das zonas marginalizadas que se foram constituindo ao longo do tempo. Essas zonas funcionam como refúgio ou mesmo como atractores de variados toxicodependentes com problemas graves de inadaptação social. Também aqui se procura perspectivar o problema

temporalmente, tentando fazer-se o levantamento de pontos de viragem nessas trajectórias. A título de exemplo: o estabelecimento de uma relação regular com a heroína; a relação com a agulha; o papel da prisão e dos serviços sócio-sanitários; os factores que desencadearam a paragem dos consumos, caso se desse.

Este tipo de abordagens etnográficas, com a realização de entrevistas em contexto natural, não serve apenas à investigação científica mas também à intervenção. Romaní (1995) constata que:

"... parece que no llegan a esta asistencia (sócio sanitária) aquellos grupos que, precisamente, más la necesitan; es decir aquellos más degradados personal y socialmente, caldo de cultivo de enfermedades como la tuberculosis o el SIDA..." (Romaní, 1995, p. 38)

Para o estudo de Romaní (1995) o trabalho em campo, numa primeira fase, tratou de conhecer os hábitos e os ambientes de rua, bem como o conhecimento de indivíduos consumidores; numa segunda fase, fez-se a distribuição de folhetos informativos sobre cuidados de saúde pela equipa de heroinómanos colaboradores entretanto constituída.

Em termos de conhecimento, constatou-se a existência de dois grandes tipos de junkie: os que foram marginais toda a vida e aqueles que, oriundos de meios sociais mais normalizados, chegaram a um estado de indigência sócio-económica. Também se notou que:

"... una vez conseguido el contacto, la continuidad del mismo ya no se podía mantener con medidas 'técnicas' o puntuales (tipo folleto) sino que se proponían otras tendentes a aproximar el grupo a las redes sociales más normalizadas." (Romaní, 1995, p. 40)

Serve este estudo como exemplo da aplicação de dispositivos etnográficos num trabalho de rua com objectivo de redução de riscos. Conseguiu-se que um grupo de junkies passasse a ter cuidados de saúde.

A investigação combinou-se aqui com a intervenção.

2.4 - I. R. E. P.

(Institut de Recherche en Épidémiologie de la Pharmacodépendance)

Este instituto francês, dirigido por R. Ingold, tem desenvolvido abordagens inovadoras no âmbito de campanhas de redução de risco e de prevenção de infecção pelo vírus HIV e pelos da hepatite B e C. A reflexão metodológica efectuada tenta dar conta de insuficiências dos estudos quantitativos nestas áreas: a população toxicodependente é uma população escondida (Ingold & Toussirt, 1997; Ingold, Toussirt, Petit & Cobesque, 1991) e os hábitos de consumo ou sexuais são difíceis de conhecer realmente através de inquéritos.

Não se cai, contudo, num fundamentalismo qualitativo. A combinação metodológica, partindo do pressuposto que as metodologias quantitativas e qualitativas se complementam, é outro pressuposto essencial. Grosso modo, poderemos apontar que a metodologia não se constitui aqui como um a priori mas como uma fase da investigação que terá de articular-se com os objectivos do estudo:

"... l'adaptation systématique des méthodes utilisées aux objectifs spécifiques des études. Ce dernier point est essentiel. Il est trop habituel en effet de considérer les questions de méthode comme autant de contraintes imposées aux chercheurs, contraintes susceptibles de l'encourager à abandonner toute activité scientifique." (Ingold & Toussirt, 1998b)

O procedimento quantitativo, dominante na metodologia de investigação, é destronado do lugar que se confunde com o da própria ciência. Passa a existir a possibilidade de outras vias - a indutiva, p. e. Glaser & Strauss, 1967 - e de outros métodos que permitem a adaptação aos objectivos visados e à natureza do objecto que se pretende estudar. Não fazer este pensamento, este tipo de reflexão é que nos poderá guiar mais depressa a procedimentos não científicos.

É no trabalho de Ingold et al (1991) que se dá um panorama geral da actividade multimodal do I.R.E.P. Privilegiam-se dados recolhidos em contexto naturalístico e em contexto institucional implicando, em ambos os casos, pontos de partida diversos. Para o primeiro temos que:

"Le travail de terrain consiste à consolider et à développer une communication authentique avec les sujets (...) cet accès au terrain n'est jamais acquis de manière

définitive: il faut renégocier constamment sa présence sur le terrain." (Ingold et al, 1991, p.21)

No segundo caso:

"... lors d'un travail mené dans une institution, une double négociation est à l'oeuvre: 1. avec les responsables de l'institution; 2. avec les sujets..." (Ingold et al, 1991, p. 27)

A constituição de histórias de vida, integradas na abordagem etnográfica e mesmo institucional, permite a reconstrução das carreiras dos consumidores de drogas, de preferência ao longo de diversas sessões ou encontros. No contexto naturalístico dá-se preferência pelo contrário a questionários curtos e de passagem rápida, conforme aconselha P. Hughes (cit. in Ingold et al, 1991, p. 50).

A perspectiva longitudinal ou processual implica a desmontagem da toxicod dependência como um estado médico, para se falar em processo de dependência. Passa-se a relegar para segundo plano a vertente passiva inerente à toxicod dependência, vista como uma doença, para procurar pontos em que o sujeito é activo e gere a sua dependência.

O permanente contacto com o terreno por parte das equipas de rua e a articulação dos dados recolhidos por outras equipas, em diversas cidades francesas, permite a elaboração de estudos com relativa facilidade. (29)

Assim, Ingold & Toussirt (1997), a partir da vertente etnográfica, fazem um levantamento das práticas e atitudes dos consumidores de drogas em relação a diversos vírus comuns neste tipo de populações (nomeadamente o HIV, o vírus da hepatite B e C). Os dados retirados dificilmente seriam recolhidos por métodos quantitativos do tipo de questionários em contexto institucional. Muito sumariamente: descobriu-se que as campanhas de trocas de seringas diminuíram a partilha desse material, apesar de outros utensílios de preparação dos consumos continuarem a ser compartilhados e observar-se a reutilização de seringas pessoais. A nível das doenças, observou-se uma baixa da seroprevalência do HIV, ao contrário dos índices da Hepatite C, com a contaminação massiva dos utilizadores. No que diz respeito às atitudes, o HIV era visto como algo que

podia ser evitado, ao passo que a Hepatite C era encarada como algo natural e inerente ao próprio estatuto de consumidor. Uma nova campanha de sensibilização seria necessária.

Num outro trabalho, Ingold & Toussirt (1998a), estudaram os padrões de consumo de haxixe em França, comparando o consumo urbano numa cidade francesa de pequena dimensão (Créteil) com os padrões de consumo no meio rural. A dimensão histórica - que dá conta da evolução observada quanto ao tipo de comercialização e tipos de consumidores existentes - serve de contextualização à situação presente dos consumidores daquele tipo de droga. Uma das possibilidades é a construção de uma tipologia de figuras desta subcultura, que vai desde os consumidores irregulares aos mais regulares e conhecedores das diversas variantes do haxixe.

2.5 - Nexo droga-crime

A subcultura da droga-crime, numa pequena cidade norte americana foi objecto de estudo por parte de Faupel (1991). Inspirado nalguns clássicos da área como Preble & Casey (1969) e especialmente em Becker (1963), Faupel utiliza o conceito de carreira desviante. Metodologicamente, o autor tentou reconstituir os percursos desviantes de diversos consumidores e delinquentes, segundo grandes áreas de análise. O estudo, que foi financiado - pagava-se aos entrevistados 5 dólares por hora de entrevista - permitiu a realização de diversas sessões por sujeito. Vários profissionais de instituições de tratamento ajudaram a constituir a amostra.

No que diz respeito ao modo de condução da entrevista, o investigador abdicou, em parte, do controle dos temas em troca de efeitos positivos na motivação e cooperação do entrevistado. "The respondent is no longer a research subject but is an expert, a teacher." (Faupel, 1991, p. 17). A afirmação vem muito na linha das posições teóricas filiadas na tradição de Chicago, privilegiando ao máximo as atitudes e motivações do sujeito e do mundo que se pretende estudar. No entanto, essa alteridade que pressupõe o conceito de desviância é, de algum modo, amenizada pelo conceito de carreira:

"... the publicly labeled addict is forced to live a meager existence... But the critical feature of deviant careers is their lack of clear demarcation relative to most respectable careers." (Faupel, 1991, p. 26)

A mobilidade da carreira, a progressão e ascensão, a retirada são fenómenos comuns à normatividade e à desviância. Da mesma forma, a carreira configura uma série de obstáculos e etapas que devem ser geridos pelos sujeitos que nela ingressaram. Estamos perante o papel que a esfera subcultural poderá ter nos indivíduos: ela prefigura trajectórias que serão geridas ao nível do sujeito, mas que de alguma forma lhe preexistem.

Outro ponto de interesse neste estudo, é a observação da evolução das relações entre a droga e o crime ao longo da carreira desviante. No consumidor ocasional as duas esferas surgem de forma relativamente autónoma - o consumo e a prática de crimes não estão estruturados. O mesmo não se observa em relação ao consumidor regular: surpreendentemente é uma mais valia financeira, muitas vezes de origem criminal, que precede a escalada nos consumos. É nesse momento que se desenvolvem as especializações criminais ou quasi-criminais; os indivíduos frequentemente mantêm papéis normativos a par dessas actividades; há uma aculturação à subcultura; há uma estabilização dos consumos à medida que a actividade criminal se estrutura.

No "big sting", a "fezada" na gíria portuense, o indivíduo consegue um inesperado acesso a dinheiro ou droga - p. e. o dealer consome a droga que devia traficar, ficando em dívida para com os seus fornecedores; o assaltante de casas teve a "sorte" de ganhar muito dinheiro. Observa-se, então, uma grande escalada nos consumos, a par de uma momentânea retirada da actividade subcultural. A última figura, o junkie de rua, emerge a seguir ao "big sting" ou também no caso em que o consumidor regular não consegue coordenar já as suas rotinas: neste caso o consumidor não consegue ter dinheiro ou outras formas de alimentar o seu consumo e começa a socorrer-se de actividades criminais não estruturadas sendo, por isso, muitas vezes detido ou manipulado pela polícia. Este caso, o mais visível socialmente, seria o único em que, claramente, o consumo "causa" a actividade criminal.

É de notar que estas figuras podem-se suceder noutra ordem, conforme os recursos e as escolhas do sujeito. Metodologicamente, Faupel (1991) partilha com as outras abordagens aqui mencionadas: a tendência para privilegiar o que o sujeito diz e vê

do seu problema ou da sua actividade; o tratamento qualitativo dos dados recolhidos; uma atitude de não directividade na entrevista; uma leitura que conjuga os níveis individuais e sociais dos dados recolhidos, se bem que este último seja o mais trabalhado. No nível estritamente teórico é interessante a sua reflexão sobre a relação droga-crime em termos processuais. O nexos entre as duas esferas varia temporalmente no mesmo indivíduo, conforme o ponto da carreira desviante em que ele se encontre.⁽³⁰⁾

2.6 - Formas de vida

A formação teórica de Macquet provém da sociologia, interessando-se pelo conceito de identidade social na sua complexidade epistemológica. Kutty (1992) interroga-se bem sobre esse labirinto no comentário que tece sobre a obra que iremos agora seguir um pouco (Macquet, 1992).

"... comment comprendre que l'identité soit ce lieu où s'opère à travers une mystérieuse alchimie, la rencontre entre les conditionnements sociaux et le sens subjectif de l'acteur?" (Kutty, 1992, p. 5)

Na resenha teórica que o próprio Macquet (1992) realiza, a autor chama a atenção para a influência que Simmel exerceu na Escola de Chicago. Isto para contextualizar a utilização de um conceito desse autor, as formas de vida: "... la forme prise par l'association de divers individus et qui entretiennent les actions de reciprocité entre eux." (op cit, p. 15). A noção não se opõe ao conceito de estilo de vida de que falaremos em Grapendaal, Leuw & Nelen (1995) possuindo outras características que são, por assim dizer, estruturais. Dizemos estruturais porque, de início não visíveis, são elas que estão na génese das futuras trajectórias desviantes do indivíduo. A noção pressupõe diversas vertentes, a saber:

- pressupõe acções de reciprocidade "qui sont le ciment de la vie en société et au jour au jour" (Macquet, 1992, p. 15). Ora essa reciprocidade, que englobaria conteúdos psíquicos, emotivos e mesmo económicos, organizar-se-ia na prática, numa coerência funcional;

- pressupõe coerência funcional: cabe ao investigador descobrir uma certa estrutura ou forma subjacente aos diversos conteúdos da vida social do indivíduo;

- pressupõe um gradiente de individuação, pois cada forma de vida "...donne accès à un certain gradient de possibilité d'individuation" (op cit, p. 15-16) onde o quotidiano assume um papel central: há nele um substrato sociológico que condiciona a emergência da individualidade.

Assim, a noção de indivíduo é despojada da sua homogeneidade para desdobrar-se em quatro possibilidades: indivíduo como determinação objectal pelos outros; indivíduo como o actor de uma solidariedade que lhe é imposta; indivíduo que interage com os outros sob a égide da sua independência social; indivíduo atomizado/isolado no seu próprio plano pessoal.

Ao investigador cabe, a partir de dados recolhidos de modo qualitativo, organizar a informação, fazer o levantamento das formas de vida, de modo a poder compreender a construção de determinada individualidade. A leitura é, arriscamos dizê-lo, psico-social, apesar da configuração original das duas vertentes. O social fornece as possibilidades de individuação, ao investigador cumpre a tarefa contrária: partir do indivíduo e da sua história, procurando os seus circunstancialismos sociais.

Metodologicamente, no trabalho de 1991, Macquet recolhe os dados no setting de uma entrevista bem estruturada, organizando-os temporalmente de modo a construir monografias. O formato é, pois, o do estudo de caso em vez das histórias de vida cruzadas (ver Poirier et al 1995) em que as trajectórias individuais são agrupadas em regularidades. É de sublinhar a originalidade deste trabalho no contexto dos outros autores que aqui apresentamos: é o único a socorrer-se do estudo de casos isolados.

2.7 - Estilo de vida

O estudo de Grapendaal et al (1995) é uma réplica holandesa de um trabalho norte americano de Johnson et al (1985). Como vem sendo hábito neste tipo de estudos, os autores fazem uma reflexão teórica sobre as produções científicas na área da toxicodependência focando, nomeadamente, a importância da perspectiva ecológica, as teorias de labelling e da desviância primária e secundária. A noção de carreira desviante é,

do mesmo modo, realçada nas pontes em comum que tem com qualquer carreira normalizada:

"Finally, it is important to take the subjective, psychology side of the career concept into account. This is determined by the individual's interest in the social pattern of behavior and by the extent to which he is (emotionally) involved in it. In brief, this may be regarded as the degree to which a person derives identity from his career..." (Grapendaal et al, 1995, p. 35)

Neste particular, o toxicodependente vive uma carreira que lhe impõe obrigações, deveres e direitos, até regalias. A sua identidade pessoal emana, de uma forma mais ou menos intensa, da sua actividade social - como, de resto, acontece com todos nós.

A carreira do consumidor de heroína apresenta circunstancialismos diferentes dos existentes para os consumidores de outras substâncias:

"Contrary to junkies, in the course of their career of addiction, alcoholics are able to keep their worlds of bars and cafes on the one hand and work and family on the other separate for quite a long time. This allows them to avoid having their existence completely determined by their addiction." (Grapendaal et al, 1995, p. 38-39)

O estudo realizado procura, ao modo etnográfico das investigações de campo - com entrevistas estruturadas sempre que surja oportunidade e com a realização de diários de bordo pelos investigadores - conhecer as modificações que os programas de metadona possam ter no comportamento económico dos seus utilizadores (por comportamento económico entende-se a totalidade dos gastos e das entradas monetárias dos indivíduos que frequentam os programas). Foi possível, assim, aceder a uma série de estilos de vida.

O estudo desenrola-se na Holanda, mais concretamente na cidade de Amesterdão. A flexibilidade dos programas de tratamento permite uma solução diferente e muitas vezes intermédia entre a dicotomia cura/perda, típica dos acompanhamentos direccionados unicamente para o bom diagnóstico (preconizadores da abstinência total).

Em termos de carreira desviante, noção que anteriormente já descrevemos, os estádios finais oscilam entre o frequentador de programas de substituição e o "pill freak", em processo de deterioração psico-social e que modificaram um pouco os seus hábitos de consumos para os comprimidos. No que diz respeito à iniciação e desenvolvimento dessa carreira temos, para o primeiro, a descoberta em si do síndrome de privação como o

passo primordial para a adesão do sujeito à mitologia do "estar agarrado" (op cit, p. 61) e, para o segundo, a actividade criminal, a procura de status na subcultura, de integração num círculo social próprio que lhe fornece elementos para a construção da sua identidade individual.

O conceito de carreira desviante não esvazia as potencialidades conceptuais desta visão temporal das trajectórias dos toxicodependentes:

"The development of a career in drugs only partly wipes out the differences in life-style prior to an addict's first use of opiates. For a large majority of dope user, crime is simply part of being addict at a certain stage in their career." (op cit, p. 78)

A história individual de socialização tem a sua importância para nos apercebermos das trajectórias desviantes em causa, como vimos no ponto anterior. Também o conceito de estilo de vida dá conta de padrões comportamentais e quotidianos diversos durante o próprio curso da carreira desviante, refere-se a um certo colorido individual que se opõe à tendência normalizadora que a noção de carreira desviante pressupõe. Assim, descobriu-se, tendo por base a actividade económica dos consumidores, a seguinte tipologia:

- consumidor normalizado ("normalized user" - op cit, p. 124) que usa a metadona com as funções que ela teve originalmente - não consome heroína, consome pouca cocaína ou comprimidos, não havendo quanto a idade, sexo, duração da carreira ou nível sócio-económico, nenhuma característica especial. Os seus rendimentos provêm, na sua maioria, de actividade ilegais;

- traficante consumidor ("dealing user" - op cit, p. 125): os seus rendimentos provêm de actividades no mercado das drogas; consome grandes quantidade de heroína e cocaína, assim como uma elevada percentagem de comprimidos; não se inscreveu em nenhum programa de metadona mas compra-a, por vezes, no mercado ilícito;

- consumidor criminoso ("criminal user" - op cit p. 125): os rendimentos são originários maioritariamente de crimes de natureza aquisitiva; o seu padrão de consumo inclui a heroína, cocaína, fármacos de diversos tipos e álcool. Inscreveu-se no programa de substituição, tendo a metadona para ele um significado diametralmente oposto aos propósitos oficiais: é uma forma barata e acessível de obter droga.

O debate e as conclusões deste estudo centram-se ao nível social e mesmo político: quais as vantagens de manter um programa de substituição de baixo limiar? qual o impacto da política de apoio social na vida dos consumidores?

Não nos alongaremos mais, realçámos já os instrumentos conceptuais que achámos importantes. Deixaremos a reflexão sobre a globalidade dos estudos apresentados até aqui para o ponto seguinte.

3. Que ciência?

Os estudos até agora apresentados sobre o provisório título de etnobiografias resultam de intrincadas combinações disciplinares: coexistem práticas semelhantes em antropólogos, psicólogos, etnógrafos. Temos um sociólogo, como Macquet, a interessar-se pelo estudo de monografias individuais; temos um psicólogo, como Grapendaal, numa equipa interdisciplinar constituída por criminologistas e advogados, interessando-se pelos comportamentos económicos dos consumidores.

Há em comum a perspectivização da história do consumidor ao longo de um eixo temporal que se interessa por coordenar a esfera individual da recolha de dados com outros níveis de abrangência superior - o comunitário, o social e nalguns casos, mesmo o político. Mas que prática científica é esta? que ciência é esta? Para desenvolvermos esta linha reflexiva utilizaremos a corrente das histórias de vida, corrente teórico-metodológica de tradição maioritariamente francófona. (31)

As histórias de vida, contudo, não nos afastam dessa profusão disciplinar, antes a complexificam sob o signo do psico-social. Além da aplicação da metodologia em contexto etnográfico, temos a aplicação da metodologia em contexto de formação profissional com Vassilef (1995); da intervenção psicológica com Legrand (1993). As investigações biográficas são ainda usadas como método de investigação sociológica e mesmo antropológica com Ferraroti (1983). Existem possibilidades de evoluir para uma autonomia própria:

"F. Ferraroti à la suite de J.-P. Sartre et de L. Sève, défend l'autonomie de l'histoire de vie comme science de production de l'homme concret." (Pineau & Le Grand, 1993, p. 56)

Aliás, foi em Ferraroti que obtivemos uma visão globalizante sobre esta linha e sobre o esforço interdisciplinar que ela implica. Esta complexidade principia logo no objecto de estudo:

"... toute pratique individuelle humaine est une activité synthétique, une totalisation active de tout le contexte social. Une vie est une pratique qui s'approprie des rapports sociaux (les structures sociales) les intériorise et les retransforme en structures psychologiques par son activité de déstructuration-restructuration." (Ferraroti, 1983, p. 50 - sublinhado pelo autor)

Tal formulação dilui a clareza da distinção entre o social e o individual: o indivíduo que fala é uma síntese psicológica das suas condicionantes sociais. Aqui se cumprem as observações que fizemos sobre o estado actual da ciência, no que se refere à complexidade do objecto de estudo (Parte A, Capítulo I).

O mesmo autor tira, contudo, mais ilações desta constatação: contraria a primazia da relação sujeito- objecto em termos bipolares, em favor de uma investigação participação. O sujeito produtor de ciência não está, doravante, isolado do que estuda: investigar implica transformar, participar e essa participação deve ser pensada. O estatuto da relação sujeito objecto passa a ser de paridade (Ferraroti, 1983, p. 85-85).

A complexidade reconhecida ao objecto de estudo é acompanhada ao nível metodológico: Poirier et al (1995) chama a atenção para a possibilidade de realização de histórias de vida de modo directo - entrevistas com os próprios sujeitos - de modo indirecto - através de documentos ou de entrevistas a pessoas que conhecem a realidade que se pretende conhecer; as biografias podem ainda ser generalistas ou temáticas - p. e. história de vida cingida ao tema da toxicodependência; existe também a alternativa da história de vida única ou histórias de vida cruzadas ou acumuladas.

Esta última metodologia abre passo a nova reflexão:

"...nenhum inquérito teve como projecto dar conta da existência multiforme e polifónica de um objecto de estudo - aldeia, bairro urbano, fábrica etc - através da comparação sistemática e metodologicamente pertinente das informações obtidas." (Poirier, 1995, p. 39)

A racionalidade científica que subjaz a tal projecto não poderá ser positivista e rigorosa, antes maleável e complacente com as contradições da realidade. Poderemos então rever as lições de Romaní (1991) quando defende que a análise de conteúdo das

histórias de vida deverá pôr em evidência regularidades sem, contudo, marginalizar vivências que se lhe oponham. Sendo assim, a demarcação científica não se propõe descobrir a realidade mas as realidades, com todas as consequências epistemológicas que isso implica e que cremos já ter reflectido anteriormente.

Terminaremos esta breve interrogação em aberto. Não encontramos resposta definitiva, nem sabemos se estas investigações da toxicodependência utilizam um conjunto de metodologias que se encaminhem para uma autonomia disciplinar. Estamos certos, porém, da necessidade do diálogo interdisciplinar:

"Elle appelle (uma Psicologia Biográfica aberta) d'abord l'ouverture de la clôture qui maintient malencontreusement séparées psychologie et sociologie, elle appelle un branchement sur le social, en vue de rencontrer ce qui, de l'individu, ne cesse d'être tramé par celui-ci. Assez curieusement, le psychologue que nous sommes prendra le risque de se faire socio-analyste." (Legrand, 1993, p. 13)

O psicólogo que aqui se interroga, interroga também uma pesada herança de divisões disciplinares da realidade, iniciada nos finais do século XIX, de que não sabemos ainda o devir. Apenas possuiremos a incerteza no que fazemos - mas, como Santos (1989) aconselha, exerceremos também nós essa incerteza em vez dela padecermos...

Capítulo III - Vivências de si na toxicod dependência: problematização

A tradição teórica que perfilhamos, e que demos conta até agora, aconselha-nos desde logo a inverter a interrogação que ao longo do século XX se tem colocado à toxicod dependência e aos toxicod dependentes: não procuraremos a alteridade mas a semelhança. Não procuraremos, então, descobrir factores etiogénicos, epidemiológicos ou traçarmos as diferenças dos consumidores em relação a uma determinada norma - antes nos interessará saber o modo como os toxicod dependentes gerem a dinâmica subjacente à sua vida de consumidores, o que é que consideram factores de auto-controle e descontrolo.

1 - Problematização: a vivência das escolhas individuais

Fernandes (1998b), chama a atenção para o facto da clínica poder introduzir um certo enviezamento da realidade que estuda: privilegia o sofrimento e a diferença patológica. Mas será essa a única interrogação possível nesse contexto? Estamos em crer que não - aliás já Macquet (1992); Legrand & Loicq (1991); Ingold et al (1991) são exemplos disso.

É possível adoptar certas posturas epistemológicas e até metodológicas da Escola de Chicago no trabalho institucional que pretendemos realizar. Tal objectivo cindirá à partida a unicidade da realidade clínica. Pondo os sujeitos a falar de si e dos seus interesses de uma outra maneira, pretendemos adoptar o ponto de vista apreciativo (Matza, 1981) que se centra no ponto de vista do sujeito desviante. Em vez de privilegiarmos o sofrimento, tentaremos realçar a gestão da dependência, tal como fizeram Ingold et al (1991).

A experiência da vida de consumidor será, então, a principal problematização a desvelar neste projecto. Tentaremos não forçar a realidade a qualquer esquema teórico preexistente: nós não sabemos, a priori, o que é essa experiência para ir medi-la com exactidão. Necessitaremos de conceber um projecto que parta principalmente dos dados recolhidos para produzir as suas ilações.⁽³²⁾

Este fito será indispensável à superação da fase de redução ontológica defendida por Agra (1995) como imprescindível à elaboração de uma investigação. O nosso objecto de estudo, uma certa vivência subjectiva da toxicoddependência, será despojado de tudo o que sabemos ou julgamos saber sobre o fenómeno. Não utilizaremos um instrumento de recolha de dados que pretenda medir uma determinada dimensão psicológica que achamos pertinente (p. e. a utilização de questionários de quantificação da depressão, ansiedade ou auto-conceito...) Necessitaremos, como vimos, de um procedimento que não aponha um determinado constructo à realidade, mas que permita a construção de teoria a partir de dados recolhidos de modo temático, é certo, mas que também não perca o contexto geral que é a vida do sujeito que pretendemos estudar.

Enfrentamos aqui numa das críticas mais apontadas à Psicologia: a da perda do indivíduo (Legrand, 1993). Este autor defende a criação de um dispositivo que estaria sempre perto do seu objecto. Aliás, a perspectiva biográfica abre-se ao drama humano da vida ou, na formulação de Politzer (cit in Legrand, 1993) da gramática da existência. Ora se a gramática, ensina-nos o Dicionário Enciclopédico de Língua Portuguesa, estuda o sistema de regras da língua, a gramática da existência procurará estudar as regras e os encadeamentos da própria vida humana. Poderemos, pois, pretender descrever a gramática desviante de uma certa população toxicopedendente.

Trata-se de procurar conhecer o drama e as escolhas biográficas que a toxicoddependência e o social impõem ao sujeito (veja-se , p. e. Bourgois, 1995) - quais as escolhas, as problematizações, os estados reflexivos que o sujeito alcança na sua carreira de consumidor.

Nota-se que, no ponto anterior (Capítulo II - 2), as investigações etnobiográficas referidas são, grosso modo, de pendor qualitativo, opondo-se a uma certa visão positivista da investigação que considera os dados recolhidos como absolutos e as hipóteses anteriormente formuladas com grande precisão, confirmadas ou falsificadas por esses dados.⁽³³⁾

As investigações de pendor qualitativo de Adler, do I.R.E.P. e as que chamámos Escola Catalã, não formulam hipóteses específicas que sejam submetidas à prova do real.

O problema é visto genericamente, arriscando-nos nós a dizer, que a formulação do problema se confunde mesmo com a grelha forjada para a análise de conteúdo do material recolhido.

Assim, temos p. e. Romaní (1991) a interessar-se pelo papel desempenhado pelos circuitos informais nos processos de reinserção social dos toxicodependentes; Artiaga & Romaní (1985) a estudarem os itinerários e estado que alcançam os consumidores que conseguem deixar a heroína; Ingold & Toussirt (1997) a estudar as atitudes e as práticas dos utilizadores de drogas face aos riscos de infecção por variadas doenças. Em nenhum destes exemplos vimos uma hipótese formulada a priori mas antes áreas de interesse e exploração. Observemos este exemplo:

"Si de alguna manera, un ex-heroinómano ya no vuelve a ser nunca el sujeto que era, una parte importante de la investigación debería centrarse en el desarrollo de la experiencia personal entre el principio del consumo y la recuperación definitiva. Si el sujeto recuperado vive, en parte, condicionado por su historia heroinómana habrá que conocer su vida con el caballo y cómo habría procedido a recolocar ese conjunto de experiencias biográficas." (Artiaga & Romaní, 1985, p. 14)

Os autores interessam-se por conhecer uma determinada dimensão biográfica sem, contudo, pretender apor-lhe com antecedência alguma qualidade ou propriedade. Nós faremos o mesmo procurando desvendar através da história de vida temática - ou seja, centrando-nos sobre a vida de consumidor - e ainda cruzada ou acumulada, procurando realçar possíveis regularidades biográficas em diversos indivíduos mas também discrepâncias e contradições.

2 - Breve justificação sobre o título

Vivências de si na toxicodependência remete-nos para a ideia do puro eu:

"On a redécouvert en fait, comme une absolue novation, ce qui était déjà une vieille intuition aristotélicienne l'être vivant - et dès lors chacun d'entre nous en tant que vivant - est une être autonome, qui se meut par lui-même, il est une être *pour soi*." (Legrand, 1993, p. 27)

A ideia de que todo o ser humano pode ser um fim para si mesmo, pode ter uma organização teleológica, é já antiga. Aliás, já Mead o tinha afirmado por outras palavras,

com importantes consequências teóricas na sociologia das desviâncias desde o início do século XX:

"Al afirmar que posee un 'si mismo' Mead quiso decir simplemente que la persona es un objeto para si mesma. Puede perceberse, tener conceptos, actuar y comunicar consigo misma. De este tipo de comportamiento se desprende que el individuo puede convertirse en el objeto de su propia acción." (Blumer, 1982, p. 46)

A vivência de si na toxicodependência refere-se, pois, a este denominador comum da nossa espécie. Remete ainda à obra de Foucault (1986b) intitulada *O cuidado de si*, onde este autor pretende dar conta da problematização ética que o cidadão da Grécia antiga impunha a si próprio no que diz respeito a uma série de práticas sexuais. Tal preocupação consubstancializa-se numa arte da existência (Foucault, 1986b) organizada sob a preocupação geral de ser "preciso ter cuidados consigo" (op cit, p. 49). Assim, a vivência de si de que nos iremos ocupar pretende englobar as dimensões próprias dos toxicodependentes, dos cuidados de si mas também os momentos de "anomia pessoal", permitam-nos a expressão, ou ainda, e utilizando um termo de Foucault que explicitaremos mais adiante, de incontinência e, na sua tradução existencial, a intemperança.

É necessário fragmentar a nossa imagem de indivíduo - Ricoeur (1987) sintetiza bem os vários níveis de individuação:

"Em primeiro lugar, indivíduo édito; em seguida um locutor diz que; finalmente, um sujeito responsável diz-se. Segunda pressuposição: em cada um dos estádios que vamos percorrer - individualização, identificação, imputação - progride e perfila-se com exactidão uma notável correlação, a saber entre si mesmo e outrem. Há, evidentemente, o 'outro' desde o início; mas será apenas no decurso do nosso desenvolvimento que esse 'outro' se tornará um 'outrem', à medida que o indivíduo se tornar um *ipse*."

(Ricoeur, 1987, p. 67)

O dispositivo analítico que iremos utilizar, como veremos adiante, poderá dar conta desses vários níveis, abrindo-se à complexidade que a vivência da toxicodependência certamente encerra.

PARTE B

**MONTAGEM DO DISPOSITIVO
DE INVESTIGAÇÃO**

PARTE B - MONTAGEM DO DISPOSITIVO DE INVESTIGAÇÃO

Numa abordagem qualitativa o dispositivo de investigação envolve uma reflexão dupla sobre os dois momentos que na investigação positivista normalmente se dão por adquiridos, são eles: o modo de recolha dos dados e o seu tratamento. O questionário quantificável resolve a situação sem que o questionemos: a passagem do questionário desenrola-se normalmente sem problemas de maior e o seu tratamento é uma tarefa estatística de maior ou menor complexidade. Aqui não poderemos fazer o mesmo. (34)

Temos, então, o Capítulo I consagrado a resolver **Escolhas metodológicas** quer ao nível de **1 - Recolha de dados em contexto institucional**; quer ao nível da postura **2 - Tipo de entrevista** a privilegiar; quer, para terminar, os moldes de **3 - Construção do guião**. Cumpriremos, assim, o nosso primeiro pólo de preocupação: o de pensar e fundamentar o modo de recolha dos dados.

Em relação ao **Capítulo II - Tratamento dos dados** o nosso propósito será desdobrado em **1 - Análise de conteúdo**, onde reflectiremos no modo como se fará o primeiro tratamento dos dados recolhidos; **2 - Dispositivo analítico de Foucault**, que será a nossa grelha de leitura dos dados já agrupados em temas; **3 - Contextualização teórica**, em que faremos uma breve resenha da importância que as obras de Foucault têm vindo a assumir como instrumentos de análise qualitativa nas ciências sociais.

Apenas uma breve nota: este desdobramento das nossas posições teóricas e da nossa problematização, também ela teórica, antecede a parte prática da investigação mas, muitas vezes, é-lhe simultânea e será inclusive posterior. Não fosse a análise qualitativa uma demarche interactiva entre o campo onde se recolhem os dados e a teoria.

Capítulo I - Escolhas metodológicas

Destinaremos este capítulo a uma breve fundamentação do modo como os dados serão recolhidos. Para tal, procederemos a uma sucinta reflexão sobre o contexto dessa recolha; o tipo de postura que tentaremos adoptar nas entrevistas; e, finalmente, num último ponto, daremos conta do modo como se construiu o guião para as entrevistas e o que pretendemos com ele. Estará assim fundamentada a construção do nosso dispositivo de recolha dos dados.

1 - Recolha de dados em contexto institucional

Silverman (1993) considera indispensáveis para a condução de uma investigação o uso de vários tipos de sensibilidades: a histórica, a cultural, a política e a contextual. Tal uso não terá de ser extensivo a todas estas sensibilidades, usadas de modo simultâneo:

"However, if we are not sensitive to any of these issues, then we run the danger of lapsing into a 'social problem'- based way of defining our research topics." (p. 8)

Explicitando os tipos de sensibilidades referidos teremos, para a histórica, o cuidado de não tomar por absoluta a realidade que observamos; adoptaremos a cultural, uma vez que esta procura obrigar à compreensão de dinâmicas culturais diferentes daquelas em que o investigador estará habituado a viver; a política de algum modo fornecer-nos-á um enquadramento a certas infiltrações ideológicas; a contextual porque possibilitará a interpretação dos dados de acordo com o setting em que são recolhidos.

A tradição em que nos increvemos preocupa-se, pois, em articular a teoria produzida com o modo como o sujeito problematiza a sua situação e, como consequência desta preocupação, desmonta o objecto de estudo, distanciando-se da formulação problema-social-a-combater, imbuída em estereótipos, para a redefinir mais além - a partir da compreensão íntima do mundo desviante em estudo. (35)

Um segundo problema levanta-se agora: como conciliar certos pressupostos teóricos oriundos da etnografia com uma investigação que, longe de pretender sair para o campo, deseja observar, a partir desse substrato epistemológico, o que os sujeitos dizem de si próprios em contexto institucional? Há antecedentes de outras investigações que se

inscrevem na linha das histórias de vida (metodologia explanada por Poirier & Clapier-Valladon, 1995; Ferraroti, 1983) em que, a partir de uma série de entrevistas, no caso das histórias de vida cruzadas, se poderá reconstruir o percurso do sujeito em questão procurando encontrar-se certas regularidades. Conhecemos igualmente aplicações deste método, que é versátil, na área das toxicodependências (Matos & Agra, 1996; Pallarès, 1995; Faupel, 1991; Ingold *et al*, 1991; Romaní & Artiaga, 1985) o que protege de algum modo os nossos propósitos, nomeadamente no que diz respeito à aplicação deste tipo de metodologias em contextos institucionais. Defender-nos-emos também de outro modo:

"... the opposition between artificial and naturally occurring data is a red herring. Neither kind of data is intrinsically better than the other; everything depends on the method of analysis." (Silverman, 1993, p. 106)

A recolha de dados não induzidos, característica da etnografia não é, pois, intrinsecamente melhor ou pior do que a provocada em entrevistas institucionais ou de outro tipo. Após esta pequena fundamentação da pertinência epistemológica dos dados recolhidos em entrevista, façamos um breve percurso sobre o que ela deve ser para obedecer aos requisitos teóricos que atrás reclamámos. (36)

2 - Tipo de entrevista

Vários autores advogam uma posição mais humanista da entrevista, distanciando-se de uma visão mecanicista que vê no sujeito o depositário da informação a ser extraída (Baker, 1997; Hagan, 1986). Também Holdstein & Gubrium (1997) rejeitam o "vessel of answers model" (p. 113) em nome de uma aproximação mais criativa da entrevista, ao mesmo tempo que sugerem que a implicação do sujeito entrevistado numa reflexão sobre si poderá fornecer dados diferentes dos recolhidos em contexto natural.

Sratton (1997), numa posição epistemológica bastante avançada, defende que o observador/entrevistador influencia o que observa, tendo isto de ser levado em conta na interpretação dos dados - o que seria uma aproximação epistemológica interessante das ciências sociais à física moderna. (37) Nos últimos anos e, de uma maneira geral, sucedeu uma efervescência dos métodos qualitativos em psicologia, quer através da importação de métodos oriundos da sociologia como a *Grounded Theory* (Pidgeon & Henwood, 1997);

quer adoptando posturas fenomenológicas (Giorgi, 1986); quer criticando epistemologicamente o estado da ciência:

"Whilst in physics research of a qualitative nature goes on, most of the research in social science does not seem to get beyond a Newtonian phase, in which the method more or less determines the questions asked and the themes of investigation are limited to phenomena which lend themselves to a quantitative method of research." (Konnig, 1986, p. viii)

A entrevista, é nosso crer, revela-se um meio útil na superação deste atavismo epistemológico, a partir do momento em que deixe de ser definida com base em pressupostos positivistas:

"... such principles, derived from construing interviewing as an objective eliciting device, are not tenable and introduce gross distortions in the interview itself - the only thing they are meant to overcome in the pursuit of unbiased data." (Hagan, 1986, p. 332)

A autora que citamos, alinhando numa posição fenomenológica, defende a entrevista como o modo de eleição para se aceder ao mundo do sujeito entrevistado. Ora tal só poderá ser realmente atingido quando se consegue a seguinte situação:

"The interview situation then requires the respondent to see herself as an object worthy of study, who holds opinions and views on (in this case) motherhood, which she is only too willing to divulge." (Hagan, 1986, p. 340)

Conseguir essa empatia pressupõe, pois, uma posição de não julgamento e de certa aproximação com o mundo do entrevistado e com ele próprio que, não dispensando o dispositivo analítico para o tratamento dos dados, não coloca o inquiridor no ponto central da entrevista à qual tudo se deveria submeter (como tem vindo a ser constatado em abordagens de pendor positivista). O empenhamento pessoal do próprio investigador assume uma nova importância:

"This center lies in the humanistic commitment of the qualitative researcher to study the world always from the perspective of the individual." (Lincoln & Denzin cit in Silverman, 1997, p. 247)

Este empreendimento chama-nos a atenção para o facto que só privilegiando a relação e a empatia com o entrevistado é que se poderá obter a sua cooperação plena. Todos os participantes devem estar bem cientes dos objectivos do estudo em que são colaboradores, a questão da confidencialidade dos dados deve estar bem esclarecida e

assegurada. O consentimento para a gravação da entrevista é condição sine qua non para o fazer. Sublinhamos também a total liberdade de interromper a gravação sempre que o colaborador ache necessário, ou não se sinta à vontade com o registo de determinado tema da entrevista. (38)

3. Construção do guião

A construção do guião permite-nos a objectivização do problema Vivências de si na toxicodependência anteriormente abordado em termos teóricos. Vimos já que as vivências de si implicam duas posições:

- uma primeira, será a de reconhecer no informante que é entrevistado um sujeito que é possuidor de uma paridade epistemológica em relação ao investigador, interessando-nos, por isso, o modo como o sujeito encara a realidade em que vive;

- uma segunda, será a perspectiva longitudinal, o que implica o estudo das escolhas e atitudes que os diversos consumidores vão fazendo ao longo da sua carreira, no desenvolvimento do seu percurso enquanto toxicodependentes.

A primeira ilação reflecte-se já no tipo de entrevista a adoptar mas também nas adaptações que se poderão fazer no próprio guião à medida que a recolha de dados se for realizando. A entrevista é semi-estruturada; o grau de importância do guião vai flutuando conforme o curso da sessão de recolha de dados. A título de exemplo, descobriu-se numa sessão um relato sobre a modificação das práticas de consumo de heroína via endovenosa; sentiu-se a necessidade de verificar essa mudança noutras sessões.

Quanto à segunda ilação poder-nos-emos socorrer das noções de carreira desviante e de estilo de vida, nomeadamente no desdobramento pragmático que autores como Artiaga & Romani (1985); Pallarès (1995); Grapendaal et al (1995); Faupel (1991) e Fernandes & Agra (1991) fizeram desses conceitos. A preocupação aqui será a de construir um guião que seja sensível a essa evolução, a essa dimensão temporal.

Sendo assim, prestamos especial atenção ao modo como o sujeito desenvolve a sua relação com as diversas substâncias: contacto ocasional, consumo irregular, consumo regular, bem como períodos eventuais de consumo desmesurado. Do mesmo modo

relevamos: os motivos ou razões que os sujeitos invocam para justificar o seu grau de envolvimento com uma dada substância; as características atribuídas a cada uma; os contextos de consumo e evolução desses contextos ao longo da carreira de consumidor; a aprendizagem e evolução das técnicas de consumo utilizadas e não utilizadas; por último, a capacidade que o sujeito teve ou tem de gerir a sua imagem em certas esferas socializadoras como a escola, o trabalho, a família.

Também nos interessa analisar o papel que as instâncias normalizadoras, quer jurídico penais quer sócio-sanitárias, tiveram na trajectória do indivíduo. Uma outra área de gestão será o que Ingold et al (1991) denominaram gestão da dependência: quais os recursos que o sujeito lança mão e quais os que considera inadmissíveis - tráfico, roubo prostituição, pequenos subterfúgios no mercado das drogas, arrumador de carros, entre outros. ⁽³⁹⁾ Quais as problematizações que os sujeitos desenvolvem nestas áreas?

Interessa-nos o saber das drogas que os indivíduos possuem e qual é o uso que fazem deles em si. Sempre que possível tentaremos suscitar a reflexão do sujeito sobre si mesmo: o uso do saber das drogas em si; quais os motivos e os objectivos deste ou daquele uso; qual o estado ou os estados que se alcançam.

O guião foi então construído partindo destas preocupações e consultando guiões de outros estudos semelhantes - remetemos o leitor para a consulta dos Anexos 1 e 3.

Capítulo II - Tratamento dos dados

Neste capítulo faremos uma breve perspectivação do percurso de tratamento dos dados recolhidos. Finda a construção de tal percurso, estaremos, então, preparados para a apresentação dos resultados da análise de conteúdo e para a sua posterior confrontação com o dispositivo analítico de Foucault.

1 - Análise de conteúdo

É entender de Roberts (1983) que a tradição positivista, centrando-se demasiado sobre técnicas, pode afastar o investigador do seu objecto de estudo. Também Butters (1983) aponta a necessidade de proximidade do investigador em relação à subcultura que pretende estudar.

Estas posições levantam uma série de questões que importa meditar, nomeadamente no que diz respeito ao binómio objectividade-subjectividade:

"Não se trata aqui de se ser objectivo por meio da depuração das medidas e por acordo intersubjectivo, trata-se sobretudo de se ser objectivo pelo reconhecimento da subjectividade e pela objectivação dessa mesma subjectividade."
(Van Der Maren cit in Herbert, Goyete & Boutin, 1994, p. 67)

Kirk & Miller (1985) tentaram reflectir sobre o problema da objectividade - aqui entendida pela capacidade que uma dada teoria possa ter de confrontar-se com os outros conhecimentos e com o mundo empírico - através de dois conceitos: a fidelidade e a validade.

A fidelidade acontece quando há persistência de um procedimento de medida em obter uma mesma resposta. É o principal foco de preocupação, de toda a técnica dos questionários; a análise de conteúdo também tenta satisfazer esta preocupação como veremos adiante.

Mas, se resolvido o problema da fidelidade, o percurso não está terminado, com a validade estuda-se a capacidade que um dado procedimento possui de desencadear uma resposta correcta (isto é, se a resposta obtida tem realmente a ver com o que pretendemos estudar).

Numa palavra: teremos a preocupação que o procedimento desencadeie a mesma resposta independentemente de circunstancialismos (fidelidade) mas também não escaparemos ao cuidado de controlar se os dados que obtivemos estão mesmo em relação ao que pretendemos estudar (validade).

Toda a fundamentação teórica já realizada dispensa-nos de mais comentários em relação à validade. Fiquemo-nos apenas com esta citação:

"...even with sophisticated statistical analysis, often leave unanswered - or even unaddressed - such basic questions as 'how?' and 'why?', even as they provide sound testing conceptual models." (Heath, 1995, p. 753)

Toda a nossa problematização - as vivências de si - se dirige a questões como o Porquê? e o Como? Achamos, pois, fundamentadamente, que uma metodologia qualitativa se adequa melhor aos nossos objectivos. Está então resolvida a questão da validade.

É sobre a fidelidade que nos debruçaremos com mais detalhe. Sabemos que uma análise de conteúdo é uma tarefa que nunca se poderá dar por terminada, e que com o mesmo material poderão ser feitas diversas análises. Também de algum modo é quase impossível que dois investigadores, a partir dos mesmos dados, procedam a idêntica categorização da informação.

O problema da subjectividade está aqui patente ao ponto de levantar problemas de fidelidade. É certo que a produção de um guião permite, a um entrevistador razoavelmente treinado, a realização de entrevistas semelhantes - em suma, constitui-se como o primeiro passo em direcção da fidelidade. (40)

Um segundo e decisivo passo dar-se-á na análise dos dados propriamente dita, nomeadamente na questão da codificação dos dados e no estabelecimento de sentidos do texto (Vala, 1986).

É este mesmo autor que realça a importância dos procedimentos organizativos e classificativos das histórias de vida:

"Em muitos destes estudos, o investigador não dispõe de hipóteses de partida, reúne dados de forma controlada e sistematizada que depois organiza e classifica." (Vala, 1986, p. 106)

As categorias que permitem essas operações são construídas a partir dos dados - a questão da fidelidade não se põe aqui - mas elas devem ser definidas com rigor em diversos níveis:

"... uma categoria é habitualmente composta por um termo chave que indica a significação central do conceito que se quer apreender, e de outros indicadores que descrevem o campo semântico do conceito." (Vala, 1986, p. 111)

A definição de uma categoria torna a análise de conteúdo independente do investigador que a realiza. Introduce-se assim uma importante dimensão de fidelidade na pesquisa. A objectivização dos procedimentos, a segmentação de dados e a sua categorização são indispensáveis a uma análise de conteúdo que se queira científica - se bem que Bardin (1995) chame a atenção para o facto de nem todas as análises de conteúdo passarem obrigatoriamente por esta fase.

"A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias, são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registo, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns destes elementos." (Bardin, 1995, p. 117)

Os critérios que presidem à categorização podem ser de várias origens mas estas, para serem funcionais, devem obedecer a uma série de princípios, segundo Bardin (1995, p. 117):

- a exclusão mútua: as categorias devem ser claras e não permitir a sobreposição de classificações - a situação em que um determinado material poderia ser incluído em duas ou mais categorias é de evitar;

- a homogeneidade: a categoria deve possuir apenas um princípio que gira a sua organização - este princípio anda a par com o da exclusão mútua;

- a pertinência: dá conta da adaptação da categoria ao material sob análise;

- a objectividade e fidelidade: na fase de análise de conteúdo estes princípios traduzem-se por uma codificação criteriosa e rigorosa do material, obedecendo sempre ao modus operandi definido à partida;

- a produtividade: escutemos a autora:

"Um conjunto de categorias é produtivo se fornece resultados férteis: férteis em índices de inferências, em hipóteses novas e em dados exactos" (Bardin, 1995, p. 120-121)

Temos então aqui os princípios que devem ser atendidos no processo da condução de uma análise de conteúdo. Esta permite desvendar as principais regularidades em relação a dadas categorias (41). As inferências que a autora refere permitem a indução de conclusões e até, em alguns casos, de teorias elaboradas a partir da análise do material. É ainda Bardin que chama atenção para o facto de não nos prendermos apenas às regularidades:

"Por vezes torna-se necessário distanciarmo-nos da crença sociológica na significação da regularidade. O acontecimento, o acidente e a raridade, possuem, por vezes um sentido muito forte que não deve ser abafado." (op cit, p. 116)

A sensibilidade do investigador deve estar aberta para a excepção, para o irregular. Mas neste caso não é o procedimento objectivo e rigoroso que nos dá acesso a esse campo: é o insight, o subjectivo que nunca devem ser esquecidos.

Para consulta do nosso instrumento de categorização bem como para o acesso a uma breve explicação sobre a sua construção remetemos o leitor para o Anexo 2.

2. Dispositivo analítico de Foucault

Foucault (1986), ao pretender estudar a sexualidade na Grécia antiga, não pensava fazer uma história clássica dos factos e da sucessão de práticas mas, antes pelo contrário, colocar a sexualidade no centro das contingências culturais e sociais. Tentaria realizar:

"Uma história que não seria aquela do que poderia haver de verdadeiro nos conhecimentos; mas uma análise dos 'jogos da verdade', dos jogos entre o verdadeiro e o falso, através dos quais o ser se constitui historicamente como experiência, isto é, como podendo e devendo ser pensado." (p.12)

Aliás, a emergência da noção de sexualidade coloca-a o autor no início do século XIX, relacionando-a com o desenvolvimento de outras áreas científicas, como a biologia e o aperfeiçoamento de um sistema de ortopedia social centrado no indivíduo e nas suas várias esferas de vida. O empreendimento seria, pois, ambicioso: tratava-se de analisar o

modo como a 'hermenêutica de si' surgiu na Antiguidade Grega, isto à parte de conceitos como 'desejo e concupiscência', pretendendo-se "analisar as práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestar atenção a si próprios, a se decifrar, a se reconhecer e se confessar como sujeitos do desejo." (p.11)

O empreendimento, se visto à luz das metodologias qualitativas de investigação de que já falámos, assemelha-se a uma pesquisa documental. Foucault embrenhou-se em textos helenísticos ainda remanescentes, utilizando uma grelha de análise profunda e complexa que, adiante, detalharemos.

Para já, resta sublinhar as diversas posturas teóricas que seguiremos nesta investigação: primeiro, a utilidade de estudar o objecto que elegemos tentando escapar ao jogo da verdade que o configura. Não deve ser aqui o jogo da verdade a pensar-nos, mas devemos ser nós a pensá-lo. Ou seja, é nossa necessidade a utilização de uma postura que não parta de conceitos sobre o que é ser toxicodependente e tentar impô-los à realidade (o jogo da verdade pensaria por nós) mas sim tentar, a partir da realidade dos dados, pôr em relevo a medida pela qual o sujeito vive a sua experiência de consumos, que aspectos vê ele como auto-controle e quais os elementos que precipitam o domínio da substância sobre si. Neste caso, pensaríamos nós o jogo da verdade de uma, se quisermos, subcultura específica da nossa sociedade: a experiência deste ou daquele tipo de toxicodependência é apenas uma possibilidade entre muitas, uma construção social que emergiu e que sem dúvida evoluirá. O ponto segundo, decorrente do primeiro, é a primazia dada à reflexão dos próprios actores dos fenómenos a estudar sobre o aparelho teórico já produzido pela ciência.

Será, assim, possível a criação de novas perspectivas? Como Blumer (1982) referia, o conceito é necessário à percepção mas também o condiciona. Ao propormo-nos usar o mínimo de artefacto teórico, tentar-nos-emos distanciar um pouco desses condicionantes do olhar que são os paradigmas já instituídos. Entraremos no território desconhecido, mas aliciante, da reconceptualização teórica a partir do relato oral do entrevistado.

Mas é altura de expor o aparelho analítico montado por Foucault. Defende o autor o desdobramento do uso dos prazeres na Grécia Antiga em quatro níveis, que são a substância ética - ou ontologia; os tipos de sujeição - deontologia; as formas de elaboração de si - ascética; e a teleologia moral, ou somente teleologia. Antes de nos debruçarmos sobre a significação foucaultiana de cada nível, e sobre a pertinência da aplicação deste dispositivo à área das toxicodependências, faremos uma breve pesquisa étimo-histórica sobre o significado, a origem e a formação de cada um dos vocábulos, signos de cada nível.

2.1. Pesquisa étimo-histórica

- Ontologia. A ontologia, na história da ciência implicava uma postura oposta a atitudes mais racionais, pois seria:

"Doutrina que ao contrário da doutrina fisiológica, considerava os fenómenos mórbidos como tendo existência própria e independente das alterações dos tecidos..." (Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira, Vol. 19, p. 477)

Estamos perante uma teoria que identifica os fenómenos como existindo à parte do suporte material, adquirindo por isso existência própria.

- Deontologia. A deontologia refere-se a um conjunto de regras ou preceitos que pretendem regular o exercício de determinada actividade profissional. O termo adquiriu esse sentido em 1834, pela mão de Bentham, ao publicar o seu livro *Deontology*, na qual se filiou a doutrina utilitarista dos deveres. (Idem, Vol. 8, p. 573).

- Ascética. Vocábulo que deriva do grego *askesis* e que significava exercício. Nas escolas cínica e estóica o termo significava:

"... a educação das forças do espírito a fim de adquirir a virtude necessária para dominar as paixões..." (Ibidem, Vol. 3, p. 471-473)

Mais tarde, a doutrina moral próxima da tradição eclesiástica retomou o termo para significar o desprezo do corpo e das sensações físicas, tendo em vista a aproximação da alma à esfera celestial. Ambas as tradições pretendem referir com o termo um conjunto de práticas que visariam uma transformação ética.

- Teleologia. Para a Enciclopédia Portuguesa Brasileira o termo liga-se à chamada doutrina das causas finais que encara todos os fenómenos como preestabelecidos e tendendo para um fim determinado. A noção implica, pois, a de estado ao qual tenderiam todos esses fenómenos.

Aqui está esboçado o primeiro contacto com os conceitos que Foucault escolheu para denominar os níveis do seu dispositivo analítico. Mas lancemos um olhar mais próximo sobre o modo como este autor estrutura a sua grelha de análise e como ela implica uma configuração específica dos quatro conceitos já apresentados sem, contudo, desligá-los do seu percurso histórico na filosofia.

2.2 - Níveis analíticos

A reflexão moral sobre as práticas sexuais desenvolve-se na Grécia antiga em torno de quatro eixos fundamentais: a austeridade sexual, a instituição do casamento, a relação entre homens e a filosofia a propósito da verdade. É preciso não esquecer que as problematizações davam origem ao estudo das 'práticas de si', não sendo estas prescritivas e codificadoras das condutas à maneira medieval e moderna. Dever-se-ia reflectir antes sobre o modo como o sujeito se relaciona com as suas práticas, se as controla ou se são elas que o controlam a si; se controla o seu desejo ou se se deixa dominar; se se é activo ou passivo nas relações sexuais. Um cidadão poderia, por exemplo, ter relações 'homossexuais' (pômos as aspas porque este termo era desconhecido então) desde que não tivesse um papel passivo.

É curioso constatar que a relação helénica com as drogas, como assinala Escohotado (1992), seguia estética semelhante, pois o conceito de *pharmakon* tanto abranje a droga que é remédio, como a droga utilizada para fins festivos ou religiosos, ou ainda a utilizada para matar. O acto de consumo de uma droga não era condenável em si mesmo mas sim as modalidades do seu uso. Um cidadão, desconhece-se exemplos, que se deixasse tomar pela droga, que não controlasse o seu desejo por ela, feriria certamente a moral grega, especialmente o imperativo de ser senhor de si. No ocidente dá-se o

contrário, a excelência ética do indivíduo não deriva tanto da atitude que temos perante nós mesmos, mas é algo inerente às próprias práticas.

Escutemos um pouco Foucault (1986, p. 37):

"Focalizarei quatro noções que frequentemente se encontram sobre a moral sexual: a noção de *aphrodisia*, através da qual pode-se apreender o que no comportamento sexual era reconhecido como 'substância ética'; a de 'uso' de *chresis*, que permite aprender o tipo de sujeição ao qual a prática desses prazeres deveria submeter-se para ser moralmente valorizada; a noção de *enkrateia*, de domínio que define a atitude que se deve ter a respeito de si mesmo para constituir-se como sujeito moral; e finalmente a de 'temperança' de 'sabedoria' de *sophrosune* que caracteriza o sujeito moral em sua realização. Assim se poderá circunscrever o que estrutura a experiência moral dos prazeres sexuais: sua ontologia, sua deontologia, sua ascética e sua teleologia."

Ao nível ontológico, os *aphrodisia* englobam: "os actos, gestos, contactos que proporcionam uma certa forma de prazer" (p. 39). Poderemos, pois, dizer que o prazer e o desejo que para ele tende deveriam corresponder a um conjunto de práticas que eram vistas quase como naturais. Recordando a origem do conceito, atrás explanado, poderemos entrever a entificação de um conjunto de práticas como imanentes à natureza humana. Foi a configuração específica que o jogo da verdade adquiriu na Grécia:

"A questão ética colocada não é: quais os desejos? Quais os actos? Quais os prazeres? Mas: com que força se é levado pelos prazeres e pelos desejos." (p.42)

A energia sexual era vista como podendo potencialmente levar ao excesso e ao descontrolo de si mesmo devendo, por isso, ser sujeita a uma constante vigilância. (42) A atenção fixa-se na intensidade da prática e não na sua suposta e intrínseca qualidade moral.

Na *chresis* estudar-se-ia o modo de obtenção do prazer da maneira conveniente. O conceito de deontologia exprime bem esta ideia, uma vez que se refere a um conjunto de prescrições normativas tendentes a regular condutas. Neste caso, porém, essas linhas normativas não se alinhavam em torno dos objectos sexuais correctos e proscritos, mas sim em torno de três vectores: a necessidade, o momento e o status.

Muito sumariamente: a necessidade implicava um exercício de contenção dos apetites sexuais, de forma a manter o desejo vivo pela falta. O momento oportuno, *kairos*, opunha-se a uma acção sem reflexão, resposta directa aos impulsos. Mais uma vez não importava o tipo de práticas mas a atitude do sujeito perante elas. Para o status temos que

variáveis como a idade, sexo e condição implicavam diferentes atitudes, seguindo a regra geral, inferida de Xenofonte, que um chefe deve distinguir-se dos particulares não pela lassidão mas sim pela resistência e domínio do impulso sexual. Na deontologia, em suma, pretende-se a exploração de uma *techne* que, levando em conta os princípios da estética grega, seja capaz de "gerir a acção no seu próprio momento" (p. 59).

No nível ascético tudo se complica, afastamo-nos da conceptualização mais geral do que é comum à sociedade no seu todo, para mergulharmos no indivíduo. O termo grego deste estrato será o de *enkrateia* - "... essa atitude que é necessária à moral dos prazeres, e que se manifesta no bom uso que se faz deles: *enkrateia*." (p. 60).

Como dissemos, a *enkrateia* implica directamente o indivíduo na sua esfera de acção, no bom uso que se faz dos prazeres. Isto obriga a um primeiro momento reflexivo sobre si mesmo, na medida em que é necessário um combate contra os prazeres para aquela ser alcançada. Não quer isto significar a negação dos prazeres mas sim uma certa distância moral que implica directamente cada um: "Em todo o caso, o termo *enkrateia*, no vocabulário clássico, parece referir-se em geral à dinâmica de uma dominação de si por si e ao esforço que ela exige." (p. 62).

Desta relação que cada um estabelece com os prazeres, com os *aphrodisia*, a *enkrateia* será o caminho a percorrer para a emergência do sujeito moral, fruto de uma vida virtuosa que permite ao cidadão ser mestre dos outros por ser mestre de si próprio. Porém, a atitude de continência subjacente a esta postura, não é a única solução possível - na *akrasia*, é precisamente de incontinência que se fala. Por não ter reflectido o suficiente sobre si, o sujeito que não se controla deixa-se levar pela parte destruidora dos *aphrodisia* - deixa de ser senhor de si próprio e de ser digno de exercer funções públicas na cidade estado.

Em suma, Foucault utiliza este conceito quase sem grandes alterações do seu núcleo semântico e filosófico original. Só que, visto tratar-se directamente das escolhas do sujeito, a obediência a uma certa atitude opõe-se ao descontrolo da *akrasia* - continência versus incontinência.

O estrato seguinte resulta da interiorização, por assim dizer, da postura mais prática da proposta ascética. A *sophrosune* quer referir: "o estado que se tende a alcançar pelo exercício do domínio e pelo comedimento na prática dos prazeres é caracterizado como uma liberdade." (p. 71)

Ou seja, a partir da prática da continência, o sujeito moral liberta-se interiormente e é já em si próprio que comanda os prazeres e os desejos. É o estado da temperança, uma forma da consciência individual a tender para a perfeição. O sujeito moral consegue submeter as partes constituintes de si mesmo à racionalidade do *logos*. O domínio dos prazeres que a temperança pressupõe é indissociável de uma forma de saber. Numa palavra: o sujeito moral implica o sujeito de conhecimento e vice-versa.

Também aqui, na sequência do desdobramento exposto para o nível ascético, e na sua continuidade, à temperança opõe-se a intemperança. O intemperante é um sujeito dominado pelos prazeres, em que o *logos* desempenha um papel subalterno em quem existe, por isso, um nível de auto-consciência menor. Onde imperam descontroladamente os *aphrodisia*, está arredo o *logos*: o sujeito incontinente pela prática desmedida e não racionalizada dos prazeres, adquire um estado moral inferior, não se libertando interiormente, deixando de ter reconhecidas competências para desempenhar cargos públicos; se não se é senhor de si mesmo, não se poderá sê-lo dos outros.

2.3 - Pertinência do uso do dispositivo na toxicodependência

A sumária fundamentação que se irá fazer de seguida, basear-se-á em dois vectores, a saber: o primeiro será tecido em torno da hermenêutica do sujeito e da estética da existência; o segundo derivará dos próprios níveis de análise pensados pelo autor que temos vindo a seguir.⁽⁴³⁾

A ideia de hermenêutica do sujeito filia-a Foucault na espiritualidade cristã, baseada na experiência da carne. Genericamente, poderemos afirmar que subjacente a essa hermenêutica estará um esforço de compreensão do que é o desejo, quais as práticas legítimas a esse desejo e que tipos de desejo seriam ou não legítimos. A hermenêutica do sujeito espartilha-o em várias categorias, dividindo-o conforme os objectos a que se

dirije. Os desejos homossexuais são ilegítimos, bem como as práticas heterossexuais exteriores à instituição do casamento ou as que elegem como objecto a infância.

A estética da existência, (44) inerente à problematização das práticas sexuais na Grécia antiga, não se centra, como vimos, tanto no desejo e na ilicitude de certas práticas mas no que o sujeito faz delas. As normativas deontológicas centram-se em torno do controle do desejo em vez de se dirigirem à sua natureza. É aqui que encontramos um primeiro paralelismo com o tipo de investigação sobre a toxicodependência que pretendemos traçar. Parece-nos que a investigação maioritária neste campo foi condicionada mais pela hermenêutica do sujeito, e de todas as construções daí derivadas, do que pelo esforço de compreensão da estética da existência inerente a uma vida organizada em torno dos consumos de drogas.

Utilizando a terminologia foucaultiana, a hermenêutica do sujeito coloca à toxicodependência as questões: quais os desejos? quais os actos? quais os prazeres? - em vez de, com a estética da existência, se analisar a força com que se é levado pelos prazeres e desejos, mais: como o sujeito se posiciona relativamente a essa força. A investigação maioritária nesta área preocupa-se mais com o que acontece de mal, de disruptivo ao toxicodependente (Agra & Fernandes, 1993) do que com o existente, no meio desse eventual sofrimento, de auto-controle e auto-gestão.

Quanto ao segundo ponto de conexão deste tipo de análise com a área da toxicodependência advém do facto de serem semelhantes as propriedades atribuídas aos *aphrodisia* e às drogas ilegais como a heroína e cocaína (Fernandes, 1998). A ambas, *aphrodisia* e drogas ilegais, são atribuídas grandes propriedades hedónicas; sendo que essas propriedades trazem consigo sementes de descontrolo que poderão invadir, por assim dizer, o sujeito. Está claro de ver que o sujeito será confrontado com a dicotomia continência-incontinência, temperança-intemperança que pretendemos aqui estudar nas nuances específicas que porventura terão no contexto de uma subcultura particular.

Por estas razões, parece frutífero aplicar este tipo de níveis de análise como, diremos assim, espinha dorsal da nossa futura grelha de análise de conteúdo. Antes, porém, de a aplicarmos ao material recolhido, detenhamo-nos em investigações nesta área

que se socorreram de semelhante escalonamento analítico para organizarem os seus dados. Tal tarefa é a que nos propomos fazer no ponto seguinte.

3 - Contextualização teórica

Os trabalhos de Agra (1991; 1990) abrem a possibilidade a uma série de investigações na área dos comportamento desviantes que mais tarde se desenvolveram em torno da toxicodpendência por si só; nas conexões que esta última estabelece com a seropositividade, ou ainda no estudo nexu droga-crime. Sem ser uma transladação directa dos níveis analíticos de Foucault anteriormente apresentados, os trabalhos de Agra sobre o conceito de sujeito autopoietico devem a esses níveis uma das suas influências mais evidentes.

3.1 - Estudos fundadores de Agra

No trabalho de 1990, Agra forja a noção de sujeito auto-poietico na tentativa de compreensão da transgressão, nomeadamente relacionando-a com uma outra noção, a de actor social. Defende então a natureza sistémica do sujeito, composto pelos vectores de acção e personalidade, sendo na confluência dos dois que emerge o seu relacionamento com as normas e sua transgressão - plano de significações. E é logo no sistema de acção que a influência de Foucault se faz sentir:

"Soit, par exemple l'acte sexuel tel que M. Foucault l'a analysé dans sa substance - implique une hiérarchie de nouveaux actes (de savoir, de maîtrise de soi). Par généralisation je dirais que tout acte sui ce chemin: acte substance éthologique, acte-affect, acte-expression, acte-savoir, acte-pouvoir, acte-projet." (p. 419)

Sistema etológico e sistema de personalidade - ambos são constituídos por diversos estratos que, grosso modo, se correspondem (uma reflexão mais cuidada destes sistemas será deixada em suspenso).⁽⁴⁵⁾ O mais importante a sublinhar é que os sistemas etológico e de personalidade se relacionam como conteúdo e forma que, interagindo, produzem sentido, organizando-se num sistema autónomo. O sistema organizador do sentido, ou planos de significação, estrutura-se nos níveis ontológico, deontológico, lógico e teleológico, cujo paralelismo com Foucault é evidente.

O plano ontológico refere-se ao "mode de signification positivist, factuel de soi et du monde" (p. 422); no plano deontológico "le sujet se perçoit comme objet de détermination" (p. 422), correspondendo a uma estruturação causal de si mesmo e da sua relação com mundo; no plano lógico "le sujet établit un rapport de signification cognitive de soi à soi et de soi au monde" (p. 422) numa procura de coerência puramente individual nesses dois movimentos; no plano teleológico o sujeito "se comprend comme produit et producteur de circonstances, comme agi et comme acteur, comme détermination et indétermination, à la fois." (p. 422)

Aplicados à transgressão propriamente dita e seguindo o mesmo trabalho, os planos de significação acima expostos traduzem-se nas posições substantiva, solidária, solitária e projectiva. Na primeira, o sujeito preocupa-se com o "simple faire objectif" (p.423); na posição seguinte, lidamos com o determinismo social, as regras sociais fornecem ao sujeito a base para a sua identidade individual. A terceira posição refere-se à descoberta "par le sujet lui-même, de la logique du psychique" (p. 424) sendo que a transgressão obedece à continuidade, digamos, prática dessa lógica. Por último, a posição projectiva permite a reformulação, pelo sujeito, do seu conteúdo biopsicossocial, que consegue estabelecer um enquadramento ético-político para a sua transgressão.

3.2 - Aplicações na prática investigativa

As posições transgressivas cedo permitiram a constituição de uma grelha categorial das trajectórias desviantes, conforme a predominância de uma ou outra posição transgressiva ao longo do percurso individual. Assim, para o estudo das determinações e significações que os próprios sujeitos atribuem às suas acções e a sua relação com eventuais posições de significação transgressiva quer simples, quer de natureza compósita, temos o trabalho de Manita, Carvalho & Agra (1996); também Guerra (1994) estudou a auto-organização psicológica e a seropositividade, aplicando as posições de significação a quatro combinações possíveis de duas dimensões relevantes da adaptabilidade do sujeito: a auto actualização e o suporte social.

Existem, pois, diversos trabalhos que aplicam à área das drogas as posições de significação transgressiva que, como vimos, derivaram parcialmente de Foucault, por intermédio das reflexões epistemológicas de Agra ⁽⁴⁶⁾. Contudo, observámos que estes estudos preocuparam-se mais em realçar a predominância relativa de cada um dos níveis de transgressão, numa preocupação categorial, em detrimento da análise mais minuciosa da coexistência das componentes ontológicas, deontológicas, ascéticas e teleológicas inerentes à experiência continuada de consumos.

Numa palavra, parece-nos ter fundamentado o objectivo que nos propunhamos: há viabilidade teórico-prática para aplicação do desdobramento analítico gizado por Foucault à toxicodependência.

Aliás, esta utilização de conceitos foucaultianos no âmbito dos estudos qualitativos, começa a estar cada vez mais em voga. São exemplos disso Prior (1997) que usou o constructo de "Arqueologia" para estudar formas de delimitação do discurso (linha já desenvolvida por Foucault, 1997); também Kendall & Wicham (1999), num manual com fins didácticos, dão uma ideia geral sobre este movimento crescente nas ciências sociais.

PARTE C

**APRESENTAÇÃO
DOS
RESULTADOS**

PARTE C - APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Chegou o momento da apresentação dos resultados propriamente ditos. Começaremos por descrever a estruturação da análise de conteúdo efectuada.

Depois da transcrição dos dados para computador, dividimos as várias opiniões e vivências assim registadas em temas, categorias e subcategorias, conforme se poderá observar no Anexo 2. Após várias leituras e contactos com o material assim estruturado, obtivemos uma primeira ideia das regularidades e excepções significativas para cada uma delas. Abrimos caminho para a segunda fase da análise de conteúdo que seria a operacionalização do dispositivo de Foucault anteriormente explicado. O modo como procedemos a essa operacionalização poderá ser consultado no Anexo 5.

Assim, cada subcategoria construída na primeira fase da análise será decomposta nas dimensões ontológica, deontológica, ascética e teleológica. De seguida, faremos a apresentação dos resultados assim estruturados. De igual forma procederemos nos casos em que essas subcategorias se agrupem em categorias mais vastas e em temas.

A categoria Antecedentes pessoais corresponde a uma excepção na aplicação da grelha de Foucault. Dada a sua natureza mais generalista, optámos por apenas proceder a um levantamento sucinto das suas características sem aplicar a segunda fase da análise de conteúdo.

Como estamos já na fase de apresentação de resultados, uma fase prática por excelência, as referências teóricas estão reduzidas ao mínimo, quando não mesmo excluídas por completo. Esperamos, deste modo, ser mais directos e claros na explanação dos dados obtidos na nossa investigação. Adiamos para um momento posterior do nosso texto uma visão integrativa desses dados.

- Antecedentes pessoais -

Os antecedentes pessoais, em conjunto com um breve levantamento quantitativo de certas variáveis dos entrevistados (consulte-se Anexo 4) servem para a caracterização da amostra deste estudo.

A categoria dos antecedentes pessoais encontra-se forçosamente subrepresentada - recordamos que o método eleito foi o das histórias de vida temáticas, logo o que é registado a este propósito é um conteúdo subsidiário neste nosso estudo. Ainda assim podemos fornecer algumas impressões qualitativas sobre este período da existência dos nossos entrevistados.

Antes mais nada registamos alguns hábitos alcoólicos, algumas vezes partilhados com a família. O meio de proveniência dos sujeitos também poderá explicar a aquisição de certas competências, mais tarde úteis na trajectória de consumidor de drogas: com efeito, a vida nos bairros degradados da cidade familiariza os nossos entrevistados com uma série de possibilidades criminais ou quasi-criminais. Um dos sujeitos que participaram no estudo fala-nos precisamente nisso: "*ser criado na rua, não é, uma pessoa aprende sempre nada que seja legal*".

As perdas precoces e as separações dos pais também são responsáveis por períodos de instabilidade, até inadaptação numa fase de desenvolvimento precoce das trajectórias de vida.

Os hábitos alcoólicos que nunca são admitidos como alcoolismo também se registaram com alguma frequência num período anterior à entrada nas drogas.

No caso de uma entrevistada, um período visto como de auto-conhecimento antecede o seu percurso de consumidora. Essa etapa de vida prendeu-se também com alguma dificuldade de adaptação às normas da sociedade.

Rui Tinoco (RT)- antes das drogas leves aconteceu alguma coisa que a tenha marcado, a sua vida?

Entrevistado (E)- Houve uma fase que me marcou um bocado e me fez despertar da realidade das coisas. o que me chocou um bocado. Tive períodos de muita depressão, muita revolta interior mas depois acabou por passar não foi isso que me levou a ... (às drogas)

Apesar de todos estes antecedentes, a que se somam a caracterização quantitativa do Anexo 4, todos os entrevistados sublinham que nenhum deles teve que ver com a sua entrada nas drogas. Observamos uma desvalorização da importância dos antecedentes pessoais na explicação do início, manutenção e desenvolvimento dos consumos.

Capítulo I - Dispositivos

Este tema agrupa as categorias de Dispositivos concretos e os Normativo racionais. Para os primeiros, considerámos a Família; a Escola (47); o Trabalho e os Grupos informais; para os segundos considerámos a esfera jurídico-penal e a esfera médico-sanitária. Interessa-nos, pois, o estudo dos tipos de contactos que os diversos entrevistados estabeleceram com as variadas esferas normativas da vivência social.

Como nos ensina Fernandes (1990), dispositivo é um conceito que "aparece assim como um mecanismo que articula uma heterogeneidade de práticas discursivas e não discursivas" (op cit, p.10) podendo assumir diversos graus de estruturação e complexidade desde os mais informais aos que derivam de uma arquitectura do poder já mais materializada (48)

1 - Dispositivos concretos

Considerámos aqui os dispositivos mais quotidianos, isto é, as superfícies normativas com as quais os entrevistados têm que lidar continuamente. Quais as modificações, aprendizagens, conflitos que se põem aos consumidores quando em contacto com esferas normalizadoras como a família, a escola, o trabalho e os grupos informais?

1.1 - Família

Consideramos aqui a família de origem e a própria família do entrevistado caso esta esteja constituída. Englobamos aqui também as relações afectivas mais significativas evocadas nas entrevistas.

1.1.1 - Dimensões ontológicas

Ausentes nesta subcategoria estão as dimensões deste tipo. A família é vista pelos entrevistados de um modo deontológico - regras a cumprir, pressões etc... - ou como um obstáculo que implica de alguma forma um exercício ascético dos consumos.

1.1.2 - Dimensões deontológicas

As dimensões deontológicas da subcategoria Família dividem-se no que se pode chamar regras de funcionamento familiar de âmbito geral e reacções por parte da família ao descobrir um seu membro como toxicodependente.

As primeiras não têm tanto interesse, exemplos: mãe guarda dinheiro; pais castigam severamente; pais controlavam o ordenado; existência de outros membros na família com problemas de consumos como irmãos cunhados e pais. Vamos, então, concentrar-nos com mais detalhe na reacção da família à descoberta do estatuto de toxicodependente nos entrevistados. Antes de mais nada realçamos o demorado tempo que leva a reconhecer-se um filho, um marido como consumidor. Por vezes decorrem anos até que essa revelação se consume. Tal facto tem origem no desconhecimento dos "sinais da droga", por assim dizer, nos seus aspectos comportamentais mas também físicos (p. e. contracção das pupilas na heroína; vermelho dos olhos no haxixe), sendo que a aprendizagem, por parte dos pais, dos sinais de consumo se vai fazendo de um modo progressivo, havendo alguns desencontros:

RT- quando é que os pais descobriram a droga?

E- há dois anos atrás, quer dizer começaram a desconfiar nessa altura

RT- como é que desconfiaram?

E- porque começaram a notar que eu chegava com os olhos vermelhos a casa que embora na altura que eles começaram a desconfiar eu tinha deixado a heroína precisamente, tinha conseguido deixar a heroína, fui a esse psiquiatra estive mais seis meses sem consumir e tinha deixado a heroína e comecei a fumar haxixe outra vez, e o haxixe deixa os olhos vermelhos dá mais bandeira nota-se mais fica-se com os olhos caiados E foi nessa altura que os meus pais começaram a desconfiar que eu fumava droga. Chegava com os olhos vermelhos a casa.

E como é que se dá essa descoberta? Os indícios de que algo está mal vão-se acumulando: por comportamentos, dinheiros que desaparecem de casa, de contas pessoais ou pelos ditos da vizinhança que vão avolumando as suspeitas (recorde-se que uma parte significativa da amostra vive em bairros sociais) como de seguida se ilustra:

E-... mas o meu cunhado trabalhava na Caixa Geral de Depósitos, começou a ver levantamentos de quarenta contos hoje, amanhã outros quarenta, foi falar com a minha mãe mas a minha mãe pensou que eram mulheres, a minha namorada que na altura estava a trabalhar em Lisboa, em Caxias, lá perto de Cascais quando já era aspirante e já tinha mais liberdade para sair, já não fazia ginástica, eles viram que era isso que tive uma semana inteira que não contactei ninguém, ainda tinha algum dinheiro. Uma vez tive de ficar lá um fim de semana e só tinha levado para uma semana e vi lá um preto que tinha cara de consumidor e levou-me ao Casal Ventoso

O momento da descoberta pode ser também um momento em que a família começa a perder o controle da situação:

RT- e depois deles saberem?

E- deles saberem eles não deixavam dinheiro à disposição. Até me diziam para eu me recuperar que deixasse essa droga novamente outra vez. Eu peguei insisti que não queria tão cedo, andava bem no vício ia sempre trabalhar, e eles não disseram nada. A minha mãe chegou a um ponto que me dava o dinheiro para o vício, dava-me diariamente dinheiro para o vício até eu pensar em me recuperar. Para não andar aí a fazer asneiras com ninguém, andar aí a ressacar, a minha mãe andou assim três ou quatro anos assim a dar-me dinheiro diariamente

Se bem que isto nem sempre aconteça, podemos observar a situação oposta em que a pressão para o tratamento é realmente forte e o aumento de controle por parte da família é um facto relevante. Esse aumento de controle traduz-se pela redução do dinheiro disponível e monitorização atenta das desintoxicações. Porém, o prolongamento dos tratamentos, as recaídas, podem desmobilizar estas atitudes iniciais:

RT- mas conte-me mais ou menos estes ciclos de paragem e de recair a reacção da família?

E- a reacção da família, não sei se era bem cada vez pior, cada vez mais mole da parte deles. A minha mãe e o meu pai iam perdendo a força, a confiança, da primeira vez foi assim aquele choque brutal mas cheios de energia para ajudar e da segunda e da terceira vez foi piorando foi piorando já não foi aquele choque tão grande, mas que se calhar ainda sofreram mais, mas tiveram menos energia para ajudar e cada vez menos confiança.

A um dos entrevistados chegou a ser posta questão: "ou curas-te e vens para casa ou vais continuar a traficar mas vais para outro lado". O sujeito em questão escolheu esta última alternativa, a família manteve-se firme, tinha já adquirido bastantes conhecimentos sobre a toxicodependência.

1.1.3 - Dimensões ascéticas

A dimensão ascética é a continuação natural do que dissemos no item anterior, só que mais centrada no fazer, nos comportamentos dos entrevistados. A ascese, na subcategoria Família, centra-se sobretudo nas atitudes e nos comportamentos que os sujeitos têm antes do momento do reconhecimento do seu estatuto de toxicodependente - esse período, como vimos, pode ser de vários anos. Acontece, nomeadamente, uma contenção nos comportamentos e uma gestão das tomas de modo a que ninguém se aperceba. É frequente ser a pessoa mais próxima, muitas vezes a mulher, a primeira a

conhecer o estatuto de toxicodependente - não raras vezes pelas marcas das injeções nos braços.

De um modo geral, a maior parte dos entrevistados reconhece que a gestão das aparências, em relação à família, mais tarde ou mais cedo, chega a uma impossibilidade.

E- consegui maneira de ter dinheiro e tinha, eles tinham possibilidades e ainda hoje devem ter, de eu sacar dinheiro para o vício. Andei assim anos comecei assim sempre a tirar-lhes sem eles se aperceberem, bastantes anos, chegou uma altura em que os meus pais começaram a desconfiar de mim de alguma coisa, desapareceu-lhes dinheiro, começaram a desconfiar e eu já não tinha possibilidade de consumir aquela droga diariamente

Este uso por vezes instrumental da família, aliado a uma gestão das aparências, nem sempre se observa, especialmente no caso dos entrevistados casados. Muitos sujeitos, especialmente os consumidores que iniciaram os seus percursos de toxicodependentes mais cedo e que se socializaram numa certa forma de subcultura, durante grande parte da sua história de vida evitam pedir dinheiro à família ou molestá-la de alguma forma com assuntos relacionados com a droga.

É igualmente interessante referir que o casamento, nalguns casos, dá azo a um período de descontrole: "*... tinha mais liberdade foi quando fui mesmo ao fundo, enterrei-me mesmo*".

Outra vertente a analisar é o comportamento dos entrevistados quando estão abstinentes face à família. Muitas vezes replica-se a situação anterior à revelação: a família acredita que o sujeito está abstinente, este volta aos consumos e aos esquemas para os alimentar.

RT- vamos voltar um bocadinho atrás, estávamos há bocado a falar no momento em que os pais e a namorada souberam, isso o que é que modificou? Começou a pedir mais dinheiro à família, ou ...?

E- na altura não, quando souberam, claro que depois falavam entre todos e sabiam que o dinheiro era a causa de tudo, não havia dinheiro, não havia droga. Depois há aquele jogo de a gente se safar em qualquer sítio do lado, dos amigos, família, enfim... sei lá, safava-se sempre.

RT- começaram a cortar-lhe o dinheiro, foi? A família?

E- sim mas a controlarem a minha própria namorada também

RT- como é que o António reagiu a isso, a eles estarem a controlar?

E- eu reagia bem porque como eu digo a gente safava-se ou ali ou acolá safava-se ou ia ter com outro. Depois havia alturas em que pensavam que eu não andava a gastar dinheiro pensavam que eu já tinha deixado mas andava com o meu cunhado, tinha muito dinheiro e enfim, nunca faltava, houve muitas fases...

Esta luta parece criar uma tensão que pode levar à expulsão de casa - como vimos no nível deontológico - e que implica um saber fazer desenvolvido por parte dos entrevistados. Da parte da família vão-se realizando aprendizagens - com o passar do tempo, muitas famílias vão deixando de cair nas armadilhas, na pressão dos consumidores; enquanto noutras a situação continua a agravar-se (continuam a dar dinheiro, a "aderir" ao discurso do toxicodependente).

1.1.4 - Dimensões teleológicas

A esfera teleológica está ausente desta subcategoria. A família foi referida pelos entrevistados em termos de regras, pressões, comportamentos, bem como as suas vivências no seio dela. Nenhuma reflexão de carácter mais abrangente foi aqui registada.

1.1.5 - Apreciação global

A mais interessante ilação a retirar da subcategoria Família será então a exemplificação de um dos momentos do processo de etiquetagem social: o sujeito assume num grupo de extrema importância para ele, como é a Família, o seu estatuto de toxicodependente.

De facto, a descoberta no meio social que é a Família de uma prática proibida estabelece uma disjuntiva: os pais - principalmente - ou são firmes e essa firmeza de alguma maneira contém os consumos dos entrevistados dentro de alguns limites; ou "aderem" ao discurso do toxicodependente: passam-lhe a dar dinheiro porque têm pena dele, não querem que ele "tenha" de roubar. Numa palavra: aceitem-no como ele é e adaptam-se a ele. Isso reforça o comportamento desviante dos entrevistados, de resto já de algum modo desenvolvido. O consumidor deixa de ter de encenar uma suposta normalidade para a família, como nos diz um entrevistado: "*já podia chegar mais mocado a casa*".

Isto faz-nos lembrar o caso clássico citado por Becker (1963): um homem suicida-se ao saber-se que tinha um amor proibido pelas regras de matrimónio da sua tribo... já tinha esse amor, em segredo, há bastante tempo. Só o reconhecimento da infracção a essa

proibição perante o todo social é que desencadeou o desenlace trágico. Aqui passa-se um pouco disso.

Para terminar esta apreciação, sublinhemos a ausência da dimensão teleológica e a preponderância das dimensões deontológicas e ascéticas: tudo é instrumental e pragmático. Os conflitos e tensões nesta área dão conta do esforço e dos obstáculos a ultrapassar e a lidar para que os entrevistados continuem a sua carreira de consumidores apesar do seu comportamento já ter sido assinalado socialmente.

1.2 - Escola

Dada a natureza da amostra, nomeadamente ao genérico baixo nível de escolaridade, esta subcategoria está pouco desenvolvida. O único material aqui classificado diz respeito à interação Escola com os primórdios do percurso consumidor.

1.2.1 - Dimensões ontológicas

Não registámos dimensões ontológicas nesta subcategoria.

1.2.2 - Dimensões deontológicas

Poderemos dizer que as dimensões deontológicas não específicas da toxicodependência resumem-se a uma inadaptação escolar, a certas vivências no interior do grupo de pares - nomeadamente às práticas de fumar tabaco às escondidas.

Em termos de percurso consumidor, registámos, para alguns casos, o início do consumo de haxixe e mesmo, se bem que mais raramente, do início da própria heroína. O haxixe funciona como mais uma substância que se integra no funcionamento informal que enquadróu o início do tabaco. Frequentes vezes esse início é monitorizado por colegas mais experientes e conhecedores, embora também eles em fase de aprendizagem da substância. O desenvolvimento dessas redes informais e o desenvolvimento da carreira de consumidor de haxixe pode originar os primeiros contactos com a heroína.

Se bem que sejam situações francamente minoritárias na nossa amostra, como vemos, em muitas escolas já são razoavelmente conhecidas as várias substâncias ilícitas

mais comuns em Portugal. As acções de prevenção neste contexto têm de ser cuidadosas, correndo-se o risco de despoletar efeitos iatrogénicos semelhantes aos enunciados por Negreiros (1991).

RT- o Francisco (49) o que é que tinha ouvido falar sobre a heroína?

E- sei lá tinha ouvido falar aquilo que se falava na escola. A droga faz mal...

RT- e isso não o ajudou a não consumir?

E- não se calhar até ajudou foi a consumir, curiosidade de experimentar

RT- baseado que era mau?

E- não é por dizer que é mau, é um querer saber como é, curiosidade.

1.2.3 - Dimensões ascéticas

As dimensões ascéticas que não se referem directamente à história de consumidor têm que ver com incompatibilidades na escola, nomeadamente com certos professores. Essas situações de conflitualidade revelam a pouca assertividade de muitos dos nossos entrevistados.

São rapidamente constatadas várias situações de impulsividade em relação aos professores e mesmo de abandono precipitado da escola em função de algum conflito na sala de aula.

E-eu saí da escola e fui trabalhar porque não gostava da escola, eu gostava da escola não gostava é de levar com os professores

RT-era tudo bom na escola menos os professores...

E-uma pessoa para estar a ouvir não é preciso olhar para eles, ouve com ouvidos não é com os olhos posso estar a olhar para ali e estar a ouvir o senhor doutor a falar

RT-mas eles zangavam-se consigo

E-sim é normal então se na escola duas paredes da escola eram em vidro é normal que uma pessoa olhe para fora ver gente a passar é normal eles mandavam-se ao ar e pronto não gostava de estar a levar com eles

RT-então haviam alguns que se zangavam com o António

E-eles começavam a falar e eu demonstrei-lhes, a principal que era a setora de história nos testes demonstrava-lhe sempre isso que as pessoas não ouvem com os olhos é com os ouvidos e chegava aos testes e tinha sempre satisfaz satisfaz muito muito bom, quanto a notas tive sempre na média

Este tipo de situações põem em evidência o escasso vínculo que muitos destes sujeitos têm com certas esferas socializadoras, e como decisões de abandono se traduzem pelas primeiras tentativas de emprego. Tudo isto sem muitas interferência da família.

Em relação aos consumos e Escola, a maior parte dos testemunhos dizem respeito ao haxixe e, de um modo geral, dão conta de uma certa gestão de contextos e auto-domínio na relação com os outros (o que não contraria a existência de uma certa experimentação como p. e. "*ir para um teste ganzado*"). Os efeitos adversos da substância

são minimizados ou completamente negados. O testemunho que se segue refere-se a um inconveniente do haxixe durante um teste, o que não invalida, ainda assim, que o entrevistado em causa mantenha uma visão otimista desta substância.

RT-e isso foi por causa do haxixe?

E-não, eu sabia pouco mas depois em aulas estava fazer o teste e fumava um charuto antes de ir para o teste quando ia para o teste fumei um charuto e depois numa pergunta na última numa conta de mais e de menos do ganzado que estava troquei as contas pus na de mais menos e na de mais a multiplicar fiz confusão troquei tudo mas de resto fiz o teste bem e eu sempre fui assim a ganza há dias em que me põe bem há dias em que me põe estúpido sem vontade de fazer nada uma pessoa só quer estar a dormir

Apesar de se registar um testemunho de uma subida acentuada dos consumos de haxixe, podemos dizer que, neste período, existe um esforço de contenção e de separação dos vários papéis sociais com que os indivíduos têm que lidar. Normalmente os consumos de haxixe acontecem de noite, em actividades lúdicas e informais, mas não na altura da escola. Não quer isto dizer que não se faça essa experiência, mas muitos entrevistados não gostam de estar "ganzados" nas aulas. Um segmento minoritário adopta a atitude contrária, vai sob o efeito do haxixe para a escola, consome frequentemente ao longo do dia sem ver nisso qualquer problema.

1.2.4 - Dimensões teleológicas

Esta dimensão é pouco representada nesta subcategoria. Os poucos testemunhos que couberam nesta classificação dão conta de uma imagem de si incompatível com a escola, frases como "*não dava para a escola*"; "*não tinha cabeça para os estudos*", são ouvidos com relativa frequência.

Também a situação oposta foi observada. O sentimento de não se ter alternativas profissionais a seguir ao período escolar criou sentimentos de inadaptabilidade que facilitaram a adesão da entrevistada em questão a certos grupos contra-culturais:

RT- a Maria sentia-se sem opções de vida?

E- e à medida que os anos iam passando ainda mais. Tinha chegado ao décimo segundo ano e depois para ir para a universidade?, não tinha hipótese nenhuma. Mesmo que tivesse hipótese de entrar para a faculdade o que é que eu ia fazer?, tinha escolhido um curso que não dava para quase para nada, a não ser para dar aulas, e eu isso, não me sentia vocacionada para isso, e acabei por ver assim um bocado as coisas escuras. E deixei-me ir pelo desânimo, frequentei o décimo segundo mas reprovei por faltas logo no primeiro período e foi nessa altura até que comecei a consumir heroína.

No entanto, é o primeiro tipo de situações que acaba por prevalecer.

1.2.5 - Apreciação global

A subcategoria Escola é reflexo de uma amostra em que a escolaridade é, de um modo geral baixa. No entanto, podemos realçar alguns fenómenos que depois se irão desenvolver com a entrada da maior parte dos entrevistados no mundo laboral, nomeadamente:

- aprendizagem hedónica, em grupos informais, das características de certas substâncias;
- utilização de dimensões ascéticas de contenção no uso de haxixe;
- e, finalmente, a construção de uma certa imagem de inadaptação à escola ou à sociedade em geral (recordamos que uma parte significativa da amostra vive em bairros sociais).

Temos realizado, então, um primeiro levantamento de certas dimensões e vivências dos entrevistados em contacto com a primeira esfera socializadora mais estruturada fora da família.

1.3 - Trabalho

O percurso profissional dos nossos entrevistados começou, de maneira geral, bastante cedo. As ocupações indiferenciadas constituem a maior parte dos exemplos. Nesta subcategoria pretendemos analisar as interações e a natureza dessas interações entre o percurso profissional e o percurso de consumidor de substâncias ilícitas.

1.3.1 - Dimensões ontológicas

Optámos por classificar aqui os efeitos de algumas substâncias sempre que esses efeitos estiverem referenciados com a dimensão do trabalho, pelo que se antecipa aqui alguns conteúdos listados na subcategoria Iniciação às drogas.

Antes de mais, problemas físicos quer causados por doença quer por acidente são, por vezes, um ponto de viragem no percurso individual de muitos entrevistados. A coexistência, frequentemente de longos anos, entre a profissão e os consumos, vê-se subitamente desequilibrada em favor destes últimos.

O trabalho é visto por muitos entrevistados como uma obrigação, uma dimensão ontológica da vida. Nestes casos há uma contenção da actividade de consumos que é premente em função da conservação da profissão, mas nem sempre é assim... No caso do haxixe há uma contenção inicial, os consumos são reduzidos à altura da noite. Não se vai trabalhar sob o efeito, mas à medida que os entrevistados se vão familiarizando com a substância e se adaptam ao efeito, isso deixa de passar-se dessa maneira:

E- coisa assim eu fumo o haxixe e vou trabalhar e ando naquela de trabalhar trabalho não trabalhar à burro mas trabalhar certinho devagarinho mas certinho que o trabalho rende mais enquanto durar pelo menos aquelas três, quatro horas eu estou ali distraído certinho pumba pumba

RT-trabalhava melhor?

E-sim não é trabalhar melhor mas trabalho despreocupado muito mais à vontade não é com muita mais atenção aviva-me mais a memória para aquilo que estou a fazer

Com a heroína as coisas assumem outra gravidade. O síndrome de privação é já um obstáculo de monta que exige um maior esforço aos sujeitos. Muitos deles, por longos períodos, vão aguentando a ressaca, trabalhando com esforço. Mas isso nem sempre acontece.

E- sim, mas na altura já não se pensa nisso na altura pensa-se que já não se consegue ir trabalhar. Pronto eu acordo digo assim: eu hoje não vou trabalhar não me apetece ir trabalhar estou mal disposto estou chateado estou isto estou aquilo. Até ao ponto em que acorda e diz: ei, eu hoje estou mesmo a ressacar, não tenho dinheiro aonde é que eu vou buscar a heroína para ir trabalhar? Não arranjo dinheiro, não vou trabalhar.

Este tipo de exemplos ilustra casos em que os conteúdos ontológicos são cruzados com aspectos ascéticos. A privação põe aos indivíduos questões pragmáticas do seu dia a dia que entram em contacto directo com o saber fazer, a ascese individual. Aqui temos casos em que indivíduos gerem a sua privação de modo a manterem a sua profissão e outros que não conseguem fazer essa conciliação. Esta coexistência depende do modo como os sujeitos encaram a privação e o trabalho mas, frequentemente está condicionada por factores externos como os acidentes ou qualquer outro motivo que interrompa a actividade profissional: normalmente nestes períodos de paragem observa-se escaladas nos consumos que dificultam depois o regresso à ocupação.

Poderemos dizer também que o efeito da heroína, especialmente nas fases iniciais, pode ser visto como uma ajuda à actividade profissional.

1.3.2 - Dimensões deontológicas

Muitos dos nossos entrevistados, nomeadamente os que vivem em bairros, possuem uma história profissional de incompatibilidades com as entidades patronais que normalmente são resolvidas de forma pouco assertiva - conflitos, físicos até, com o patrão; abandono do emprego de forma impulsiva; em caso de acidente, muitos entrevistados são ludibriados e não recebem indemnização.

Os períodos de instabilidade profissional são também frequentes, especialmente após a perda de uma ocupação mantida há algum tempo. Genericamente, poderemos adiantar que após a perda de uma ocupação estável, perda essa normalmente originada directa ou indirectamente pela droga, muitos entrevistados iniciam um período de ocupações instáveis, interrompidas por incursões em actividades ilícitas no mundo das drogas. Nos casos em que a carreira desviante evolui, é o princípio das actividades de tráfico, roubo e mesmo proxenetismo que fornecem um rendimento seguro que está na origem do abandono mais ou menos definitivo da actividade profissional propriamente dita.

Em relação ao próprio ambiente de trabalho, a ideia que a descoberta do estatuto de toxicodependente possa levar ao despedimento nem sempre se observa. Nos trabalhos indiferenciados, normalmente a construção civil em que o ambiente de trabalho é mais ou menos familiar, podemos observar diversos padrões a tentarem ajudar os consumidores a tratar-se e até fazendo esforços para monitorizarem os consumos.

E- depois o patrão começou a perceber mas ele compreendia. Naquele tempo já começou a haver mais um bocadinho de informação e ainda bem que foi logo o início o patrão passado um ano ou quê que a gente começou as coisas eram diferentes ele como estava connosco todos os dias ele conhecia-nos bem a gente mudou de um momento para o outro. De dia para dia pedíamos eu pedia hoje amanhã era o meu colega, depois era outra vez o meu colega e era assim "Alto isto não anda bem", ele também não era otário para não perceber e ele falou connosco e a gente contou-lhe: "Sem isso a gente não consegue trabalhar e tal" e ele: "de manhã às sete e meia na minha casa", que era para buscar um conto cada um, que era para irmos comprar, para conseguirmos trabalhar. Porque se ele nos desse à noite ele dava-nos um conto mas se ele nos desse para comprarmos de manhã a gente consumia à noite e depois de amanhã já tinha de dar outro. E ele decidiu que ficava mais seguro na mão dele.

Entre colegas de profissão também podem gerar-se solidariedades e convivências facilitadoras dos consumos. Este tipo de convivências pacíficas não é uniforme em todos os casos. A desconfiança, a mudança na relação profissional pode levar a situações de

ruptura e despedimento, quer o despedimento clássico, por iniciativa da entidade patronal, quer por parte do entrevistado:

RT- foi você que se despediu

E- fui eu que me despedi. Cheguei lá para trabalhar eram quatro patrões e eles gostavam de mim e depois vão saber daquilo ficaram naquela eles gostavam bastante de mim, eles diziam que tinha de lhes chamar padrinho e ficaram assim, e sempre que passavam por mim já não era aquilo que era e eu estava a trabalhar e sabia que eles agora iam andar sempre com o pé atrás, peguei na mochila fui aos cabides tirei a roupa toda, deixei lá o meu fato as botas que eles davam e vim embora, cheguei à beira dele e disse: 'Senhor Manuel, eu não me sinto bem, vou-me embora'

O período de "ignorância" por parte dos patrões tende a reduzir-se, pois muitos deles adquiriram já competências de reconhecimento dos estados gonzado ou pedrado. O despedimento do consumidor ou a convivência mediante pagamentos diários tende a ser estabelecida mais cedo, como nos diz um entrevistado: "... antes não viam pela cara agora já olham para uma pessoa já vêem pela cara..."

1.1.3 - Dimensões ascéticas

As dimensões ascéticas registadas na subcategoria Trabalho são, muitas vezes, desdobramentos em práticas individuais das normas ou regularidades deontológicas atrás apresentadas.

Observamos um esforço inicial na separação entre trabalho e drogas. Esse esforço regista-se mesmo no que diz respeito às substâncias ingeridas:

RT- o Fernando quando não gostava dos drunfos ia mais para os speeds

E- também estive com drunfos

RT- isso prejudicava a sua vida de trabalho

E- não portanto eu normalmente separava as coisas o trabalho era o trabalho e fora do trabalho é que normalmente me metia nisso muito poucas vezes fui trabalhar sob o efeito do haxixe então drunfos é que não fui mesmo

RT- e speeds

E- speeds cheguei a ir às vezes eu tinha uma noitada e ia trabalhar no dia seguinte

RT- prejudicava-o

E- prejudicar não prejudicava julgo eu não tinha efeito nenhum no meu trabalho

RT- beneficiava

E- eu às vezes julgo que sim eu normalmente fazia um serviço mais perfeito não é tinha mais atenção às coisas pronto na minha opinião beneficiava mas no meu patrão prejudicava porque eu perdia mais tempo era sei lá mais miudinho, não é, era mais isso

O haxixe também é usado com uma clara delimitação temporal dos contextos lúdico e profissional. Com a heroína as áreas começaram a ser mais difíceis de separar, como já observámos anteriormente. A privação exige um equilíbrio difícil e sempre instável. A

situação acaba por ser definida pela negativa: se tiver o produto não há problemas no trabalho.

Aos poucos, tudo começa a girar em torno dos consumos: gasta-se à noite o que se ganhou durante o dia. Vários entrevistados começaram a receber ao dia, consubstanciando uma situação precária que colide com a própria família (a mãe ou a mulher esperam o ordenado inteiro ao fim do mês). Também registámos situações de coexistência entre a actividade profissional e os negócios de droga em part time.

RT-e conseguia trabalhar

E-ai trabalhava bem não tinha dores não tinha ressaca estava sempre bem tinha pó no bolso para quando queria

RT-e depois em que altura do dia fazia os negócios

E-à noite à noite e vendia àqueles que trabalhavam comigo vendia

Esta situação pode levar os indivíduos a abandonar o emprego por "impossibilidade física". Esse abandono pode ser planeado, com a entrada subsequente no tráfico, furto ou p. e. proxenetismo; ou pode ser casual, fruto de um impulso repentino que porventura pode ter bons resultados em termos de diminuição de consumos.

RT- isto de perder o emprego que efeito teve nos consumos?

E- falta de dinheiro

RT- e isso o que é que modificou?

E- modificou, a vida foi andando, já não consumia tanto, foi o que aconteceu foi isso

RT- diminuiu muitos os consumos?

E- sim. Não havia tanto dinheiro consumia menos.

1.3.4 - Dimensões teleológicas

As dimensões teleológicas encontram-se pouco nesta subcategoria e, quando são registadas, estão sempre em contacto íntimo com a vertente ascética. Atendendo a que a dimensão Trabalho se encontra frequentemente numa fase anterior a um envolvimento mais sério com a carreira de consumidor, pensamos que este sublinhado é especialmente significativo:

RT- foi em que altura? Noventa, na altura em que decidiu sair do trabalho

E- sim isto terá sido em oitenta e nove, oitenta e oito quando saí do Salvador Caetano andei a trabalhar mais uns tempos não tinha hipóteses andava sempre a discutir com os patrões ou chegava muito tarde ou faltava ou estava doente pronto não tinha hipótese não cumpria os horários e então não valia a pena continuar a trabalhar para quê? andava sempre a trocar de trabalho

A interrogação de si mesmo faz-se no contexto de uma crescente incompatibilidade entre a vida dos consumos e a vida profissional. As actividades criminais e quasi-criminais seriam uma solução mais atractiva a curto prazo, como veremos.

Em relação aos indivíduos mais normativos, classificámos a sua preocupação em manter o trabalho em níveis mais baixos. Não encontramos uma reflexão teleológica para as actividades profissionais dos nossos entrevistados mas ontológica (p. e. "a vida é feita para trabalhar"). Porventura não registamos posições teleológicas aqui porque os indivíduos mais normativos não estão suficientemente familiarizados com as actividades desviantes. Por outro lado, a indiferenciação profissional patente na amostra presta-se pouco a este tipo de reflexões.

1.3.5 - Apreciação global

Sublinhamos os seguintes resultados:

- a noção de que o haxixe e a heroína podem rentabilizar as ocupações dos nossos entrevistados e que não são consumidas com o objectivo de alienação e descontrolo a médio e longo prazos;

- que a instalação da dependência exige aos indivíduos uma gestão, por vezes dolorosa, de forma a conseguirem compatibilizar consumos e profissão;

- que essa gestão por vezes evolui para ocupações criminais e quasi-criminais, coexistindo com as actividades profissionais mas, em grande parte dos casos, interrompendo-as;

- finalmente, a situação de etiquetagem social também se regista nesta subcategoria. O saber-se que o empregado é toxicodependente pode gerar situações de despedimento e de falta de confiança ou, pelo contrário, situações em que os patrões tentam ajudar o tratamento ou, pelo menos, conviver com a nova situação começando a pagar ao dia e, nalguns casos, tentando eles próprios gerir os consumos dos seus subordinados. A situação é precária e rapidamente tende para a resolução entre as alternativas do tratamento ou despedimento.

Aqui, como na subcategoria Família, a descoberta dos consumos por parte dos outros pode constituir-se como um passo decisivo na evolução da carreira de consumidor de drogas.

1.4 - Grupos informais

Nesta subcategoria pretendemos estudar o papel que as redes informais desempenham no percurso individual. Estas redes organizam-se segundo uma disjuntiva: as redes desviantes, por assim dizer, e as redes normativas; ou seja, aquelas com quem o entrevistado partilha a cumplicidade das drogas e dos consumos e aquelas em que, pelo contrário, ela é uma coisa estranha.

1.4.1 - Dimensões ontológicas

As dimensões ontológicas não estão muito representadas e quando surgem, estão associadas a aspectos deontológicos. Os membros dos grupos informais aqui referidos começaram a consumir ao mesmo tempo. Tal vivência contribui para o facto de se criarem percepções erradas sobre o número de toxicodependentes (muitos dos nossos colaboradores acham que quase toda a gente nova consome) isso é facilitado por um dado ontológico: "*... a maioria do pessoal que experimenta gosta. É que aquilo é bom.*"

As implicações que certas substâncias poderão ter na evolução das próprias redes informais são prontamente detectadas, provocando cisões e desencontros:

RT- porquê, separaram-se?

E- eles andavam todos em grupo, todos juntos, todos os dias, consumíamos haxixe, depois quando se começou a consumir heroína nós estávamos todos juntos aquele vinha, chamava-me e já não ia para o sítio que costumava ir, depois é que ia e aparecia lá. Os que não consumiam diziam. "olha que isso vai separar os amigos."

Pela natureza desta subcategoria a maior parte dos dados encaixa-se entre os aspectos deontológicos e ascéticos, quando não em combinação entre os dois.

1.4.2 - Dimensões deontológicas

Entrevistados mais idosos, que começaram a sua carreira nos anos setenta, apresentam uma dimensão de contra-cultura que se dilui nos consumidores mais recentes

já que nestes são os objectivos mais hedonistas que predominam, sem outras construções ideológicas.

RT- como é que explica isso de não gostar e depois consumir?

E- porque acabava por entrar naquela do grupo e depois pensava que podia ser melhor

RT- consumiam todos em conjunto?

E- sim

RT- os outros também estavam revoltados como a Maria?

E- sim, havia um bocado de revolta contra outras coisas na sociedade, a hipocrisia, um bocado de educação de fazerem a cabeça às pessoas sem muitas opções de vida...

Num caso mais recente, após se ter "agarrado" à heroína, essas construções ideológicas estão ausentes:

RT- o que é que aconteceu com o grupo de amigos do haxixe

E- é o mesmo só me separei do ambiente o grupo parou mesmo, o grupo que a gente tinha que era aqueles três ou quatro que fumavam haxe, acabámos todos por nos metermos na heroína e o grupo continua na mesma o mesmo porque foi tudo para o mesmo caminho foi deixar acompanhar certas companhias que nós tínhamos aqui do Marquês por isso eram os amigos que a gente encontrava no café amigos da rua, o nosso grupo era aqueles três que conheciam um depois mais outro passava lá um colega nosso qualquer um que a gente conhecesse convivíamos assim mudei foi de sítio de ambiente, tinha um ambiente que eu achava que era porreiro que era bom

De onde podemos retirar mais algumas ilações: o desenvolvimento da carreira de consumidor implica uma selecção de amigos, uma associação a uma subcultura especial. Não quer isto dizer que os laços com o meio normativo se percam, mas há indubitavelmente uma distanciação. A associação com outros consumidores favorece uma aprendizagem de competências úteis a quem consome mas também fornece pistas sobre modos de paragem e encorajamentos por vezes ambíguos:

E- os conselhos que os toxicod dependentes dão uns aos outros sabe quais são? A frase é sempre a mesma: "estou cheio disto, quero largar isto, quero largar isto, isto não é vida para mim". São estas frases, mas é difícil tomar a decisão, há quem a queira tomar mesmo e há quem não a queira tomar. Ou porque está bem, porque está a levar o seu dia a dia mais ou menos que é o caso de um que eu estou a falar, estou a pensar num colega meu que quiseram-lhe dar metadona e tudo e ele só não compareceu para ir buscar a metadona, uma cunha. Ele andava a estacionar carros e uma das senhoras a quem ele estaciona muitas vezes tem uma sobrinha na metadona e acho que lhe arranjava uma cunha: "Vais lá e só tens que fazer os exames e não sei quê e começas logo a tomar metadona, tens de ir é segunda-feira. E ele não apareceu, não apareceu porquê? Porque ele deixa-se andar porque ele anda ali todos os dias e sabe que todos os dias ganha, aquele dinheirinho é certo, não é sempre o mesmo mas é na média mais ou menos

O contexto é o de uma interajuda mais instrumental (i. e. associação para compra ou para actividades criminais) do que anteriormente. Muitos entrevistados nos dizem que antes havia mais soliedariedade na partilha do próprio produto do que a que se regista

agora. O grupo informal desempenha um importante papel nas fases de experimentação e aprendizagem do uso de diversas substâncias - quer ao nível didáctico propriamente dito, quer no auto-controle dos seus membros (p. e. "*não andava o grupo todo fora de si, havia sempre um atinado que tentava compor as coisas*").

Em relação ao meio normativo, especialmente nos casos dos bairros sociais, a experiência de rejeição deixou de se sentir com tanta intensidade em favor de um equilíbrio de algum modo instável.

E-viram que no fundo nós não fazíamos mal a ninguém não é nós não nos metíamos com ninguém as raparigas andavam ali não eram maltratadas podiam estar perfeitamente à nossa volta e estavam muitas vezes raparigas connosco que nem sequer fumavam e nunca eram maltratadas nem nada assim e essas pessoas viram depois mais tarde quando estávamos na heroína continuámos a ser os mesmos não é continuámos a ser respeitados

RT- isso foi com toda a gente do grupo

E- não, não aconteceu com todos não somos todos iguais mas uma grande maioria deles aconteceu isso não é muitos deles continuaram a ser bem vistos na vizinhança inclusivé vizinhos que deram guarida a alguns amigos meus independentemente deles... eles consomem não é

1.4.3 - Dimensões ascéticas

Muitas das aprendizagens ascéticas dão-se em contextos por nós classificados como deontológicos.

RT-está-me sempre a dizer que muitas coisas é sempre com os amigos que aprende não é? os seus amigos falavam sempre de drogas?

E-naquela altura acompanhávamo-nos todos e estavam todos a ir pelo mesmo caminho não é e então estávamos todos a aprender tinha que abrir o olho porque nesta vida não podemos ser nem muito espertos nem muito otários temos é que não ser otários e então aí é que a gente começa a abrir os olhos

A entreajuda informal passa também por uma passagem célere de informação relativa aos locais de compra, qualidade do produto, dados sobre a polícia, entre outros. Favorece-se o conhecimento cada vez mais aperfeiçoado do mundo da droga: "... *fui assim conhecendo novos sítios, fui sempre conhecendo novos sítios...*"

Os grupos de consumidores fazem pressão para aumento dos consumos sempre que alguém tenha mais dinheiro ou um carro. Essa pressão nasce da necessidade de associações que permitam um mais fácil acesso ao produto. Nalguns casos este é o contexto para uma espécie de desânimo aprendido, como um entrevistado nos refere que lhe dizem: "*vais tratar-te para quê? daqui a uns meses voltas-te a meter...*"

A situação terá mesmo de, num processo de recuperação, ser definida ao contrário: se antes os entrevistados seleccionavam os amigos consumidores, agora, na recuperação, terão ou teriam de fazer a escolha inversa:

E-... não era do trabalho era o ambiente de lá da beira, mais pesado, onde eu convivia muito. Andei muito tempo a evitar que fumasse, mas depois não consegui. Recaí, recomecei a fumar. O povo com quem a gente convive, isso é que é o mais interessante, depende das pessoas com quem a gente conviver, pode uma pessoa fumar uma vez e voltar a fumar, ou pode fumar duas vezes e não voltar a fumar. Mas é muito raro uma pessoa do meu bairro não querer voltar a fumar mais.

A esfera ascética conduz ao jogo entre os grupos informativos e desviantes. Por vezes, certos vínculos normativos mantêm-se por interesses instrumentais (p. e. manter contacto com colegas de trabalho também consumidores). Noutros casos, a afirmação da prática de si faz-se em ruptura com certas pressões oriundas da rede informal dos entrevistados (p. e. *"também quis consumir mas eles davam conselhos para que eu não consumisse, não quis saber"*).

As pressões, quer da rede normativa quer da própria rede de consumidores, fazem com que alguns dos entrevistados optem por soluções mais radicais. Essas decisões traduzem-se na prática por um certo isolamento quer do meio em si quer na sua vida de toxicodependente (p. e. *"ando sempre sozinho"*).

Este dois tipos de escolhas ilustram um isolamento comum num período mais avançado da trajectória dos consumidores, e isto especialmente nos casos em que depois se observa o início de processos de retirada ou de tratamento. Tudo se passa como se no início se observasse uma associação a grupos desviantes, com aquisição de competências básicas para a vida de consumidor e, depois dessa fase de aprendizagem e o avolumar de problemas, comece a existir uma certa distanciação.

1.4.4 - Dimensões teleológicas

As proposições teleológicas também não abundam no que diz respeito a esta subcategoria. Mesmo os exemplos que aqui cotámos encontram-se, várias vezes, em contacto com a vertente ascética.

*RT- e lá na zona também havia a mesma crítica por parte das pessoas mais velhas
E- ai isso foi sempre portanto desde que eu me recorde não é nós éramos sempre criticados ou era por causa do cabelo ou naquela fase do haxixe nós usavamos o cabelo*

comprido eu acho que foi isso tudo que fez com que a gente entrasse naquela onda não é éramos sempre criticados então chegou a uma altura em que a gente tanto mais criticados fôssemos mais satisfeitos nos sentíamos

No desenrolar da história de vida de consumidores, aquando de certas decepções, retrocessos e mesmo nos primeiros esboços de paragem, a dimensão teleológica é aflorada. A situação é muitas vezes expressa em termos de desencanto em relação aos meios de toxicodependentes. Uma série de acontecimentos desagradáveis, de traições que acabam por levar muitos indivíduos a "*cortar com os amigos*". Não quer isto dizer que esse afastamento signifique uma "cura" ou mesmo uma redução dos consumos. É comum casos em que o consumidor ande sozinho, fazendo as compras e os consumos isolado, evitando ao máximo qualquer associação.

O afastamento é também uma crise social: as redes informais foram desenvolvidas no sentido de facilitar consumos e, no momento de deixá-las, um problema de suporte social repetidamente se levanta.

1.4.5 - Apreciação global

Sem menosprezar uma certa visão ontológica das drogas (p. e. "*quem experimenta gosta*"), existem certos aspectos de adaptação aos efeitos que têm implicações na relação que os indivíduos estabelecem com os grupos que integram. Em certos casos registámos movimentos de evitamento dos grupos normativos (sentimentos de vergonha, alguma inferioridade) e também nos grupos desviantes (p. e. não deixar injectarem-se no carro de certo entrevistado).

Na deontologia identificámos as reacções punitivas da sociedade normativa e a constituição de redes informais desviantes. Fizemos um levantamento de uma selectividade de amizades de toxicodependentes à medida que se desenrola o percurso de consumidor de muitos dos nossos entrevistados.

As associações optimizam a eficácia dos contactos necessários à prossecução da vida de consumidores. Mais tarde, algumas interrogações teleológicas podem iniciar momentos de afastamento dessas redes.

Em relação às outras subcategorias dos dispositivos concretos, não existe aqui um momento claro de etiquetagem em que, genericamente, se passaria a um ponto de inflexão ou, pelo contrário, de agravamento da história de consumidor. Nos grupos informais tudo é mais fluído: o indivíduo pode passar a evitar certas redes de não consumidores em favor de redes desviantes.

1.5 - Discussão geral - Dispositivos concretos

Os processos de etiquetagem social observam-se quer na subcategoria Família quer na subcategoria Trabalho (já vimos que a subcategoria Escola está pouco representada nos dados recolhidos). Uma forte reacção em ambos os casos pode precipitar retrocessos, ainda que temporários, no envolvimento com a carreira de consumidor. Em termos ascéticos, a inexistência dessa reacção pode levar a um agravamento desse envolvimento.

No que diz respeito aos grupos informais, encontramos uma associação progressiva a diversos grupos desviantes, ao mesmo tempo que se mantém uma relação, por vezes ambígua, feita de aproximações e de evitamentos, com grupos de não consumidores.

Registámos também um certo ambiente de contra-cultura em entrevistados mais velhos, que principiaram os seus consumos na década de 70, ambiente esse que já não se encontra no percurso de consumidores mais jovens.

A revelação do estatuto de toxicodependente, como vimos, parece ter importantes consequências quer positivas quer negativas no percurso de vários entrevistados. Mas não é, as mais das vezes, face a estes dispositivos que se registam as reflexões teleológicas responsáveis por mudanças no envolvimento com a carreira de consumidor, elas tendem a acontecer em função de acontecimentos dessa própria carreira.

A única excepção ao que se acabou de dizer dá-se nos grupos informais quando vários entrevistados se começam aperceber e saturar-se da dinâmica que acompanha as redes informais desviantes (p. e. "*na droga não há verdadeiros amigos*").

2 - Dispositivos normativo-rationais

Estudaremos agora a relação que os diversos entrevistados estabelecem com os dispositivos mais institucionais, responsáveis pela imposição de certas normas e de um certo controle social. A saber: o dispositivo jurídico-penal e o dispositivo médico-sanitário.

2.1 - Dispositivo jurídico-penal

O dispositivo jurídico-penal, como subcategoria, dá conta dos tipos de contacto que os diversos entrevistados estabelecem com tribunais, polícia e prisões, bem como reflexões produzidas a propósito desses contactos.

2.1.1 - Dimensões ontológicas

Estão quase ausentes desta subcategoria. Por vezes, os entrevistados falam em "sorte" e acaso, referendo-se aos contactos com este tipo de instituições, aproximando-se de um conteúdo efectivamente ontológico - porque atribuídos a uma deriva inerente à vida nas drogas. Este tipo de asserções foi classificado na dimensão ascética sempre que envolveu referências mais individuais.

RT- e estive preso

E- sim a primeira vez foi catorze meses e aí eu estava inocente fui apanhado no sítio onde não devia estar, não é, eles fizeram uma rusga bem não era bem uma rusga entraram dentro de uma casa onde se traficava não é tinham um mandato eu estava no quarto de banho estava a ajeitar-me para dar um chuto né e parei na cadeia estive lá catorze meses até julgamento fui a julgamento mandaram-me embora né e ficou resolvido

2.1.2 - Dimensões deontológicas

As dimensões deontológicas serão divididas em material referente à polícia; material referente aos tribunais e material referente às prisões. É curioso verificar que estes dois últimos pontos aparecem mais a níveis ascéticos e mesmo teleológicos. Guardamos para a apreciação geral uma reflexão mais cuidada sobre o facto.

- Material referente à polícia -

A convivência com a polícia dá-se frequentemente nos locais de compra, nomeadamente os bairros. Estabelecem-se equilíbrios instáveis de convivência quotidiana já referidos por Young (1975)

A ideia expressa por um dos nossos entrevistados de "*fui sempre queimado pela polícia*" configura a teoria dos suspeitos selectivos. A convivência vai acontecendo ao mesmo tempo que em qualquer momento pode observar-se uma ruptura nessa tensão entre o esconder um acto que é ilegal e a sinceridade que permite um convívio mais ou menos condicionado:

RT-o que eu queria saber é o que acontece com o Afonso...

E-não doutor eu sei ver as coisas sei dar razão às pessoas se o polícia chegar lá se eu tiver um pacote ou dois no bolso o que está aqui a fazer? o que é que acha que vim aqui fazer? vim aqui buscar rebuçados infelizmente isto é uma doença, vim ver se comprava os senhores chegaram acabou fecharam o que vou ficar aqui a fazer? vou trabalhar tento levar as coisas meio verdade meio mentira mas também não posso fazer das pessoas da autoridade trouxas, não é? eles não são, não vou fazer deles parvos, tenho um problema aqueles que são meio sinceros não têm problema

Os nossos entrevistados cedo aprendem as competências básicas para lidar com a polícia: desmarcar o produto; engolir; reconhecer sinais de polícia nas áreas de compra etc. São os momentos quentes dessa convivência. Contudo, o conhecimento do meio permite-lhes facilmente o mapeamento dos momentos de tensão e retraimento dos traficantes, consequentes às rusgas policiais. O interceptar e as revistas das forças da ordem passam a ser incorporados na própria vida de toxicodependente.

E- sabe como é que é os toxicodependentes têm sempre os seus problemas ou porque são interceptados pela polícia e são-lhes feitas perguntas sobre o meio da droga, ou porque uma pessoa é apanhada com uma certa quantidade do produto e temos de ir a Tribunal, isso tudo passou por mim mas felizmente consegui ultrapassar todos esses momentos

Este tipo de acontecimentos reforça, frequentemente, a ideia de arbitrariedade e de aleatoriedade nos contactos com a esfera normalizadora, p. e. "*tive colegas meus que andaram fugidos muitas vezes da polícia chegaram até a levar porrada mas eu por acaso a esse respeito nunca tive problemas*". Muitos dos nossos entrevistados tentam compreender diversos modus operandi das forças policiais - p. e. "*eles vão mais depressa aos engravatados*"; "*não podemos ser muito espertos nem muito burros*".

- Material referente a tribunais -

Diversos testemunhos apontam para um agravamento das acusações - a tendência para identificar situações de consumo como de tráfico-consumo ou mesmo de tráfico acaba por reforçar a ideia de aleatoriedade da repressão, acabada de referir, ao mesmo tempo que familiariza muitos dos nossos entrevistados com o modo de proceder dos próprios tribunais.

RT-está acusado de consumidor ou está...

E-eu estou acusado de consumidor e um colega meu que estava comigo que já consome heroína há três anos agora está acusado de tráfico mas os polícias assistiram que nós comprámos nós fomos caços em flagra e eles só não caçaram o que nos vendeu e não sei porquê que agora aparece no processo agora que ele está como tráfico mas está no processo como Vítor comprou as duas doses heroína passando depois de se aperceber dos agentes da PSP passou ao Miguel foi caço na minha posse e só eu é que fui lá parar e no processo ele vem acusado de tráfico de droga se em cima do processo diz que ele comprou no fim já diz que ele é tráfico e agora temos a advogada a defender-nos e a advogada diz que vai ter que provar como ele não era traficante se der em julgamento como traficante ele fica com o cadastro marcado para toda a vida enquanto eu não se for acusado de pagar uma multa nunca fico com o cadastro sujo porque é como consumidor e é pouca quantidade e é só isso que eu tenho de resto nunca tive problemas com a polícia a não ser aquelas caço nos sítios suspeitos não é

Este testemunho reforça a ideia já acima referida do relativamente pouco impacto das detenções ocasionais e passageiras. A desvalorização dessas situações, encaradas como episódios normais da vida desses indivíduos é bastante comum, o que levanta desde logo questões sobre a sua eficácia.

Outro entrevistado relata-nos a sua história de menor em risco, presente nos tribunais em equipas de I.R.S. desde muito novo. Observamos, neste caso, uma aprendizagem de competências para manter a sua margem de manobra e induzir em erro muitos juízes.

- Material referente a prisões -

O caso das prisões é o exemplo mais significativo da deslocação para níveis ascéticos e teleológicos atrás apresentada. Os testemunhos resumem-se à descrição da falta de apoio a desintoxicações que existem em muitos estabelecimentos prisionais portugueses. Os consumos de heroína e cocaína continuam a observar-se, inclusivamente a nível endovenoso.

2.1.3 - Dimensões ascéticas

As dimensões ascéticas são aqui uma continuação natural da deontologia. Os testemunhos dão conta de práticas dos indivíduos que são muitas vezes comuns com o que se observa nas redes informais.

- Material referente à polícia -

Os indivíduos desenvolvem activamente acções de modo a ultrapassar com o mínimo de danos possíveis os seus contactos com as forças da ordem. De um modo genérico existe um bom conhecimento dos modos de actuação policiais e dos constrangimentos legais a que se submetem. Esse conhecimento traduz-se, na prática, pela utilização de um certo número de competências que podem evitar mais complicações para os indivíduos.

E-e então puseram logo a mão a ele em vez de me pôr a mim e eu como tinha os meus dois pacotes já estavam abertos eu ia pô-los para a carga comi tudo e eles ehh e eu ehh o quê? já está na boca ora tirem-me da boca, vamos-te dar azeite na esquadra, está bem é que eu sou morcego para vocês me darem azeite como quem o azeite faz vomitar e saía os pacotes só que para fazer lavagem ao estômago vocês têm que assinar uma autorização e eu nunca assinava nem eles me podem obrigar a fazer isso... e tive outra mais uma vez ou duas que fui apanhado com um grupo e eu não tinha nada porque tinha a sorte ou de não ter nada ou engoli-lo

RT-ficou marcado?

E-claro fiquei marcado pela polícia mas eles também já me conhecem, por um lado como eu sou filho de um chefe da polícia tem polícias que já me conhecem há anos e sabem que eu que já sou consumidor há anos que já ando na droga há anos e prontos e sou filho de um chefe da polícia... e não faço mal a ninguém e prontos não me chateiam não é evitam mesmo na rua fazem é muitos às vezes os gajos vou na rua para aí dois ou três mas se passarem por mim e eu vou sozinho eles até podem saber que eu tenho droga que não prontos é para o consumo dele deixa-o ir à vida porque não prontos como nunca tive problemas nem de roubar não sou conhecido por roubar nem por vender eles também não... e olhando à situação de eu ter sido...

Existe uma interajuda que funciona com rapidez e eficácia permitindo uma certa despreocupação em relação à acção da polícia. Os sinais convencionados de presença da polícia funcionam rapidamente permitindo a muitos dos nossos entrevistados evitar determinadas situações mais perigosas. Observamos, igualmente, um certo orgulho em alguns dos entrevistados em não ceder às pressões e aos interrogatórios da polícia e em não denunciar ninguém nem prestar informações de qualquer tipo.

- Material referente a tribunais -

A norma deontológica do não denunciar, do não falar, aplica-se também aos tribunais.

RT-foi julgado à revelia?

E-não fui julgado juntamente com o outro meu amigo que cortava o pó, só eu tinha lá o meu irmão comigo e tive medo em que ele desse com a língua nos dentes que ele sabia um bocado das coisas até sabia um bocado demais e joguei troquei eles julgavam que eu tinha uma grande quantidade em casa por acaso até tinha mas não interessa ninguém sabia só que o meu sócio foi caço com quinze gramas que atirou para os meus pés e eu disse-lhes a eles que tinha cinquenta gramas de haxixe em cima da mesa e tinha lá duas balanças e eles quiseram as balanças e eu dei-lhes as balanças mas eles puseram o meu irmão cá fora se não, não dava nada prontos

RT-sacrificou-se pelo irmão

E-não me sacrifiquei pelo irmão sacrifiquei-me por mim não foi pelo meu irmão foi por mim por pessoas que estavam mais acima género prontos não interessa e também um bocado pelo meu irmão porque no fundo o meu irmão ia acabar por dar com a língua nos dentes ia acabar por mandá-lo na mesma camionete do que eu não é assim eu joguei pelo seguro não estragei a vida a ninguém nem nada

Assiste-se a uma acumulação de processos o que desvaloriza o seu impacto intimidatório e reduz ao mínimo o impacto das intervenções dessas esferas de normalização - p.e. um entrevistado diz nunca ter tido problemas com a polícia uma vez que quando foi detido "era primário" e não foi a tribunal. Ou ainda:

RT-... chegou a ser alguma vez detido ou não?

E- várias vezes, por causa dos pacotes foram três, todas as vezes fui detido

RT- mas não foi acusado em julgamento?

E- todas as vezes

RT- chegou a estar preso?

E- não detido umas três vezes de um dia para o outro e ainda tenho julgamentos por causa disso

Acaba por deixar de ser problema ter julgamentos que, muitas vezes, não se traduzem em detenções ou em consequências visíveis e não implicam mudanças comportamentais imediatas.

- Material referente às prisões -

O ingresso na prisão implica uma situação de inadaptação e de baixa de consumos pelo menos provisória. A retoma dos consumos depende de dois factores: estabelecimento em causa; capacidade de adaptação do entrevistado em questão. Apesar de tudo, podemos concluir que a frequência dos consumos diminui.

RT- esteve em Custódias

E- sim em Custódias

RT- como é que foram os consumos em Custódias parou consumia menos consumia mais

E- não. arranjei logo um esquema conheci lá um sujeito era um dos que chamávamos Barões era um dos grandes da droga e era muito mulherengo e então gostava de oferecer às mulheres poemas flores e tal e eu escrevia poemas para a mulher dele e cartas e tal e enquanto estive na cadeia não me faltou consumo não é

RT- consumia a partir desse esquema diferente

E- consumia mas não me injectava

RT- então porquê parou de se injectar

E- parei na entrada da cadeia houve aquele choque não é entrava a consumir e depois tive de parar uma semana duas semanas mais ou menos era aquela altura à base de pastilhas na enfermaria a soro uma espécie de tratamento só que não deu grande sucesso quando me passaram para o pavilhão eu comecei logo a enquanto não tive o esquema comecei logo a tinha um fio de ouro uma pulseira tinha um relógio que era bastante caro e tive logo algum dinheiro para ter algum consumo depois foi logo esse esquema com um moço que estive preso comigo e que conhecia o senhor que eu não conhecia e quando sai da enfermaria ele apresentou-me ao senhor

RT- nunca injectou mas tinha possibilidades disso

E- tinha possibilidades havia máquinas e droga tinha eu

RT- então porque é que não injectou

E- prontos tinha droga suficiente para não precisar de injectar naquela altura em que estive na enfermaria prontos sofri à brava mas depois quando cheguei ao pavilhão já não tinha assim grande coisa já não necessitava de injectar o fumar foi suficiente para me manter mais ou menos

A adaptação normalmente é rápida, resultante de um bom conhecimento do meio. Esse conhecimento é fruto de um contacto permanente que muitos entrevistados mantêm com o mundo da droga e os "esquemas" que utilizam quotidianamente, quando em liberdade, para obter o produto.

Um outro aspecto importante é a saída da prisão. Enquanto em alguns casos, quando existe um bom enquadramento familiar essa saída implica uma mudança, pelo menos temporária, das suas actividades noutros casos isso não se passa assim. O testemunho seguinte refere-se a um consumidor com dificuldades de adaptação social desde quase a nascença e que não consegue fazer a sua vida fora dos esquemas criminais e quasi-criminais do mundo da droga.

E- não pude não tive hipóteses não é fácil sair da cadeia e arranjar logo trabalho eu saí da cadeia e não tinha trabalho não me arranjaram nada nada fizeram para que eu tentasse prontos levar uma vida normal não é eles puseram-me cá fora e desenrasca-te e eu desenrasquei-me da maneira que sabia prontos aquela maneira que me podia dar logo directamente dinheiro

2.1.4 - Dimensões teleológicas

A confrontação que muitos dos nossos entrevistados vivem quer com os tribunais, quer nos contactos com a polícia e nas eventuais detenções a que estão sujeitos,

despertam interrogações sobre o seu destino e sobre a organização dessas instituições. Curiosamente a situação contrária não se verifica, isto é: a indiferença à polícia, aos tribunais, registados antes do contacto mais próximo com essas instituições não se traduz em reflexões teleológicas.

Passemos, porém, à apresentação do material recolhido. A interrogação teleológica pode suceder-se sem contacto directo com dispositivos jurídico-penais, mas isso só acontece nos casos de retraimento a certas actividades desviantes e não quando se regista a indiferença necessária à prossecução de actividades como o tráfico o roubo.

E- no sítio onde estive começou a aparecer muita polícia e eu comecei a ganhar medo, porque era a minha liberdade que estava em causa e decidi parar mesmo (o tráfico)

Também é frequente a recusa ou semi-recusa, passe a expressão, da justiça das detenções. A reflexão dirige-se à incongruência do sistema penal e "esquece-se" da vertente pessoal. De alguma forma são utilizações de técnicas de neutralização, a negação da responsabilidade, o que ilude um eventual mal estar oriundo dessas condenações.

RT- o que é que a prisão influenciou? Parou?

E- não havia lá muita coisa lá dentro. Há tanta coisa lá dentro como cá fora, ou ainda mais. É uma coisa que eu não entendo, é uma pessoa vai preso por causa da droga e chega lá dentro e há mais droga do que cá fora. Não digo que haja mais, mas que há droga basta uma pessoa ter dinheiro, não entendo, se não é uma visita que leva a droga para aquela gente toda, a droga tem que ser passada por outros meios, não sei, não são as visitas que levam a droga para sustentar aquela gente toda, uma pessoa pede para se curar e sai de lá pior. Eu conheço pessoas que não fumavam e saíram de lá a fumar.

Nem sempre a questão é posta desse modo, depende também dos estabelecimentos prisionais, como acontece com esta nossa entrevistada que até reconhece, a posteriori, o papel benéfico que as detenções desempenharam na vida dela:

RT- agora olhando para trás, as duas detenções tiveram alguma influência na sua vida de consumidora, ou não?

E- em princípio boa, porque foi sempre períodos de paragem de consumir e com aqueles sustos a causarem-me problemas para pensar um bocado, se voltasse ao mesmo sistema de vida, tinha acabado por ir parar lá dentro. Assim acabou por ser bom.

Em jeito de conclusão, daremos uma ilustração sobre o modo como a detenção pode ter efeitos perturbadores na auto-imagem dos sujeitos. O caso regista-se numa fase em que a entrevistada ainda não é capaz de reconhecer-se como toxicodependente. A prisão, por tráfico, somada à vivência forçada da privação encarregar-se-iam de forçá-la a confrontar-se com realidades que eram negadas há algum tempo.

RT- foi difícil? (a paragem na prisão)

E- foi

RT- estava a consumir muito era?

E- foi muito difícil passei mesmo mal, depois na altura não havia a assistência que há já foi há muitos anos.

RT- não havia aqueles programas de desintoxicação

E- não havia nada disso

RT- parou assim, na prisão?

E- até porque eu não queria dizer que consumia, ainda por cima não queria assumir isso e ainda foi pior. Mas consegui ultrapassar e como eu não tinha muitas possibilidades de consumir, nem tinha dinheiro e na altura era um bocado difícil de arranjar, mesmo lá dentro. Acabei por deixar mesmo.

RT- o que é que pensou, pensou que não ia consumir mais?

E- ao fim de algum tempo de estar lá, ao fim de dois anos, acabei por mentalizar que não queria mais.

2.1.5 - Apreciação global

A nível deontológico a subcategoria jurídico-penal demonstra que também aqui existe uma forte intersubjectividade que engloba vivências e práticas prontas a serem apropriadas pelos diversos indivíduos, nomeadamente no que diz respeito à convivência, mais ou menos conflituosa com a polícia, e no modo como os entrevistados sabem o que lhes pode acontecer em termos judiciais propriamente ditos.

Esses conhecimentos deontológicos são prontamente actualizados no dia a dia da rua: o facto de engolir o produto em caso de problemas tem o contraponto policial de agarrar o pescoço sempre que se ensaia uma detenção por suspeita de tráfico.

Em termos de incontinência nos consumos, ela traduz-se por uma indiferença, tantas vezes expressa em relação a este tipo de dispositivos. Nestes casos, o nível correspondente em termos teleológicos não é expresso.

Para terminar, as experiências de interrupções forçadas da carreira de consumidor são pontos de reflexão teleológica do sujeito sobre si mesmo e sobre o sistema, como acabámos de ver (se bem que isto nem sempre se observe com todos os entrevistados detidos).

2.2 - Dispositivo médico-sanitário

Analizamos, nos dispositivos médico-sanitários, os tipos de contacto que os nossos entrevistados estabeleceram, ao longo das suas histórias de vida de consumidores, com diversas instituições de cuidados.

2.2.1 - Dimensões ontológicas

Esta dimensão está claramente reduzida nesta subcategoria. Os únicos conteúdos aqui classificados referem-se a um caso em que a medicação fornecida pelo C.A.T. para desintoxicação "*dá para a pessoa em causa sair de casa e recair*". Mais uma vez a negação da responsabilidade é visível, com atribuição de propriedades condicionantes de comportamentos às próprias substâncias (é uma réplica de os drunfos servirem para roubar, como veremos mais à frente).

Outro conteúdo que merece ser sublinhado diz respeito a casos de incompatibilidade com certos serviços de saúde. Um nosso entrevistado, com um problema gástrico não resolvido, usa a heroína para resolver provisoriamente as suas dores (combinação de um problema corporal de características ontológicas com uma prática de si, ascética).

Há algumas explicações referentes a recaídas e a períodos de abstinência que tendem à ontologia. A vontade de sentir novamente os efeitos da substância, por vezes, é atribuída à própria substância ou à dinâmica da dependência em si mesma.

2.2.2 - Dimensões deontológicas

Nesta subcategoria, a deontologia dá conta de uma certa intersubjectividade e até de certas representações construídas acerca dos tratamentos, instituições de cuidado e até de articulações entre serviços de saúde e da justiça - nomeadamente o I. R. S. Da mesma forma, poderemos aqui recolher informação sobre os requisitos para um tratamento dar bom resultado e sobre as consequências genéricas das recaídas.

Uma das reflexões interessantes sobre o funcionamento dos serviços reivindica uma certa especificidade no atendimento de toxicodependentes:

RT- e já se tinha decidido a tratar antes

E- ora bem eu tinha decidido tratar em 1990 muito antes

RT- quando começou na agulha

E- sim já tinha tentado antes só que foi por intermédio de pessoas só que na altura não havia assim mas também havia aquela coisa de uma pessoa ora se trata agora ou não trata uma pessoa tem aquele consumo diário e tem de andar atrás dela uma pessoa não pode chegar e estar um dia inteiro num sítio à espera que lhe dêem uma consulta porque uma pessoa antes de ir lá tem que ir buscá-la quando a priori uma dificuldade que as pessoas tinham em se tratar era a demora que havia em serem atendidos não é pronto uma pessoa tem que ver que isso é normal mas para um toxicodependente não é porque ou se tem aquele consumo ou então vai-se para a consulta carregados dela e depois ter de ir ao quarto de banho para poderem consumir e ficarem ali se não não ficam depois em 90 tentei entrar para a metadona

Uma constante nos dados recolhidos é o recurso a médicos privados, no caso dos entrevistados com mais posses, ou a ida a serviços de urgência quando se desencadeia uma vontade de tratamento - muitas vezes originada por factores externos ao próprio indivíduo. A ida a um centro de atendimento especializado só acontece após inúmeros fracassos anteriores.

Em entrevistados mais velhos, recolhemos testemunhos que replicavam uma representação das instituições de cuidado tal como foram estudadas por Fernandes & Agra (1991): 'C.A.T. Boavista dá metadona; C.A.T. Cedofeita dá conversa'. A representação negativa da metadona ainda existe e, por vezes, ainda é associada àquela instituição:

E-que ele disse ó pá vai para o C.A.T. para a metadona mas eu já tinha ouvido falar na metadona que a metadona que é um vício pior que é uma droga que substitui a outra e eu disse não para que é que eu não vou tomar a outra droga só por causa de ser droga?

RT-foi logo no início?

E-logo no início

RT-mas estava-se a sentir agarrado para ele aconselhá-lo ir para o CAT?

E-vais lá fazes um tratamento de vinte e um dias não sei quê

Uma outra ideia bastante vincada é a da desintoxicação domiciliária ser bastante difícil em relação ao internamento, porque em casa pode-se sair quando se quiser. O internamento fornece o ensejo para a separação do meio e implica um sentimento de maior segurança.

De um modo geral, registamos a ideia de que um requisito indispensável para o bom termo do tratamento é a motivação do próprio implicado:

RT- como é que são os tratamentos no C.A.T.?

E- foi um bocado uma tábuia de salvação, e de ter alguém com quem falar das coisas, e sei que ali posso encontrar ajuda se quiser, mas se uma pessoa não quiser, não adianta nada, nem aqui, nem em mais lado nenhum, nem Patriarcho nem REMAR.

2.2.3 - Dimensões ascéticas

Como temos observado até aqui, a dimensão ascética replica na prática do entrevistado muitas das vivências atribuídas aos outros. Esta subcategoria não é excepção. A representação negativa da metadona interfere directamente nas decisões de certos entrevistados:

RT-o Afonso quantos tratamentos fez?

E-dois mini tratamentos

RT-no C.A.T. da Boavista

E-isso não foi tratamentos foi aquela asneira que eu fiz na minha vida

RT-porquê? ... a metadona?

E-sim doutor porque se eu estiver de férias tenho de obrigar a ir a família para um sítio onde haja um sítio onde possa ir tomar a metadona é assim aquilo é outra droga uma pessoa só anda lá porque não gasta dinheiro não gastam enquanto não tem enquanto tem gasta não é doutor?

Curiosamente, recolhemos também alguns casos em que a abstinência é alcançada num período antecedente ao início do acompanhamento institucional. O que se sabe de medicamentos e o que se vai aprendendo nas diversas tentativas de desintoxicação domiciliária é utilizado muitas vezes em tentativas de paragem.

Estas aprendizagens podem ter efeitos contraproducentes, favorecendo posturas que tendem a agravar a situação do entrevistado.

RT- antes já tinha feito paragens com médicos (privados)

E- a bem dizer aquilo nem foi paragem nenhuma, eles davam-me Serenal, aquilo punha-me a dormir, era Serenal e não sei que mais, que remédios eram aqueles, peguei naquilo e deitei foi tudo fora. Uma vez tomei um e já estava a ficar viciado no Serenal para dormir, porque já não conseguia dormir sem aquilo. E eu para dormir, pois sim, e Paxilfares também me deram, receitaram-me Paxilfares, Serenal e outros.

As tentativas de tornear o tratamento com antagonista ⁽⁵⁰⁾ - que impede a acção da heroína com o uso de outras substâncias - é comum, nomeadamente com a cocaína e também com álcool ou o uso de pastilhas (menos frequente). Em relação às recaídas, este uso de cocaína é um dos motivos mais frequentes que as desencadeiam. Mas a continência face à heroína está associada com o interdito fornecido pelo medicamento. Quando se deixam as tomas, as recaídas rapidamente acontecem.

E- e tinha isso no pensamento e era essa ideia sempre de fazer só que nem que passasse dois três meses às vezes vinha aquela ideia naquele dia ó pá apetecia-me fumar uma vez gostava hoje de dar um fumo, e um não faz mal a ninguém e era isso e ia uma vez parava de tomar o Antaxone porque para consumir uma vez tinha que parar quatro dias ou cinco, tinha de esperar quatro dias ou cinco para consumir uma vez e depois eu

dizia bem consumo hoje ao fim do quinto dia consumo ao sexto dia tomo a Antaxone como é só um pacote não faz mal prontos mas às vezes o pacote que eu consumia não fazia efeito não batia porque com o efeito do Antaxone sei lá não sentia nada e em vez de tomar o Antaxone dizia vou esperar mais um a ver se sinto alguma coisa que ontem não senti nada fiquei careta fiquei mesmo frustrado e então ia buscar e depois já ficava com medo iii já consumi dois pacotes será que posso tomar o Antaxone será qual é a reacção que vou ter? e então ficava com medo e dizia não não tomo vou esperar cinco dias quando tiver cinco dias ao fim de cinco dias

RT-pensava naquilo e não pensava no mais à frente...

E-pois era isso pensava sempre naquela altura ora bem fumo depois tomo o Antaxone e está na mesma tudo bem mas o primeiro batia depois o outro dia já ia buscar depois tinha medo de tomar o Antaxone porque já tinha consumido dois vou estar cinco dias abstinente e depois tomo o Antaxone mas... e estar esses cinco dias? é grupo era capaz de estar um dia e no outro dia bem vou só buscar mais hoje um em vez de estar cinco era três dias e era assim

Sucedese uma melhoria das condições de vida depois de um período de desemprego e tratamento forçado. O sentir-se melhor, com mais dinheiro e com mais recursos sociais precipita a recaída.

Uma constatação, porém, é quase commumente observada em todos os casos com quem tivemos contacto: a ideia de uma progressiva dificuldade em fazer mais tratamentos ao mesmo tempo que aumentam as consequências negativas das recaídas. Os períodos de paragem traduzem-se em ganhar peso; ter melhor aspecto; comer mais. Mas as recaídas acabam por assumir progressivamente consequências mais graves.

RT-e as recaídas como é que eram? era por ir para os amigos ou ...

E-de ir para os amigos pois apanhava-me com dinheiro e depois ainda ficava pior a primeira desintoxicação não custou muito a segunda já custou mais um bocado a terceira mais um bocado depois a outra depois a outra um gajo só dizia assim dá-me um tratamento a comprimidos no Magalhães Lemos senhora doutora e a minha mãe também não vale a pena dar-lhe mais medicação porque ele volta ao mesmo ele pode andar bem durante quinze dias

2.2.4 - Dimensões teleológicas

As interrogações sobre si mesmo são bem frequentes no contacto que os entrevistados estabelecem com as instituições de cuidado. O exemplo das recaídas é uma das ilustrações mais evidentes do que dissemos.

RT- e diga-me, sentir que esse tratamento não fez resultados o que é que o fez sentir?

E- deu-me pressentimentos que nunca mais ia sair disto

RT- pensou isso?

E- depois pensei: "isto ao fim ao cabo vai ser toda a vida a trabalhar para a droga" e queria deixar só não sabia de que maneira. Deitava-me na cama e pensava em mais oito contos ou dez que já tinham ido, era assim mas no outro dia queria era dinheiro para ir buscar a dose. A ressaca é uma coisa horrorosa

Este tipo de situações está bem descrito na literatura, nomeadamente no trabalho de Marlatt & Gordon (1985) onde é denominado Efeito de Violação da Abstinência (E.V.A.). O choque psicológico deste tipo não é, contudo, sempre observado: diversos entrevistados relatam-nos recaídas sem sentimentos de arrependimento ou desapontamento consigo mesmos, antes parecem ter sido premeditados.

O primeiro contacto com um centro de assistência pode servir para que diversos indivíduos finalmente admitam para si mesmos a sua dependência:

RT-demorou muito a pensar, a notar que estava viciado?

E-não ainda levei dois anos ou três a ver que estava viciado consumia de vez em quando foi a primeira vez que fui para o Magalhães Lemos foi em 91 ou 92 foi quando fui para o Magalhães Lemos fazer a primeira desintoxicação aí é que eu reflecti que já estava viciado porque eu queria deixar a heroína e tive que contar à minha mãe que ela não sabia que eu consumia heroína

Os períodos de abstinência fornecem a oportunidade para reflexões sobre o que se passou e o que se irá passar: um entrevistado diz-nos que há muito tempo só utilizava a heroína para tirar as dores; outros sentem-se reféns das recordações - "*ainda sonho com aquilo*" - achando que, com o tempo, se vão esquecendo das partes negativas da droga.

Uma entrevistada cujos consumos aconteciam sempre com o namorado, descreve-nos desta maneira um dos seus primeiros períodos de abstinência:

RT- mas depois houve estas coisas das recaídas, como é que explica estas coisas dos tratamentos, depois uma recaída a seguir depois mais outro (tratamento)

E- primeira recaída eu acho que o que me influenciou muito foi o Bernardo porque tanto eu como o Bernardo estávamos limpos e acho que na altura do Modelo estávamos limpos mas acho que as coisas entre nós não eram a mesma coisa. Parece que não tínhamos nada para fazer quando estávamos juntos (...) parecia que o tempo não passava

O exemplo traduz com clareza que as dimensões teleológicas, muitas vezes não verbalizadas nas entrevistas, encontram-se presentes, isto é: a vida de consumidor além de implicar uma vivência diferente, um exercício ascético específico, inclui também uma teleologia própria. A teleologia que deriva da ocupação ininterrupta do ciclo de actos do arranjar dinheiro-comprar a substância-consumi-la... Um emprego monótono do tempo (ver nota 43).

Mesmo nos casos em que o problema da droga parece já estar ultrapassado, a vivência da droga é indelével e inclusive está ligada a uma fase de crescimento de certos entrevistados:

RT- e no seu caso específico como é que se sente depois de isto tudo? Sente-se uma mulher diferente?

E- sinto-me muito diferente aprendi coisas que eu acho que não devia ter aprendido porque me abriram os olhos mas não me arrependo de nada porque eu agora consigo ver a vida de outra maneira que não via, consigo dar valor a coisas que eu dantes não dava valor nenhum e agora dou muito mais valor

RT- em quê?

E- até uma simples refeição eu lembro-me que depois das desintoxicações e tudo porque não posso dizer que passei fome mas comi muitas vezes sopa para gastar o dinheiro naquilo que não devia e depois das desintoxicações eu comia uma boa refeição e sentia um prazer enorme em comer aquela comida, coisa que até aos trinta anos eu não senti aquele prazer. Comer aquela comida com aquela satisfação, isto é um exemplo mínimo há outras coisas

RT- tem mais prazer na vida, é isso?

E- exacto há outras coisas

RT- mas há bocado disse o acho na frase

E- pois porque esta última enterradela não era para ter acontecido e aconteceu. Por isso é que eu ponho o acho antes é como aquele ditado nunca digas que desta água não beberás, não se pode dizer isso

RT- mas sente que está mais frágil em relação a outras pessoas?

E- não, não Aliás até me sinto forte neste momento, digamos que esta é a fase que eu me sinto mais forte e eu devesse dizer que nunca mais me ia meter em drogas, mas eu não digo isso, eu acho que nunca mais me vou meter, acho. Já são quase quarenta anos, já estou a pensar muito no futuro.

2.2.5 - Apreciação global

A dimensão médico-sanitária é procurada pelos indivíduos quer por espontânea vontade, quer por pressão da família, quer ainda por uma combinação complexa destes dois factores. Muitas vezes as redes informais dos entrevistados fornecem informações sobre os tratamentos das diversas instituições. O exemplo da metadona é clássico neste aspecto, mas em transformação - a carga negativa associada à substância parece mais diluída que no estudo de Fernandes & Agra (1991).

O contacto com os tratamentos é também uma oportunidade de aprendizagem em relação aos medicamentos. Registámos alguns casos em que se observa um período de abuso de benzodiazepinas após as primeiras consultas no C.A.T. O tratamento com antagonistas opiáceos implica também uma prática de si, uma ascese específica que se concentra na toma da medicação mas sempre que esta falha, a vontade consumir reaparece e, frequentemente, a recaída acontece.

Por último, quer o facto de se estar em consultas numa instituição para toxicodependentes, quer os períodos de abstinência, quer os de recaída são os principais

factores que desencadeiam reflexões e, por vezes, projecções do indivíduo no seu futuro (se bem que nem sempre em termos positivos, como vimos).

A dimensão médico-sanitária dá conta de um conjunto contraditório de vivências que se regista até nos próprios motivos para procurar estas instituições. Não devemos ter medo da diversidade, fazendo tentativas de uniformização: dependendo dos objectivos dos sujeitos, a recaída tem este ou aquele efeito ou não tem nenhum; dependendo das vivências piores ou melhores do percurso de consumidor os entrevistados só se lembram da parte negativa da droga ou, pelo contrário, a parte negativa vai "desaparecendo" com o tempo, só ficando a vontade de voltar a consumir...

2.3 - Discussão geral - Dispositivos normativo-rationais

Os dispositivos normativo-rationais formam duas grandes áreas que correspondem também à ambivalência reinante na política das drogas, um misto de repressão e ajuda. Ambas concorrem para a consubstancialização do estatuto de toxicodependente perante o todo social e, como vimos, perante os sujeitos para si mesmos. A figura do criminoso e do doente são as etiquetas sociais com as quais os entrevistados têm que lidar.

Para os dispositivos jurídico-penais vimos como as dimensões ascéticas e teleológicas são activadas: desvalorização da polícia; vivência dos inúmeros processos pendentes quase como algo normal; interrogação sobre a justiça da detenção uma vez que "*há mais droga lá dentro do que cá fora*". No médico-sanitário fizemos o levantamento de uma heterogeneidade de situações em que a dimensão teleológica está presente quer na reconceptualização e reflexão do seu próprio passado - mais frequente em entrevistados em processo de consolidação da abstinência - quer no ver-se eternamente como toxicodependente, mais comum em entrevistados com um processo mais ou menos longo de recaídas.

Registamos o facto de que ambos os dispositivos fornecem um contexto de aprendizagem que pode ser iatrogénico nos seus resultados: muitos entrevistados adaptaram-se facilmente à prisão, conhecendo novos esquemas, adquirindo novos contactos e conhecimentos; os centros de tratamento também servem para a aquisição de

conhecimentos sobre medicamentos e recursos existentes que podem permitir um percurso de consumidor com mais "regalias" ou mais facetado (uso de medicamentos para gerir a ressaca; uso de benzodiazepinas).

3 - Dispositivo: síntese

Os dispositivos aqui considerados foram agrupados em duas grandes áreas, os concretos e os normativo-rationais.

Os primeiros, de natureza quotidiana, servem de contexto ao início do percurso de consumidor bem como ao aparecimento das fases problemáticas - conflitos na família, conflitos no trabalho. Chamámos a atenção para o facto de a revelação do estatuto de toxicodependente nestas duas esferas constituir um ponto nodal no percurso de vários dos nossos entrevistados: muitos deles começavam a envolver-se mais com a actividade dos consumos ao contrário de outros que principiavam então um claro movimento de retrocesso. A pressão normativa só não aparecia tão evidente no que diz respeito às redes informais, se bem que também aqui registássemos uma progressiva selecção de amigos, ou "amigos da droga", em detrimento dos contactos com o meio normativo.

Nos segundos, os dispositivos normativo-rationais, se bem que nalguns casos a sua acção favorecesse a tomada de consciência, por parte do entrevistado, do seu estatuto de toxicodependente (a maior parte dos casos deste género regista-se na família e no trabalho) noutras consubstancia-se a pressão normalizadora da sociedade. Essa pressão, mais directamente visível nos dispositivos jurídico-penais, favorece modificações na esfera ascética e mesmo algumas reflexões teleológicas de si mesmo e da sociedade.

De um modo geral, os dispositivos são as esferas socializadoras com os quais os entrevistados entabulam jogos complexos de aceitação e de fuga. Os indivíduos terão de enfrentar pressões normalizadoras que, por vezes, são bem vindas e que, noutras desencadeiam processos de aprendizagem e de mudança que permitem a manutenção da actividade de consumidor. Aqui, a aprendizagem efectuada nos dispositivos médico-sanitários dos medicamentos como instrumentos de prolongamento da dependência é especialmente ilustrativo dessa relação ambivalente com os dispositivos.

Capítulo II - Socialização desviante

A socialização desviante, juntamente com dispositivos que acabámos de analisar, constitui o segundo grande tema aglutinador de diversas categorias e subcategorias que vamos começar a apresentar. Não se trata agora de conhecer o contacto dos entrevistados com as esferas normalizadoras mas sim com as desviantes. Para isso, organizámos duas categorias - Relação com os outros e Práticas e vivências - que se dividem, por sua vez, em diversas subcategorias. Na primeira, tentamos fazer um levantamento do tipo de contactos que os entrevistados estabelecem com as redes desviantes em que estão inseridos; na segunda organizamos longitudinalmente as diversas etapas no percurso de consumidores que os nossos entrevistados experimentaram.

1 - Relação com os outros

A categoria que agora apresentamos subdivide-se em duas subcategorias: Saber intersubjectivo e Gestão da imagem de si. No saber intersubjectivo tratamos de analisar o tipo de informação que circula nas subculturas da droga frequentadas pelos nossos entrevistados. Em Gestão da imagem de si, estudaremos as escolhas que os entrevistados fazem de forma a manter um determinado estatuto na subcultura e fora dela.⁽⁵¹⁾

1.1 - Saber intersubjectivo

O saber intersubjectivo dá conta dos conhecimentos sobre drogas, técnicas de consumo e outras actividades desviantes desde que não se refiram directamente ao sujeito. A subcategoria engloba ainda as opiniões sobre a evolução do fenómeno da droga quer a passada quer a futura, quer ainda as medidas que os entrevistados acham que devem ser tomadas para resolver certos problemas.

1.1.1 - Dimensões ontológicas

Praticamente ausentes nesta subcategoria estão as dimensões deste tipo, se bem que seja consensual a constatação da deterioração do produto e a tendência para se atribuir as propriedades maléficas da heroína ao "traço" que com ela vem associado.

E- é menos heroína mas a nível físico eu acho que é mais prejudicial o traço que eles metem torna-se muito mais prejudicial prontos na minha opinião não é na altura em que comecei a consumir o tempo que demorava a ficar-se agarrado à heroína era mais longo do que hoje em 90 por exemplo já era muito mais rápido as pessoas agarrarem-se além de serem mais rápidas a se agarrarem sofriam mais tinham mais dores, nós no início tínhamos dores mas não eram tão fortes pelo menos com aquele nível de consumo do que tinham em 90 por exemplo com o mesmo consumo do que as pessoas no início por isso digo que o traço fazia com que as pessoas sofressem mais e prontos agarravam-se mais colegas meus diziam até que uma pessoa era viciada no traço não era na heroína isso julgo eu no início a heroína era traçada com o chamado traço holandês depois

1.1.2 - Dimensões deontológicas

O facto de haver mais informação sobre drogas parece ser consensual quer a nível dos órgãos de informação, quer a nível dos exemplos de toxicodependentes mais deteriorados presentes nas redes informais dos entrevistados. Essa maior informação é vista por alguns dos sujeitos como um factor de protecção para que cada vez menos pessoas utilizem a heroína. Isto não contraria a ideia de que as falhas de haxixe no mercado negro façam pressão para que os indivíduos passem a consumir heroína.

RT-então disse-me que aos dezoito anos teve azar, como é que foi isso?

E-aos dezoito anos, já tinha eu dezoito anos ainda andava na ganza quando ouvimos no Marquês uma pessoa que tinha muito controle em aspecto de droga tinha muita quantidade de ganza naquela altura ele vendia ganza e tinha grande controle e ele avisou-nos no Marquês a quem ele tinha confiança: ó pá atenção que, olha que a ganza vai acabar aqui na cidade do Porto e nos arredores; che vens-me tu contar histórias que a ganza vai acabar vais desistir?; a ganza vai acabar vai deixar de haver ganza e vai entrar heroína e durante um mês ou dois não vai haver ganza isto é para toda a gente se meter na heroína para se enterrar, és tolo não me acaçam lá e foi realidade ele disse-me isso num sábado à noite e depois no outro sábado em Aveiro foi caço o carregamento que ia entrar em Portugal de ganza foi caço e entrou a heroína e depois ele em vez de andar a vender ganza andou a vender heroína e então a gente não é que puxasse muito mas não fumava ganza durante dois ou três dias e depois lembrámo-nos olha vou fumar um pacote ou menos vou substituir, não tenho uma vou buscar a outra uma vez também não faz mal...

Outro importante dado a este nível é a mudança da prática das injeções endovenosas, deixando de se aquecer o produto. Essa mudança adaptou-se bem à economia de meios e de tempo omnipresente nas etapas que antecedem o chuto. É claro

que, como um dos nossos entrevistados refere, o facto da diluição agora se conseguir sem calor levanta suspeitas sobre alterações farmacológicas da substância, oriundas de sucessivas adulterações.

E-dividia o caldo mas sempre com a minha máquina fazia com a minha máquina

RT-como é que fazia o caldo?

E-punha na colher na altura fervia-se

RT-agora ferve?

E-não agora não se ferve

RT-é a frio?

E-por causa das pastilhas que tem e do traço que tem

RT-do traço que tem?

E-sim porque senão uma pessoa faz e aquilo não dilui muito

A percepção de que o número de heroinómanos e cocainómanos está a aumentar, é bastante generalizada, ainda que não consensual. Apenas num caso a questão foi posta em termos mais gerais e sendo sensível à emergência das novas drogas (expressou ideias da subida da idade média dos consumidores; o aparecimento de novas drogas cujas consequências por ora se desconhece). A generalização do tráfico a pessoas não toxicodependentes é uma outra das constatações que se dizem a respeito da evolução do fenómeno das drogas.

RT- mas agora só para terminar a entrevista vamos pegar nesta coisa do eu vi muito o Jaime esteve a consumir quase desde o início da heroína em Portugal como é que vê a evolução das drogas o fenómeno todo

E- primeiro era o haxixe eu prontos a minha opinião é que as forças da ordem foram todas para cima do haxixe deixaram a porta aberta para as outras eu acho que foi como pôr a tranca de um lado e abrir a porta do outro eles nem sequer viram que o haxixe além de ser leve não causa habituação eu penso que não causa tão maus efeitos como tem a heroína ao nível da sociedade porque a maioria do pessoal que conhecia fumava haxixe mas trabalhava mas quando se meteram na heroína deixaram de trabalhar deixaram dessas coisas todas não é, eu acho que o governo teve muita culpa nisso começaram a atirar-se todos para cima do haxixe e começou a entrar a heroína e a cocaína que um quilo de heroína ou cocaína não é nada em comparação com um quilo de haxixe o haxixe é um volume e a heroína é um bocadinho e de coca não é e depois para começarem a apanhar começaram a apanhar o haxixe que era mais fácil e deixaram entrar a heroína ora a maioria do pessoal não sabia não havia aqueles programas que hoje há de informação e a gente não sabia e consumia depois de estar a consumir é sempre a andar ... a partir daí aquilo é quase como um sistema, uma pessoa fuma os irmãos vêem-no a fumar querem fumar também (...) a não ser agora que uma pessoa vê muito pessoas mal vestidas e assim muito...

Os locais de compra sofreram também uma evolução, pois passaram a ser mais vigiados. Essa repressão não parece produzir efeitos práticos: os traficantes conhecem-se todos uns aos outros e se não vendem neste bairro, vão vender noutro. A mobilidade é

uma constante nestes meios, o que incentiva também a passagem constante de informações entre os consumidores.

Ao nível do tráfico muitas famílias habitantes dos bairros começaram a dedicar-se a essa actividade mas sem consumirem. Frequentemente a baixa da qualidade do produto é atribuída à "ganância" das pessoas que vendem e não consomem. O próprio acto de compra nessas áreas dos bairros modificou-se um pouco: antes era só comprar e ir embora, agora 'há montes de pessoas a pedir'.

RT- era muito diferente os bairros da altura e os bairros de agora?

E- está porque agora são mais vigiados é pior antes eram só toxicodependentes, iam comprar e saíam agora há muitos à porta e dá-me isto dá-me aquilo e micos à porta e isto e aquilo prontos toxicoindependentes que estão lá, mas antes não, uma pessoa entrava e saía se quisesse comprar comprava ia embora agora não agora junta-se ali muito pedir... toxicoindependentes de antes não

Mas acima de tudo queríamos realçar a seguinte reflexão que dá conta das sucessivas etapas de comercialização dos vários produtos - nomeadamente o haxixe, a heroína e a cocaína. Nas entrelinhas podemos até pressentir um comportamento inteligente do mercado negro:

RT- o mundo das drogas ao longo deste tempo que consome como é que mudou?

E- mudou bastante quando eu comecei a consumir por exemplo, muito pouca gente sabia o que era a heroína, o que é que se passava com a heroína, que tipo de droga era, que consequências tinha, a cocaína ainda nem se falava nisso. A maior parte que se drogava mesmo era com drogas leves ou químicos com morfina e esses tipos de medicamentos. Depois quando começou a aparecer a cocaína e acho que a cocaína mudou um bocado as coisas

RT- como?

E- porque as pessoas depois começaram a aperceber-se dos problemas com a heroína e muita gente começou a deixar de consumir heroína e passou a consumir só cocaína. Resultado consumiam cocaína só durante um ano e ao fim de um ano já estavam a consumir as duas em dobro, é um bocado isso que acontece agora

Em suma, os entrevistados concordam na constatação de uma certa deterioração psico-social dos consumidores e das áreas de compra, assim como o aparecimento mais tardio de uma introdução generalizada da cocaína. Por fim, assinalam a massificação da actividade de tráfico que se tornou rentável e atractiva para muitas pessoas externas à própria subcultura das drogas (pessoas e famílias habitantes em zonas marginalizadas da cidade). Esse conhecimento dos bairros incentiva a que alguns entrevistados procurem

outras áreas de compra privilegiando, se possível, um conhecimento pessoal com um traficante, o que evita a frequência desse tipo de espaços.

Para terminar, falta realçar a importância que o conhecimento do mundo das drogas pode desempenhar no quotidiano dos entrevistados. Desde já, o reconhecimento do estatuto de toxicodependente nos outros fornece, ou pode fornecer, pistas importantes para a regulação do dia a dia dos diversos entrevistados. O saber intersubjectivo pode também fornecer importantes sinalizações no interior do próprio meio das drogas (p. e. "*os que andam aos filtros não têm nada a perder, devem já ter HIV, mais vírus menos vírus*").

Esse reconhecimento do estatuto de consumidor nos outros fornece uma sensação de segurança aos entrevistados que tentam manter os seus consumos a um determinado nível, reduzindo os riscos de possíveis contratemplos ou infecções mais graves.

1.1.3 - Dimensões ascéticas

As dimensões ascéticas estão ausentes nesta subcategoria. A definição de Saber intersubjectivo afasta a prática de si do material classificado.

1.1.4 - Dimensões teleológicas

Na dimensão teleológica desta subcategoria, considerámos material referente ao modo como os entrevistados vêem o futuro do fenómeno das drogas, bem como as medidas que se deveriam tomar para obstar aos inconvenientes e aos malefícios que o actual status quo das drogas apresenta (consulte-se igualmente Anexo 6).

As soluções aventadas pelos nossos entrevistados andam muitas vezes a par com um certo desencanto acerca das intenções de certos agentes de controle. Ideias como: eles não querem é acabar com isto, são comumente enunciadas. Também é frequente a ideia da inutilidade de repressões ou rusgas em áreas específicas da cidade. O mercado do tráfico move-se com rapidez nas margens da cidade, os traficantes "*nunca estão no*

mesmo sítio". Pelo que a repressão policial é sempre parcelar e ineficaz. A esta visão soma-se, em muitos casos, uma visão pessimista do fenómeno.

RT- então acha que isto tem tendência a alastrar?

E- eu acho que sim ou põem termo à própria polícia a começarem por baixo e em cima não é pelo meio. Um prédio começa-se a construir por baixo, tudo o que se deve fazer é por baixo é ir às fontes aí cortam o mal pela raiz não estou a dizer para pegar neles e fuzilá-los, eles sabem muito bem o que devem fazer quando querem...

RT- cortavam então o grande tráfico e a situação ficava resolvida?

E- sim, aqui neste nosso país pode-se fazer isso, nós não vivemos da droga como é tipo a Colômbia, por que aí está o estado envolvido também, aqui estou a dizer que vão mais depressa a casa de quem a vende e aparecerem no jornal todos contentes e vêm à televisão dizer que apanharam a senhora que tinha para fazer cem doses ou duzentas doses mas não se importam em ir buscar quem lhe deu essa droga para ela vender. Sabem muito bem que a droga era para ser distribuída no Porto, Guimarães e Póvoa do Varzim como é que eles sabem isso, como é que eles podem dizer isso, mas de certeza que ao dizerem isso sabem de quem era a droga e quem a ia distribuir. Quem apanha é sempre a raia miúda, como tudo. Se eles quisessem acabar...

Sabemos já da mobilidade dos traficantes e dos compradores. Em relação às propostas propriamente ditas temos dois grandes tipos de ideias: a liberalização das drogas leves e a despenalização ou, pelo menos, a venda da heroína monitorizada pelo Estado.

E- eu digo-lhe eu prontos não sei se o senhor doutor é ou não é mas eu sou a favor das drogas leves acho que até o nosso governo devia liberalizá-las eu por mim digo que eu fui para as drogas duras por causa das drogas leves porque senão me faltasse o haxixe e a liamba eu tenho a certeza absoluta que eu hoje não consumia heroína ou nunca tinha consumido heroína nem outras drogas porque a liamba principalmente a liamba a gente com um cigarro ficávamos bem o dia todo...

A política das drogas é, por vezes, vista como hipócrita e contraproducente uma vez que os mecanismos de repressão - como a polícia e outros, os "mais graúdos" - estão pessoalmente interessados na manutenção da venda de produtos ilícitos. A solução passaria pela regulamentação do mercado, mormente a assumpção, por parte do Estado, do fornecimento das tomas dos toxicodependentes.

RT- e como é que acha que isto vai evoluir, o mundo da droga e tudo mais?

E- eu acho que enquanto o Estado não puser qualquer coisa na farmácia para destruir a droga, não é com centros que conseguem compor isto

RT- e a polícia e tudo o mais?

E- também não consegue, porque a polícia também está metida nisto, o próprio polícia também está metido nisto, não é a polícia que anda por aí com cães, são os grandes que estão metidos. Enquanto não puserem qualquer coisa nas farmácias não digo que seja droga, qualquer coisa nas farmácias ou uma pessoa poder ir lá com um cartão tipo multibanco, chegar lá e pedir uma dose enquanto não fizerem isso não conseguem parar com isto e se fizerem isto eu acredito que há mais pessoas a deixarem a droga do que

senão fizerem isso. Se puserem isto mais livre deve haver pessoas a deixarem mais depressa a droga.

Essa monitorização por parte do Estado teria como virtude o controle das actividades de tráfico e uma melhoria de vida de grande parte dos consumidores. A deterioração psico-social admitida por um segmento importante dos entrevistados seria assim obstada:

RT- como é que acha que isto das drogas vai evoluir? Falou-me numa mudança que era agora a cocaína?

E- eu penso que eles vão ter de acabar por legalizar, porque legalizando e começando a ver o problema deste vício de uma maneira diferente ... vão acabar por legalizar aliás há tantas drogas legais.

RT- e legalizando o que é que acha que mudava?

E- situações de muita decadência, de muita miséria humana porque eu por exemplo tive apoio e tive alguma força para parar em que tinha de parar mesmo mas há pessoas que não têm, há pessoas que ficam completamente sozinhas. E acho que se as coisas fossem legais que não acontecia isso, havia sempre um último recurso, sem ter que recorrer a situações de prostituição e de roubo de sobrepor a droga a valores humanos.

1.1.5 - Apreciação global

O saber intersubjectivo possui uma forte componente deontológica onde informações e conhecimentos sobre o mundo das drogas indiciam um forte conhecimento do meio e das possibilidades biográficas à disposição. A mudança das práticas de consumo endovenoso é uma pista importante para a compreensão da dinâmica da propagação dessas informações.

A posse dessas informações abre portas às dimensões ascéticas do conhecimento do estatuto de consumidor num outro - reconhecimento esse que também potencializa, pragmaticamente, as possibilidades de fazer associações com outros indivíduos, facilitando a compra do produto. Os conhecimentos estendem-se também à identificação dos tipos de consumidores entre os que se importam e os que nada têm já a perder.

Os entrevistados mostraram-se pródigos na reflexão crítica sobre o meio em que vivem, procurando soluções, descrevendo a dinâmica subjacente ao mercado negro de comercialização das drogas duras. Constatamos uma forte motivação para a aprendizagem de novos dados do mundo das drogas, fruto de uma necessidade de gestão da vida quotidiana de consumidores que analisaremos adiante. Por fim, uma reflexão sobre as

implicações e consequências que o actual status quo das drogas traz consigo revela análises elaboradas das situações ao mesmo tempo que se aventam soluções que merecem atenção cuidada.

1.2 - Gestão da imagem de si

Juntamente com a subcategoria anterior, a Gestão da imagem de si constitui parte integrante da categoria Relação com os outros. Neste caso, consideramos aqui todo o material referente ao que o indivíduo faz ou acha que deveria fazer em função da manutenção de um certo status pessoal quer no que diz respeito à subcultura de que faz parte, quer em relação com o meio normativo.

1.2.1 - Dimensões ontológicas

Estão praticamente ausentes nesta categoria. Registámos, porém, atribuições à substância - especialmente a heroína - reveladoras de uma certa incontinência. Certos entrevistados dizem que, num dado momento dos seus percursos, deixaram de se importar com o seu aspecto, com o seu status porque foi a própria droga que os pôs assim.

Não são classificações ontológicas puras, mas sim combinações entre este nível e o ascético, pelo que são também técnicas de negação de responsabilidade.

1.2.2 - Dimensões deontológicas

A deontologia dá conta nesta subcategoria da reacção do meio normativo aos "drogados", quais as regras, as dificuldades e quais os pontos essenciais nessa gestão da imagem social dos indivíduos. É a própria exclusão, na sua dimensão social e psicológica que está aqui em jogo.

RT- mas estava falar nas pessoas

E- bem as pessoas normalmente as pessoas fazem...bem a priori põe logo um toxicodependente de lado não é ali na Cordoaria já vi inclusive pessoas a renegarem copos de água e isso faz com que as pessoas se revoltem e então isso faz com que as pessoas não se importem se os outros os vêem mal ou os vêem bem isso é igual depois vivem na

droga e passam a marimbar-se para o que as outras pessoas pensem e pronto a partir daí já não têm problemas se tiverem de roubar alguém roubam, não é, portanto eu acho que eles perdem aquele sentido sei lá deixam de ser pessoas normais a priori sentem-se à parte

O que é apercebido pelos entrevistados, em certos casos, desencadeia reacções de maior afastamento, enquanto que noutros, as respostas traduzem-se em tentativas de aproximação. A gestão da imagem de si parecia mais facilitada antigamente do que agora: antes, a maioria das pessoas não notava, não sabia ler os sinais da droga. Actualmente já não é bem assim.

De qualquer modo, o reconhecimento de uma pessoa como toxicod dependente inicia frequentemente um processo de exclusão que é desencadeado de ambos os lados.

RT- e depois como é que foi a sua vida quando começou a sentir que estava dependente

E- a minha vida já era difícil mas mais difícil ficou depois da droga

RT- difícil como?

E- tudo derivado da minha infância eu sempre fui criado pelos meus tios, todos homens, eu não estava com a minha mãe, são assim essas coisas todas que ficam na cabeça, a minha já era difícil. Quando me meti então aí é que piorou mesmo, problemas familiares em casa, uma desconsideração enorme das pessoas, eu sentia que as pessoas me estavam a desconsiderar, embora não o dissessem e problemas com os tribunais e essas coisas todas.

RT- como é que sentia que as pessoas o estavam a desconsiderar?

E- evitavam falar para a gente, evitar os convívios que a gente tinha e que depois de uma pessoa se meter na droga já não eram possíveis de realizar já não se podia conviver com esse tipo de pessoas porque nunca batia certo. À uma porque elas fugiam de nós mas nós também fugíamos delas por vezes éramos nós que procurávamos outras pessoas, outros meios, outros caminhos onde a gente se sentisse bem.

RT- fugiam porquê, porque não gostavam de estar à sua beira?

E- sim por a gente se calhar ter a nossa maneira de ser. Andar-se a drogar, uma pessoa procurava sempre esses meios onde se sentisse bem

O maior convívio informal com pessoas que consomem vai fornecendo aos indivíduos normativos pistas, sinais para que esse reconhecimento seja mais rápido. Os momentos de afastamento e "desconsideração" tendem a precipitar-se desde que esse reconhecimento público passe a ser efectuado. Esse afastamento, como vimos, também é incentivado pelo próprio indivíduo, repetimos: "... mas nós também fugimos deles..."

1.2.3 - Dimensões ascéticas

As dimensões ascéticas traduzem-se por um esforço que os diversos entrevistados fazem, de modo a manter o seu estatuto de toxicod dependente escondido, mas também no

cuidado em manterem um bom nome no mundo das drogas. Os contextos de vida de cada entrevistado fazem com que este exercício assuma inúmeras configurações.

-Face ao meio normativo -

Desde logo, em indivíduos mais normativos, temos o exercício de contenção presente face a esferas socializadoras mais próximas, como a família e o trabalho.

RT-com o haxixe nunca desconfiava se você aparecesse lá fumado?

E-houve uma altura que ela desconfiou só que eu disse que foi álcool que foi cerveja uma vez com a ganza que eu tinha fumado adormeci de joelhos no quarto fiquei de joelhos com álcool e com ganza adormeci nem sei como é que fiquei de joelhos a dormir e aí a minha mãe já ficou com pé atrás fogo este gajo a dormir de joelhos o que é que se passa? aqui não bate nada certo pronto eu disse foi uma festa de anos bebemos mais álcool prontos adormeci de joelhos nem sei porque é que eu estou de joelhos a mãe a partir daí ficou com um pé atrás e via-me sempre com os olhos vermelhos com a ganza porque já andava com o haxixe e quando passei para a heroína andava com os olhos vermelhos da ganza disse: alto que este já está a ir pelo bom caminho

Existem também uma série de situações em família em que os sujeitos têm de lidar de modo a esconder a "moca" ou a "pedra" perante os pais. A tarefa era facilitada pelo desconhecimento dos familiares acerca das drogas, como já vimos na respectiva subcategoria.

Esse exercício de contenção traduz-se também, nalguns casos, por um esforço diário em alimentar-se, lavar-se, manter uma certa aparência física. A privação é outro dos obstáculos a gerir de modo a "não dar muito nas vistas". A dificuldade é minorada pelo socorro a medicações (benzodiazepinas e analgésicos especialmente). No entanto, mesmo assim chega o momento em que não dá para esconder mais:

RT- e essas pessoas que não andavam na droga sabiam que você estava a consumir?

E- É óbvio que uma pessoa se pode esconder mas chega a um certo ponto que é sempre descoberto. Eu, por exemplo andei na droga, escondi-me o máximo que pude, escondi o medo...

RT- o que é que fazia para se esconder?

E- evitava andar mal parecido, tentava ser o mais limpo possível, coisa que uma pessoa na droga ao longo do tempo vai esquecendo de fazer a barba, ter de comer, até disso uma pessoa se esquece. Foi quando eu comecei a dar por ela também, o pessoal soube que eu andava metido derivado às más companhias com quem eu andava, àquilo que eu andava a fazer e à minha maneira de ser, de me estar a deixar ir abaixo.

Em períodos de consumo desmesurado, ou após recaídas, sucedem-se momentos de descontrolo e de "não querer saber" que são, as mais das vezes, bastante conflituosos.

-Face ao meio desviante -

Em relação ao mundo desviante é necessário para o traficante, pelo menos para certos traficantes, manter um bom nome. As regras de socialização das subculturas não são mediadas por um terceiro elemento regulador. Os conflitos são resolvidos de forma violenta e os mecanismos de segregação funcionam com celeridade: "*quem não é de confiança*" em pouco tempo se vê em maus lençóis.

RT- porquê (não rouba cliente)

E- porque se roubasse roubava hoje amanhã já não roubava só podia fazer isso uma vez enquanto se fosse honesto tinha sempre foi assim que eu andei

RT- comprar para os outros e manter os clientes

E- era uma espécie de tráfico diferente não deixava de ser tráfico

Também, em certos casos de grande familiaridade com o mundo da droga, o não deixar-se roubar e enganar é ponto de honra de uma certa convivência informal. E isto aplica-se no convívio informal com outros toxicod dependentes, nos actos de compra, e em certos jogos de intimidação frequentes nos bairros.

O caso do entrevistado com actividades mais altamente criminais foi também o caso em que a reputação desempenhou um papel mais relevante:

E-cheguei a ter problemas com certos seguranças que eu não sabia que eram seguranças e eu dava-lhes cabo da cara e tal e também eu também fui ganhando um certo respeito uma certa fama as pessoas começaram a ganhar um certo respeito eu em sete ou oito bares já toda a gente me tinha respeito e eu fui andando já era casado vinha da tropa e tal fui pôr a moça a trabalhar

O mundo da prostituição, dos bares de alternadeiras exige gerentes que imponham "respeito" e sejam capazes de resolver todo o tipo de conflitos. O nome do gerente pode por si só evitar muitas complicações. Acrescente-se que, associados a este cargo de proxeneta diferenciado, passe a expressão, somam-se os cargos de traficante, cobrador de dívidas difíceis, entre outros...

1.2.4 - Dimensões teleológicas

A esfera teleológica, se bem que nalguns dos exemplos utilizados surja em combinação com aspectos pragmáticos, é relativamente frequente nesta subcategoria. Em

relação ao mundo normativo, a convivência quotidiana pode levantar uma série de sentimentos contraditórios que chega, inclusive, a um evitamento de certas áreas. Os exemplos são de combinações de reflexões sobre o estado de si mesmo (teleológico) com a gestão das práticas (nível ascético).

RT- o Jaime também se esteve a sentir à parte

E- sim concerteza eu sentia que as pessoas olhavam para mim inclusive às vezes insultavam-me ou ouvia a falar mal não de mim mas... era geral e isso também doía não é apesar de eu nunca ter feito o que vejo os outros a fazer não é no fundo também estou englobado neles às vezes era igual e isso doía as pessoas automaticamente ao porem-nos de lado isso faz com que automaticamente eles não se importem com essa história das pessoas

RT- o Jaime teve de fazer um esforço para as pessoas não o porem de lado

E- o meu esforço foi... bem eu respeitei sempre as pessoas os vizinhos continuaram a não ter de dizer de mim houve aquela altura em que as pessoas olhavam de lado nós fumávamos haxixe...

Os sentimentos de vergonha, o não sentir-se bem no convívio com amigos não consumidores são alguns sinais que consubstanciam o ser-se diferente - consumidor de substâncias ilegais, de alguma maneira um outro que é menos digno e que está em falta perante o social.

A negação da responsabilidade pode também ter laivos teleológicos, nomeadamente na justificação de actividades como o proxenetismo e o tráfico. O nosso proxeneta "era dos bons": não era como os outros; não batia às prostitutas; dava-lhes mais roupas; não obrigava ninguém.

A intemperança pode também estar presente em algumas esferas de um toxicodependente, nomeadamente na dificuldade que a maior parte dos entrevistados passou para admitir perante si mesmo que estava dependente da heroína. Há uma dificuldade evidente na reconceptualização de si mesmo como outro diferente como um toxicodependente. Este facto tem funções importantes na prossecução da actividade de consumo, mas sublinha a preponderância inicial das dimensões lúdicas e de identificação social que as substâncias fornecem, pois o consumo desmesurado pode também ter funções de reputação dentro do grupo de pares:

RT-como é que o Júlio se via

E-e bebia muito foi quando comecei a beber bebia às vinte cervejas e era como o senhor doutor disse há bocado parece que a gente tinha assim um bocado de orgulho em

beber aquelas vinte ou trinta cervejas e fumar aqueles sete ou oito charros porque havia aquela rivalidade entre grupos e então o nosso grupo era o grupo que depois até foi conhecido como o grupo mais consumidor tanto em álcool como em droga ó pá aqueles gajos poça a gente levantava-se da mesa ficava tudo a olhar para a mesa cheia de cerveja iii, só que a idade vai avançando a gente vai pensando de outras maneiras porque o pensar eu para mim o pensar eu quando tinha dezasseis, dezoito ou vinte anos pensava de uma maneira e agora penso de uma maneira totalmente diferente não é já sou um homem feito já tenho outra maneira de pensar enquanto era novo é vai para a frentex vai para a frentex não queria saber não tinha preocupações na vida agora não a idade, a gente vai para mais velho vai vendo que não, não pode ser assim

Apenas num caso o uso de heroína foi justificado em termos psicológicos, isto é, o consumo servia para o entrevistado tornar-se um outro que não era, numa gestão precária, instável, mas de alguns anos:

RT- porque acha que fazia esse género de coisas?

E- lá está, acho que era um pouco pela timidez que sentia, porque ficava mais à vontade ou seja ajudava-me a que eu fosse o que queria ser, a agir consoante a imagem que tinha de mim, que eu queria ser. O álcool foi a minha primeira bengala, depois veio o haxixe nesta altura eu levava uma vida um bocado dupla que era aqui no Porto que ia às aulas décimo, décimo primeiro, décimo segundo já comecei a ser bom aluno. No décimo ano a matemática no primeiro período tive seis e só tive uma positiva durante o ano todo, depois quando estudei e fui fazer o último teste tive dezoito e depois desde esse teste até ao décimo segundo nunca mais tive menos de dezasseis a matemática, tive não sei quantos vintes no décimo segundo tive dezoitos a química. Tornei-me bom aluno e depois deu-me a vaidade, o meu ego nessa altura subiu bastante.

A esfera teleológica é palco do que os entrevistados dizem de si mesmos no decorrer das suas diversas actividades e interacções dividindo-se em duas grandes atitudes: de temperança e de intemperança, esta a mais difícil de assumir numa entrevista.

1.2.5 - Apreciação global

A gestão de si tem regras deontológicas, especialmente nas zonas de compra mais ligadas ao mundo das drogas, embora nem todos os entrevistados possuam o mesmo grau de familiaridade com elas. Também neste nível se encontra a gestão das aparências face às várias esferas do mundo normativo.

No nível ascético, temos exemplificadas as práticas realizadas em função da manutenção de um certo status na subcultura, com fins instrumentais claro está, bem como a interacção estabelecida com amigos não consumidores. O afastamento que se

observa em relação a diversas esferas normativas é dual porque de exclusão e, a partir de certo momento, de auto-exclusão, com implicações teleológicas bem evidentes.

Por fim, o nível teleológico permite-nos ilustrar essas interações com os indivíduos não consumidores no que isso implica para os entrevistados - sentimentos de mal estar, vergonha etc... - mas também nas implicações ascéticas da situação - comportamentos de evitamento e exclusão. As justificações que os entrevistados utilizam para os seus actos constituem também um alicerce importante para o nível ascético, constituem uma espécie de gestão da imagem de si para si mesmo.

1.3 - Discussão geral - Relação com os outros

A categoria Relação com os outros foi dividida, como vimos, em duas grandes áreas: uma mais impessoal, por assim dizer; uma outra individual por excelência. Na sua globalidade, esta categoria fornece-nos a vivência de se ser portador de um estigma (noção de Goffman, 1988) nas suas implicações sociais e individuais.

As implicações sociais englobam a necessidade de conhecimentos específicos e de informações indispensáveis à continuação da actividade de consumidor de drogas. As implicações individuais dão-nos a observar a gestão de "aparências" e de contactos, quer em relação ao todo normativo - tentando ocultar o máximo de tempo possível o estatuto de consumidor - quer no interior da subcultura das drogas: vimos que a importância da reputação é proporcional, por assim dizer, ao grau de especialização da carreira desviante.

A relação com os outros despoletou um maior grau de proposições classificadas por nós como teleológicas. Isso é significativo, na medida em que a continuação de uma actividade não aceite socialmente impõe constrangimentos incontornáveis que necessitam ser geridos ao nível individual de modo a que a carreira de consumidor seja possível.

2 - Práticas e vivências

Práticas e vivências constitui a segunda categoria do tema Socialização desviante.

Pretendemos analisar agora com ela as vivências, experiências e práticas dos indivíduos entrevistados ao longo de três grandes momentos cruciais nas suas histórias de consumidores de drogas, a saber:

- iniciação às drogas, que engloba os momentos de aprendizagem e primeiro contacto com as várias substâncias;
- gestão da carreira de consumidor, que engloba as escolhas, decisões, numa palavra, o percurso de toxicodependente dos vários entrevistados;
- por fim, os pontos de inflexão que fazem o levantamento dos momentos de retirada das actividades ligadas ao mundo das drogas e/ou momentos em que o indivíduo decide ou é compelido a reduzir os consumos ou mesmo estar abstinente em relação a certos produtos.

2.1 - Iniciação à drogas

Nesta subcategoria analisaremos o contexto dos primeiros contactos com as substâncias, a descrição dos efeitos e os primeiros momentos de aproximação a esta ou aquela substância nas dimensões que temos vindo a utilizar.

2.1.1 - Dimensões ontológicas

Genericamente dizemos que a principal porção de material que cabe nesta dimensão é a dos efeitos das várias drogas. Raramente se considera o efeito como algo de manejável, é antes descrito em termos absolutos. Isto dá-se com mais relevância para a heroína do que para a cocaína e o haxixe. Há mais concordância em relação às propriedades daquela droga do que a estas duas últimas.

Levantamos a hipótese de, por ser esta amostra constituída por heroinómanos que perderam de algum modo o controle da substância, estes não serem capazes de flexibilizar a sua visão da substância como o fazem com o haxixe e a cocaína.

- Efeitos e técnicas de utilização do haxixe -

O haxixe faz rir, abre o apetite. Não é considerada, as mais das vezes, uma droga ou quando o é, é uma "droga benéfica". Em relação aos efeitos, começemos por uma excepção:

RT- mas aquilo fazia-lhe confusão das primeiras vezes?

E- sim das primeiras vezes eu estive sentado duas horas sem sair do sítio sei que estávamos numa fonte e eu fiquei lá colado saíram e eu fiquei lá não estava habituado não sabia mais ou menos o efeito

RT- mas foi uma boa experiência ou não?

E- ao certo pronto fiquei estático a priori não posso dizer que tenha sido uma boa experiência porque não saí dali não sei por onde andei fiz uma espécie de uma viagem costume falar em viagem uma pessoa vai por lá fora mentalmente claro fisicamente não sai do sítio mas mentalmente andei por sei lá onde sei lá onde andei

RT- via coisas? eram boas ?

E- sim sim eram coisas boas eu tenho uma recordação mais ou menos dessa altura fui para a cama não conseguia dormir via coelhos às cores ouvia música sem haver música nenhuma, foi mais ou menos assim não foi desagradável

Este efeito não é muito comum e apenas se observou num caso de início de consumo nos anos 70. Contudo, efeitos de auto-referência em espaços públicos foram várias vezes referenciados - inclusive este é um dos motivos de afastamento do consumo do haxixe.

Em relação às técnicas de consumo o haxixe pode ser consumido no charro (misturado com tabaco) mas também no cachimbo ou "bongo" onde a acção da substância é optimizada: "no bongo bastam duas passas porreiras que sente-se mais feito..."

RT-o efeito é muito diferente

E-sim mais forte pelo menos acho que bate mais porque sei lá é mais directo a gente a puxar sei lá sente-se mais acho que sim pelo menos para mim é foi essa a única maneira diferente...

RT-mas o efeito é só mais forte, não difere...

E-não difere em nada o efeito é mais forte é capaz de sentirmos mais rápido, em vez de sentirmos o efeito da ganza ao fim de estar ali no meio do charro não é enquanto ali na primeira passa é uma passa grande porque está ali o copo cheio de fumo então a gente a puxar aquilo vai logo directo para os pulmões e então a gente sente logo aquela oura, a gente fica ourado pelo menos da minha parte é assim e toda a gente que eu conheço que já consumiu diz que é assim...

Em relação à marijuana não se faz grande distinção entre ela e o haxixe, com algumas exceções (não há consenso: a marijuana é mais leve; a marijuana é mais pesada, 'droga dos africanos' diz-nos um membro de um grupo de retornados onde esta substância desempenhava evidentes funções de identificação grupal). Veremos em seguida o contexto de utilização desta droga. Registam-se casos de consumo excessivo com alterações na vigília. O consumo excessivo desta substância acaba por traduzir os efeitos pesados de uma droga que se dizia leve: "... ficava pesado às vezes queria falar de certas coisas e esquecia-me...", o que acaba por traduzir-se numa comparação entre esta substância e a heroína à primeira vista paradoxal:

RT- e depois teve curiosidade para consumir heroína?

E- aquilo como dava muita ganza pesada, comecei a experimentar e vi que dava uma moca mais leve

RT- dá uma moca mais leve? (a heroína)

E- dá era muito mais leve. Torna-se mais pesado se a gente consumir muito, nem se consegue abrir os olhos. Se consumir fica-se muito mais cansado de uma moca para a outra ficávamos mais finos, um gajo fica trengo

RT- ficava mais fino?

E- com o haxixe fica trengo e com a heroína não, o haxixe corta mais as ideias a heroína já não

Esta apreciação configura uma ideia geral das vantagens imediatas da heroína em relação ao haxixe quer em termos do efeito propriamente dito, quer no que diz respeito aos efeitos indesejáveis: a heroína não deixa os olhos vermelhos é, por isso, mais fácil de esconder perante os outros.

Apesar de existir concordância quanto a inúmeros efeitos positivos e negativos do haxixe e das técnicas de consumo serem relativamente uniformes (p. e. o charro a rolar no grupo; consulte-se também nível deontológico), também se regista num número considerável de casos o uso do haxixe sem que já haja efeitos: já se estava habituado. Mesmo ao nível ontológico existe uma apropriação de significados:

- haxixe droga de continentais, marijuana droga de africanos - logo esta é considerada mais forte pelo grupo dos "africanos" (vindos das colónias);

- haxixe dá e não dá 'moca' mais pesada, conforme os casos. Os dados inclinam-se mais para o haxixe ser uma droga mais forte nos efeitos do que a heroína o que tem a ver, certamente, com vivências pessoais.

- Efeitos e técnicos de consumo de cocaína -

O nível de concordância em relação às propriedades psicofarmacológicas da cocaína encontra-se fraccionado em duas grandes áreas: a cocaína controla-se bem porque não dá ressaca; a cocaína é gulosa e muito difícil de controlar.

Esta divergência deve-se, é nossa opinião, ao envolvimento ou não envolvimento do sujeito entrevistado com esta droga. Assim, os entrevistados com baixo envolvimento tendem a considerar a "branca" mais controlável do que os com maior envolvimento. Mais uma vez as vivências parecem desempenhar um papel importante nas atribuições ontológicas efectuadas para cada substância como, aliás, esta reflexão de um entrevistado parece confirmar:

RT- como é o efeito da cocaína?

E- ora bem houve uma altura que era um efeito alegre. Mas era diferente da heroína, a heroína enquanto no início torna-se alegre, enquanto não se é viciado, uma droga pode-se dizer que é bem. Porque a gente fica bem se não fumar muita, eu estou a falar da quantidade que eu fumava quando me iniciei, um pacote dava-me para aí para cinco vezes sentia-me diferente mas sabia o que estava a fazer, sabia que tinha que fazer a barba, vestia-me bem na mesma, fazia, mas sentia-me diferente dos outros. Se calhar enquanto o outro podia acordar mal disposto eu podia acordar mal disposto também mas fumava aquilo e ficava bem disposto, estava diferente dele de qualquer forma, a ele podia-lhe correr tudo mal e a mim se me corresse tudo mal tanto me fazia porque eu estava bem, está a perceber? As coisas passavam ao lado. A cocaína considero uma droga alegre enquanto se cheira, mas é preciso muito dinheiro para se fazer isso, e ir para discotecas torna-se uma droga alegre mas depois também vem o vício muita quantidade e estraga tudo outra vez, como aquilo é exagerado estraga-se sempre tudo

Temos aqui ilustrados dois graus de envolvimento com a substância bem como a importância das modalidades de consumo. Outras propriedades atribuídas aos efeitos da droga são: efeito rápido - "é uma droga estúpida"; speed; tirar o apetite; excitação de consumir e frustração subsequente ao consumo.

Também os modos de administração da substância parecem aqui desempenhar um papel importante, uma vez que a base "fumada no caneco" e a injeção endovenosa

parecem ser mais agressivas e provocar um descontrole maior do que se observa para a via inalada (no calão, snifada). A visão longitudinal tem aqui um importante papel uma vez que ao longo do percurso de consumidor se observa, nos casos de contacto regular com a cocaína, um progressivo descontrole.

Em qualquer caso, a cocaína surge como uma droga subsidiária ou secundária em relação à heroína e que muitas vezes se submete aos constrangimentos que a droga de eleição "*a que dá ressaca*" vai criando. Mas com isto estaríamos já a antecipar a visão ascética.

- Ácidos e drunfos -

A experiência com este tipo de drogas é reduzida na nossa amostra. No que diz respeito aos ácidos temos um receio generalizado - podemos ir e não voltar da viagem; contenção face à perda de controle subjacente. Para os drunfos, observamos mais uma vez a divisão de opiniões em função das vivências pessoais:

- efeito de inconsciência que desencadeia problemas relacionais com a rede de amigos dos entrevistados; noutros casos, dos bairros normalmente, relaciona-se a inconsciência com o roubar inadvertidamente;

- um entrevistado descreve-nos os drunfos, especialmente o rohypnol, como parecido nos seus efeitos à heroína.

- Efeitos e técnicas de consumo de heroína -

Em relação à heroína, as descrições são mais unânimes, quer em relação aos efeitos, quer em relação às práticas. Se bem que isso não se registre na fase dos primeiros consumos já que ainda estão a aprender o modo de usá-la - temos exemplos em que da primeira vez a heroína não fez efeito, noutros observa-se um efeito em demasia com vômitos e náuseas, ou seja há uma disparidade nessas vivências, o que acaba por traduzir a pouca familiaridade dos entrevistados com a substância.

RT-o Afonso começou a consumir heroína de que maneira?

E-fumada

RT-quando tempo teve a fumar

E-pouco quatro, cinco anos... cinco anos

RT-como é que era o efeito da heroína era muito diferente do haxixe

E-muito diferente a heroína é um efeito que a gente quase que não dá por ela é um efeito que a gente quase que nem nota o efeito que aquilo dá, aquilo é uma coisa que dá bem à cabeça como se fosse um embate qualquer que a gente recebe na cabeça e prontos e ao primeiro não se nota a diferença mesmo fumado ou injectado julgo eu que não se deve dar muito pela diferença a gente fuma aquilo bate na cabeça mas a gente quase que nem se apercebe mas quando a gente já está viciada é que a gente nota que quando a gente fuma ou injecta o alívio que a gente sente não é fica aliviado aaaah é quase como a gente dizer assim olha vai buscar a farmácia para aqui

Subentende-se que a aprendizagem do uso, adquirida à medida que o tempo de consumo vai aumentando, tem um papel a desempenhar aqui.

Outro aspecto ontológico interessante no início do consumo de heroína são as vantagens imediatas que a "moca da heroína" tem em relação à "moca do haxixe". (Recordamos que a maior parte da amostra principiou o seu percurso de consumidor com o haxixe e só depois passou à heroína).

2.1.2 - Dimensões deontológicas

Como vimos nos Antecedentes pessoais e na caracterização da amostra realizada no Anexo 4, a primeira droga a ser utilizada é o haxixe. Dedicaremos então a nossa análise aos aspectos deontológicos do uso dessa substância. Mais tarde analisaremos a transição do uso desta droga para a heroína e, no momento seguinte, consideraremos a cocaína. Por último, realçaremos a deontologia posta em jogo no uso de outras drogas como os drunfos, ácidos e outros.

- Uso de haxixe -

É uma constante na análise dos relatos recolhidos a iniciação e o uso desta droga em contexto grupal. O uso lúdico é bem evidente nos diversos relatos, nomeadamente idas para discoteca, festas, convívios de rua nos vários bairros da cidade, ou contextos semelhantes.

Normalmente os charros "rolam" no grupo desenhando-se assim um momento que antecede a saída propriamente dita - em dias de festa, saídas ou fins de semana - ou servem apenas para estruturar um convívio mais quotidiano. A iniciação é verbalizada em termos do grupo ou das companhias, pois apenas dois entrevistados se referiram ao seu começo no haxixe pela ajuda de um amigo mais velho.

Outra dimensão interessante da deontologia é o uso do próprio haxixe, em termos de gestão dos efeitos como algo induzido pelo grupo:

RT- lembra-se da primeira vez?

E- dormi toda a tarde fui para casa de um colega meu e prontos adormeci lá toda a tarde

RT- mas foram eles que disseram para fumar?

E- nós sabíamos, porque havia um colega nosso que fumava e fomos experimentar também, vamos experimentar fumámos um

RT- mas sabia o que é que era, havia curiosidade?

E- quer dizer sabia o que é que era, era droga é natural só que era aquela curiosidade de saber o que é que isso dava e gente vai experimentar tanto é que à primeira vez não gostei, o primeiro charuto a dormir toda a tarde não quero mais nada disso, para dormir não preciso

RT- o efeito foi dormir...

E- foi o efeito foi dormir sentei-me a uma mesa começou a dar-me o sono encostei a cabeça adormeci

RT- foi o Gaspar que comprou o charro

E- fui eu e outro colega que comprei através de outro colega que a gente pediu a ele, ouve lá já que vais comprar para ti compra também para nós, ele comprou para nós

O entrevistado tinha tido um primeiro consumo desagradável - adormeceu, ficou em casa. Esse episódio predispô-lo a um afastamento das drogas. Foram os amigos que aconselharam uma nova experiência em moldes diferentes.

O haxixe também foi conotado pelo grupo ou investido simbolicamente como expressão de revolta, até de uma certa superioridade em relação aos não consumidores.

Em termos de iniciação, o argumento de não haver informação é pouco usado, pelo contrário, argumentação do tipo "haxixe é uma droga natural"; "não faz mal" é bem mais frequente. Quanto ao uso habitual do haxixe, ele é mencionado sempre em termos grupais (há uma única exceção de um sujeito que só fumava quando estava sozinho). Numa das entrevistas chega-se mesmo a identificar o haxixe como uma droga social:

RT- mas depois continuava a fumar em conjunto?

E- charuto eu nunca fumei sozinho. Aliás era uma droga social para estar a conversar, passar um bocado de tempo

RT- sozinho não dava?

E- dar dá não é? mas sei lá em geral um charuto é para fumar e ir procurar um amigo, para fumarmos e para conversar

- A transição do haxixe para heroína -

A heroína surge no contexto destes grupos informais e inicialmente procura-se nesta nova droga uma outra experiência que não modifique a vivência hedônica e lúdica até então vivida. A expectativa, porém, é a curto ou médio prazo defraudada: com o passar do tempo e o desenvolvimento da dependência da heroína, essas redes informais desaparecem, fragmentam-se.

E- com a heroína era igual só que desde aí em vez de fumarmos no jardim íamos para casa uns dos outros aí começou a formar-se grupos havia aquele grupo geral e depois formaram-se grupos pequenos porque para fumar não podíamos fumar na rua tínhamos de ir para outros sítios começou a ficar-se em grupos pequenos mas toda a gente fumava não é

Mesmo ao nível das práticas de consumo pode existir um período de transição dos usos das duas drogas, a passagem nem sempre é exclusiva. Observamos a co-ocorrência do consumo das duas drogas, o que acontece a nível individual e, nalguns casos, no grupo. Numa primeira fase, a heroína é encarada como mais uma substância que poderia enriquecer e complexificar essas vivências informais.

E-nunca me puxou para ir naquela altura até na altura em que acabou a ganza também quis experimentar e prontos metemo-nos os três na heroína

RT-a primeira vez que experimentou como é que foi o efeito gostou não gostou?

E-não senti nada

RT-não sentiu nada?

E-não senti nada porque é como aqueles que caldam a primeira vez já me disseram que também pensam que é uma coisa e que depois não sai nada nem sentem tiram-lhes a ressaca mas não sentem e fumar sentem como a moca é tão pesada como a ganza mas sentíamos uma moca leve eu pensei que andávamos nas nuvens é assim a gente parece que anda nas nuvens? é vou experimentar já agora também uma vez acho que não me vai prejudicar em nada, fumei uma vez e disse ó pá maldito meu conto, preferia gastar este conto em ganza do que nisto não senti nada estou careta e eles ó pá isso é assim a primeira vez a ansiedade de sentir a moca não te faz sentir mas tu estás bem isto não é para mim isto não dá moca nenhuma eu estou careta e prontos começaram a dizer que era diferente que a primeira vez que a gente não sente

RT-mas estavam a insistir consigo para consumir outra vez

E-não disseram que à primeira vez que a gente não sentia e eu depois também me lembrei que o primeiro charuto que eu fumei que eu dormi deixa ver se eu ao

experimentar a segunda vez já sinto alguma coisa e foi a segunda vez já gostei mais e a partir daí...

RT-e foi fumada não foi?

E-foi fumada... explicaram-me um bocado de estanho comprava-se antigamente nas livrarias folhas de estanho que era de metro comprávamos uma folha de estanho cinquenta paus ou quarenta paus botávamos o pó lá dentro e depois passávamos o isqueiro por baixo e eu a ver tudo e essa pessoa que sabia dar é que nos punha a fumar nós ainda não tínhamos a prática de fumar punha-nos a fumar a todos fumava ele

RT-não sabia dar?

E-não sabia dar

RT-tem muitos segredos o saber dar?

E-não mas é preciso saber acompanhar o isqueiro com a bolha porque se a gente parar o isqueiro num sítio e a bolha não andar a bolha ferve e então morre vai tudo de uma vez e então aquele que tinha mais experiência era ele que dava e prontos éramos três com ele quatro e fomos comprar cada um comprou o seu pacote pusemos quatro pacotes na prata tudo em junto e fomos a Espinho buscar ganza nessa altura comprámos uma boa quantidade de ganza dez ou vinte gramas para termos e andámos assim uma semana durante uma semana andámos a fumar ganza e a fumar pó íamos buscar pó um pacote cada um comprávamos todos depois fumávamos um charro a meio de fumarmos o pó fumávamos um charro depois continuávamos a dar no pó e era assim

RT-e a combinação como é que era, combinavam as duas drogas?

E-sim fumávamos um charro antes depois começávamos a fumar o pó depois a meio parávamos

RT-qual era o objectivo dessas paragens?

E-é uma moca diferente sei lá naquela altura gostávamos mesmo da moca daquela moca porque a ganza dava uma moca pesada e a heroína ia cortar e então ficávamos com uma moca boa fixe leve sem aquela ganza pesada na cabeça e começámos a gostar e durante uma semana na noite foi assim todos os dias íamos buscar o pó tínhamos a ganza íamos buscar

RT-iam para a borga na mesma

E-sim depois consumíamos tudo e andávamos na borga até às duas três da manhã até a começar a sentir as dores

Este extracto de entrevista, mais extenso que os anteriores, é um exemplo bastante claro do papel da deontologia e da aprendizagem informal no desenvolvimento das carreiras de toxicodependente. As primeiras explorações e usos de substâncias implicam sempre essa mediação. Outro aspecto a sublinhar é a transição do haxixe para a heroína não ser imediato mas resultante de um processo mais ou menos longo.

- Iniciação e aprendizagem do uso da heroína -

A iniciação da heroína vem acompanhada normalmente por mecanismos de negação da responsabilidade do tipo: "*havia pouca informação na altura*"; " *julgava que só ressacavam os que picavam*"; "*quando demos por ela estávamos agarrados*"; "*não via*

grande diferença nos que consumiam" (para contrastar com a ideia de hoje só se meter quem quer, pois já "*se vê muita gente a ressacar*"); ou ainda "*na altura falhou o haxixe*".

A rede informal começa em conjunto a consumir a nova droga. A curiosidade, no contexto do grupo, é um dos principais argumentos utilizados para explicar os primeiros consumos. A aprendizagem do saber consumir (p. e. "*andei algum tempo com uma pessoa que me dava*"), sentir os efeitos e até mesmo, nalguns casos, o reconhecimento em si da dependência resultam de uma constante interação com os pares da subcultura.

- Iniciação e aprendizagem da cocaína -

A cocaína surge, na maior parte dos casos da amostra, depois da heroína. A preocupação em justificar o início dos consumos já não é tão evidente como na heroína (onde os mecanismos de negação da responsabilidade estão bem presentes). Com efeito, o estatuto de toxicodependente está então mais ou menos assumido quando esta droga surge, pelo que é apenas uma droga mais - p. e. "*apareceu depois já andava na heroína, não sei ao certo...*"

A vantagem relativa desta droga é não dar ressaca, pelo que é consumida pelo menos inicialmente, sem preocupações.

- Drunfos e ácidos -

As suposições ontológicas que considerámos para estas drogas jogam-se muitas vezes nas redes informais, na observação e comentário de certas experiências de outros. Especialmente no que diz respeito aos ácidos é comum certas normas (que nalguns casos se estendem ao uso de drunfos) do género: "*entre nós não há ácidos nem drunfos*". A dimensão deontológica pode, em certas situações, fornecer um quadro de contenção em relação a certas drogas e a certos usos.

Num caso interessante, um consumidor de longa data, quando as primeiras faltas de haxixe se observaram ele e a sua rede informal encetaram um período de experimentação de diversas drogas, desde destilar supositórios com morfina e injectar, a experiências

várias com os mais diversas substâncias e isto antes de se iniciarem na carreira de consumidores de heroína propriamente dita.

2.1.3 - Dimensões ascéticas

O jogo do saber fazer em si mesmo, o uso que se faz em si das suposições ontológicas e dos códigos deontológicos até aqui referidos constitui a dimensão ascética. Faremos de seguida a descrição desta dimensão no que diz respeito à iniciação das diversas drogas que temos vindo a considerar. É preciso não esquecer a dualidade continente - incontinente deste extracto analítico. Há um saber fazer controlado e um descontrolado.

- Iniciação do haxixe -

O início dos consumos de haxixe é acompanhado, por vezes, de experiências negativas em que se somam as vivências dos efeitos propriamente ditos e as desvantagens sociais do uso desta droga - os olhos vermelhos...

Os efeitos do haxixe, nomeadamente no que diz respeito à auto-referência, fazem com que um dos nossos entrevistados consuma quando está sozinho, muitos outros referem-se à auto-referência como contingente a um período inicial que foi prontamente ultrapassado - p. e. "*antes tinha complexos*".

De um modo geral as desvantagens superam os inconvenientes, nomeadamente na experiência com a escuta de música, no estar contente, o que acaba por desenhar uma imagem globalmente positiva da droga:

RT-gostou do efeito do haxixe?

E-Doutor para ser muito honesto ao Doutor eu vou expor muito honestamente ao Doutor tomara eu agora deixar ficar.. o internamento e fumar só o haxixe e nunca mais e não ter mais nenhuma recaída porque o haxixe prontos é uma droga que que não tem nada a ver com a heroína e cocaína são coisas totalmente diferentes e para mim o haxixe ainda é benéfico porque uma pessoa fuma um charro e dá duas, três horas com aquele efeito não é, não é um efeito ehhhh ... as pessoas dizem mas prontos sente-se bem depois quando aquilo começa a vir aquele género de ressaca diz que não causa esse efeito... começa a dar fome não é doutor... e até é benéfico nessa parte a pessoa come muito mais não é... também não para andar a fumar haxixe armado em bom uns atrás dos outros mas prontos

O comer mais, ser uma droga social facilitadora de interações informais, pôr a pessoa bem disposta são algumas das vantagens enumeradas. O desenvolvimento de um consumo mais regular e mais próximo da dependência abre as portas a futuros desenvolvimentos de consumos de outras drogas.

- Transição do haxixe para heroína -

A heroína surge como uma droga com vantagens em diversos níveis, quando comparada com o haxixe. Por um lado, não deixa sinais tão visíveis, por outro a passagem é vista como o uso de uma droga melhor quer porque "dá uma moça mais leve"; quer pelo contrário porque "dá uma moça mais pesada". No entanto nem sempre esta passagem é bem definida no tempo, observando-se em diversos casos um período de transição.

RT-e ficou muito tempo, ficou só uns mesitos a consumir de vez em quando a não consumir todos os dias quanto tempo foi mais ou menos?

E-não sei... andei no haxixe podia dar um fumo de heroína hoje fumar depois andava no haxixe uma semana ou duas e depois dava outro fumo até até não sei para aí dois ou três meses assim até a cabeça estar virada só para aquilo para heroína eu não estava a falar está a compreender senhor doutor eu andava a dar um fumo hoje e depois de hoje a quinze

Os entrevistados, por diversas vezes, encaram a heroína como possuidora de vantagens em relação ao haxixe - opinião que, depois, a dependência opiácea vem contradizer. Uma outra vantagem do efeito da heroína é ser mais duradouro do que o haxixe.

- A heroína: usos da substância -

A iniciação da heroína raramente é expressa em termos continentais. Normalmente os mecanismos de desresponsabilização são omnipresentes. A incontinência, como expressão de um saber fazer em si irreflectido é bem mais evidente, quer no que diz respeito ao primeiro consumo, quer à evolução desse consumo para uma situação de dependência física, com utilização de argumentos como ; "não havia informação"; "quando dei por ela já estava agarrado".

Há também um testemunho curioso de uma resistência de algum tempo à iniciação da heroína que as redes informais faziam prever. Também uma dimensão de continência no uso de heroína é deste modo expressa:

RT-o Luís há pouco tinha dito que não gostava muito de estar a dormir

E-não e nunca consumi para chegar a esse ponto porque aquelas vezes em que consumia e ficava a fechar o olho ficava revoltado comigo mesmo porque não era necessário estar a consumir e chegar ao ponto de estar a fechar olho aí estou a consumir uma coisa que até adormeça quando acordar tenho de consumir outra vez.

Geralmente, porém, o início do consumo regular de heroína inaugura um período (que pode ser apenas de poucas semanas até dois, três anos) em que a substância parece estar sob controle do sujeito. O reconhecimento, nesses casos, é demorado (a gestão dessa dependência será analisada no ponto seguinte).

RT-vamos voltar ao início da heroína ficou muito tempo a consumir de vez em quando

E-não a heroína tinha dias que consumia e tinha dias que não isso foi indo foi indo foi indo através de um x tempo não é porque a heroína vicia dá dependência não é e depois era todos os dias depois já era duas três vezes por dia

RT-demorou muito a pensar, a notar que estava viciado?

E-não ainda levei dois anos ou três a ver que estava viciado

Frisamos aqui exemplos mais individuais de regularidades deontológicas já identificadas anteriormente. Nesta subcategoria há uma aproximação entre estas duas dimensões, o que sublinha a ideia dos condicionalismos subculturais a que o consumo de heroína está submetido.

- Usos da cocaína -

Como já se disse, o início do uso desta substância não envolve tantos mecanismos de desresponsabilização como a heroína. Não quer isto dizer que a incontinência esteja menos presente: a cocaína foi outra droga mais que apareceu quando já se era "drogado". Esta droga é consumida em associação com a heroína - quer injectada quer fumada - e apenas quando disponibilidades financeiras ou do produto permitiam a extravagância. Raramente a cocaína foi a droga principal se bem que nalguns períodos de descontrole tenha assumido um papel proeminente. A experiência negativa dos efeitos também foi sentida por parte dos entrevistados, precipitando movimentos de evitamento da

substância, como um entrevistado nos diz: "*a gente fumava aquilo parece que fica paranóico*" - referindo-se a episódios de consumo desmesurado desta substância.

São as propriedades da cocaína que, frequentemente, motivam um certo exercício de continência e de afastamento. A situação é no entanto ambígua: "a cocaína não dá ressaca, não é problema" (tendem a referir os consumidores mais leves da substância); posição oposta defendem os que viveram uma relação mais intensa com o produto.

- Ácidos e drunfos -

Existe, de um modo geral, uma atitude de continência no que diz respeito aos ácidos, especialmente, mas também a certos drunfos. Esta contenção nasce ainda de um reforço das redes informais nesse sentido e de experiências negativas dos próprios com diversas substâncias deste tipo - se bem que, não raras vezes, se registre uma certa ambivalência: "*gostei dos efeitos, não gostei das consequências...*"

Também algumas propriedades ontológicas atribuídas ao rohypnol podem, em certos entrevistados, precipitar movimentos de evitação - p. e. "*drunfos dá para roubar, eu nunca gostei de roubar...*"

2.1.4 - Dimensões teleológicas

De um modo geral, a dimensão teleológica só é expressa de um modo indirecto - da mesma forma como no ponto anterior registámos alguns casos de interacção ascético-ontológico, aqui temos interacções entre os níveis ascéticos e teleológicos). Recordamos que a dualidade continência-incontinência do nível ascético, corresponde aqui ao binómio temperança-intemperança.

RT-mas então quando saiu da câmara é que começou mais a consumir cocaína?

E-sim sim

RT-mas como é que era

E-senhor doutor não me pergunte que eu comprava cinco contos se me desse na cabeça não trazia nada a ninguém consumia-a toda se me desse na cabeça estava dois, três, quatro dias a consumir sozinho ou com um amigo à beira convidava era vinte contos cada um ou trinta e prontos

O descontrole causado pela substância é normalmente mais descrito em termos de actos do que por uma reflexão sobre si mesmo.

No caso da heroína, a inversão do prazer para a dependência, podemos observar que o alcançar da temperança implica consumo quotidiano:

RT- não quer explicar melhor o que é esse efeito da heroína

E- pronto isso é bem uma coisa assim tão distante já são tantos anos que não muito fácil explicar foi quando uma pessoa começou a sentir-se agarrado a ela não é e eu pelo menos consumia heroína era para andar normal já não era para sentir-me drogado nesses tempos era difícil de explicar uma pessoa sentia-se bem não, é lógico, sei lá não é difícil de explicar só uma pessoa se sentindo não é uma pessoa sentia-se bem connosco próprios pronto sei lá não sei eu acho que o sofrimento que depois veio eu acho que apagou tudo o prazer que a heroína dava

Também temos uma rara descrição teleológica da vivência de um consumo de cocaína, onde a intemperança é bem visível. A vivência do efeito é criticada a posteriori, sentindo-se o entrevistado desapontado consigo mesmo.

No que diz respeito a um uso teleológico das substâncias (ou seja: uso de uma substância para a pessoa se querer outra) este é raramente expresso. E quando o é, remete para uma tentativa de manipulação de algumas características psicológicas através da substância.

RT- a sua maneira de ser é diferente dos outros?

E- penso que sim, sou mais frágil. Deixo-me levar facilmente pelas coisas

RT- do que as outras pessoas?

E- sim e sei que sou, sou um bocado insegura e essa insegurança é colmatada pela heroína

RT- uma das coisas que disse era que a heroína dava segurança, como é que é isso?

E- não sei, sinto-me mais à vontade na maneira de estar entende?, sinto-me mais extrovertida, consigo estar melhor quando estou com efeito, mais segura de mim do que sem heroína

2.1.5 - Apreciação global

Um dos factos a realçar na dimensão ontológica, é a falta de unanimidade face aos efeitos. É claro que existem regularidades inerentes às próprias características farmacológicas de cada droga. Mas o facto de, apesar disso, existirem variações é prova que a vivência do consumo está também condicionada à esfera psicológica e cultural. Outro exemplo do que avançamos aqui é a suposição ontológica dos efeitos dos drunfos (recordemos: "os drunfos dão para roubar").

Também aqui é bem clara, nos dados apresentados, a constatação de regularidades nos percursos de consumidor. O período do haxixe antecede a entrada na heroína, a transição trás vantagens no imediato de vária ordem. Vimos igualmente que a expectativa do uso de heroína não é de alienação ou auto-destruição mas antes de perpetuar o funcionamento dos grupos em torno das saídas à noite e de uma convivência informal. Suporta o que dissemos o uso alternado que se regista, embora em nem todos os casos, de haxixe e heroína.

No nível ascético, no levantamento da adaptação que os diversos entrevistados fizeram em relação a cada substância verificámos que nem todos se adaptaram ao haxixe do mesmo modo. No fundo, temos aqui o desdobramento mais individual das regularidades detectadas no nível deontológico.

Para as dimensões teleológicas encontrámos um não dito relativo. De facto a iniciação às diversas substâncias parece carecer de objectivos oriundos de uma reflexão sobre si. A vontade de querer ser diferente com o haxixe foi uma das excepções, ou o uso da heroína para colmatar uma suposta insegurança pessoal. No caso da intemperança, a negação da responsabilidade foi bem visível nas justificações dadas sobre o início do uso de heroína.

A importância relativa destas dimensões, a preponderância de níveis deontológicos e ascéticos, a forte componente ontológica, são bem ilustrativos dos factores em jogo na iniciação ao consumo de substâncias psicotrópicas: as redes informais, as representações das características de cada substância são mais importantes que reflexões sobre si mesmo ou uma vontade de se transformar psicologicamente através da droga.

2.2 - Gestão da carreira de consumidor

O reconhecimento ou assumpção do estatuto de toxicodependente implica um novo modo de gestão da vida quotidiana. A instalação da dependência opiácea implica a criação de esquemas, decisões a tomar de modo a que se consiga manter os consumos no dia a dia.

2.2.1 - Dimensões ontológicas

A gestão da carreira de consumidor possui dimensões ontológicas, isto é: aspectos incontornáveis, atribuídos à natureza das coisas. Existem dois grandes aspectos a considerar: as vantagens da heroína e as obrigações que esta trás consigo. Apesar destas últimas serem em maior número também existem exemplos da primeira, como p. e. "*a heroína tira a vontade de comer*" facto importante na gestão carreira do entrevistado em questão uma vez que vivia sozinho, sem nenhum enquadramento familiar e sem meios económicos, pelo que era uma vantagem não desprezável.

Quanto às obrigações, elas confundem-se muitas vezes com mecanismos de desresponsabilização - p. e. afirmações do género no caso do proxeneta "*a vida é que comandou*"; "*o vício é que faz isso*" (consumir cada vez mais e gastar as poupanças familiares); "*tinha de me desenrascar, traficava, roubar não roubava*". As escolhas que os indivíduos realizam são frequentemente mascaradas com suposições ontológicas que de alguma maneira os defendem de uma reflexão sobre si.

Noutros casos, um curioso diálogo entre "o corpo", a substância e o indivíduo emerge, o que implica um exercício ascético de continência ou incontinência face a um obstáculo ontológico. Ilustremos os dois casos:

E-se habituassem o corpo a outra coisa era diferente mas estava habituado a consumir à noite ou até consumir dois ou três à noite guardar um para de manhã outra vez só consumia um à noite e ficava para o outro dia à noite mas trabalhava sempre trabalhava até noite

No segundo, caso oposto ao primeiro, existe um descontrole:

RT- porque é que queria consumir mais heroína?

E- porque ainda não me sentia melhor. Cada vez queria consumir mais, pedia mais

RT- pedia mais o quê?

E- o corpo já começava a pedir mais dose, para me manter ainda melhor para ser melhor ainda. É um vício que pede muito, num só se fuma dois é assim num ano; passado um ano se estiver dependente daquilo dois já não dá para nada senhor doutor, já se tem que consumir o dobro nova dose

Relativamente aos níveis deontológico e ascético esta dimensão é minoritária para esta subcategoria. Aliás alguns dos exemplos aqui classificados não são puros mas

combinações com o nível ascético (p. e. o caso do entrevistado que se dedicava ao tráfico porque consumia e ressacava). Justifica-se determinadas decisões porque não há alternativas, porque o indivíduo era compelido por uma força superior a si próprio.

2.2.2 - Dimensões deontológicas

A descoberta do síndrome de privação opiácea, além da vertente farmacológica, possui dimensões deontológicas inegáveis. Aliás os contactos informais desempenham um papel importante no desenrolar das diversas etapas da carreira de consumidor. Os primeiros sintomas da privação muitas vezes só tomam sentido pela informação de um amigo: "*a ressaca não vem logo de repente*". Os entrevistados passam por um processo de reconhecimento em si da privação, uma aprendizagem dos sinais do seu corpo a uma nova luz:

RT-isso foi muito mais tarde?

E-eu andei a consumir a heroína durante um ano aos poucos depois ao fim de um ano um ano e tal é que comecei a sentir pingo no nariz na primeira vez pensei estou constipado doía-me os rins cansaço nas pernas quando um colega me disse ouve lá tu não andas a dar no pó não fumas pó? fumo uns pacotes de vez em quando; tu já estás a ressacar ou quê? ah pois estás e ele explicou-me tu tens estes sintomas estes estes e estes? tenho então se não consumires hoje vais ver como é que vais acordar amanhã se não vais acordar ainda pior e foi a realidade ao outro dia para andar bem tive de ir buscar um pacote de heroína e senti estou agarrado

RT-mas foi muito mais tarde um ano e tal

E-sim porque durante um ano e tal andava a fumar era capaz de fumar só ao fim de semana durante a semana fumava ganza fumava pó nas alturas em que não havia ganza durante aquele tempo em que não havia ganza não consumia nada durante a semana e ao fim de semana consumia heroína prontos não foi assim, depois é que comecei a abusar depois já houve ganza outra vez e começámos a juntar ganza e pó todos os dias até começarmos

Mas não é só na ressaca que esta regulação informal se faz sentir, é no dia a dia das compras de pacotes, nas associações que permitam melhor acesso ao produto, nas decisões sobre modos de consumo. O contacto informal possibilita contextos de aprendizagem de ser toxicodependente: reconhecimento da qualidade do produto; conhecimento de locais de compra e tipos de traficantes; conhecimento progressivo de formas de obtenção do produto (arrumador de carros; traficante; ladrão de diversos géneros etc...)

Os entrevistados tomam também conhecimento de uma certa delimitação informal da passagem à via endovenosa como qualquer coisa a evitar. Porém, essa regulação fornece também conhecimentos sobre a economia dos consumos "*injectado rende mais*", o que é determinante para que alguns entrevistados decidam avançar nessa direcção.

No que diz respeito às práticas de consumo, a regulação informal é bem visível - se bem que, por vezes, com consequências contrárias às campanhas de redução de riscos. A tendência é a de não partilhar as seringas, ir trocar seringas às farmácias, mas continua-se a partilhar os caldos, a água dos caldos, as caricas e outro material indispensável ao chuto.

Depreendemos daqui o modo parcelar como os programas de redução de riscos (substituição de seringas) podem ser encarados pelos grupos de consumidores e de que modo essas práticas sofrem evoluções.

Em relação à solidariedade poderemos traçar duas periodizações (de delimitação imprecisa): os consumidores mais antigos testemunham uma solidariedade na partilha do produto; nos mais novos, essa solidariedade reduz-se a questões pragmáticas (dar traços; trocar informações sobre locais de venda). Isto atesta a evolução das comunidades de consumidores para esferas mais instrumentais.

No que diz respeito a actividades que permitam a realização de mais valias ou, apenas, permitam um melhor acesso ao produto, temos as quasi-criminais e as criminais propriamente ditas. Para as primeiras, os mecanismos de desresponsabilização estão mais reduzidos que nas segundas. As actividades quasi-criminais ou mesmo não criminais dividem-se pelo 'cozer base'; injectar outros (um dos entrevistados injecta prostitutas: "*elas têm veias finas e magoam-se muitas vezes*"); comprar juntos; encaminhar clientes para um certo dealer; ser receptor ou intermediário na venda de objectos roubados.

Nas actividades criminais, mormente o tráfico, a responsabilidade dos actos é minimizada quando não atribuída a elementos externos ao indivíduo. Nalguns casos, a actividade de tráfico não é assumida completamente pelo entrevistado: "*vendia a amigos, não era vender*", apesar de estarem envolvidos movimentos consideráveis de dinheiro.

Noutros, o tráfico é a solução mais fácil e imediata e que evita outras actividades "mais criminais" como o roubo propriamente dito. O tráfico pode ser visto como um mal menor dentro da panóplia de actividades criminais à disposição.

Quanto à qualidade do produto, a adulteração é uma forma frequente de obter lucro. O traçar a heroína, quando não mesmo a venda de outro produto em vez da "castanha", é um obstáculo quotidiano do consumidor que se vê a braços com o dilema: hoje um pacote tira a ressaca, amanhã já não. No que diz respeito às reacções a esses enganos eles dão-se no presente imediato: se logo descobertas podem originar conflitos; se não, o vendedor desleal e o consumidor ludibriado podem voltar-se a encontrar no dia seguinte que o caso é comentado com calma.

2.2.3 - Dimensões ascéticas

De um modo genérico podemos considerar que a gestão da carreira de consumidor possui um claro ponto de mudança: a vivência a tempo inteiro de uma actividade ligada ao mundo das drogas, isto do lado das actividades; e o descontrolo dos consumos, no que diz respeito às modalidades de consumo de drogas, e às novas drogas que os entrevistados eventualmente ingerem (particularmente a cocaína). Nesta diversidade existe um ponto comum: o estudo das práticas que os entrevistados gerem em si.

As actividades a que nos referimos dizem respeito a tudo aquilo que de alguma forma possa facilitar o acesso ao produto. Isto inclui actividades mais normativas e as criminais. Seguiremos esta ordem de disposição.

Uma série de associações fugazes e instrumentais existem no quotidiano do consumidor, desde o comprar a meias, o disponibilizar o carro para levar alguém e receber em pacotes; o comprar para outros que têm medo de ir aos locais etc... Se bem que as tentativas de contenção não deixem de estar presentes há a tendência, claramente visível, que com uma actividade que facilite o acesso ao produto, os consumos aumentem.

É precisamente no tráfico que a questão da incontinência se põe com mais visibilidade. Não queremos dizer com isto que não exista à partida alguma perspectiva de ganho pessoal como o poupar dinheiro, facilitar a vida de consumidor. Mas a apetência para consumir, somada à maior acessibilidade ao produto que a actividade de traficante permite, evoluem frequentes vezes para períodos de descontrolo pessoal:

RT-mas isso era uma oportunidade para poder consumir muito mais

E-muito mais aí foi até aí que eu comecei a consumir muito mais catorze, quinze pacotes por dia

RT-em que altura foi? foi a seguir ao tratamento que me falou?

E-não foi muito depois eu quando fiz esse tratamento o primeiro tratamento juntei-me eu pago o dinheiro e comprei a minha primeira meia grama, comprei meia grama e então dispensava a colegas lá da rua e então andava assim sozinho arranjei dinheiro comprei meia grama e vendia e andei assim até que depois parava de vender e depois vendi para outro colega meu depois vendia mais tempo para este, este também me pôs mais à vontade no consumo ó pá tu consumes aquilo que te der na consciência tirando-te a ressaca acho que não precisas de consumir mais por isso consumes até tirar a ressaca prontos havia alturas em que eu consumia catorze, quinze pacotes

O descontrolo traduz-se por uma escalada nos consumos de heroína e/ou em períodos de consumo desmesurado de cocaína. Nas práticas, também observamos uma acentuação das actividades desviantes - como se o indivíduo se deixasse de importar com o que faz - se bem que essa deriva seja relativa: "*fiz de tudo menos roubar*". A parte da contenção revela-se por certo tipo de práticas, evitar o roubo, evitar a prostituição ou ainda por um exercício de auto-controlo na própria actividade de tráfico.

- Modalidades e tipos de consumo -

Os pontos de contenção e descontrolo na carreira de consumidor passam por: o tipo de relação que o entrevistado estabelece com a ressaca; a questão da agulha; a questão das tiragens ou bombadas; e, por fim a questão da cocaína.

A questão de controlar ou não a ressaca, de tentar mantê-la dentro de certos limites é um ponto crucial, tanto mais que se a privação é vivida de um modo mais impotente. Estão lançadas as bases para uma procura de meios que permitam um maior acesso ao produto e a conseqüente incontinência. A questão da aprendizagem da ressaca também parece desempenhar um papel importante na instalação da incontinência:

RT-a ressaca logo no início era muito forte ou não?
E-não era como a de hoje mas era
RT-não era como a de hoje
E-porque a de hoje é mais psicológica já são muitos anos já são muitos anos uma pessoa já só vive com aquilo né
RT-o quê?

E-se eu fosse uma pessoa que eu vivesse... que passasse o dia de hoje custava um bocado mas como era ao princípio uma pessoa aguentava mas hoje psicologicamente não dá para isso porque às vezes não é só a ressaca né... às vezes também é força de vontade e a cabeça comanda não é só isso mas prontos a ressaca não era como a de hoje se uma pessoa consumisse hoje e amanhã e uma semana seguida a ressaca é igual...

Quanto à agulha, ela é vivida como um ponto crucial. Vários entrevistados dizem ter pavor a agulhas. Os que estabelecem uma relação mais duradoura com elas, ao mesmo tempo que referem que a sua vida piorou bastante, tendem a circunscrever o problema da injeção ao mínimo, optando por valorizar a ideia de não estarem viciados na agulha ou de não fazerem bombadas.

No que diz respeito à cocaína, como já vimos anteriormente, ela é a "sobremesa" da heroína, reservada para períodos de maior disponibilidade monetária. No entanto, se existe fácil acesso a este tipo de produto, podem-se gerar períodos de incontinência, de grande consumo de cocaína. Nestes casos, a heroína serve de mecanismo regulador permitindo um regresso à normalidade:

RT- e depois como é que se tenta controlar desse descontrolo de cocaína?
E- pela heroína
RT- já houve períodos em que estando a consumir heroína, parou com a cocaína?
E- sim nem sempre há dinheiro para a cocaína
RT- é uma questão de dinheiro?
E- era, e para a heroína tinha sempre que haver

2.2.4 - Dimensões teleológicas

Mais uma vez, as dimensões teleológicas estão apenas subentendidas e em relação com a dimensão ascética. Muitos entrevistados acham-se sem perfil para actividades como arrumador de carros ou andar "a dar micos" nos bairros, o que são conteúdos teleológicos produzidos face a práticas e conhecimentos deontológicos a evitar.

RT- o Joaquim andava nessas coisas ou não?

E- não porque eu andava naquilo e prontos não gostava que me andassem a roubar a mim nunca me deu para roubar os outros

RT- quer dizer que o Joaquim estava lá metido no bairro mas havia muitas coisas que não participava, é o que me está a dizer não é?

E- não andava lá no bairro arranjava dinheiro para consumir, consumia ficava bem da cabeça e fugia do meio daquilo ia para casa jogar computador ou ver televisão

RT- quer dizer que a casa funcionava... ia para casa não é

E- eu cheguei a passar dias inteiros em casa só saía à rua mesmo para comprar o pacotinho

O exemplo refere-se a casos de contenção que, neste nível, correspondem à temperança. Mas é com dificuldade que os encontramos expressos nas entrevistas. Para a intemperança encontramos o estado de si mesmo necessário para se proceder incontinentemente, assim como as vias de retrocesso desse descontrole: perde-se a vergonha; "*não se pensa em nada*".

Em relação ao tráfico, vemos também que os outros, pares subculturais, podem não aceitar tão bem um eventual descontrole. O traficante pode perder a confiança dos fornecedores, ao consumir várias vezes todo o produto que lhe foi confiado para comercializar. Alguns entrevistados dizem "*não pensar em nada*" quando traficam, nem nos perigos, nem nas consequências do estão a fazer. Essa intemperança pode ser interrompida por uma saturação, alguma pressão ou acontecimento externo - estudaremos esses fenómenos na subcategoria seguinte.

Um outro ponto que queríamos ainda focar é o assumir o estuto de toxicodependente por parte dos entrevistados. Em muitos casos, este é um processo moroso e doloroso que começa normalmente pela tomada de consciência da privação da heroína. A privação pode acontecer na sequência de obrigações profissionais ou de outra natureza que impedem temporariamente os consumos. No caso de uma das nossas entrevistadas, essa consciência foi desencadeada na sequência de uma zanga com o namorado que lhe costumava comprar a substância - "*...não foi de um momento para o outro que eu vi que estava agarrada àquilo, fui-me apercebendo aos poucos, essa zanga que eu tive fiquei logo preocupada como é que eu ia fazer...*"

Noutras subcategorias vimos também o papel que as instituições jurídico-penais e as médico-sanitárias desempenham no reconhecimento perante si mesmos do estatuto de toxicodependentes.

2.2.5 - Apreciação global

As componentes ontológicas da gestão da carreira de consumidor, como vimos, abrem porta à compreensão de mecanismos de desresponsabilização em vários entrevistados. O facto de se atribuir à "vida" ou às substâncias certas decisões que se tomam, é um exemplo clássico de um mecanismo de desresponsabilização, um dos tipos de técnicas de neutralização tal como Sykes & Matza (1996) os definiram. Ou seja, este tipo de justificações são sinais de uma adaptação cognitiva ao percurso de consumidor.

Deontologicamente, sublinhámos a importância que a rede informal desempenha no reconhecimento progressivo dos sinais de privação opiácea. De um modo geral, a rede informal fornece aos diversos entrevistados conhecimentos cruciais para a gestão das várias etapas de envolvimento com o mundo das drogas, desde os esquemas para obtenção de mais valias, à aprendizagem da utilização da seringa.

A importância de se ter uma actividade ligada ao mundo das drogas, de um modo intensivo, representa normalmente um endurecimento do percurso de consumidor - falámos inclusive em momentos de incontinência gerados por um maior acesso ao produto e traduzidos na escalada do consumo de cocaína. Vimos também as tentativas que diversos entrevistados encetam tendo em vista reaver o controle dos consumos como o consumo de heroína em vez de cocaína ou a interrupção do tráfico. A importância das modalidades de consumo foi também devidamente sublinhada.

Em função das dimensões ascéticas, depreendemos alguns conteúdos teleológicos como as decisões sobre as práticas de consumo ou certas actividades do mundo da droga condicionarem o percurso futuro de toxicodependente. As adaptações cognitivas têm um papel importantíssimo no desenvolvimento da carreira de toxicodependente - o não aceitar-se enquanto toxicodependente é importante na iniciação, uma vez que permite a

continuação dos consumos; o "perder-se a vergonha" dá conta do desmoronamento das últimas barreiras de auto-imagem e de uma certa imagem perante o social, dá conta de uma adaptação cognitiva a um estado mais avançado de consumidor.

2.3 - Pontos de inflexão

Passamos agora à análise dos pontos de inflexão e paragens que acontecem na carreira de consumidor. De um modo geral, estão aqui incluídos todos os movimentos de abrandamento ou afastamento da carreira de toxicodependente, quando não paragens completas dos consumos (embora paragens não monitorizadas por nenhuma instituição).

2.3.1 - Dimensões ontológicas

Curiosamente, a vertente ontológica está pouco expressa nesta subcategoria e, quando está, é em conexão com as dimensões deontológica e ascética. Os processos de retirada da carreira desviante não possuem uma substância ontológica bem visível. São apenas episódios negativos com a heroína ou com a cocaína que promovem alterações deste género. Ilustra o que dissemos a existência de casos como: um certo descontrole devido a abuso de cocaína ou ainda de problemas de saúde por injectar sem os cuidados mais elementares de higiene.

RT-é? e outra coisa a cocaína em 88 deixou de consumir tanta como é que conseguiu fazer isso?

E-doutor acabei com a cocaína porque eu recebi uma cocaína pura e então recebi cocaína com várias qualidades e estive três, quatro dias durante noite e dia a consumir e então esta vista passou-me para aqui, a vista do lado direito e eu pronto fui para o hospital e pronto e coisa eles não sabiam nada do que estavam ali a fazer porque eu fui urinar para um frasco e eles disseram que eu tinha uma hepatite aguda do último grau e não sei quê e chamei parvo ao médico e disse o senhorr deve ser burro ou parvo então se eu consumo estou-lhe a dizer a si que ando há quatro dias que ando a consumir heroína e cocaína e toda a gente sabe e se o senhorr não sabe eu vou-lhe explicar que quando uma pessoa consome cocaína em demasia quando urina é muito escuro esse é o meu mal e ele quando viu aquilo prontos... a minha vista...

RT-foi quase uma overdose de cocaína?

E-não foi uma overdose foi um uso excessivo e uma situação depressiva de estar sempre no mesmo sítio no mesmo lugar não é eu consumia na sala e vinha até ao quintal e estava sempre assim

RT-e a partir daí então parou com aquilo tudo

E-sim a cocaína é de longe a longe e já não injecto é um caneco tanto faz ter duzentos como vinte é igual ... é raro cocaína

Temos alguns casos de situações da própria vida de consumidor, representativos de pontos de inflexão e de retirada. Esses movimentos repetem-se igualmente quando o sujeito descobre alguma doença mais grave - como a infecção do vírus da SIDA e as hepatites B e C.

Também se registaram casos de negação da importância das doenças, no caso o HIV, atribuindo-se ao período de abstinência a responsabilidade de uma eventual doença.

2.3.2 - Dimensões deontológicas

A retirada da carreira de consumidor prende-se a factores externos (que nesta dimensão se reduzem apenas a tal, enquanto o nível ascético se abre a práticas mais individuais) que a podem antecipar.

Os modos como essa retirada deve ser feita podem ser também aprendidos na rede informal - o exemplo dos amigos, o conhecimento das substâncias e de medicamentos são casos disso. O afastamento do meio é outro dos factores relevantes a ter em conta. Também a quebra do acesso ao produto pode ter um papel importante:

RT- mas tinha convites... há bocado já lhe perguntei, como era a sua ressaca?

E- quando o meu pai foi preso comecei a fumar uma elevada quantidade das duas coisas, o meu pai foi preso e eu já não tinha ali a droga para poder tirar para poder consumir o que quisesse, às escondidas, tinha que comprar e a minha mãe dava-me para aí setecentos, oitocentos pausitos por dia, dava-me um maço de tabaco, fumava o pacote mas mesmo assim ainda sentia a ressaca, aliviava só, à noite fumava outro andava para aí até de madrugada só que não dormia

RT- e parou com a cocaína

E- depois com o tempo comecei a deixar de fumar cocaína comecei a reduzir da heroína, o meu irmão também antes de ir preso eu tinha falado com ele vamos tentar vamo-nos os dois fechar em casa vamos comprar os medicamentos,

De um modo geral, um dos pontos mais importantes nestes momentos de retirada é a pressão dos meios normativos, o que pode desencadear processos de tratamento involuntários mas que, mesmo assim, implica modificações de comportamentos, pelo menos de um modo temporário. Vários entrevistados referem ter feito paragens involuntárias. Outro exemplo curioso é o caso de um médico pertencente à rede informal de um certo entrevistado, que lhe chama a atenção para o facto das "bombadas" serem prejudiciais para a saúde - o entrevistado começou desde então a abster-se de fazê-las.

Também pode ser, mais uma vez, na rede informal do entrevistado que surja o estímulo que desperte o entrevistado daquela 'deriva cognitiva' necessária à prossecução da actividade de tráfico - p. e. "*eu não pensava em nada mas o outro meu colega foi preso...*" (por tráfico).

Em suma, a vivência quotidiana com os pares subculturais e com diversas esferas do todo normativo podem desencadear no sujeito a consciência de ter que mudar (daí que haja poucas codificações deontológicas puras em favor de combinações com níveis ascéticos e até mesmo teleológicos).

2.3.3 - Dimensões ascéticas

Quais as mudanças das práticas de si nos ponto de inflexão ou paragens? É a esta interrogação que dedicaremos as próximas linhas. As paragens de consumo de cocaína são exemplo disto como vemos ilustração . Já sabíamos da importância deste ponto de inflexão e como ele é aprendido no nível deontológico, temos aqui aplicações pessoais de tal saber:

RT- custou parar com a cocaína

E- um pouco fui reduzindo aos poucos

RT- porque é que se decidiu primeiro a largar a cocaína

E- porque era mais difícil largar para mim é mais difícil largar a cocaína é mais uma droga psicológica dá uma dependência mais psicológica eu achei que se largasse a cocaína enquanto estava a consumir a heroína era mais fácil do que ter de largar a heroína e depois ter de largar a cocaína ...

As paragens suscitam períodos de inadaptação e instabilidade que, muitas vezes, se traduzem por consumos nos dias imediatos a essas tentativas de abstinência. Por outro lado, o processo de recaída é visto como mais rápido e mais pesado nas suas consequências.

RT- foi mais rápido

E- sim foi muito mais rápido cada vez que uma pessoa larga e regressa à droga cada vez é mais rápido o modo de se agarrar pelo menos eu acho não só com aquilo que aconteceu comigo mas com aquilo que aconteceu com amigos meus aquilo que eles próprios dizem é isso desde que fazem um tratamento por uma razão ou por outra quando regressam é muito menos o tempo que demoram a agarrar-se outra vez é mais rápido

RT- o Jaime também tem essa experiência

E- tenho pronto é a tal coisa quando saí da cadeia o tempo que demorei a agarrar-me foi mais ou menos duas semanas se tanto e depois tenho amigos meus que também lhes aconteceu o mesmo

Estas tentativas de abstinência são efectuadas, de um modo geral, num isolamento do mundo da droga que, frequentemente, se traduz em períodos de emigração. A superação da privação é algo que se alcança mais facilmente nessas condições - muitos entrevistados interrogam-se como conseguiram. O o isolamento do meio desempenha, certamente, uma função psicológica importante.

RT-consumia muito na mesma?

E-não consumi uma vez em Espanha depois consumi duas vezes em França e depois consumi três vezes em Frankfurt

RT-estava parado então?

E-estava juntamente com um francês que consumia e eu pronto foi naquela de matar saudades

RT-e como é que parou?

E-é simples senhor doutor consumi aquela dia e acabou

RT-não mas para ir para lá como é que parou?

E-para lá? tomei Paxilfar Serenal e parei senhor doutor ... quer dizer é tudo uma questão psicológica eu estava muito longe daqui não conhecia ninguém, não havia ninguém que me falasse nisso compreende doutor? é por isso, não é?, que eu aguentei

Quanto às actividades de tráfico, são alguns factores externos, como a polícia ou algum acontecimento na rede informal, que podem desencadear processos de retirada e até de interrogação sobre o próprio destino, numa ligação evidente ao estrato teleológico. Um dos nossos entrevistados, numa das suas paragens seguidas de recaída, deixou de injectar.

Genericamente, os pontos de inflexão podem sintetizar-se no dizer de uma das nossas entrevistadas - que sintetiza também os vários níveis:

RT- e como é que despertou da inconsciência?

E- não tive outra hipótese, foi-me vedado tudo mesmo

RT- vedado por quem?

E- por mim mesma, pelos meus pais, por toda a situação que eu criei, não tinha dinheiro, já não tinha ninguém que me facilitasse consumo nenhum, e acabei por chegar a esse ponto. E também não queria fazer nada que me fosse sentir mal depois, como me prostituir isso nunca

Temos aqui um exemplo da coexistência de pressão familiar, pressão económica e uma crise pessoal - onde certas hipóteses desviantes são conhecidas e estão ao alcance, mas são recusadas.

2.3.4 - Dimensões teleológicas

A carreira, a mudança de grau de envolvimento com a carreira de consumidor de heroína envolve, por certo, questões de reconceptualização de si mesmo (reconceptualização também forçada por circunstâncias exteriores ao entrevistado) mas não dispensa esse trabalho individual. Como no caso de um entrevistado que nos diz: "*eu há três anos ando a mentalizar-me*" (para mudar) o que traduz também a dificuldade dessa mudança. De qualquer modo, a mudança de comportamento implica uma mudança interior:

RT-estar no grupo com as pessoas a falar

E-não doutor na altura tinha uma mentalidade agora tenho outra a minha mentalidade é diferente da outra agora mudou e agora desde este problema da minha mulher se querer separar e então e coisa a minha mentalidade mudou muito mais ainda não doutor e tenho outra maneira de pensar eu tenho que tocar a vida para a frente a bola para a frente e olhar pela minha menina mais nova não quer dizer que se a minha filha mais velha precisar de uma ajuda que eu não lhe dê não é? que eu lhe dou só que ela pensa que já é alguém pode ser que ela bata com a cabeça na parede e eu doutor... mas cada qual é assim conforme é doutor ela pensa...

Em casos de actividades criminais aquela intemperança a que atrás nos referimos, pode ser de súbito interrompida por um acontecimento externo ou por uma tomada de consciência mais dificilmente explicitada pelos nossos entrevistados. O maior controle da polícia e o sentimento de que a qualquer momento se pode ficar preso desperta a tomada de consciência em alguns dos nossos sujeitos quando eles estavam a traficar. A falta de dinheiro, a pressão da família podem também provocá-lo: "*que a vida das drogas não leva a lado nenhum*".

Mesmo que se observem paragens, períodos de abstinência prolongados, o certo é que a visão de si mesmo como toxicod dependente ou ex-toxicod dependente dificilmente muda. A vivência de sonhos que envolvem drogas é uma das confirmações, em entrevistados abstinentes há bastante tempo, de que as coisas ainda estão despertas. Um outro exemplo é a interpretação de suores, pingos no nariz ou outros sinais como estando relacionados com a privação, mesmo se já tiverem passados meses do último consumo.

Poderemos dizer que uma interrogação teleológica de si mesmo só acontece na sequência de uma crise, crise essa que terá de envolver os diversos níveis atrás analisados - quer a substância, a rede informal ou a gestão da carreira de consumidor, como este testemunho lapidarmente condensa:

RT- mas a Josefina começou a querer (parar os consumos) por pressão da família?

E- pressão da família, falta de dinheiro, mas não só porque eu sabia que aquilo não era vida para mim, até aos trinta anos levei um tipo de vida calma com tudo de bom, comprei casa, carro, mota e assim no espaço de meses ou anos dois, três anos perder tudo dói um bocado e quando a gente se apercebe mesmo disso vê que aquilo não é vida para nós. Das duas uma, ou gosta realmente muito daquilo e quer morrer assim e morrer cedo, ou então sabe que se não quer morrer cedo e pobre que tem de abandonar completamente essa vida. Acho que até foi mais isso que me deu força, acho que não foi a pressão da família, também, porque eu adoro os meus pais e gosto muito da minha família mas uma pessoa enquanto estiver na droga, esquece a família

Isto não quer dizer que, nos abstinentes de longa duração, o passado seja esquecido, como já vimos. Uma das alternativas é o entrevistado afirmar-se de algum modo ex-toxicodependente. Ou valer-se do que já se viveu para de algum modo exercer uma influência moral - "*agora o meu papel é dar conselho*".

2.3.5 - Apreciação global

Os pontos de inflexão implicam mudanças ascéticas e teleológicas. Quer o motivo dessas mudanças seja externo quer não esteja bem definido, o certo é que é frequente os entrevistados encetarem movimentos de afastamento de certos meios, abrandamento dos consumos ou mesmo a paragem total ou temporária do uso de certas substâncias. Vimos que a esfera ontológica é, em parte, responsável por esses acontecimentos externos sempre que eles tenham que ver com a experiência negativa com alguma substância, a infecção por HIV ou alguma hepatite.

A deontologia também entra em jogo na medida em que as redes informais vão fornecendo exemplos que podem servir para uma mudança a curto ou médio prazo. Também dessa rede informal podem surgir obstáculos imprevistos que dificultem o acesso ao produto - nestes casos, pode registar-se um decréscimo do consumo.

Como se fazem essas mudanças? São as dimensões ascéticas que respondem à pergunta: paragem de consumo de cocaína; paragens domiciliárias 'a frio' ou em auto-medicação; deixar o tráfico; ir trabalhar para o estrangeiro, onde se pára a frio. Podemos dizer que os entrevistados, quando tentam fazer os primeiros passos de afastamento da carreira de consumidor, já são bons conhecedores dos recursos e das alternativas disponíveis, fazendo um uso adequado dos meios aos fins que se propõem.

A última dimensão, a teleológica, traduz uma certa reconceptualização de si necessária às mudanças registadas no nível anterior (dizem que estão mais maduros; que o meio já não lhes diz nada). Também é aqui que se condensam rupturas deontológicas e ascéticas que se observam, com a interrupção na actividade de tráfico.

Se bem que não representando a retirada definitiva, esta subcategoria dá conta do que é feito pelos próprios entrevistados nos momentos em que a carreira de consumidor passa a ser vista com os seus inconvenientes e desvantagens.

2.4 - Discussão geral - Práticas e vivências

A categoria Práticas e vivências condensa em si uma história de vida do percurso consumidor dos nossos entrevistados em três pontos essenciais: iniciação às drogas; gestão da carreira de consumidor e o afastamento dessa carreira.

Proporcionalmente, registamos uma preponderância dos níveis ontológico e deontológico na iniciação às drogas, o que desmente na generalidade uma intenção "psicológica" na procura do uso de drogas. Nessas etapas, o que parece mais importante é a vivência dos efeitos das substâncias e as propriedades desses efeitos (propriedades também aprendidas no grupo de pares) e o convívio que o uso dessas substâncias cataliza e contextualiza.

Ao contrário, na gestão da carreira de consumidor é a dimensão ascética a dominante. As escolhas que os entrevistados fazem no seu quotidiano de consumidores não dispensam, porém, a aprendizagem dessas escolhas (deontologia) e uma certa conceptualização de si (teleologia) ao admitir algumas e recusar outras. A intemperança, a

'deriva cognitiva' indispensável para se ser traficante a "cem por cento" ou andar a "dar micos" e passar o dia nos bairros é uma outra importante faceta da teleologia.

Finalmente, os pontos de inflexão fornecem-nos exemplos de indivíduos já bem aculturados na subcultura das drogas que encetam, de um modo ou de outro, processos de afastamento da carreira de consumidor. Aqui estão em jogo os níveis ascético - com as modificações nas práticas de ingestão e condutas desviantes - e teleológicos, na reflexão sobre si mesmo, início de uma reconceptualização de si. É neste último nível que se reflectem também os sinais de ruptura em diversas áreas da vida dos nossos entrevistados.

3 - Socialização desviante: síntese

Este tema foi dividido em duas grandes categorias: Relação com os outros e Práticas e vivências. Na primeira analisámos o jogo que se estabelece com o meio normativo ao esconder o estatuto de toxicodependente, bem como o papel da reputação no mundo desviante; analisámos ainda o conhecimento que os entrevistados adquirem quando em contacto com o mundo das drogas. Na segunda, Práticas e vivências, que acabámos de analisar, debruçámo-nos sobre as principais etapas da história de consumidores dos nossos entrevistados.

Em conjunto, as duas categorias definem o tema que denominámos Socialização desviante e que dá conta, precisamente, da familiarização sucessiva com as várias substâncias, modo de as consumir, ao mesmo tempo que se tenta minimizar as consequências sociais do estatuto indesejado de toxicodependente - estatuto esse que é negado pelo próprio, em primeiro, lugar e depois ocultado o máximo de tempo possível de esferas como a família e o trabalho.

Goffman (1988) descreve com exactidão os dilemas de um indivíduo portador de um estigma social: todos os indivíduos necessitam de se integrar num grupo, total ou parcialmente, ou pelo menos conhecerem as normas desse grupo a que se socorrem para conseguirem continuar a sua conduta transgressiva.

Na toxicodependência, o conhecimento dos lugares de compra, modos de consumo, etc, só se tornam possíveis através de algum grau de socialização nesses subgrupos, o que pode ser compatível com a manutenção de um estatuto de 'pessoa normal' ou o que a partir de certo momento, por escolha ou por contingência, pode deixar de acontecer.

Vimos também que não existe nenhum motivo especial para se encetar uma carreira de consumidor de drogas. As expectativas e o funcionamento dos grupos informais, onde se dão os primeiros consumos aponta precisamente para o oposto. Neste ponto, concordamos com Becker (1963) ao dizer que não é a motivação que produz o comportamento desviante mas este que produz a motivação desviante - a utilização de esquemas, o próprio receio da ressaca só se dão após um percurso moroso. A intenção lúdica dos consumos dá lugar, após meses ou anos, a uma gestão da carreira de consumidor de heroína. É por isso que é com uma carreira deste tipo, bem desenvolvida, e a utilização de todos os recursos disponíveis no mundo das drogas ou, diríamos melhor, depois da utilização de todos os recursos admissíveis pelo entrevistado e pela sua rede informal mais próxima, que surgem as primeiras interrogações a si mesmo e as tentativas de afastamento iniciais.

Apesar de tudo as ideias bastante comuns de "*o erro foi experimentar*" ou "*é difícil esquecer*" (a heroína) parecem indiciar que o gosto pela droga e por um certo estilo de vida desviante são, quando o são, ultrapassadas com dificuldade.

PARTE D

SÍNTESE INTEGRATIVA

PARTE D - SÍNTESE INTEGRATIVA

A metodologia que reivindicámos neste trabalho exige um momento final em que a dissecação da análise de conteúdo até agora efectuada seja de novo reunida numa visão holística. Trata-se de reaver a visão globalizante das histórias de vida nas suas regularidades ontológica, deontológica, ascética e teleológica. Qual o percurso mais característico dos nossos entrevistados? Faremos uma resenha totalizadora das análises efectuadas, procurando distanciarmo-nos um pouco das heterogeneidades e contradições naturais observadas nos testemunhos recolhidos.

Finalmente, procederemos a uma auto-crítica de todo o nosso projecto, levantando insuficiências e possíveis pontos fortes. De facto, existem pistas a explorar, dados que merecem novos estudos. Ao mesmo tempo que isto fazemos, lançamos algumas reflexões sobre a construção de uma tipologia de histórias de vida de heroinómanos que permita, noutros estudos, a circunscrição de certas vivências a determinados agrupamentos de trajectórias.

1. Para uma história de vida de consumidor de heroína

Reformularemos, numa perspectiva generalista, os dados até aqui analisados:

i. a iniciação dos consumos: não detectámos nos dados nenhuma motivação desviante que impelisse os indivíduos para as drogas. Os consumos foram contextualizados em grupos informais em que o uso do haxixe e mesmo da heroína obedeceriam a princípios lúdicos.

ii. no desenvolvimento da carreira de consumidor, o reconhecimento em si mesmo do estatuto de dependência é um processo difícil e moroso (vimos exemplos de sujeitos que só admitiram ser toxicodependentes quando foram presos ou internados para tratamento). Esta prossecução dos consumos com negação da dependência permite aos sujeitos desenvolverem a ingestão do produto sem problemas morais.

iii. comparativamente a outras drogas, a heroína é descrita em termos muito mais absolutos. A vivência da dependência da heroína que decorre de um modo mais ou menos

conflituoso em todos os nossos entrevistados tem, certamente, um papel importante na uniformização desse tipo de dados.

iv. outro aspecto importante é o papel da aprendizagem subcultural na aquisição de competências para lidar com o produto (saber dar - fumar; saber injectar...) e com a própria ressaca (conhecimentos farmacológicos e conhecimentos sobre actividades rentáveis...). Também aqui as decisões que se tomam no sentido de uma maior especialização desviante implicam adaptações cognitivas: apelar ao nível deontológico "*são os amigos*"; apelar ao nível ascético da incontinência "*nessa altura não sabia o que fazia*"; procurar socorro no nível ontológico p. e. "*foi a droga que me obrigou a isso*"; por fim, resta ainda a possibilidade da negação da gravidade do que se fez.

v. em termos de desenvolvimento da carreira sublinhámos a importância do tipo de contacto estabelecido nos dispositivos concretos da família e do trabalho. Não raras vezes, a revelação de um membro da família ou de um empregado como toxicod dependente aumenta a permissividade a nível dos comportamentos. A contenção que muitos dos nossos entrevistados observavam, na expectativa de serem castigados pela família ou de perderem o emprego, deixa de ser necessária - o aumento dos consumos, o desrespeito cada vez maior das regras de convivência são os sinais de uma incontinência que se tende a instalar.

vi. uma subcategoria que está um pouco relacionada com o que se acaba de dizer é gestão da imagem de si. Nem todos os entrevistados, em função da maneira como se vêem a si próprios, aceitam todas as alternativas que a carreira de consumidor de heroína apresenta - vimos casos de mulheres que recusam a prostituição; vimos entrevistados que cultivavam uma certa distância do mundo do tráfico ou dos bairros - "*eu não compro na rua*".

vii. pontos de inflexão: normalmente, a retirada total ou parcial da actividade de consumidor é originada por algum motivo interno à própria vivência de consumidor. A importância da família também foi referida mas não é, na maior parte dos casos, preponderante. No que diz respeito a actividades mais especializadas, como o tráfico, ou

é um episódio desmesurado de consumo (normalmente a cocaína) ou o aparecimento de mais polícia na zona que motivam diversos indivíduos a processos de afastamento.

O contacto com os dispositivos médico-sanitários fornece ensejo para essa retirada se observar mas, em muitos outros casos, este é apenas mais um obstáculo a ultrapassar na sua vontade de prosseguir com os consumos (obstáculo esse que, inclusive, fornece dados para facilitar essa intenção).

No que diz respeito aos dispositivos jurídico-penais, as actividades de consumo e especialmente de tráfico impõem uma adaptação cognitiva que passa pela indiferença em relação os tribunais e às acções da polícia. A incontínência domina aqui, em relação com a intemperança, que não é verbalizada mas entrevista nessa indiferença no fazer. A prisão, quando consumada, desencadeia reflexões teleológicas em oposição aos serviços penitenciários: "*lá há mais droga do que cá fora*", pelo que é considerada injusta a detenção.

O nível teleológico é importante nos momentos de retirada da carreira ou mesmo da paragem dos consumos - uma interrogação sobre si mesmo, o sentido do que se faz surge então a uma outra luz.

Em suma: as dimensões ontológicas e deontológicas são as dominantes nas fases iniciais do percurso de consumidor; à medida que se desenvolve passam a predominar conteúdos deontológicos e ascéticos; os teleológicos são os mais relevantes nas fases mais terminais dessa carreira.

2 - Auto-crítica

As ilações que aqui retirámos não são generalizáveis à toxicodpendência em abstracto. A amostra utilizada, recordêmo-lo, é a que acedeu a uma instituição médico-sanitária. Muitos outros consumidores não tiveram essa iniciativa, certamente por características próprias e por se depararem com outro tipo de entraves e obstáculos: muitos deixam a heroína por si mesmos; muitos outros degradam-se a níveis indizíveis - andam pelos bairros "aos filtros"; dormem ao relento ou em casa abandonadas. Pelo menos estes dois tipos de casos não são abarcáveis neste estudo.

Uma outra crítica, agora metodológica, prende-se com o facto de não termos utilizado tipologias de histórias de vida. A diversidade dos dados recolhidos podia compreender-se em função de classes de trajectórias. Não o fizemos porque queríamos ter uma visão generalista e exploratória. Agora, no fim do nosso trabalho, aventamos duas hipóteses a utilizar em futuras investigações:

- a utilização de uma tipologia segundo a altura da iniciação, de acordo com Artiaga & Romaní (1985). Estes autores acharam diferenças nas histórias de vida conforme os consumos se tenham iniciado num contexto de mercado de tráfico artesanal ou num mercado já generalizado;

- uma outra tipologia poderia ser construída a partir do grau de envolvimento com o "mundo da droga" (grau de envolvimento com os bairros; com os esquemas desviantes etc...)

Alguns dados aqui recolhidos - como o deixar de usar filtros ou o injectar sem aquecer o caldo - merecem ser objecto de estudos mais específicos. A própria epidemiologia interessar-se-ia, certamente, por estes fenómenos. Sublinhamos também a passagem gradual do haxixe para a heroína, em fases iniciais, o que contradiz a ideia do uso do haxixe ser incompatível com o consumo de heroína. O estudo dessa transição traria consigo a possibilidade de um conhecimento mais realista dos processos grupais postos em jogo na iniciação do percurso heroínmano.

POSFÁCIO

Evolução do projecto de investigação: ideias achadas e perdidas, abandonadas

A ideia da planificação rigorosa de uma investigação é um pouco perigosa e pode prestar-se a equívocos e a estereótipos que não correspondam, de todo, à realidade. Se tivermos em atenção que o processo da escrita é, ele próprio, criativo e prestando-se a novas descobertas e insights, dificilmente poderemos manter tal pretensão. Na primeira parte do nosso trabalho, ao fazermos uma cuidadosa deambulação por algumas das teorias epistemológicas mais ou menos contemporâneas, pensamos ter demonstrado a complexidade da interrogação científica e os constrangimentos, de várias ordens, que existem actualmente. Feyerabend (1994), o mais radical de todos os autores que passámos em revista, é aquele que se dedica com mais afinco à relativização da importância da ciência. A posição que defende, no que diz respeito à inexistência de um método específico e comum a todas as investigações científicas, é o exemplo mais ilustrativo dessa desordem.

Os trabalhos de investigação como este, que se arrastam por anos e exigem inúmeras horas da pessoa, só se podem justificar pelo desejo de conhecer. É este o nosso pecado original. A contextualização deste pecado no curso de mestrado obriga à planificação de uma investigação em determinados moldes: a aprendizagem dos métodos e dos pensares científicos.

A nossa primeira curiosidade nasceu de uma referência de Becker (1963) que releva a importância de uma determinada infracção ser ou não ser conhecida no todo social. O conhecimento público da existência de um comportamento desviante implica uma modificação da relação desse todo social com o indivíduo, assim como implica uma alteração do comportamento desse indivíduo. Mais tarde, com o conhecimento da obra de Goffman (1988), o "Estigma", compreendemos este fenómeno de uma maneira mais extensa.

À época, interessava-nos compreender o papel da revelação do estatuto da toxicod dependência de um filho - na maior parte dos casos - perante o todo familiar. Um complexo jogo de expectativas parecia posto à prova:

- pais existiam que aderiam ao discurso do toxicod dependente e passavam-lhe a dar dinheiro e apoio para os consumos, facilitando assim a passagem um grau mais avançado da sua carreira de consumidor. Neste caso, a expectativa, por parte do toxicod dependente, de haver uma punição paterna era defraudada e, deixando de existir este interdito interno, que implicava uma certa gestão das aparências, o toxicod dependente passava a um envolvimento maior com a sua vida de heroinómano.

- pais havia também que reagiam com firmeza às situações, empurrando o filho para o tratamento que muitas vezes era por ele indesejado. O interdito mantinha-se e o toxicod dependente, se voltava a consumir, teria que manter uma cuidadosa gestão das aparências. Muitas vezes esta reacção representava um claro ponto de inflexão na carreira de consumidor, quando não mesmo uma paragem temporária ou definitiva.

As leituras de autores filiados na tradição de Chicago e, mais genericamente, das etnografias da droga, propunham uma visão processual que a compreensão deste fenómeno parecia exigir. Essas leituras, o conhecimento dos seus métodos de trabalho levaram-nos a reformular a questão: a dimensão familiar era apenas uma dimensão entre outras e se a sua vivência pode ter uma importância decisiva na evolução de certas carreiras desviantes, outras dimensões cumpria estudar. A nova área de problematização passou a ser a trajectória processual do toxicod dependente, numa visão mais holística.

E já agora que falámos de leituras, discorramos um pouco sobre métodos de pesquisa bibliográfica aqui utilizados. Bem cedo no nosso trabalho efectuámos uma pesquisa em base de dados informatizada. Os resultados foram, porém, desapontantes - a família e a trajectória desviante nunca eram encarados na riqueza que desejámos, na complexidade que observámos em certos estudos etnográficos a que tivéramos acesso entretanto. Neste ponto, a frequência das aulas e os conselhos do nosso orientador abriram-nos a porta a uma pesquisa bem menos disciplinada mas muito mais frutuosa.

Aos poucos as leituras aconselhadas e as referências que essas leituras sugeriam, desencadearam um processo semelhante ao de "bola de neve" bem conhecido pelos etnógrafos.

Esta aproximação à etnografia chegou a fazer parecer-nos útil o recurso ao instrumento "Diário de bordo" frequentemente utilizado por estes investigadores de campo. Chegámos até a formalizar esta proposta de trabalho no projecto de tese, com o qual terminámos a nossa secção curricular do curso de mestrado. A traços largos, o Diário de bordo consiste na manutenção de um conjunto de notas registadas com as nossas impressões, comentários, observações e até divagações teóricas acerca do nosso trabalho de atendimento a toxicodependentes. Uma análise cuidada deste material ajudar-nos-ia a construir o guião da entrevista.

A aproximação à etnografia foi, entretanto, temperada por mais leituras e pelas sessões de orientação entretanto efectuadas. A autonomia da abordagem biográfica e o progressivo conhecimento que tivemos da solidez dos métodos biográficos, etnobiográficos e outros fizeram sentir-nos mais seguros e não achar tão necessária a manutenção de um diário.

Fica aqui esta nota final em torno do caos e da desorganização que também acompanham os projectos científicos. Este trabalho não constitui, de algum modo, excepção.

NOTAS

NOTAS

(1)

A linha de reflexividade proposta que pode ter, à primeira vista, um pendor excessivamente ou incompreensivelmente teórico, é de importância fundamental. A. Quadros (1986) acerca de José Marinho defende a importância para a formação de um filósofo (e que nós generalizamos para o cientista) do exercício da Paideia. A Paideia, que se seguirá à Pedagogia e que pressupõe, por isso, a aprendizagem generalista de uma dada área do saber, implica a criação de uma consciência individual que seja capaz de uma organização desses dados generalistas numa determinada coerência. Por outras palavras: o filósofo, o cientista é capaz de escolher entre certas tradições teóricas ainda de operar um acto criativo sobre essa escolha. A constatação de mudanças da racionalidade científica, o reconhecimento do indivíduo psico-social como companheiro das nossas preocupações científicas, abre-nos portas para o exercício da Paideia.

(2)

O estado positivo suceder-se-ia ao estado teológico e ao metafísico. Seria um estado último da evolução do conhecimento humano, privilegiando o conhecimento experiencial da realidade com a exclusão de todo outro tipo de dados. Seria uma utopia empirista, onde a dimensão arquetípica é, por demais, evidente.

(3)

Esta visão darwinista da ciência antecipa, de algum modo, a noção de performatividade de Lyotard (1989).

(4)

Serres (1969) considera Bachelard como o último dos escritores que construíram e analisaram arquétipos. É o último porque os seus arquétipos são o fogo, a água, enfim, elementos que impossibilitam qualquer outro desdobramento.

(5)

A herança darwinista de Kuhn (1983) é também visível, especialmente na fase pré-paradigmática, em que se observa uma competição entre teorias opostas, até à prevalência de uma delas.

(6)

Qualquer forma discursiva é produto do poder, isto é, das contingências que possibilitam a sua formação, mas também se constitui como fonte de poder. O discurso também é fonte de poder (Foucault, 1997).

(7)

Acrescentamos a sujeito, a partícula científico para se poder destrinçar de sujeito utilizado noutros contextos e noutros sentidos nomeadamente: sujeitos que constituem uma amostra, sujeitos entrevistados, etc ... Sujeito científico quer referir-se ao sujeito da díade epistemológica sujeito-objecto.

(8)

O trabalho de Cohen (1988) debruça-se precisamente, entre outros assuntos, sobre o papel que desempenham os interesses corporativos na manutenção de certa produção científica ligada a instituições de controle social.

(9)

A nossa incapacidade de distinguir saber de ciência, resultaria numa lamentável forma de etnocentrismo: os saberes válidos de outras civilizações teriam de ser ciência ou proto-ciência. Todos os conhecimentos válidos teriam de ser traduzidos em ciência para bem da sua validade e do seu reconhecimento.

(10)

Corresponde, por isso, a um percurso bastante específico na rede. A determinação é apenas um caso particular da indeterminação (Serres, 1969).

(11)

Encontramos aqui, novamente, a reflexividade a que voltaremos adiante para novas formulações com Rorty (1994) e, de algum modo, também com Lyotard (1989).

(12)

A realidade é o que é investigado, o que é investigado é o que obedece ao rigoroso princípio da performatividade. Uma nova ilusão se gera aqui, nasce assim uma nova circularidade criada em moldes já conhecidos na Escola de Viena: só é ciência aquilo que obedece aos princípios da ciência. Uma circularidade que merece, sem dúvida reflexão e uma atenta crítica.

(13)

Concordamos com a proposta de Agra (1997) de se estudar os comportamentos desviantes a partir de uma biopsicossociologia - mas por motivos de espaço e especificidade da tradição teórica em que nos inscrevemos, Escola de Chicago, privilegiaremos aqui apenas o psico-social.

(14)

O indivíduo é social, é psicológico ou não será antes uma síntese criadora e, simultaneamente, determinada de todo um conjunto de factores? Remetemos o leitor para o ponto 3 do Capítulo II, da Parte A, denominado Que ciência?

(15)

Remetemos, mais uma vez, o leitor para o ponto 3 do Capítulo II, da Parte A, denominado Que ciência? especialmente para as citações ali feitas de Ferraroti (1983) e as ilações que elas implicam. Aliás, uma leitura antecipada deste ponto pode servir de útil complemento ao final deste primeiro capítulo.

(16)

Agra (1996) refere a natureza psico-social da Escola de Chicago, ao passo que a Escola de Louvain seria mais biopsicológica. A tentativa de edificar uma biopsicossociologia ou sequer de ter um olhar biopsicossociológico, ultrapassa largamente o âmbito deste trabalho. Aliás, o pensamento da complexidade deste tipo só poderia ser realizado por uma equipa de investigadores.

(17)

Nota-se que estas abordagens poder-se-ão, provavelmente, enquadrar num projecto de psicologia aberta, tal como Legrand (1993) a defende e que, de modo geral, poderemos passar a exigir à nossa ciência a partir do que observámos até aqui na epistemologia: uma ciência em contacto e receptiva a interferências de outras disciplinas.

(18)

Consulte-se o trabalho de Agra & Fernandes (1993) que se intitula "Droga enigma, droga novo paradigma" onde, entre outras coisas, se faz a listagem das abordagens científicas que ao longo dos anos se construíram a propósito da toxicod dependência.

(19)

Pharmakon não tem em si propriedades morais, não é boa ou má, apenas existem usos louváveis e usos interditos (p. e. usar uma substância para matar alguém). A definição de Escotado (1990, p. 19) de droga, na versão actual, é elucidativa dessas "projectões morais" que fazemos em relação a essas substâncias: "Pero una droga no es sólo cierto compuesto con propiedades farmacológicas de otro tipo."

(20)

Arnal (1998) centra o início da problematização das drogas no início do século xx nos E.U.A., a propósito de movimentos xenófobos contra comunidades de trabalhadores imigrantes, como aliás é consensual. Ainda assim, é só depois da II Guerra Mundial que a proibição começou a ser mais visível socialmente, ao mesmo tempo que se dá uma substituição da farmacopeia natural pela sintética (1945-1965). A posterior revolução psicadélica de 65-70 contra o establishment encarregar-se-á de arreigar ainda mais os governos a políticas de pendor repressivo.

(21)

Fernandes (1999) chega mesmo a defender idêntica posição, consulte-se a entrevista: "*A droga tornou-se violenta devido à forma como foi reprimida*".

(22)

Apenas uma nota: tais posições psico-sociais não colidem, em nosso entender com os propósitos de uma psicologia moderna. Tal como Legrand (1993), na esteira de Politzer, defendia, a nossa ciência dever-se-á dedicar ao estudo da gramática da existência, no sentido em que o sujeito psicológico vive o drama da vida, lida com ela; em vez da utilização do referencial da norma que retira à investigação o acesso a toda a riqueza e diversidade subjacentes a esses dramas. A psicologia deverá ser uma ciência moderna, constituindo-se como ponto de chegada e partida de informações de e para outros campos disciplinares (vide Cap. I)

(23)

O paralelismo com os procedimentos de análise de conteúdo são evidentes - consulte-se na Parte B, o Capítulo II - Tratamento de dados.

(24)

A ordem artificial que assim forjamos resulta do realce de certos aspectos das obras daqueles autores, em detrimento de uma explanação mais pedagógica, digamos. Os aspectos por nós sublinhados ajudam a dar coerência ao texto, porque são retomados por outros autores mais modernos a que mais adiante faremos referência.

(25)

As subculturas juvenis a que Willis (1983) se refere emergiram na Grã-Bretanha do pós guerra. A velocidade com que evoluíram e, finalmente, se apagaram, demonstra a instabilidade das causas sociais que lhe deram origem. O estudos dos mecanismos sociais que reagiram ao nascimento dessas subculturas possibilitaram estudos de muito interesse.

(26)

Também Brochu (1996) e Agra (1996) defendem que só foi alcançada a esfera estritamente individual nos estudos que adoptaram o conceito de estilo de vida, como veremos adiante.

(27)

O estudo de Preble & Casey (1969), já referido, propõe igualmente uma proposta dos níveis de estruturação do tráfico de droga que se assemelham aos de Adler (1993).

(28)

A técnica da bola de neve, muito utilizada em estudos deste tipo refere-se, muito sumariamente: 1. a procura de um informante privilegiado que deve ser encontrado de forma aleatória no próprio campo; 2. o acesso a outros informantes faz-se, num primeiro momento, a partir do informante privilegiado, mas depois pela ajuda de qualquer informante que queira participar.

(29)

Esta informação foi-nos fornecida pelo próprio Ingold (1998) numa aula que decorreu no âmbito da parte curricular do mestrado que frequentámos.

(30)

Agra (1996b), a propósito das conclusões sobre um projecto multidisciplinar da relação droga-crime em Portugal, faz uma reflexão interessante sobre essa variação temporal, articulando já as noções de carreira desviante e de estilo de vida.

(31)

Alguns autores que apresentámos a propósito das etnobiografias, utilizam a visão das histórias de vida, como são casos disso Ingold & Toussirt, 1991; Artiaga & Romaní, 1985.

(32)

Estas ilações são, em análise de conteúdo, denominadas inferências. As inferências são deduções elaboradas a partir da regularidade de certos tipo de dados ou, ainda, de algum desvio significativo a essa regularidade. (Bardin, 1995)

(33)

Mais uma vez remetemos o leitor para o Capítulo II - Tratamento dos dados, da Parte B deste trabalho.

(34)

Consulte-se os interessantes comentários sobre o dualismo qualitativo-quantitativo feitos por Heath (1995), McKeganey (1995) e Pearson (1995) que formam uma rede de considerações sobre questões metodológicas deste tipo.

(35)

Tentámos listar os obstáculos que dificultam tal tarefa no Capítulo II da Parte A, denominado, precisamente, Obstáculos epistemológicos.

(36)

O estudo de Romaní (1991), por exemplo, combina a análise de dados provenientes de diversos settings.

(37)

Esta aproximação do sujeito em relação ao seu objecto de estudo foi abordada em termos filosóficos no Capítulo I da Parte A deste trabalho, denominado Reflexões epistemológicas.

(38)

O comentário final inserido no Anexo 1 deste trabalho pode fornecer mais pistas sobre as vicissitudes e as vantagens que a realização deste tipo de entrevistas em meio institucional pode ter.

(39)

Façamos aqui referência ao estudo de Manita, Negreiros & Agra (1996), inserido no Projecto Droga e Crime, que estuda as determinações e significações que os sujeitos constroem em relação a muitos tipos de actos semelhantes aos aqui mencionados; merece igualmente referência o estudo de Matos & Agra (1996) efectuado no âmbito do mesmo projecto, que ao estudar trajectórias individuais, dá conta de variações longitudinais que os sujeitos exercem sobre várias áreas das suas vidas. Por exemplo, o poder que exercem sobre a substância, o poder que exercem sobre o crime e o poder que exercem sobre si mesmos.

(40)

Os indicadores são a face visível dessa fidelidade - sobre eles iremos reflectir um pouco nos comentários que constituem parte do Anexo 2. Os indicadores constituem critérios de operacionalização e delimitação de fronteiras entre diversas categorias. Na grelha de análise inserida no Anexo 2, eles constituem a coluna mais à direita.

(41)

Aliás, o critério de amostragem neste tipo de estudos é o da saturação das categorias - é indiferente ter dez entrevistas ou mil entrevistas se, em relação a determinado ponto, todos eles disserem o mesmo.

(42)

O paralelismo desta situação com a toxicodependência é evidente e constituiu um dos primeiros insight que nos fez fazer crer na utilidade da aplicação da grelha foucaultiana à toxicodependência.

(43)

Já numa fase terminal da elaboração deste texto, deparámo-nos com a obra de Sissa (1997) onde se defende a validade de certos princípios filosóficos gregos para a compreensão da toxicodependência. A obra de Foucault (1986) que aqui utilizámos é, aliás, uma das referências.

Fazemos um sublinhado, a título de exemplo, a propósito do estabelecimento da dependência:

"É ao compreender isso que se aprecia Platão. Para ele, era claro: um apetite insaciável amarra-nos a um emprego monótono do tempo, ao desprezo por qualquer outro desejo. Se a filosofia pode fornecer argumentos críticos sobre o prazer das drogas porque estes prazeres perturbam uma vida boa, ela pode também reflectir sobre o mecanismo de alteração do tempo." (Sissa, 1997, p 36).

(44)

Façamos um paralelismo entre esta estética da existência e a gramática da existência de Politzer (cit. in Legrand 1993 e já aqui referenciada). A estética da existência, atrevemo-nos a dizer, dirige-se mais ao estudo de um nível geral e de preceitos sociais, enquanto na gramática é o nível mais psicológico que está em jogo. No entanto, ambos os conceitos se movimentam no mesmo substrato da vida humana.

(45)

Remetemos novamente o leitor interessado para Manita, Negreiros & Agra (1996).

(46)

Este autor não deixou, porém, de reconceptualizar esses desdobramentos do acto propostos por Foucault à luz das teorias sistémicas e de auto-poiése.

(47)

A escola, apesar de ser um dispositivo normativo racional, foi aqui considerada como dispositivo concreto uma vez que privilegiámos a dimensão informal da vivência escolar - consulte-se também Anexo 2.

(48)

"... e ambos instituição e dispositivo definem níveis diferentes dum mesmo processo: a normalização, nos seus momentos concreto-espontâneo e normativo-racional" (Fernandes, 1990, p.16)

(49)

Como é evidente, os nomes próprios que surgem ao longo do texto são falsos, assegurando assim o anonimato dos colaboradores neste estudo.

(50)

Antagonistas (Basinal; Antaxone ou Nalorex) são medicamentos administrados a sujeitos abstinentes que bloqueiam a acção da heroína.

(51)

Para a clarificação do conceito de subcultura aconselhamos Clarke, Hall & Roberts (1983) e A. Cohen (1955).

BIBLIOGRAFIA

- Abreu, P. (1995). A natureza do espírito: do dualismo cartesiano ao trilateralismo de Popper. *Acções*, 2, 39-52.
- Adler, P. (1993). *Wheeling and dealing - An ethnography of an upper-level drug dealing and smuggling community*. New York: Columbia University Press.
- Agra, C. & Fernandes, L. (1993). Droga enigma, droga novo paradigma. In C. Agra (Ed.), *dizer a droga ouvir as drogas* (pp. 55-86). Porto: Radicário.
- Agra, C. (1996 B). Síntese integrativa. In C. Agra (Ed.) *Projecto droga e crime - Estudos interdisciplinares*. Vol. XV. Porto: Centro de Psicologia do Comportamento Desviante Universidade do Porto (policopiado).
- Agra, C. (1986). *Science, maladie mentale et dispositifs de l'enfance*. Lisboa: INIC
- Agra, C. (1990). Sujet autopoïétique et transgression. In C. Debuyst (Ed.), *Acteur social et delinquance* (pp. 415-425). Bruxelles: Pierre Mardaga.
- Agra, C. (1991). Sujet autopoïétique et toxicodépendance. Montreal: Centre International de Criminologie Compareé (policopiado).
- Agra, C. (1993). Dispositivos da droga - a experiência portuguesa. In C. Agra (Ed.) *Dizer a droga, ouvir as drogas* (pp. 29-53). Porto: Radicário.
- Agra, C. (1995). Da rapsódia à sinfonia - Sentido para a composição de um sistema de pensamento na área das drogas. *Toxicoddependências*, 1, 26-32.

- Agra, C. (1996). Fundamentação epistemológica. In C. Agra (Ed.) Projecto droga e crime - Estudos interdisciplinares. Vol. II. Porto: Centro de Psicologia do Comportamento Desviante Universidade do Porto (policopiado).
- Agra, C. (1997). Notas sobre a formação do espírito interdisciplinar. *Revista do Ministério Público*, 69, 33-35.
- Arnal, J. U. (1997). História e função social do uso de substâncias psicoactivas nas diferentes civilizações (policopiado).
- Artiaga, J. F. & Romaní, O. (1985). *Dejar la heroína*. Madrid: Cruz Roja Española.
- Atlan, H. (1991). *Tout non peut-être - Éducation et vérité*. Paris: Edition du Seuil.
- Bachelard, G. (1991). *A filosofia do não - Filosofia do novo espírito científico*. Lisboa: Editorial Presença.
- Baker, C. (1997). Membership categorization and interview accounts. In S. Silverman (Ed.) *Qualitative research - theory, method and practice* (pp. 130-143). London: Sage Publications.
- Baratta, A. (1990). Une politique rationnelle des drogues? - Dimensions sociologique du prohibitioniste actuel. *Deviance et Société*, 14, 2, 157-178.
- Bardin, L. (1995). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Baudrillard, J. (1990). *As estratégias fatais*. Lisboa: Editorial Estampa, Ltda.

- Becker, H. S. (1963). *The Outsiders - Studies in the sociology of deviance*. New York: The Free Press of Glencoe, Inc.
- Bem, S. & Jong H. L. (1998). *Theoretical issues in psychology - An introduction*. London: Sage Publications.
- Bertrand, M. A. (1986). La politique des drogues. *Deviância et Société*, 10, 2, 177-191.
- Blumer, H. (1982). *El interaccionismo simbólico: Perspectiva y metodo*. Barcelona: Hora S.A.
- Bourgois, P. (1995). The political economy of resistance and self-destruction in the crack economy: an ethnographic perspective. *Annals of New York Academy of Sciences*, 749, 97-118.
- Brochu, S. & Chayer, L. (1997). Les politiques de matière de drogue: une question de valeurs? *Toxicoddependências*, 3, 1, 15-24.
- Brochu, S. (1996). *A Investigação sobre a relação droga crime na América do Norte*. In C. Agra (Ed.) *Projecto droga e crime - Estudos interdisciplinares*. Vol. III. Porto: Centro de Psicologia do Comportamento Desviante Universidade do Porto (policopiado).
- Butters, S. (1983). The logic-of-enquiry of participant observation. In S. Hall and T. Jefferson (Eds.), *Resistance trough rituals - Youth subcultures in post war Britain* (pp. 253-273). London: Hutshinson.
- Carrilho, M. M. (1989). *Itinerários da racionalidade*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, Ltda.

- Castel, R. & Coppel, A. (1991). Les controles de la toxicomanie. In A. Ehrenberg (Ed.) *Individus sous influence: Drogues, alcools, médicaments psychotropes*. (pp. 237-256). Paris: Editions Esprit.
- Clarke, J., Hall, S., Jefferson, T. & Roberts, B. (1983). Subcultures, cultures and class. In S. Hall & T. Jefferson (Eds.), *Resistance through rituals, youth subculture in post war Britain*. London: Hutshinson, pp. 9-74.
- Clinard, M. B. & Meier, R. F. (1979). *Sociology of deviant behavior*. New York: Holt Rinehart and Wiston.
- Cohen, A. K. (1955). *Delinquent boy*. New York: Free Press of Glencoe, inc.
- Cohen, S. (1988). *Visiones de control social*. Barcelona: Promociones Y Publicaciones Universitarias S. A.
- Comas, D. (1988). *El tratamiento de la drogodependencia y las comunidades terapeuticas*. Madrid: Ministerio de Sanidad y Consumo.
- Dicionário Enciclopédico de Língua Portuguesa* (1992). Lisboa: Salvat Editores S. A.
- Dolby, R. G. A. (1996). *Uncertain knowledge - an image of science for a changing world*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Escohotado, A. (1990). *El libro de los venenos guia de drogas - las licitas y las otras*. Madrid: Omnibus Mondatori.

Escohotado, A. (1992). *Para una fenomenologia de las drogas*. Madrid: Mondatori España S.A.

Escohotado, A. (1996). *Una historia elemental de las drogas*. Barcelona: Editorial Anagrama.

Espinoza, E. L. (1989). *Delitos sin víctima - Orden social y ambivalencia moral*. Madrid: Alianza Universidad.

Fatela, J. (1991). Drogues et ambivalences de la subjectivité. In A. Ehrenberg (Ed.) *Individus sous influence: Drogues, alcools, médicaments psychotropes* (pp. 49-63). Paris: Édition Esprit.

Faupel, C. E. (1991). *Shooting dope - career patterns of hard-core heroin users*. Gainesville: University of Florida Press.

Fernandes, L. & Agra, C. (1991). *Uma topografia urbana das drogas (Estudo exploratório no Porto)*. Lisboa: Gabinete de Planeamento e Combate à Droga.

Fernandes, L. (1998 B). Comunicação pessoal.

Fernandes, L. (1990). Concretização do conceito de dispositivo. Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica sob orientação Prof. C. da Agra. Porto: Centro de Psicologia do Comportamento Desviante da Universidade do Porto (policopiado).

Fernandes, L. (1997). *Actores e territórios psicotrópicos - Etnografia das drogas numa periferia urbana*. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade do Porto, Porto.

- Fernandes, L. (1998). Os princípios de exclusão da droga (pp. 63 - 78). In H. G. Araújo, P. M. Santos & P. C. Seixas (Ed.) *Nós e os outros: a Exclusão em Portugal e na Europa*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.
- Fernandes, L. (1999). A droga tornou-se violenta devido à forma como foi reprimida. Entrevista ao *Primeiro de Janeiro* de 26 de Outubro.
- Ferraroti, F. (1983). *Histoire et histoire de vie - la methode biographique dans les sciences sociales*. Paris: Librairie des Meridiens.
- Feyerabend, P. (1994). *Contra o método*. Lisboa: Relógio de Água.
- Fortes, O.; Gonzalez, J. & Tinoco, R. (1997). Depressão e Toxicodependência: Estudo de uma Amostra em Unidade de Desabilitação. In *Actas III Congresso Internacional sobre Toxicodependência, X Encontro das Taipas*. (pp. 63-71).Lisboa: ANIT.
- Foucault, M (1992). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, Ltda.
- Foucault, M. (1986b). *História da sexualidade - O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda.
- Foucault, M. (1986). *História da sexualidade - O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda.
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir - o nascimento da prisão*. Petropólis: Vozes.
- Foucault, M. (1995). *A Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Foucault, M. (1997). *A Ordem do discurso*. Lisboa: Relógio de Água Editores.

Giddens, A. (1996). *As consequências da modernidade*. Oeiras: Celta Editora.

Giorgi, A. (1986). Theoretical justification for the use of descriptions in psychological research. In P. D. Ashworth & A. Giorgi (Ed.) *Qualitative research in psychology* (pp. 3-22). Pittsburg: Forbes Avenue.

Glaser, B. G. & Strauss, A. L. (1967). *The discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research*. New York: Aldine de Gruyter.

Goffman, E. (1988). *Estigma - Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.

González, C.; Funes, J.; González, S.; Mayol, I. & Romaní, O. (1989). *Repensar las drogas - hipótesis de la influencia de una política liberalizadora respecto a las drogas, sobre los costes sociales, las pautas de consumo y los sistemas de recuperación*. Barcelona: Grupo IGIA.

Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira (sem data). Lisboa: Editorial Enciclopédia Limitada.

Grapendaal, M.; Leuw, E. & Nelen, H. (1995). *A world of opportunities - Lifestyle and economic behavior of heroin addicts in Amsterdam*. New York: State University of New York.

Guerra, M. (1994). *Seropositividade e auto-organização psicológica: um modelo de avaliação da adaptabilidade humana à seropositividade ao vírus da SIDA*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Porto, Porto.

- Hagan, T. (1986). Interviewing the Downtrodden. In P. D. Ashworth & A. Giorgi (Ed.) *Qualitative research in Psychology* (pp. 332-360). Pittsburg: Forbes Avenue.
- Hammersley, M. (1989). *The dilemma of qualitative method - Herbert Blumer and the Chicago tradition*. London: Routledge.
- Hannerz, U. (1986). *Exploración de la ciudad - Hacia una antropología urbana*. Mexico: Fondo de cultura Economica.
- Heath, D. B. (1995). Quantitative and qualitative research on alcohol and drugs: a helpful reminder. *Addiction*, 90, 753-766.
- Holdstein, J. A.; Gubrium, J. F. (1997). Active interviewing. In S. Silverman (Ed.) *Qualitative research - theory, method and practice* (pp. 113-129). London: Sage Publications.
- Ingold, F. R. & Toussirt, M. (1998 A). *Le cannabis en France*. Paris: Anthropos.
- Ingold, F. R. & Toussirt, M. (1998 B). Remarques introductives sur l'éthnographie dans le champ de la toxicomanie: l'expérience de l'IREP. *Toxicodependências*, 4, 3, 39-48.
- Ingold, F. R. & Toussirt, M. (1997). Les attitudes et les pratiques des usagers de drogues confrontés aux risques de contamination par le virus de l'immunodéficiência humaine (VIH) et les virus des hépatites B et C. *Bull. Acad. Natle. Med.*, 3, 555-568.
- Ingold, F. R. (1998). Comunicação pessoal.

- Ingold, F. R.; Toussirt, M.; Petit, F. & Coubesque, A. M. (1991). *Méthode et histoire - apport des sciences de l'homme et de la société à la compréhension des drogues et des substances psychoactives*. Paris: IREP.
- Johnson, B. D.; Goldstein, P. J.; Preble, E.; Schmeidler, J.; Lipton, D.S.; Spunt, B. & Miller, T. (1985). *Taking care of business, the economics of crime by heroin abusers*. Lexington: Lexington Books.
- Kaminski, D. (1990). Toxicomanie: le mot qui rend malade. *Déviance et Société*, 14, 2, 179-196.
- Kendall, G. & Wickham, G. (1999). *Using Foucault's methods*. London: Sage Publications.
- Koning, A. (1986). Introduction. In P. D. Ashworth & A. Giorgi (Ed.) *Qualitative research in Psychology* (pp. VII-XV). Pittsburg: Forbes Avenue.
- Kuhn, T. (1983). *La Structure des révolutions scientifiques*. Paris: Flammarion.
- Kuty, O. (1992). Préface. In C. Macquet *Toxicomanies et formes de la vie quotidienne*. Liège: Mardaga Éditeur.
- Laurie, P. (sem data). *Las drogas*. Madrid: Alianza Editorial.
- Legrand, M. (1993). *L'approche biographique*. Marseille: Hommes et Perspectives.
- Legrand, M. & Loicq, F. (1991). *Alcoolisme et récit de vie* (rapport de recherche). Namur: A.R.B.R.H..

- Lessard-Herbert, M.; Goyette, G. & Boutin, G. (1990). *Investigação qualitativa - fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lipovetsky, G. (1989). *A era do vazio - Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio de Água.
- Liotard, J. F. (1989). *A condição pós-moderna*. Lisboa: Gradiva Ltda
- Machado, R. (1992). Introdução. In M. Foucault *Microfísica do poder* (pp. i-xxii). Rio de Janeiro: Edições Graal, Ltda.
- Macquet, C. (1992). *Toxicomanies et formes de la vie quotidienne*. Liège: Mardaga Éditeur.
- Manita, C. (1996). As interrelações droga-crime: as dimensões da personalidade e acção. In C. Agra (Ed.) *Projecto droga e crime - Estudos interdisciplinares*. Vol. X. Porto: Centro de Psicologia do Comportamento Desviante da Universidade do Porto (policopiado).
- Manita, C.; Negreiros, J. N & Agra, C. (1996). *Determinações e significações da relação Droga - Crime*. In C. Agra (Ed.) *Projecto droga e crime - Estudos interdisciplinares*. Vol. XI. Porto: Centro de Psicologia do Comportamento Desviante da Universidade do Porto (policopiado).
- Marlatt, A. & Gordon, J. R. (1985). *Relapse prevention*. New York: Guilford Press.
- Matos, A. P. & Agra, C. (1996). *Trajectórias desviantes*. In C. Agra (Ed.) *Projecto droga e crime - Estudos interdisciplinares*. Vol. XIV. Porto: Centro de Psicologia do Comportamento Desviante da Universidade do Porto (policopiado).

Matza, D. (1981). *El proceso de desviación*. Madrid: Taurus Ediciones S. A.

Matza, D. (1990). *Delinquency and drift*. New Jersey: Transaction Publishers.

McKeganey, N. (1995). Quantitative and qualitative research in the addiction: an unhelpful divide, but one to be lived with. *Addiction*, 90, 6, 749-751.

Morin, E. (1995). *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget.

Murdoch, G. & McCron, R. (1983). Consciousness of class and consciousness of generation. In S. Hall & T. Jefferson (Eds.), *Resistance through rituals - Youth subculture in post war Britain* (pp.192-207). London: Hutshinson.

Negreiros, J. N. (1991). *Prevenção do abuso do álcool e drogas nos jovens*. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica.

Ormazábal, R. T. (1999). *Mama coca, coca-cola, cocaína: três pessoas numa droga só*. Lisboa: Editorial Caminho.

Pallarès, J. (1995). *El placer del escorpión - Antropología de la heroína y los yonquis*. Lleída: Editorial Milenio.

Pearson, G. (1987). Social deprivation, unemployment and patterns of heroin use. In N. Thorn & N. South (Eds.) *A land fit for heroin: Drug policies, prevention and practice* (pp. 62-94). London: MacMillen.

Pearson, G. (1995). The quantitative-qualitative dispute: an unhelpful divide, but one to be lived with. *Addiction*, 90, 6, 759-761.

- Pidgeon, N. & Henwood (1997). Using grounded theory in Psychology research. In N. Hayes (Ed.) *Doing qualitative analysis in Psychology* (pp. 245-273). East Sussex: Psychology Press.
- Pineau, G. & Le Grand, J. L. (1993). *Les histoires de vie*. Paris: Press Universitaire de France.
- Pineau, G. (1995). Préface. In Jean Vassilef *Histoire de vie et pédagogie du projet*. Lyon: Chronique Social.
- Poiars, C. (1999). Contribuição para uma análise histórica da droga. *Toxicodependências*, 5, 1, 3-12
- Poirier, J.; Clapier-Valladon, S. & Raybant P. (1995). *História de vida, teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Preble E. & Casey, J. J. (1969) Taking care of business - The heroin user's life on the street. *The international journal of addiction*, 4, 1, 1-24.
- Prigogine, I. (1996). *O fim das certezas - o tempo, o caos e as leis da natureza*. Lisboa: Gradiva Publicações Ltda.
- Prior, L. (1997). Following in Foucault's footsteps: text and context in qualitative research. In S. Silverman (Ed.) *Qualitative research - theory, method and practice* (pp. 63-79). London: Sage Publications.

Projecto droga crime - Estudos interdisciplinares (1996). Vol. I-XV Porto: Centro de Psicologia do Comportamento Desviante Universidade do Porto (policopiado).

Quadros, A. (1986). *Portugal razão e mistério - uma arqueologia da tradição portuguesa*. Lisboa: Guimarães Editores.

Ricoeur, P. (1987). Indivíduo e identidade pessoal. In *Indivíduo e poder* (pp. 65-85). Lisboa: Edições 70.

Roberts, B. (1983). Naturalistic research into subcultures. In S. Hall and T. Jefferson (Eds.), *Resistance through rituals - Youth subcultures in post war Britain* (pp. 243-252). London: Hutchinson.

Romaní, O. & Comelles, J. M. (1991). Les contradictions liées à l'usage des psychotropes dans les sociétés contemporaines: automédication et dépendance. *Psychotropes*, X, 3, 39-57.

Romaní, O. (1991). *Drogodependientes: Circuitos informales y procesos de integración social*. Barcelona: IRES-PNSD.

Romaní, O. (1995). Intervención comunitaria en drogodependencias - Etnografía y sentido comun. *Toxicodependências*, 2, 33-46.

Rorty, R. (1989). *Objectivisme, relativisme et vérité*. Paris: Presses Universitaires de France.

Santos, B. S. S. (1987). *Um Discurso sobre as ciências*. Porto: Edições Afrontamento.

Santos, B. S. S. (1989). *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Porto: Edições Afrontamento.

- Sarbin, T. R. & Scheibe, K. E. (1983). A Model of social identity. In T. R. Sarbin & K. E. Scheibe (Ed.) *Studies of social identity* (pp. 5-28). New York: Praeger Publishers.
- Serres, M (1969). *Hermes I - La communication*. Paris: Minuit.
- Silverman, D. (1993). *Interpreting qualitative data - methods for analysing talk, text and interaction*. London: Sage Publication.
- Silverman, D. (1997). Towards an Aesthetics of research. In S. Silverman (Ed.) *Qualitative research - theory, method and practice* (pp. 239-253). London: Sage Publications.
- Sissa, G. (1997). *O prazer e o mal - filosofia da droga*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Stratton, P. (1997). Attributional coding of interview data: meeting the needs of long-hault passangers. In N. Hayes (Ed.) *Doing qualitative analysis in Psychology* (pp. 115-142). East Sunex: Psychology Press.
- Stuart Mill, J. (1977). *Sobre a liberdade* . Mem Martins: Europa América.
- Sykes, G. M. & Matza, D. (1996). Techniques of neutralization. In J. Muncie; E. McLaughlin & M. Laugan (Ed.) *Criminological perspectives - a reader*. (pp.206-213). London: Sage Publications Ltd.
- Tinoco, R. (1999). Notas sobre a construção psico-social da identidade desviante em toxicodpendência. *Toxicodpendências*, 5, 3, 11-23.

- Vala, J. (1986). A Análise de conteúdo. In A. Santos Silva & J. Madureira Pinto (Ed.s) *Metodologia das ciências sociais* (pp. 101-128). Porto: Edições Afrontamento.
- Vassilef, J. (1995). *Histoire de vie et pedagogie du projet*. Lyon: Chronique Social.
- Willis, P. (1983). The cultural meaning of drug use. In S. Hall and T. Jefferson (Eds.), *Resistance trough rituals - Youth subcultures in post war Britain* (pp. 106-118). London: Hutshinson.
- Young, J. (1975). The role of the police as amplifiers of deviancy, negotiators of reality and translators of fantasy. In S. Cohen (Ed.) *Images of deviance* (pp. 27-61). Harmondsworth: Penguin Books.
- Young, J. (1971). *The drugtakers*. London: Paladin.

ANEXOS

ANEXOS

Anexo 1: Guião da entrevista

Anexo 2: Grelha para a análise de conteúdo

Anexo 3: Outras grelhas de análise de conteúdo consultadas

Anexo 4: Caracterização sócio-demográfica da amostra

Anexo 5: Operacionalização da grelha de M. Foucault

ANEXO 1

Guião da entrevista

1- Antecedentes pessoais

explorar antecedentes familiares, profissionais ou pessoais que os sujeitos considerem pertinentes para o início da sua carreira de consumidores

2- Iniciação

quais os momentos de primeiro contacto com as drogas

lugar contexto idade ano

o que se dizia das drogas

achou que ia parar, continuar?

os amigos continuaram, pararam?

porque acha que outros pararam

relação irregular/regular (Becker, 1963; Faupel, 1991)

3- Saber sobre as drogas

os efeitos de cada droga para si

evolução desses efeitos

utilização dos efeitos

modalidades de ingestão - aprendizagem dessas modalidades (p. e. Becker, 1963)

quais as drogas que se controla mais facilmente

estratégias de auto-controle face a drogas "mais tentadoras"

o que é a ressaca de heroína: 1ª vez; circunstâncias; o que sentiu; o que achou que lhe iria acontecer

4- A carreira toxicodependente

a questão dos outros: a família, o trabalho, a escola (se for caso disso)

estratégias de obtenção do produto / redução de custos

estratégias de evitamento da ressaca

atitudes face a estes dois tipos de estratégias

situações limite (Grapendaal et al, 1995; Romaní, 1991)

estratégias de ingestão: a questão da agulha

questão da compra

questão do crime

efeitos de eventuais detenções (Manita, Negreiros & Agra, 1996)

intencionalidade no acto (Manita, Negreiros & Agra, 1996)

papel do domicílio (Artiga & Romaní, 1985)

calm down: o afastamento dos meios (Grapendaal et al, 1995)

o efeito das doenças

5- O mundo da droga

aonde se vai comprar - áreas (Romaní, 1991)

com quem se vai

como se aprendeu a ir comprar

papel que as dificuldades desempenham no quotidiano do sujeito

ligações de amizade no meio consumidor

relação com instituições policiais, tribunais (Ingold et al, 1991)

visão pessoal sobre o fenómeno droga (Fernandes & Agra, 1991)

percepção das representações dos sujeitos do meio normativo (Fernandes & Agra, 1991)

6- Tratamento - tentativas de paragem

papel dos amigos (Romaní, 1991)

papel da família; das instituições de cuidado (Romaní, 1991)

como se decidiu a mudar de vida

as dificuldades sentidas: as recaídas (Marlatt & Gordon, 1985)

fracassos no tratamento: na desintoxicação; no processo de reinserção social

(Manita, Negreiros & Agra, 1996)

comunidades terapêuticas ou outro ambiente protegido (Comas, 1988)

razões explicitadas para deixar a droga (Pallarès, 1995)

personagens chave (Pallarès, 1995)

Algumas justificações:

O guião de qualquer entrevista constitui-se, regra geral, como um primeiro passo na construção prática de um estudo qualitativo deste género. A formulação de hipóteses ou de áreas relevantes a tratar aqui é posta em questão. Como em qualquer estudo científico, o levantamento dessas hipóteses, se assim lhe quisermos chamar, fez-se através da ajuda de uma série de outros estudos científicos.

No guião da entrevista determinam-se, assim, áreas de interesse, determinação essa que passará pela fundamentação científica da pertinência dessas mesmas áreas. De um modo geral, poderemos considerar o nosso guião como que pretendendo desenhar uma história de vida temática. Tentamos, pois, seguir um fio condutor que é o do tempo do sujeito em questão - centrando-nos na questão específica da sua carreira desviante de consumidor de drogas (no que isso poderá implicar em determinados casos, de delinquência ou eventual prostituição, entre outros).

Os conteúdos do ponto 1 do guião, os antecedentes pessoais, não são explorados exhaustivamente como uma história de vida tout court, certamente, exigiria. Pelo contrário:

optámos por uma aproximação genérica, deixando ao critério dos entrevistados a pertinência dos seus antecedentes pessoais.

O ponto 2, iniciação, é uma dimensão utilizada por Artiaga & Romaní (1985), por Pallarès (1995) e por Romaní (1991), entre outros. Esta é aqui desdobrada em diversos pontos que implicam directamente o sujeito e o meio em que esse sujeito vive, até à percepção que este tem do percurso de consumidores dos seus amigos e da eventual evolução para uma relação mais regular com esta ou aquela droga. É a entrada do sujeito na vida de consumidor que pretendemos aqui dar conta.

Quanto ao ponto 3, saber sobre as drogas, encontramos-lo como categoria em Fernandes & Agra (1991). A virtude desta dimensão é dar espaço ao sujeito para que nos dê conta do seu saber, das suas práticas, assim como a evolução das percepções sobre o efeito das substâncias.

Na carreira toxicodependente, ponto 4 do guião, tentamos saber da gestão do percurso de consumidor efectuada pelos entrevistados. Quais as questões que os outros - a família, o trabalho, a escola - põem ao percurso de consumidor de determinado sujeito. Como é que ele vê esses constrangimentos? Que escolhas efectua para manter possíveis consumos diários?

O ponto 5, o mundo da droga, refere-se à vivência que o sujeito nos consegue transmitir sobre o que está à volta da vida de consumidor. Romaní (1991) sublinha a importância do fascínio que se tem por uma determinada área urbana e pela manutenção de um estilo de vida consumidor - estaríamos perante uma dimensão ecológica da dependência. A visão pessoal sobre o fenómeno e a percepção das representações de outrem, ambas retiradas de Fernandes & Agra (1991), estimulam o entrevistado a reflectir e a dar-nos informações sobre o fenómeno da droga, enriquecidas pelas reflexões pessoais potencialmente provocadas de modo a complexificar o material posteriormente submetido a análise.

No ponto 6, finalmente, intitulado tentativas de paragem, centramo-nos sobre o percurso do entrevistado nas suas diversas tentativas de se afastar ou parar mesmo com o consumo de drogas, pelo menos de certas drogas. Várias dimensões foram aqui aqui utilizadas para dar conta desse percurso socorrendo-nos de diversos autores.

Configuramos, assim, um possível esquema que permita acompanhar o indivíduo desde que experimenta a primeira droga, até se tornar consumidor regular e tentar fazer uma paragem.

Sobre a entrevista

Uma pequena palavra sob o contexto em que as entrevistas se efectuaram. A instituição em que trabalhamos (C. A. T. Cedofeita) forneceu-nos o setting onde decorreu a totalidade das sessões. A facilidade de acesso ao material para estudo constitui uma evidente mais valia. Julgamos também já ter fundamentado a pertinência teórica da utilização de tal material. Detenhamo-nos apenas um pouco sobre as adicionais vantagens que encontramos na utilização deste contexto, a saber:

- primeiro, a proposta para a realização da entrevista faz-se na sequência do estabelecimento de uma relação de confiança. Os entrevistados, de algum modo, confiam na instituição e, salvo raríssimas excepções, aceitam a participação no trabalho proposto.

- segundo, o conhecimento que possuímos sobre a história do entrevistado, conhecimento proveniente das sessões que rotineiramente constituem o apoio psico-social, fornecem um "controle" sobre a veracidade dos dados recolhidos. Esta preocupação de controle da qualidade dos dados, ou mesmo de complemento de informações, levaram Romaní (1991) a completar o material oferecido directamente pelo entrevistado com o material recolhido junto de pessoas significativas para este. No caso concreto deste trabalho, o conhecimento anterior dos entrevistados fornece essa componente de veracidade indispensável a estudos deste tipo.

A entrevista, construída nestes moldes, funcionou plenamente, obtendo-se plena colaboração por parte dos entrevistados com relativa facilidade.

ANEXO 2

Grelha para de análise de conteúdo

A grelha de análise de conteúdo constitui uma reformulação e ao, mesmo tempo, uma distanciação do guião da entrevista que apresentámos no anexo anterior. O movimento é circular: o guião interroga, a grelha de análise organiza as respostas. E procura organizá-las de um modo rigoroso e científico. É o garante de objectividade dos procedimentos de codificação, impessoalizando-os, ou melhor, universalizando-os e padronizando-os. O material recolhido é, contudo, imprevisível já que as entrevistas oferecem-nos novos dados. Torna-se, assim, necessário construir novas categorias e, por isso, o círculo nunca é fechado por completo.

Utilizamos aqui a proposta de Bardin (1995) com o agrupamento das subcategorias em categorias mais vastas chegando, no nosso caso, até três níveis de agrupamento. A criação destas categorias permite o realce de regularidades de um nível mais vasto. O exemplo do tema - dos dispositivos que se divide em duas categorias, os dispositivos concretos de carácter informal e os dispositivos normativo racionais de carácter disciplinar - é ilustrativo desse procedimento.

A análise do material recolhido será confrontada directamente com subcategorias e indirectamente com as categorias e temas. Essa operação de codificação obedecerá aos critérios sumariamente apresentados na coluna da direita da grelha.

Relembremos Bardin (1995) com mais vagar. As subcategorias lidam directamente com o material recolhido e é a elas, especialmente, que os indicadores se referem. Os indicadores especificam conteúdos a codificar, definem com o maior rigor possível o campo de aplicação de cada subcategoria. As categorias resultam do agrupamento de diversas subcategorias, caso elas existam, e por isso atingem um maior grau de abstracção; os temas resultam do agrupamento das categorias.

Na grelha apresentada, os temas estão classificados por apenas um número, ao passo que as categorias estão por dois e por vezes ainda se subdividem. Em termos de cotações, os temas

estão classificadas por uma letra, as categorias por duas, sendo uma referente à categoria de que faz parte e a outra referente a si mesma. Quando a categoria se subdivide optámos por acrescentar às duas letras um número. A coluna da direita é constituída pelos indicadores.

Temos o tema 1, Antecedentes pessoais, que não se divide em nenhuma outra fracção e por isso é aplicado directamente ao material para análise. O indicador que se lhe segue define o seu campo de aplicação.

O tema 2, denominado Dispositivos, é subdividido em Dispositivos concretos e Dispositivos normativo-rationais, sendo que cada um deles se subdivide nos dispositivos específicos relevantes ao material em análise. Para cada um deles especificou-se, através dos correspondentes indicadores, os seus campos de aplicação.

Semelhante situação se observa em relação ao tema 3, Socialização desviante, que se subdivide na categoria Relação com os outros e Práticas e vivências, sendo que cada uma delas se subdivide em mais subcategorias. E se no tema anterior o principal organizador temático é o contacto do sujeito com esferas formais ou quotidianas de normalização, nesta última categoria o principal conteúdo é a aprendizagem do indivíduo de diversas competências para se manter os comportamentos de consumo.

Temos, deste modo, apresentado uma breve comentário sobre a grelha de análise de conteúdo que constitui este anexo. O texto principal tenta explicar a sua utilidade para o estudo.

Nota: considerámos Escola como um dispositivo concreto, uma vez que pretendemos privilegiar a dimensão informal da vivência da instituição e não a vertente normativo-rationa l a que efectivamente pertence.

Grelha de análise de conteúdo

1. Antecedentes pessoais (AP)		Todos os dados relevantes na história do indivíduo anteriores à sua entrada no consumo de substâncias ilegais.	
2. Dispositivos (D)	2.1 Dispositivos concretos (DC)	Família (DC-1)	Relação com a família em relação ao seu comportamento, consumos, conhecimento ou desconhecimento dos consumos
		Escola (DC2)	Adaptação ou inadaptação em relação à escola; papel da escola no início da carreira desviante do sujeito.
		Trabalho (DC-3)	Adaptação ou inadaptação em relação à profissão; papel que esta poderá desempenhar no desenvolvimento da carreira desviante do indivíduo.
		Grupos informais normativos (DC-4)	Papel desempenhado pelo meio informal normativo, isto é, não pertencentes ao mundo das drogas e ao mundo informal não normativo.
	2.2 Normativo-rationais (DN)	Jurídico-penal (DN-1)	Papel eventualmente desempenhado pelos dispositivos de repressão na história desviante do indivíduo
		Médico-sanitário (DN-2)	Papel desempenhado pelos vários dispositivos médico-sanitários na evolução da história desviante do indivíduo.
3. Socialização desviante (S)	3.1 Relação com os outros (SR)	Saber intersubjetivo (SR-1)	Conhecimentos sobre drogas e outras actividades desviantes que o indivíduo mostra conhecer, apesar de não se referirem directamente a si: técnicas de consumo, evolução do mundo da droga, bem como medidas a ser tomadas para resolver determinados problemas
		Gestão da imagem de si (SR-2)	Tudo o que o sujeito diz fazer em função da manutenção de um certo status pessoal quer na subcultura quer no que diz respeito ao meio normativo.
		Iniciação às drogas (SV-1)	Contexto, justificações, efeito das drogas que o sujeito sente; evolução para um consumo mais regular em relação a certas substâncias.
	3.2 Práticas e vivências (SV)	Gestão da carreira de consumidor (SV-2)	Tudo o que diz respeito a compras esquemas utilizados para aquisição de droga; bem como a gestão da dependência.
		Pontos de inflexão (SV-3)	Qualquer acontecimento biográfico que precipite a retirada, em algum grau, da carreira desviante – p. e. paragens parciais, abandono da agulha, paragem da cocaína

ANEXO 3

Outras grelhas de análise consultadas

Note-se que os estudos aqui referidos foram apresentados na parte teórica do trabalho, nomeadamente no Capítulo 2, da Parte A, denominado a Investigação científica das toxicopendências a que remetemos o leitor para possíveis complementos de informação.

I - Categorias utilizadas no estudo de Artiaga & Romaní (1985)

História com o cavalo

iniciação

modalidades de ingestão

quantidades e qualidades

relação regular-irregular

ordem quotidiana (condicionantes externas)

a ressaca

as más companhias

Recuperação

como processo singular

situação limite

o acontecimento traumático

tentativas de tratamento falhadas

entre o controle e o engano

uso de fármacos

isolamento inicial como ruptura

recusa, necessidade e conflito com personagens com função terapêutica

renunciar à liberdade: comunidade terapêutica

a recaída

personagens de apoio

sublimação: mudar local de batalha

Sem cavalo nem cavaleiro

o sofrimento da cura

anomia temporal

depressão

renunciar ao cavalo e acompanhantes

Estado final

II - Categorias utilizadas por Pallarès (1995)

Como sabemos, este estudo baseia-se em material idêntico ao do trabalho efectuado por Romaní (1991).

Do início a uma relação mais estreita

razões de iniciação

percepção das diferentes drogas

primeiras experiências com a heroína

seqüências até à relação permanente com a heroína

Relação permanente

nova identidade social: ser junkie

o tempo

o espaço

as seringas: a picada do escorpião

o trabalho

as relações sociais

Recuperação

a situação como negativa

razões explicitadas para deixar a droga

as personagens chave

itinerários experienciais

primeiros passos

diversidade de caminhos

opinião sobre os serviços de assistência

Reconstruir nova forma de vida

elementos do processo

a moralização depois do cavalo

Características dos que deixaram heroína por si

III - Categorias utilizadas por Fernandes & Agra (1991)

1. Experiência vivida

1.1. elementos biográficos

1.2 das drogas

1.2 A- tipos de usos

1.2 B- gestão da dependência

1.2 C- significados dos consumos

2. Saber das drogas

2.1- tipos de usos

2.2- gestão da dependência

2.3- significado dos consumos

3. Ético-cultural

3.1- reacções sociais: percepção das
representações de outrem

3.2- imagens culturais: visão pessoal
sobre o fenómeno da droga

4. Instituições

4.1 de cuidados

4.1 A- no geral

4.1 B- dos técnicos

4.1 C- tratamento

4.2 repressão

4.2 A- polícia

4.2 B- justiça penal

IV - Categorias utilizadas no estudo de Manita, Negreiros & Agra (1996)

Experiência de si

Problemas familiares

Pressão social

Dependência

Fuga aos problemas

Características negativas da personalidade

Aventura/ desconhecido

Intencionalidade do acto

Relacionamento com consumo de drogas

Efeito das drogas/ álcool

Necessidades económicas

Reactividade - acidente

Falhas no processo de reinserção social

Efeitos negativos da prisão

Impulso para delinquir/ vício

Diversos

Crime para sustentar o consumo de drogas

Crime devido a estados de consciência alterados

A própria droga constitui crime

Algumas justificações:

O estudo de Artiaga & Romaní (1985) e o de Pallarès (1995) - baseado no mesmo material empírico utilizado por Romaní (1991) - possuem uma organização semelhante, uma vez que dividem os conteúdos por sequência temporal na história dos consumos. No primeiro caso, a evolução é significativa: a história com a droga, com o cavalo, desemboca no labirinto da recuperação; é seguida pela desorientação da abstinência do sem cavalo e sem cavaleiro; a análise do estado final, o estado sem heroína, complementa o percurso (note-se que este estudo se debruça sobre sujeitos que conseguiram deixar a heroína).

No caso de Pallarès (1995) a dimensão longitudinal é, do mesmo modo, visível: do iniciação dos consumos a uma relação mais estreita; segue-se a relação permanente; a recuperação; a reconstrução de uma nova forma de vida; é ainda feita a análise das características dos que deixaram a heroína por si mesmos. O percurso do consumidor é analisado nas suas diversas fases.

O interesse destes dois estudos, além da pertinência do estabelecimento das categorias por eles utilizadas, reside no facto de a dimensão biográfica estar neles bem presente. São deste modo bem visíveis os pontos de avanço e de recuo na carreira de consumidor.

Quanto aos trabalhos de Fernandes & Agra (1991) e de Manita, Negreiros & Agra (1996) acrescem ao interesse do conhecimento das categorias neles utilizadas, o apelo a outras dimensões do indivíduo para além da análise do seu percurso - no primeiro caso, e por exemplo, o saber das drogas, as reacções sociais que englobam as percepções de outrem e a preocupação em conhecer as imagens culturais: a visão pessoal do sujeito acerca do fenómeno da droga.

Tais preocupações só poderiam enriquecer o nosso projecto. Acrescente-se ainda que a grelha de análise de conteúdo forjada naquele estudo segue parâmetros idênticos aos que viríamos a utilizar com a construção de subcategorias que se agrupam em categorias e a enunciação de indicadores que permitam uma objectividade na codificação dos dados.

Idêntica situação se verificou em Manita, Negreiros & Agra (1996) ao tentarem compreender as "determinações e significações da relação droga crime". Estudaram para tal o

modo como o sujeito vê determinações aos seus actos, bem como a complexidade de significações que constrói ao lidar com o mundo que o rodeia. Acrescente-se ainda que os autores, sobre a grelha deste estudo, fizeram uma posterior análise utilizando e operacionalizando os níveis de significação do sujeito auto-poiético ao conteúdo recolhido. Esta operacionalização foi também interessante para o nosso estudo uma vez que esses níveis são de algum modo semelhantes aos de Foucault (1986), utilizados no nosso trabalho.

Este tipo de estudos qualitativos na área da toxicopendência forneceram-nos, então, importantes fontes de categorias e ainda outros ensinamentos úteis para o nosso estudo. O modo de estruturar a grelha de análise é mais longitudinal nos estudos de Artiaga & Romaní (1985) e de Pallarès (1995) e mais compósitos no caso dos dois estudos portugueses aqui apresentados que, inclusive, têm alguma coisa de estrutural.

É evidente que tais ajudas não dispensam o duro confronto do investigador com o material recolhido, confronto esse que implica a construção de novas categorias e subcategorias pertinentes para a análise desse material, eventualmente não existentes nestes e noutros estudos que consultámos, já que adaptados a dados que são forçosamente diferentes.

ANEXO 4

Caracterização sócio-demográfica da amostra do estudo.

Nota: a grelha utilizada para a realização deste estudo foi a usada no estudo de Fortes Gonzalez & Tinoco (1997). Este anexo tem, apenas, um sentido subsidiário: os critérios de amostragem não são os da aleatoriedade ou impessoalidade, como é norma nos estudos quantitativos, mas os da saturação de categorias. Assim sendo, o conhecimento sócio-demográfico da amostra serve somente para se saber em que tipo de população as categorias utilizadas (ver Anexo 2) foram ou não saturadas. Não confundimos a população que frequenta os serviços de saúde com a globalidade da toxicodependência. O nosso estudo serve, apenas, para compreendermos, no sentido fenomenológico do termo, certas trajectórias de consumidores (que, como é evidente, perderam em algum ponto da sua carreira o controle dos seus consumos e pelo seu perfil sócio-cultural vêm ter aos serviços de apoio sócio-sanitário edificados pelo estado).

Apresentação dos resultados

Serve o presente texto para a realização de uma sumária caracterização da amostra utilizada, no que diz respeito a um certo número de variáveis (recorde-se $n=20$).

Temos assim para os Dados biográficos:

A média de idades da amostra é de 29,7 anos, com um desvio padrão de 6,11 anos. Em relação ao sexo, temos 18 homens e 2 mulheres. Para a área de residência, temos 9 sujeitos do Porto (destes, 6 vivem em bairros degradados), 8 vivem no Grande Porto, 1 na Póvoa do Varzim, 1 em de Santo Tirso e outro em Vila do Conde. Quanto à escolaridade, temos 1 sujeito licenciado, 2 com o ensino secundário, 2 com o unificado, 11 com o preparatório e 4 com a primária. Para a actividade, temos 9 sujeitos desempregados e 11 empregados por conta de outrem. Em relação ao estado civil há 13 solteiros, 1 divorciado e 6 casados. Para a variável com quem vive descobriu-se que 13 vivem com a família de origem, 5 com a família própria e 2

vivem sozinhos. Todos vivem em habitação própria (quer sua, quer da família de origem) apenas 1 sujeito vive numa pensão com apoio da Segurança Social. Quanto à história judicial os dados distribuem-se da seguinte maneira: 1 sujeito cumpriu já uma pena, 2 sujeitos cumpriram já duas penas, 1 sujeito espera julgamento, 2 sujeitos têm pena suspensa e 11 sujeitos não relatam antecedentes nesta área, embora já tenham tido algumas detenções preventivas.

Dados Familiares: 5 sujeitos já não têm a mãe ou o pai. Para o estado civil dos pais: 12 são casados, 1 divorciado, 2 separações de facto. Antecedentes de toxicodependências na família nuclear: 18 sem antecedentes nesta área, 1 pai alcoólico e 1 pai toxicodependente.

Quanto à situação face às doenças infecto-contagiosas mais comuns neste tipo de populações, temos: para a Hepatite B, 13 situações de cura e 7 sujeitos sem contacto; para a Hepatite C, 9 sem contacto e 11 com contacto com o vírus; para o HIV, 6 são seropositivos e 11 são seronegativos.

História dos consumos: idade média de início do consumo da cannabis é de 16,5 anos, com um desvio padrão de 3,8; idade média de início do consumo de heroína é de 20,15 anos, com um desvio padrão de 4,49; a idade média de início do consumo de cocaína é de 20,88 anos, com um desvio padrão de 4,5 (dois sujeitos nunca tiveram contacto com esta droga). O tempo médio de consumo de heroína é de 8,9 anos, com um desvio padrão de 4,16.

A via inicial dos consumos de heroína foi sempre a fumada, sendo que 9 sujeitos na última vez que consumiram foi já injectada. A via inicial do consumo de cocaína foi a fumada. Em relação a outras drogas, 2 sujeitos utilizaram álcool em associação a drunfos, 4 consideram que já abusaram do álcool, 1 abusou dos drunfos e 11 sujeitos consideram não ter historial em relação a consumos de outras drogas.

Quanto ao tipo de programa que os sujeitos frequentavam quando foram entrevistados, temos os seguintes resultados: 1 sujeito está abstinente, sem qualquer tipo de programa; 5 esperavam encaminhamento para internamento institucional ou entrada no programa de substituição; 12 estavam em terapêutica com antagonista; 2 frequentavam o programa de substituição com metadona.

Situação face à heroína no momento da entrevista: 16 sujeitos abstinentes com antagonista, sem nada ou em substituição; 4 sujeitos estavam a consumir na data da entrevista. No que diz respeito aos tipos de desintoxicações já utilizadas temos: 8 só fizeram desintoxicação domiciliária, 2 pararam, auto-medicando-se, 8 já fizeram desintoxicação domiciliária e internamento institucional e 2 fizeram apenas internamento. A média do número de tratamentos é de 3,4 com um desvio padrão de 2,23.

Breve discussão da caracterização realizada:

Os valores acima referidos não têm valor estatístico por si mesmos. Recorde-se que a amostra não tem n significativo para generalizações nem mesmo para aplicar fórmulas estatísticas de maior complexidade. Servem os dados para a compreensão contextual dos dados qualitativos analisados ao longo do trabalho.

Assim, realçamos o nível baixo de escolaridade, pois dois terços da amostra tem o preparatório, muitas vezes incompleto ou o primário. Também no que diz respeito à actividade, a amostra divide-se quase a meio entre empregados e desempregados. Na história judicial, metade dos sujeitos não tem antecedentes formais e os outros já tiveram contacto maior ou menos com este tipo de dispositivo.

Em relação às doenças mais comuns, cerca de metade da amostra já teve contacto com a hepatite B, mais de metade com o vírus da hepatite C e um quarto da amostra é seropositiva para o HIV.

No que diz respeito à história dos consumos, observa-se o início da carreira normalmente pela cannabis, seguida da heroína fumada (metade da amostra evolui para injectada) a cocaína começa simultaneamente ou depois. A maior parte dos sujeitos não considera ter problemas com outras substâncias. Os casos de alcoolismo normalmente observam-se nos períodos de paragem de heroína. Quanto aos drunfos, quer usados isoladamente quer em associação ao álcool, parecem referir-se a períodos bem delimitados na vida dos sujeitos - algumas vezes no período de transição entre o haxixe e a heroína, especialmente nos consumidores de longa data.

Também é interessante realçar que, no momento da entrevista, 16 sujeitos estavam abstinentes em relação à heroína e 4 consumiam, o que também pode dar uma maior riqueza aos dados da entrevista, tanto mais que entre os abstinentes há sujeitos em medicação antagonista, em substituição e sem medicação de algum tipo.

De um modo geral, a amostra é diversificada em relação aos mais importantes factores que se podem conectar com a história de vida de consumidor. Disto é exemplo o número de tratamentos realizados e a evolução da via de ingestão da droga principal. É apenas nesta linha, a de uma justificação suplementar da solidez dos dados recolhidos, que a caracterização realizada faz sentido.

Questionário de caracterização sócio-demográfica

Dados biográficos

Idade

Sexo

Estado civil

Área de residência

Com quem vive

Escolaridade

Habitação

Actividade

História judicial

Dados familiares

Estado civil dos pais

Antecedentes de toxicodependência na família nuclear

Situação face às doenças infecto-contagiosas

Marcadores da Hepatite B

Marcadores anti-HCV

Marcadores HIV

História dos consumos

Idade início cannabis

Idade início heroína

via inicial

ult vez consumiu (via)

Idade início cocaína

via inicial

Idade início de outras drogas

(drunfos speeds, ...)

tempo de consumo de heroína

Nº tratamentos anteriores

Tipos de programa

Tipos de tratamentos

Situação face à heroína principal

ANEXO 5

Operacionalização da grelha de Foucault

A operacionalização dos níveis ontológico, deontológico, ascético e teleológico estão sumariamente esquematizados na grelha que se segue. A aplicação de cada nível faz-se no interior de cada subcategoria tal como foram definidas no Anexo 2 e como se pode facilmente depreender da leitura do texto principal.

Apenas para a subcategoria Saber intersubjectivo fizemos uma adaptação do nível teleológico, ao considerar aí material referente ao futuro do fenómeno da droga ou a medidas que se deveriam tomar, na óptica dos entrevistados, para obviar a certos fenómenos indesejáveis. Seria um conteúdo teleológico apesar de não se referir a uma reflexão sobre si próprio mas sobre o que o rodeia.

Nos níveis ascético e teleológico nem sempre usámos os binómios continência-incontinência e temperança-intemperança, apenas o fizemos quando considerações sobre as drogas estavam bem presentes - isto é, na subcategoria Gestão da carreira de consumidor quase exclusivamente. Nos casos restantes, estes binómios não foram tão visíveis no material recolhido.

Operacionalização da grelha foucaultiana

<u>Nível ontológico</u>	Todo o material a que se atribua propriedades de qualquer natureza; o efeito da droga, se é descrito em termos absolutos; fatalismo
<u>Nível deontológico</u>	Regras construídas pelo grupo, qualquer material que indique código de conduta mas que não se refira a um exercício do indivíduo sobre si mesmo; esquemas de comportamento nos bairros; tipos de associação com pares subculturais; material que se refira aos circuitos informais dos entrevistados; contexto dos consumos
<u>Nível ascético</u>	Aplicação em si mesmo dos níveis anteriores; gestão (continente ou incontinente) das práticas em si; controle sobre os actos ou ausência dele na incontinência; justificação pragmática da execução dessas práticas
<u>Nível teleológico</u>	Reflexão sobre o estado alcançado, na dupla leitura de Foucault temperança-intemperança; reflexão sobre si mesmo; justificações sobre as decisões tomadas para mudar uma ascese incontinente; decisões explícitas sobre o seu destino, quer no tratamento quer na continuação dos consumos; reflexão sobre o seu destino e sobre o meio das drogas